

HISTÓRIA DO ESPIRITISMO NO PARÁ



**100 ANOS
DE UNIÃO
ESPIRITA
PARAENSE**

Espiritismo no Pará
100 anos de União Espírita Paraense

Verônica Neuma Ferreira Santana

Demóstenes Jesus de Lima Pontes

Jonas da Costa Barbosa

Espiritismo no Pará
100 anos de União Espírita Paraense

Belém
União Espírita Paraense
2006

Copyright © Verônica Neuma Ferreira Santana; Demóstenes
Jesus de Lima Pontes; Jonas da Costa Barbosa

Tiragem: 1.000 exemplares

*Projeto Gráfico e
normalização* Vânia Barbosa Araújo

Capa Lívia Lopes Barbosa

Revisão Lilia Maria Nasser Queiroz
Stela Pojucci Ferreira de Morais
Vera Meira Bestene
Vânia Barbosa Araújo

Santana, Verônica Neuma Ferreira.
O Espiritismo no Pará: 100 anos de União Espírita
Paraense. Belém: UEP, 2006.
347p.

I. Espiritismo - Pará. I. Pontes, Demóstenes
Jesus de Lima Pontes II. Barbosa, Jonas da Costa.
III Título.

CDU: 291.211(091)

União Espírita Paraense
Rua Oswaldo Cruz nº 45,
Belém – Pará CEP: 66017-090

Lista de quadros

Quadro 1 – Os componentes do “Grupo Espírita Luz e Caridade”.....	27
Quadro 2 – Diretoria da “Sociedade Espírita Paraense”.....	30
Quadro 3 – Formação do “Centro Espírita Esperança”.....	32
Quadro 4 – Diretoria da Caixa de Assistência aos Necessitados do Centro Espírita Esperança.....	33
Quadro 5 – Nova diretoria da Caixa de Assistência aos Necessitados do “Centro Espírita Esperança”.....	34
Quadro 6 – Diretoria do “Centro Espírita Esperança”.....	34
Quadro 7 – Composição do Conselho Fiscal do “Centro Espírita Esperança”.....	34
Quadro 8 – Termos do aviso da conclamação para fundação de uma sociedade espírita.....	47
Quadro 9 – Teor do convite publicado na <i>A Folha do Norte</i>	49
Quadro 10 – Composição de diretoria da União Espírita Paraense, em 1913.....	54

Quadro 11 – Composição da diretoria provisória da “Associação Espírita Caminheiros do Bem”...	81
Quadro 12 – Comissão Executiva do CONFE em 1965.....	104
Quadro 13 – Setores da Comissão Executiva do CONFE em 1965.....	104
Quadro 14 – Nova composição da Comissão Executiva do CONFE.....	106
Quadro 15 – Temas e oradores da 3º Semana Espírita.....	116
Quadro 16 – Centros do Distrito de Icoaraci – Belém.....	141
Quadro 17 – Centros dos Bairros do Guamá, Terra Firme, São Brás, Canudos – Belém.....	141
Quadro 18 – Centros dos Bairros de Batista Campos, Cidade Velha, Condor, Campina, Jurunas e Umarizal – Belém.....	142
Quadro 19 – Centros dos Bairros Fátima, Marco e São Brás – Belém.....	142
Quadro 20 – Centros dos Bairros do Marco, Pedreira, Sacramenta, Telégrafo, Fátima, Val de Cans e Barreiro – Belém.....	143
Quadro 21 – Centros dos Bairros da Marambaia, Nova Marambaia – Belém e Município de Ananindeua.....	144
Quadro 22 – Centros do Bairro do Coqueiro – Belém e Município de Ananindeua.....	144

- Quadro 23 – Centros distribuídos pelos Municípios de Tucuruí, Jacundá, Goianésia, Breu Branco, Tailândia e Novo Repartimento..... 145
- Quadro 24 – Centros distribuídos pelos Municípios de Castanhal, Curuçá, São Miguel do Guamá, Igarapé Açu, Santa Maria do Pará, Maracanã, São Domingos do Capim, Marapanim, Inhangapí, Terra Alta, São Francisco do Pará..... 145
- Quadro 25 – Centros distribuídos pelos Municípios de Redenção, Santana do Araguaia, Conceição do Araguaia, Santa Maria das Barreiras, Pau D’arco, Cumarú do Norte, Banach, Ourilândia do Norte, Tucumã, Rio Maria, Xinguara, Água Azul do Norte, São Félix do Xingu e Floresta..... 146
- Quadro 26 – Centros distribuídos pelos Municípios de Altamira, Vitória do Xingu, Brasil Novo, Medicilândia, Uruará, Senador José Porfírio, Pacajás, Porto de Moz, Anapú..... 146
- Quadro 27 – Centros distribuídos pelos Municípios de Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara, Ilha do Mosqueiro – Belém..... 147
- Quadro 28 – Centros distribuídos pelos Municípios de Abaetetuba, Barcarena, Mojú, Igarapé Miri, Limoeiro do Ajuru, Cametá, Mocajuba e Baião..... 147
- Quadro 29 – Centros distribuídos pelos Municípios de Marabá, Itupiranga, Nova Ipixuna, Bom Jesus

do Tocantins, Abel Figueiredo, Rondon do Pará, São João do Araguaia, São Domingos do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia, Palestina do Pará.....	148
Quadro 30 – Centros distribuídos pelos Municípios de Santarém, Belterra, Oriximiná, Óbidos, Curuá, Alenquer, Monte Alegre e Prainha.....	148
Quadro 31 – Centros distribuídos pelos Municípios de Capanema, Bonito, Bragança, Capitão Poço, Nova Timboteua, Ourém, Peixe-Boi, Santa Luzia do Pará, Salinópolis.....	149
Quadro 32 – Centros distribuídos pelo Município de Parauapebas, El Dourado do Carajás e Canaã do Carajás e Curionópolis.....	149
Quadro 33 – Centros distribuídos pelo Município de Itaituba; Novo Progresso, Trairão, Rurópolis.....	149
Quadro 34 – Centros distribuídos pelos Municípios de Almeirim e Gurupá.....	150
Quadro 35 – Centros distribuídos pelos Municípios de Paragominas; Mãe do Rio; Aurora do Pará; Ipixuna; Ulianópolis; Dom Eliseu.....	150
Quadro 36 – Centros distribuídos pelo Município de Santo Antonio de Tauá; Colares, Vigia; São Caetano de Odivelas; Santa Izabel.....	150
Quadro 37 – Centros distribuídos pelos Municípios de Soure; Salvaterra, Santa Cruz do Ararí; Cachoeira do Ararí.....	151

Quadro 38 – Centros distribuídos pelos Municípios de Breves, Curralinho; Portel; Anajás; Muaná, Ponta de Pedras e São Sebastião da Boa Vista.....	151
Quadro 39 – Centros distribuídos pelos Municípios de São Geraldo do Araguaia e Tomé-Açu.....	151
Quadro 40 – Cidades paraenses onde tem ocorrido feiras do livro espírita.....	188
Quadro 41 – Organização da equipe de evangelizadores da infância no “Fonte Viva”.....	199
Quadro 42 – Temas da Feiras Culturais realizadas de 1999 a 2005.....	201
Quadro 43 – Atendimento nos postos curadores.....	216
Quadro 44 – Composição dos Conselhos Zonais.....	224

Lista de quadros

ACE	A Adequação do Centro Espírita para o Melhor Atendimento de suas Finalidades
ADE-PA	Associação de Divulgadores do Espiritismo do Pará
AE	Assistência Espiritual
CEPA	Congresso Espírita Pan-Americano
CFN	Conselho Federativo Nacional
COAME	Coordenadoria de Atividades Mediúnicas
COAP	Comissões de Apoio
COESD	Coordenadoria do Estudo Sistematizado da Doutrina
COESP	Coordenadoria de Assistência Espiritual
COINF	Coordenadoria de Infância
COJUV	Coordenadoria de Juventude
COMJEPARÁ	Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas do Pará
CONFED	Conselho Federativo Estadual
COORD	Coordenadoria de Orientação Doutrinária
COORG	Coordenadoria de Organização
CRE	Conselho Regional Espírita
DECOM	Departamento de Comunicação Social Espírita
DIASE	Divisão de Assistência Social Espírita

DIENS	Divisão de Ensino
DIINF	Divisão de Evangelização da Infância
DIJUV	Divisão de Evangelização da Juventude
DIORD	Divisão de Orientação Doutrinária
EAPE	Espaço de Acolhimento Provisório Especial
EIMEP	Encontro Intensivo de Mocidades Espíritas do Pará
EIPEP	Encontro Intensivo de Pré-Juventudes Espíritas do Pará
ENCONTRED	Encontro dos Trabalhadores Espíritas das Distritais
ENDEP	Encontro de Dirigentes e Trabalhadores Espíritas do Pará
ESDE	Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita
FEB	Federação Espírita Brasileira
FLE	Feira do Livro Espírita
FUNCAP	Fundação da Criança e do Adolescente do Pará
MELB	Mocidade Espírita Legião do Bem
MOCONCEBEL	Movimento Confraternativo de Centros Espíritas de Belém
MOVESP	Movimento Espírita
OCE	Orientação ao Centro Espírita
PAT	Plano Anual de Trabalho
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

SUNAMAM	Superintendência Nacional da Marinha Mercante
TE	Tratamento Espiritual
UDE	Uniões Distritais Espíritas
UEP	União Espírita Paraense
UME	Uniões Municipais Espíritas
UMEP	União da Mocidade Espírita Paraense
USEERJ	União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro
HIV	<i>(human immunodeficiency vírus)</i> vírus da imunodeficiência adquirida

Sumário

Apresentação, *21*

1 Movimento Espírita no Pará: fatos iniciais, *25*

1.1 Os primeiros desbravadores: nasce o “Grupo Espírita Luz e Caridade”, *26*

1.2 O surgimento de novos Centros Espíritas, *29*

2 Trajetória do Movimento Espírita no Estado do Pará, *37*

2.1 Novos rumos para o Movimento Espírita do Pará, *39*

2.2 Buscando solução para três importantes questões, *42*

2.2.1 Escolha do presidente, *42*

2.2.2 Local da reunião de fundação, *43*

2.2.3 Escolha do nome, *45*

2.3 A sociedade paraense recebe um retumbante Aviso, *46*

2.4 Surge a União Espírita Paraense, *49*

3 O Movimento Espírita de 1906 a 1930, *53*

- 3.1 A fusão da União Espírita Paraense com o “Centro Espírita Eduardo Siqueira, *54*
- 3.2 Ana Prado e os fenômenos de efeitos físicos, *59*
- 3.3 A sede própria da União Espírita Paraense, *66*
- 3.4 A passagem de Yvon Costa por Belém, *76*
- 4 O Movimento Espírita, de 1931 até 1959, *83*
- 4.1 As relações da União com a FEB, *83*
- 4.2 As gestões de Eusébio Cardoso, Oli de Castro, Oswaldo Dillon e Lauro Monteiro, *89*
- 4.3 Centenário da Codificação Espírita, *93*
- 4.4 O Pacto Áureo e a Caravana da Fraternidade, *97*
- 5 O Movimento Espírita no Pará a partir de 1960, *101*
- 5.1 O Conselho Federativo da UEP, *101*
- 5.2 Os oradores espíritas e a divulgação da Doutrina, no Pará, *106*
- 5.2.1 Semanas Espíritas de Belém, *112*
- 5.2.1.1 Primeira Semana Espírita, *112*

- 5.2.1.2 Segunda Semana Espírita, *114*
- 5.2.1.3 Terceira Semana Espírita , *115*
- 5.3 Treze anos de MOCONCEBEL, *116*
- 5.4 Novo Prédio da União Espírita Paraense, *120*
- 5.5 Exposição Espírita Itinerante, *133*
- 5.6 Os Conselhos Regionais Espíritas, *137*
 - 5.6.1 CRE, *141*
 - 5.6.2 CRE-EMBRIÃO, *149*
 - 5.6.3 Casas Espíritas não vinculadas a CRE ou CRE-EMBRIÃO, *151*
- 5.7 Áreas de Atividades – Órgãos Departamentais, *152*
 - 5.7.1 Área da Infância, *154*
 - 5.7.2 Área de Juventude, *157*
 - 5.7.3 Área de Serviço Assistencial, *161*
 - 5.7.4 Área de Orientação Doutrinária, *163*
 - 5.7.5 Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, *166*

- 5.7.6 Área de Assistência Espiritual, *168*
- 5.7.7 Área de Atividades Mediúnicas, *171*
- 5.7.8 Área de Organização, *173*
- 5.7.9 Área de Comunicação Social, *174*
 - 5.7.9.1 Primeiros Órgãos de Imprensa, *174*
 - 5.7.9.2 Periódicos Recentes, *177*
 - 5.7.9.3 Programas de Rádio e Televisão, *179*
 - 5.7.9.4 Feiras e Exposições de Livros Espíritas, *184*
- 5.7.10 Atividades Doutrinárias e de Serviço Assistencial, internas, *189*
 - 5.7.10.1 Divisão de Orientação Doutrinária, *194*
 - 5.7.10.2 Divisão de Ensino, *197*
 - 5.7.10.3 Divisão de Evangelização da Infância, *199*
 - 5.7.10.4 Divisão de Evangelização da Juventude, *201*
 - 5.7.10.5 Divisão de Assistência Social Espírita, *206*
- 5.7.11 Livraria “André Luiz”, *209*

5.7.12 Farmácia Homeopática “Antônio Pinheiro Filho”, *213*

6 Outras informações relevantes, *221*

6.1 O Conselho Federativo Nacional e a UEP, *221*

6.2 Aniversários da UEP que repercutiram no Movimento Espírita, *226*

6.2.1 Setenta e cinco anos de fundação, *226*

6.2.2 Oitenta anos de fundação, *229*

6.3 Federação Espírita Paraense, *232*

Apêndice A – As reformas do estatuto da UEP, *237*

Apêndice B – Dados biográficos de vultos do Espiritismo no Pará, *241*

Apêndice C – Presidentes da UEP, *267*

Anexo A – Transcrição da petição ao Governador Justo Leite Chermont, *271*

Anexo B – Carta de Abel Araújo ao Liceu de Artes e Ofícios “Benjamin Constant” e recibo de seu diretor, *275*

Anexo C – Narração de Solerno Moreira sobre a criação do Centro Espírita Atalaia e como surgiu a idéia da fundação da UEP, *277*

Anexo D – Relato de Solerno Moreira sobre o dia da fundação da UEP, *283*

Anexo E – Ata da Assembléia Geral de fundação da UEP, *287*

Anexo F – Discurso de Francisco Solerno Moreira no dia da fundação da União, *289*

Anexo G – Proposta de fusão da UEP com o Centro Espírita “Eduardo Siqueira”, *295*

Anexo H – Resposta a proposta de fusão da UEP com o Centro Espírita “Eduardo Siqueira”, *299*

Anexo I – Carta de Solerno Moreira a Archimimo Lima, *301*

Anexo J – Entrevista de Frederico Figner ao jornal *Estado do Pará* sobre as materializações de Rachel, *305*

Anexo L – A aquisição do prédio da Rua Oswaldo Cruz: Conclamação, *309*

Anexo M – Cartas encaminhando listas para captação de recursos, *311*

Anexo N – Atas relatando os passos dados para a compra do prédio, *313*

Anexo O – Inauguração da sede da União Espírita Paraense, *317*

Anexo P – Ofício de Yvon Costa a Diretoria da União, de 21 de fevereiro de 1926, *319*

Anexo Q – Carta comunicando cancelamento da adesão da União à FEB, 321

Anexo R – Carta à FEB pedindo reconsideração do ato de cancelamento, *323*

Anexo S – A notícia sobre o Centenário da Codificação Espírita, *325*

Anexo T – Editorial de *A Revelação* sobre o novo prédio, *327*

Anexo U – Programa das comemorações do centenário da Codificação Espírita, *329*

Apresentação

O surgimento da doutrina espírita, com a edição de *O Livro dos Espíritos*, em 18 de abril de 1857, é a concretização da promessa¹ de Jesus sobre a vinda de *outro Consolador* para recordar aos homens seus ensinamentos, que eles iriam esquecer, ou esclarecê-los sobre o que havia sido mal compreendido, e acrescentar informações que o Mestre entendeu não ser oportuno revelar.

O maior educador de todos os tempos, no momento adequado, caracterizado pelo grau de amadurecimento dos seres humanos, proporciona-lhes a dose de luz mais ampla que eles se mostram capazes de absorver. Trata-se de uma *nova revelação* comandada pelo Espírito de Verdade, que contou com a participação de uma equipe de espíritos superiores conhecida por “Falange do Espírito de Verdade”.

Para pôr em prática esse plano, alguns espíritos superiores encarnaram. Dentre eles, o que recebeu o nome de Hippolyte Léon Denizard Rivail – grande educador francês –, que passou a ser conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, a quem coube a gigantesca tarefa de codificar os ensinamentos transmitidos pelos espíritos através de médiuns espalhados por todo o mundo, bem assim de divulgá-los, publicando as “cinco obras básicas” que compõem a Codificação: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*, e ainda a *Revista Espírita*, de circulação mensal, no período de janeiro de 1858 a abril de 1869.

¹ Evangelho de João, Cap. XIV, vv. 16 e 26.

Essas obras se espalharam por vários países. Dada sua grande procura, *O Livro dos Espíritos*, por exemplo, em 1865, já estava na 13ª edição.

A diretoria da União Espirita Paraense (UEP) ao tomar a decisão de elaborar uma obra registrando a história do Espiritismo, no Pará, motivada pela aproximação do centenário de fundação da referida instituição, a ser comemorado em 2006, pretendeu que, não apenas os espíritas, mas, também o público em geral, especialmente os estudiosos dos fatos históricos, tivessem conhecimento das questões que envolveram a marcha das idéias da novel doutrina em terras paraenses desde sua chagada a Belém por volta dos anos de 1860/1870.

Justifica-se tal iniciativa por várias razões, dentre elas a de ressaltar a significação do centenário de uma instituição que conseguiu sobreviver e se consolidar ao longo do tempo, enfrentando duras lutas para chegar vitoriosa aos dias de hoje e cuja trajetória foi fundamental na composição histórica do movimento espírita do Estado. Avulta em importância esse centenário ao se levar em conta que inúmeras agremiações espíritas, criadas antes da fundação da UEP e, mesmo, após seu surgimento, tiveram curta (e, algumas, curtíssima) existência.

A elaboração desta obra, como é compreensível, foi precedida de longo e cuidadoso trabalho de pesquisa. A comissão designada para realizar essa tarefa recorreu, por cerca de quatro anos, a várias fontes de informações: arquivos públicos, de instituições privadas e até particulares, jornais, revistas, livros de atas, livros variados, pessoas diversas – especialmente familiares de vultos do Espiritismo, no Pará, trabalhadores espíritas e outras. Houve muita colaboração nesse levantamento de dados e obtenção de fotos.

O período da pesquisa abrange os acontecimentos até 31 de dezembro de 2005.

Esta obra representa o possível do que se logrou. As lacunas que se reconhece existirem poderão induzir alguém, em outro momento, através de pesquisa mais aprofundada e com maior competência, saná-las.

Cabe, por fim, um especial agradecimento a todos os que, de boa vontade, forneceram os elementos buscados, contribuindo, decisivamente para a compilação da história do Espiritismo, no Pará, bem como àqueles que colaboraram direta ou indiretamente, para a realidade material deste livro.

1 Movimento Espírita no Pará: fatos iniciais

Em seus primórdios, o Espiritismo² apresenta, em nosso Estado, dois estágios distintos: num primeiro momento, parecia haver encontrado um caminho correto para aqui se estabelecer; noutra, mostrava um quadro de desalento, a ponto de seus adeptos temerem por seu desaparecimento.

Com efeito, os primeiros vanguardeiros de sua difusão foram surgindo em lenta sucessão. No entanto, o trabalho que desenvolviam mostrava-se ora animado por uma força de coesão, que se avultava e se adensava, de forma a vaticinar-se, em pouco tempo, uma vitória da causa espírita; ora se desagregava e os ânimos, antes tão vibrantes, caíam naquela aflitiva situação acima apontada, para desespero daqueles que, lutando contra as dificuldades emergentes, guardavam ainda, no peito, a esperança de concretizar o ideal acalentado de aqui fincar a bandeira do Espiritismo.

Era a crise inevitável advinda não só da falta de fé mais robusta dos primeiros espíritas, como também da inexperiência e da ausência do sentido de organização dos grupos iniciais, que, embora empanassem, em parte, as luzes que o Espiritismo procurava disseminar no torrão paraense, não tinham, contudo, a força de evitar que ele ressurgisse mais tarde, como a “fênix” lendária renasceu das próprias cinzas.

A convicção nesse futuro renascer do Espiritismo, em nosso Estado, alicerçava-se no fato de que a “Terceira

² Doutrina, de cunho científico, filosófico e religioso codificada por Allan Kardec, no século XIX, na França.

Revelação”³ – concretização prática das proféticas palavras de Jesus de que, no futuro, enviaria à Terra um “Consolador”⁴ – é, e sempre o será, sustentada e orientada por uma força inteligente e obstinada que a impele sob a diretriz segura e inelutável da “espiritualidade maior”. Deverá, pois, a doutrina espírita seguir, inexoravelmente, os sábios e imutáveis desígnios de Deus, a demonstrar que nenhum poder, no planeta, será capaz de contê-la, muito menos destruí-la ou impedir a instauração das idéias progressistas que traz em seu bojo.

E, não fora a doutrina espírita uma verdade divina, cujos princípios hão de implantar-se, na Terra, num futuro que se avizinha lento, mas planejado, teria, fatalmente, desaparecido do ambiente planetário, tal como já sucedeu com o paganismo greco-romano e as inumeráveis heresias⁵ e errôneas que, com aparência de verdade, têm sido pregadas à Humanidade, confirmando-se assim, peremptoriamente, as palavras pronunciadas por Jesus: “Toda planta que o Pai Celestial não plantou, será arrancada” (Matheus 15: 13).

1.1 Os primeiros desbravadores: nasce o “Grupo Espírita Luz e Caridade”

A primeira vez que se desfraldou desassombradamente o estandarte da doutrina espírita, nesta capital, foi no dia 12 de junho de 1879, com a fundação do

³ Expressão usada pelos adeptos do Espiritismo para designá-lo.

⁴ Para a Doutrina Espírita e seus adeptos o Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus.

⁵ Doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja em matéria de fé /Ato ou palavra ofensiva à religião. In Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

“Grupo Espírita Luz e Caridade”, que funcionava à Rua Nova de Santana n°. 7A – hoje, Rua Senador Manoel Barata.

Função	Membros
Presidente	Abel Augusto César de Araújo José Sharr da Mota e Silva José Joaquim da Silva Manoel Gonçalves de Silva
Associados	João M. Castelo Branco Feliciano Ferreira Bentes Antônio da Mota Pedro Damasceno d’Alcântara Bentes

Quadro 1 – Os componentes do “Grupo Espírita Luz e Caridade”

Pode-se dizer, sem receio de errar, que os poucos e abnegados obreiros que fundaram essa entidade foram os primeiros desbravadores do terreno da divulgação do Espiritismo, neste Estado. Corajosos pioneiros, enfrentaram de peito aberto, a pecha de ridículos; acusados de promover atos de pajelança e feitiçaria; suportaram as dores e os sofrimentos morais a que comumente são submetidos todos os que se aventuram a propagar uma idéia nova, principalmente quando essa idéia traz em seu bojo a revivescência dos ensinamentos de Jesus, contrariando os preceitos dogmáticos de uma crença enraizada na fé popular.

Na verdade, encararam com coragem as chacotas, o ridículo pueril e vexatório, as pilhérias humilhantes que lhes eram cuspidas no rosto, vindos de várias partes, a atingir também os poucos que se aventuravam a assistir às nascentes sessões espíritas. A tudo esses sonhadores venceram, continuando com louvável dedicação até que, em março de 1890, portanto 11 anos depois, como resultado do progressivo desenvolvimento da divulgação e do apoio franco que lhes vinha de toda parte, editaram o jornal *O Regenerador*, cujo primeiro número veio a lume no mesmo mês.

O “Luz e Caridade” prestou serviços inestimáveis à comunidade, entre os quais se destaca:

- a) auxilia as vítimas do pavoroso incêndio do Taboão, na Bahia, ocorrido em março de 1890. À Comissão do Bando Precatório Baiano, criada, em Belém, para angariar recursos financeiros em favor dos atingidos pela tragédia, foi remetida a cifra de 745 mil e 670 réis arrecadada pelos membros do referido grupo que, durante cinco dias seguidos, saíram em visita a diversas ruas e bairros da capital, coletando donativos a que se juntaram mais duas contribuições feitas pelo comandante Sharr e pelos passageiros de um navio por ele comandado;
- b) no mesmo ano, em setembro, por motivo da prisão arbitrária de várias pessoas às altas horas da noite, deportadas para fortaleza de Macapá, o “Luz e Caridade” fez encaminhar ao Governador do Estado, Justo Leite Chermont, uma petição expondo a violência praticada de forma indiscriminada contra pessoas que viviam nas ruas de Belém, tidas como vagabundos, e solicitando a liberdade de todas as vítimas da prepotência policial (Anexo A). O “Grupo” diz cumprir o dever imposto pela doutrina que professa. A citada petição foi entregue, em mãos, ao Governador que, lendo-a disse aos representantes do “Luz e Caridade”

“Eu louvo os sentimentos manifestados na petição e prometo officiar ao Senhor Juiz de Direito da Comarca respectiva a fim de satisfazer os louváveis desejos do” Grupo Luz e Caridade”.

Como se vê, pois, desse altruístico gesto daqueles primeiros trabalhadores da seara espírita, chega-se à evidência de que para eles não havia receio nem acanhamento, nem humilhação e nem injúria que os fizessem esmorecer, conseguindo sempre, pelo poder da fé de que estavam animados, fazer tudo o que fosse possível realizar, em favor do próximo.

É de notar, porém, que não obstante a promessa do Governador do Estado, só em dezembro regressaram da Fortaleza de Macapá, dez dos infelizes deportados em princípio de outubro.

No mês de novembro de 1891, a diretoria do “Grupo” promoveu em uma de suas reuniões uma subscrição em prol da manutenção do recém-criado Liceu de Artes e Ofícios “Benjamin Constant”, em Belém.

Apurou entre os associados e assistentes da sessão aludida, a quantia de 130 mil reis, a qual foi enviada pelo seu presidente Abel Augusto César de Araújo, ao presidente do mencionado estabelecimento, com a carta vazada nos termos constante do anexo B.

É evidente que os serviços mais importantes realizados pelo “Grupo Espírita Luz e Caridade” foram os relativos à difusão dos ensinamentos da Doutrina, os quais tiveram progressivo desenvolvimento, impulsionados pelo franco apoio que chegava de diversos lugares.

1.2 O surgimento de novos Centros Espíritas

Com o crescimento do número de adeptos do Espiritismo, em Belém, tornou-se necessária e inadiável a fundação de novas sociedades, melhor organizadas e que pudessem acolher os neófitos.

Surgiram, assim, novas entidades espíritas, como o “Centro Espírita do Estado do Pará” fundado em 15 de junho de 1890, cujos membros eram pessoas reconhecidamente conhecedoras da Doutrina. Em consequência, o jornal *O Regenerador* passou a ser seu órgão oficial.

Em seqüência, aparece, no dia 24 de agosto do mesmo ano a “Sociedade Espírita Paraense”, sob a presidência de Pinheiro Guedes, tendo como secretário Antônio de Deus Oliveira Mello e tesoureiro Abel Augusto César de Araújo.

Essa diretoria, que era provisória, foi substituída por outra, com mandato para 1891, eleita em 14 de dezembro de 1890, composta dos membros seguintes:

Função	Membros
Presidente	Antônio Madeira Sharr
Vice-presidente	Antônio de Deus Oliveira Mello
Primeiro Secretário	Abel Augusto César de Araújo
Segundo Secretário	Raymundo C. Alves da Cunha
Tesoureiro	José Maria da Silva Bastos
Procurador	José Joaquim da Silva

Quadro 2 – Diretoria da “Sociedade Espírita Paraense”

O estatuto da “Sociedade”, elaborado por uma comissão da qual faziam parte: Raymundo Ciríaco Alves da Cunha, Vicente Borges de Vasconcellos Duarte e Antônio Rogério de Gouvêa Freire, foi transcrito nas páginas de *O Regenerador* do mês de outubro do ano de 1890. A “Sociedade” funcionava na Rua Nova de Santana nº 7A, passando depois para a Estrada de São Braz nº. 90 – atual Avenida Magalhães Barata.

Nesse mesmo ano de 1890, fundaram-se ainda os seguintes grupos:

- a) em setembro, o “Grupo Amor e Perdão”, com o objetivo de realizar trabalhos mediúnicos. Funcionava no mesmo endereço da “Sociedade Espírita Paraense”, residência de João de Deus d’Oliveira Mello. As reuniões eram realizadas às segundas feiras, a partir das 19 horas.
- b) em 10 de outubro, surgiu o “Grupo Regeneração”, que funcionava na residência de José Joaquim da Silva, na Travessa Frutuoso Guimarães, antiga Travessa das Mercedes nº 140, cujas sessões eram realizadas às quintas-feiras, às 19 horas.
- c) No dia 14 do mesmo mês, foi fundado o “Grupo Fé e Constância”, na residência de Raymundo Ciríaco Alves da Cunha, na Rua do Rosário nº 1 – atual Rua Aristides Lobo – esquina do Largo do Quartel – hoje Praça da Bandeira – e as suas sessões realizavam-se às terças-feiras, às 20 horas.
- d) No dia 20 do citado mês, fundou-se o “Grupo Abnegação”, que funcionava na Estrada de São Braz, 45, às 4ª feiras, às 19 horas, mudando-se depois para a Estrada de São José nº 54 – hoje Avenida 16 de Novembro.

O jornal *O Regenerador*, que em junho passara a ser órgão do “Centro Espírita do Estado do Pará”, em fevereiro de 1891 tornou-se órgão da “Sociedade Espírita Paraense”, até maio do mesmo ano. Em junho se apresentava como “periódico consagrado à propaganda do Espiritismo ou Espiritualismo moderno”, a fim de mais livremente consagrar-se à propaganda da Doutrina.

Essa fase de entusiasmo foi-se arrefecendo e, conseqüentemente, desapareciam, no ano de 1892, essas sociedades. Fez-se assim, um hiato na divulgação da Doutrina, até 23 de junho de 1895, quando foi fundado o “Centro Espírita Esperança”.

A fundação do “Centro” deu-se do seguinte modo: no ano de 1892, freqüentava as sessões da “Sociedade Espírita Paraense” o operário do Arsenal de Marinha, desta capital, Ignácio José Cipriano Belmont, o qual nela se sentia bastante deslocado, por julgar aquele meio muito superior à sua condição social.

Em vista disso, resolveu procurar alguns adeptos, entre os seus companheiros de trabalho, com os quais pudesse também fundar um grupo espírita. As dificuldades que encontrou foram muitas, porque a maioria desses operários professava religião diferente da sua, sendo que muitos, embora inclinados a aceitar a doutrina espírita, temiam os ditos irônicos, os gracejos, dos demais. Afinal, depois de uma luta insana, conseguiu Belmont levar a efeito a sua anelada aspiração, fundando o “Centro” no mencionado dia, com endereço na Travessa Carlos de Carvalho nº 46 e dirigido por ele mesmo.

Função	Membros
Associados	Ignácio José Cypriano Belmont Antônio Leite da Costa Ângelo Manoel Ribeiro Manoel do Nascimento Amaral Marcos Antônio Gomes Paulo Bello dos Santos Corrêa Antônio Augusto Japurá João Clímaco da Silva Porto Francisco da Costa Macedo José Leite da Costa

Quadro 3 – Formação do “Centro Espírita Esperança”

O “Esperança” não tinha uma organização adequada, sendo orientado mais pela força de vontade admirável de Cipriano Belmont, cujo esforço, unido aos dos demais dedicados companheiros, na propagação da Doutrina, não produzia grande resultado, como era do seu desejo, devido a sua pouca instrução e a sua condição social que não lhe permitia penetração maior na sociedade local.

Só em 1909 foi organizado seu primeiro estatuto, nele colaborando Constantino E. Wan-Meyl, Kidemiro Cícero Penna e José Leite da Costa, o qual foi reformado em 1916 e revisto em 1920 por: Pedro de Lara Cavallero, como relator, Edison Mello, Manoel Carolino de Mattos, Joaquim Rubim de Aguiar e Antônio Bezerra da Costa, como membros. Em 1922, enfim, foi esse instrumento refundido por uma comissão composta por: Maximiliano de Paiva Mello, como relator, Édison Mello e José Leite da Cunha, como membros. O “Esperança” foi convenientemente registrado na forma da lei, adquirindo, pois, personalidade jurídica.

Com a revisão do estatuto do “Centro”, em 1920, foi criada uma caixa de assistência aos necessitados, regida por uma norma especial e dirigida por senhoras.

Na sua criação, foram aclamadas para dirigir os seus destinos:

Membros	Função
Cândida Prado de Aguiar	Presidente
Raymunda Santanna	Primeira Secretária
Yolanda Prado de Aguiar	Segunda Secretária
Orminda Rodoutorigues de França	Tesoureira
Rosa Santa Rosa	Sub-Tesoureira

Quadro 4 – Diretoria da Caixa de Assistência aos Necessitados do Centro Espírita Esperança

Apesar das dificuldades, a Caixa prestou serviços inestimáveis, distribuindo auxílios generosos a todos que a ela recorriam. Desde sua fundação, dita caixa festejava a passagem de “João Batista”, em 24 de junho, e o dia de “Natal”, distribuindo, nessas datas comemorativas, recursos materiais aos pobres.

No ano de 1926, estavam à frente da Caixa:

Membros	Função
Celeste Moreira	Presidente
Zoel Pereira	Primeira Secretária
Rita Coutinho	Segunda Secretária
Judith Nascimento	Tesoureira
Rosa Santa Rosa	Sub-Tesoureira

Quadro 5 – Nova diretoria da Caixa de Assistência aos Necessitados do “Centro Espírita Esperança”

E a diretoria do “Centro Espírita Esperança”, nesse ano, era composta pelos seguintes adeptos.

Membros	Função
José Leite da Costa	Presidente
Manoel Ramos do Nascimento	Vice-presidente
Maximiliano de Paiva Mello	Primeiro secretário
Neuza Araújo	Segunda secretária
Cyro Blatter Pinho	Tesoureiro
Manoel Quirino da Silva	Procurador

Quadro 6 – Diretoria do “Centro Espírita Esperança”

Conselho Fiscal	
Antônio Bezerra da Costa	Relator
Antônio Victorino Loureiro	Membros
Capitilino Tavares	

Quadro 7 – Composição do Conselho Fiscal do “Centro Espírita Esperança”

No “Esperança” era enorme a freqüência. Ali, as pessoas eram tratadas de suas enfermidades físicas e morais. O “Centro” era composto por pessoas muito simples e, de certa forma, muito tímidas, motivo por que não podia realizar uma adequada difusão dos ensinamentos básicos da Doutrina. Disso resultaram novas dificuldades, no que tange à expansão do ensino doutrinário, situação essa que deu lugar à introdução de práticas ligadas à pajelança e à feitiçaria, a confundir-se, lamentavelmente, assim com os lídimos preceitos da abençoada doutrina codificada por Allan Kardec.

2 Trajetória do Movimento Espírita no Estado do Pará

Depois de uma longa modorra de oito anos, eis, porém, que ressurgiu de novo o Espiritismo, e, desta vez, mais retumbante. Era natural que assim fosse e acontecesse. Forças, que se achavam em elaboração, prolongada e providencialmente contidas, teriam de fazer uma eclosão poderosa que impressionasse pelo inusitado da sua manifestação.

E foi por isso que, em 1902, despertaram essas forças com tanto ruído. E essa verdadeira explosão inicial foi provocada por dois obreiros aos quais o Espiritismo tanto deve, pelo desassombro com que sempre o propagaram por todos os recantos do País, por onde andaram, como aves de arribação, tangidos pelo destino e pelos desígnios de Deus. São eles: Arthúnio Vieira e a sua esposa, Emilia Freitas Vieira. Haviam aqui chegado esses desassombrados lutadores, oriundos de Maranguape – Ceará, em junho do citado ano, indo residir provisoriamente em uma modesta casa, sita na Travessa São Matheus nº 219, hoje Padre Eutíquio. Ali começaram, na intimidade do lar, a realizar algumas sessões, às quais, comparecia reduzidíssimo número de pessoas.

Era um ligeiro ensaio, o lançar da primeira pedra do edifício que desejavam levantar em terras paraenses. Inteligentes e observadores reconheceram imediatamente que o Espiritismo, aqui, já não era uma novidade, tendo mesmo muitos cultores, alguns dos quais de destaque social, mas quase todos arredios e envergonhados. Em Belém, àquela altura, só encontraram dois espíritas que estudavam a Doutrina e se diziam francamente seus adeptos: Abel Augusto Cézár de Araújo e

Antônio de Deus de Oliveira Mello, os quais tinham pertencido ao núcleo dos primeiros membros do “Grupo Espírita Luz e Caridade”, do “Centro Espírita do Estado do Pará” e da “Sociedade Espírita Paraense”. Desenvolviavam suas atividades espíritas, no entanto, com certa reserva, o que era, aliás, muito razoável, por força do descrédito a que tinha chegado o Espiritismo, cujas sessões eram confundidas com as de pajelança e de feitiçaria.

Arthúnio Vieira mudou-se da Travessa São Matheus para a Travessa 14 de Abril nº 139A, onde, um tanto indignado contra o conceito pouco lisonjeiro que aqui gozava a doutrina espírita e mostrando-se contrário àquela timidez e certa vergonha dos seus adeptos, reuniu um pequeno número de companheiros de ideal, com a intenção deliberada de desenvolver uma adequada e mais agressiva, no bom sentido, divulgação do Espiritismo.

Com efeito, naquela modesta barraca passaram a realizar-se, regularmente, algumas reuniões, tendo Arthúnio e sua esposa por companheiros de trabalho Francisco Fraga, Antônio Ferreira de Amorim, Jacinto Alves da Silva e Bento Cavallero. Essas reuniões tomaram tal vulto que a casinha não podia comportar o grande número de pessoas que ali comparecia. Disso resultou mudar-se Arthúnio para a Travessa Castelo Branco nº 138, onde, em 7 de setembro do mesmo ano, inaugurou com uma reunião pública o “Centro Espírita Paraense”. Foi um verdadeiro escândalo. A casa foi apedrejada e a polícia tentou invadi-la. Nada disso, porém, arrefeceu o entusiasmo e o ânimo de Arthúnio e sua companheira, nem o do próprio povo que, levado pela curiosidade e pela novidade do acontecimento de uma reunião espírita, ali passou a afluir, em grande número, motivo por que, nas reuniões seguintes, chegou-se a uma frequência de 400 pessoas, não obstante as incessantes ameaças que vinham de toda parte.

O “Centro” veio a publicar uma revista mensal denominada *Sophia* e um pequeno periódico quinzenal *Luz e Fé*, que eram impressos numa pequena tipografia adquirida por Arthúnio.

Ia aquele núcleo desenvolvendo muito bem as suas atividades quando, em 1904, forçado por circunstâncias várias, Arthúnio teve de mudar-se com a sua família para a cidade de Abaeté, hoje Abaetetuba, deixando o “Centro” sob a direção do confrade Antônio Lopes da Silva. Este, não obstante sua boa vontade e seus bons propósitos, não teve forças para manter coesos os elementos componentes da entidade, do que resultou a suspensão das suas reuniões, fazendo com que desaparecesse o maior núcleo de divulgação espírita da capital. Durante o resto daquele ano não se falou mais em Espiritismo. Alguns dos participantes do citado grupo que se dispersara, confiava, no entanto, na Providência Divina que, cedo ou tarde, surgiria alguém para reunir os elementos dispersos. E essa esperança não era vã.

2.1 Novos rumos para o Movimento Espírita do Pará

O advogado provisionado José Domingues da Silva Lopes, que morava na Estrada Gentil Bittencourt n° 171, costumava reunir, em sua casa, alguns dos antigos freqüentadores e sócios do extinto “Centro Espírita Paraense”, de cujo Quadro ele também fizera parte. Nessas reuniões, eram feitas palestras doutrinárias para aquele pequeno grupo de simpatizantes do Espiritismo. Desse convívio diário e fraternal participava também Francisco Solerno Moreira, oficial do Exército, que recordava aos companheiros, a cada instante, a valorosa propaganda que Arthúnio e sua esposa faziam da Doutrina, quando residentes

em Belém. Daí surgiu a idéia de iniciar-se algumas sessões privadas para a edificação dos que a elas acorressem, idéia essa que foi imediatamente aceita e transformada em realidade.

Realizadas tais sessões sob a direção de Silva Lopes, logo deram ótimos resultados, constatada pela grande afluência aos trabalhos de espíritas e mesmo de estranhos, tornando-se necessário imprimir-se a essas reuniões uma orientação mais adequada. Ficou, então, assentada a reorganização do antigo “Centro Espírita Paraense”, o que realmente sucedeu. A reinstalação ocorreu no dia 6 de maio de 1905, ainda sob a presidência de Silva Lopes, acontecimento que voltou a despertar o entusiasmo dos adeptos do Espiritismo, principalmente com o súbito ressurgimento das sessões espíritas.

O “Centro”, reorganizado, regurgitava de pessoas de todas as condições sociais e o Espiritismo começou a impor-se à curiosidade e interesse de todos, principalmente pelas várias curas que se realizavam, relativas a casos de obsessão.

A essa altura, Solerno Moreira, entusiasmado com o trabalho que se vinha realizando em favor da causa espírita, levantou a idéia da criação de um órgão de propaganda, que pudesse levar a todos os lares e a todos os recantos da cidade, a semente consoladora do Espiritismo. Escreveu, então, uma carta a Arthúnio Vieira, pedindo-lhe permissão para dar ao citado órgão o nome de *Sophia*, que ele publicara anteriormente. Atendido esse pedido, surgiu em 6 de outubro do citado ano o primeiro número do *Sophia*, em nova fase, e que era distribuído gratuitamente em Belém e em diversas cidades do interior, principalmente nas que se localizavam no percurso da Estrada de Ferro de Bragança para onde era despachado por Manoel Fernandez.

Todavia, as alegrias humanas, como sempre costuma acontecer, não são duradouras: o ambiente de alegria e entusiasmo reinante no “Centro” foi conturbado em novembro daquele ano, por algumas atitudes que vinham sendo tomadas por Silva Lopes. Este passou a introduzir, nos trabalhos da entidade: o culto de batizados, casamentos espíritas e outras atitudes igualmente inconvenientes, contra o modo de pensar dos demais companheiros, em evidente desacordo com os próprios preceitos da Doutrina.

Instado por Solerno Moreira a refletir sobre a conduta que vinha adotando, Lopes não lhe deu ouvidos e nem atendeu às suas afetuosas exortações, persistindo na sua obra de deturpação dos ensinamentos do Espiritismo. Solerno e os demais companheiros continuavam curtindo os seus dissabores, resultantes desse desvio doutrinário, sem ter, entretanto, coragem suficiente para abandonar o “Centro”, a que tanto amavam.

Sobre esse assunto, narra Solerno Moreira o desgosto que passou a sentir com as referidas práticas, o que o levou a partir para a fundação do “Grupo Espírita Atalaia” em janeiro de 1906, contando com o apoio de Francisco de Paula Menezes – espírita recém-chegado do Rio de Janeiro –, sem se desligar, todavia, do “Centro Espírita Paraense”. O “Atalaia” logo prosperou. Paula Menezes, com quem Solerno prontamente se identificou, pouco depois lançou a idéia da fundação de uma casa espírita de maior amplitude para encabeçar e dirigir Movimentos Espíritas, buscando a união e a solidariedade de todos os elementos da família espírita de Belém. Solerno Moreira e outros membros do “Atalaia” deram todo o apoio à idéia e começaram a trabalhá-la, visitando os espíritas e os centros espíritas, deles recebendo a adesão ao projeto, embora alguns não entendessem bem como funcionaria a instituição depois de criada (Anexo C).

2.2 Buscando solução para três importantes questões

Quando as coisas já tomavam um rumo de previsível vitória, eis que se apresentam três questões sobremodo sérias, a preocupar o grupo, reclamando uma solução imediata, sob pena de não ser concretizada a idéia.

2.2.1 Escolha do presidente

A primeira era encontrar um espírita, bastante digno e competente, a quem se pudesse confiar a direção da futura associação, à qual Francisco de Paula Menezes, contagiado por insopitável esperança, já pressagiava exitoso futuro.

Alguns adeptos aventavam a idéia de que o presidente deveria ser Solerno Moreira ou Paula Menezes; o primeiro, no entanto, fazendo valer o seu bom senso, julgava, com sinceridade e justeza, que tal responsabilidade não deveria recair sobre ombros tão frágeis como os dos dois indicados. Uma tão alta missão, cogitava ele, só poderia ser confiada a uma pessoa austera, cujas estatura moral e vida pública e privada fossem de tal maneira limpas e exemplares que se impusessem ante à malícia e à ousadia daqueles que, porventura, contra elas se levantassem.

E, para sossego de seu espírito, existia, nesta capital, uma pessoa com tais predicados. Era o velho e respeitável farmacêutico Abel Augusto César de Araújo, figura veneranda, virtuosa, moralmente inatacável, diante da qual todos se curvavam reverentemente e que, inquestionavelmente, retratava o mais nobre e o mais dedicado dos divulgadores da primeira hora dos ensinamentos espíritistas nesta terra, e que, desde 1879,

já participava ativamente do nascente movimento espírita local. Ficou decidido visitá-lo.

Exposto o motivo da visita, foi pedido a Abel Araújo sua aprovação à idéia e que aceitasse assumir a presidência da instituição a ser fundada. Em resposta disse ele, na ocasião:

“Dou-lhes incondicionalmente o meu apoio porque a moços resolutos como os senhores, não é lícito que eu regateie os meus aplausos, recusando-lhes ou negando-lhes os estímulos de que precisam, para levarem avante e à vitória a obra monumental que pretendem levantar”⁶.

Era de ver-se a alegria imensa daqueles que presenciaram esse ato. Paula Menezes, num impulso de efusão extrema, pediu licença ao velho Abel e, reverentemente, beijou-lhe a testa larga e a cabeça encanecida.

E assim ficava definitivamente solucionada a primeira questão que tanto preocupava o grupo.

2.2.2 Local da reunião de fundação

A segunda questão versava sobre em que local haveriam de reunir-se os adeptos, no dia da fundação da futura sociedade. Não era razoável realizar-se tal ato na paupérrima barraca onde funcionava o “Grupo Espírita Atalaia”, porque as pessoas bem postas na sociedade, certamente, ali não compareceriam, com receio de desmoralizar-se e de servir de objeto de zombarias e troças, fato esse que acarretaria não só o descrédito à novel associação, como também a impediria de se

⁶ Moreira, Eidorfe. *Obras Completas* (fragmento). Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, s.d. p. 355.

desenvolver com a pujança e o vigor almejado. A intenção de Francisco de Paula Menezes era uma e única: arrancar o Espiritismo do meio acanhado em que medrava, para transplantá-lo ao centro da capital, onde pudesse chamar a atenção, impressionar e interessar vivamente às pessoas de posição social elevada que quisessem apreciar os atos de fundação de uma sociedade espírita de nomeada.

Por isso, entendia Paula Menezes que se fazia necessário deslocar o Espiritismo de uma tosca barraca, situada na periferia, onde moravam pessoas de baixa condição social, levando-o para um lugar de maior destaque, de onde pudesse irradiar, rápida e eficientemente por toda parte, a luz dos ensinamentos espíritas. Mas, onde encontrar tal local? O pensamento do grupo convergiu, de súbito, depois de algumas divagações, para uma das diversas sociedades então existentes, nesta capital: a “Associação dos Empregados do Comércio”, que havia também sido recentemente fundada e a cujo Quadro pertenciam Solerno Moreira e Jacinto Alves da Silva. E foi para essa entidade, cuja sede situava-se na Travessa São Mateus nº 153, que se resolveu encaminhar um requerimento, à sua diretoria, no qual foi solicitada a cessão de seus salões, para a realização das primeiras reuniões da futura sociedade. Havia, entre os membros do grupo, certo receio de o pedido ser recusado, posto que a palavra Espiritismo, àquela altura, tão íntima e erroneamente ligada à pajelança e à feitiçaria, fazia arrepiar os cabelos de muita gente.

Não obstante os membros da diretoria daquela associação não comungassem dos ideais religiosos dos solicitantes, souberam, no entanto, colocar-se acima de quaisquer preconceitos ou acanhado espírito de seita. Num louvável gesto de coragem moral e simpatia, responderam à solicitação sem demora, atendendo ao pedido formulado. À frente da então diretoria dessa entidade se encontrava, na qualidade de

presidente, Joaquim Fernando Antunes, que mais tarde tornou-se espírita. E assim solucionou-se essa questão, ficando aqueles pioneiros devedores de toda gratidão aos componentes da diretoria daquela entidade de classe.

2.2.3 Escolha do nome

Agora, só restava dar-se uma solução à terceira questão, consubstanciada no seguinte: – Que denominação deveria ser dada à sociedade a ser fundada? Dois nomes mais ou menos apropriados foram ventilados, muito embora não exprimissem perfeitamente o desejo de todos. Esses nomes eram: Centro Espírita Paraense e Federação Espírita Paraense, os quais foram imediatamente postos à margem: o primeiro, porque ainda existia uma entidade de igual nome sob a presidência do já aludido obreiro solicitador⁷ Domingues da Silva Lopes, da qual os componentes da futura entidade se afastaram; o segundo, porque, existindo na Capital Federal, então sediada no Rio de Janeiro, a Federação Espírita Brasileira, o fato de escolher-se um nome parecido poderia fazer vir à baila diversas implicações, inclusive de cunho jurídico.

Além disso, havia um entendimento, quase unânime, de que nenhum desses nomes correspondia com exatidão às aspirações do grupo, por não significar nem simbolizar, de um modo perfeito, a união dos corações de toda a família espírita do Estado, de maneira a constituir-se ela num rebanho, que fosse dirigido por um só pastor – Jesus. Outros nomes foram aventados

⁷ Auxiliar de advogado, habilitado por lei para requerer em juízo ou promover o andamento das ações, com diversas restrições legais In: Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

por indicação de obreiros bem intencionados, como, por exemplo, Deus, Amor e Fraternidade; Fraternidade e Amor; Harmonia e Fraternidade, os quais foram imediatamente rejeitados, por não corresponderem aos anseios antes mencionados. E, assim, a questão ficou em compasso de espera.

Certo dia, porém, viajavam Solerno Moreira e Paula Menezes, pela manhã, de bonde, para o centro da cidade. Iam sentados no mesmo banco, cada um absorvido nas mesmas cogitações. De repente, ao passar o coletivo ao lado da Igreja de Nazaré, Francisco de Paula Menezes, bateu com força na perna do companheiro e bradou alto: “Achei, Solerno!” assustando o seu interlocutor e enchendo de pasmo todos os passageiros. Então, Solerno perguntou-lhe: “– Achaste o quê, rapaz?” E mais do que depressa, exclamou ele “– É União Espírita Paraense!” Os dois, então, apertaram as mãos, com entusiasmo e alegria, pois aquele nome, realmente, era atraente, e exprimia bem tudo o que haviam imaginado a respeito.

E, assim, ficava solucionada a última questão.

2.3 A sociedade paraense recebe um retumbante Aviso

Havia chegado o mês de maio de 1906 e as providências necessárias para fundar-se a entidade tinham sido tomadas. Nada mais faltava para a concretização dos sonhos daqueles pioneiros. No entanto, fazia-se ainda mister chamar a atenção dos adeptos do Espiritismo, procurando despertá-los e reuni-los em torno da sagrada causa, mediante uma propaganda mais ostensiva. Neste sentido, foi distribuído um aviso conclamando a população a se congregar para a fundação de uma sociedade espírita.

Esses volantes foram distribuídos, aos transeuntes, por meninos, a gritar: “Vai aparecer o Espiritismo!” Isto produziu o efeito de uma bomba que, atirada inesperadamente no meio de uma multidão, explodisse imediatamente, provocando sustos, gritos, estertores e agonias (Quadro 8).

Aos Espíritas Paraenses

“A união faz a força, diz o velho e sábio provérbio popular. A verdade deste aforismo trouxe a diversos grupos e adeptos do Espiritismo a idéia da congregação de todos os elementos daquela doutrina, esparsos por esta grande capital, carentes de coesão e de uniformidade. Precisa-se fundar a “União Espírita Paraense”, que será o resultado da confraternização e congraçamento de todos os Centros da Nova Revelação ou Espiritismo, debaixo de uma só bandeira -- a da “Federação Espírita Brasileira”. Espíritas despertai e uni-vos. Já é tempo de sairdes do obscurantismo roxo a que vos tendes aferrado lamentavelmente e de vos preparardes para a grande luta contra o erro, as trevas e a ignorância, que reinam, infelizmente, nas almas tímoratas e supersticiosas; já é tempo de aparecerdes na sociedade paraense, levantando bem alto o branco estandarte do Espiritismo, guiados pelos sentimentos do afeto e do amor e iluminados pelo sol aurifulgentíssimo da ciência, que derroca a superstição e cerceia o fanatismo. Espíritas, uni-vos e preparai-vos para a grande reunião que se efetuará em breve, nesta capital, cujo dia será marcado oportunamente pela sua imprensa diária”.

Quadro 8 – Termos do aviso da conclamação para fundação de uma sociedade espírita

A bandeira estava, portanto, corajosamente desfraldada; porém a resposta dos adversários, até então aparentemente silenciosos e reservados, explodiu colérica: cresceram as iras, acirraram-se os ânimos e a nódoa da difamação foi acesa no recinto dos templos católicos e igrejas

protestantes, onde a brandura e o amor foram substituídos pelas prédicas cáusticas e cheias de ironias, em flagrante contraste com os sãos e mansos ensinamentos de Jesus. Alguns representantes do meigo Nazareno deliravam, transformando o púlpito e o confessionário em sentinela avançada da retaliação e de ódios contra os adeptos do Espiritismo, os quais, recebiam os ultrajes com calma e confiança em Deus e no triunfo da Doutrina. Um dos frades do convento da Travessa Castelo Branco, depois santuário de São Francisco e, atualmente, Igreja dos Capuchinhos, chegou até, a dizer, em um dos seus sermões: “Quando vos encontrardes com um espírita, virai o vosso rosto e, se possível for, estando ele com sede, negai-lhe um copo d’água.”⁸

Não obstante essa manifestação de intolerância, os adeptos do nascente Movimento Espírita Paraense (MOVESP) permaneciam no propósito de continuar a querer-lhes bem, neles perdurando ainda o sentimento de gratidão pelo muito de esperanças com que a doutrina por eles seguida embalara os sonhos de seus pais.

Convém notar que, enquanto os adversários do Espiritismo lançavam epítetos de todos os lados, o grupo recebia o conforto e o apoio moral de um ardoroso espiritista que, tendo chegado a Belém, oriundo da capital do Amazonas, passou a encorajá-lo com o seu estímulo, o que fez com que fossem redobrados os esforços e as energias de todos, com a franca e espontânea solidariedade recebida. Esse adepto da Doutrina chamava-se Antônio Lucullo de Souza e Silva, a quem, convém registrar, muito deve a divulgação do Espiritismo, nesta capital.

⁸ Moreira, Eidorfe. *Obras Completas* (fragmento). Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, s.d. p.359.

Afinal, foi publicado no jornal *Folha do Norte*, edição do dia 18 do mesmo mês, o seguinte convite dirigido aos adeptos do Espiritismo (Quadro 9).

Convite aos espíritas

Os abaixo assinados convidam a todos os crentes do Espiritismo para uma reunião que se efetuará às 9 horas do dia 20 do corrente, no salão da Associação dos Empregados do Comércio.

Abel Augusto Cezar de Araújo (Farmacêutico).
 Antônio Lucullo de Souza e Silva,
 Manoel Fernandez,
 José Luiz Jucá,
 Francisco Solerno Moreira e
 Francisco de Paula Menezes

Assinado:

Quadro 9 – Teor do convite publicado na *Folha do Norte*

2.4 Surge a União Espírita Paraense

Chega, enfim, o almejado dia da fundação da entidade que passaria a congregar e orientar as entidades espíritas do Pará.⁹

Relata Solerno Moreira que, no dia 20 de maio, a manhã ensolarada fazia-os sorrir de comoção e entusiasmo. A alegria inundava-lhes o ser. Às 9 horas, ele e Paula Menezes, dirigiram-se ao local onde ia ocorrer a solenidade: sede da Associação dos Empregados do Comércio, encontrando o salão de reuniões cheio de espíritas e outras pessoas estranhas atraídas pelo convite. Os trabalhos foram iniciados às 10 horas e tudo foi

⁹ Id. Ibid

noticiado pela *Folha do Norte* de 21 de maio de 1906, que informou sobre a presença da numerosa assistência; quem presidiu a reunião, sendo explicado seu motivo; as bases da associação que estava sendo fundada, cujo nome – União Espírita Paraense – foi aprovado pelos presentes; a designação de uma diretoria provisória e de uma comissão para elaborar o estatuto; que de suas bases, dentre outros, deveriam constar os seguintes pontos: filiação à Federação Espírita Brasileira; reunião dos diversos grupos espíritas existentes em Belém que quisessem filiar-se à União; fundação de grupos espíritas onde se fizesse conveniente, etc.

As bases do estatuto foram apresentadas por Francisco de Paula Menezes, nelas ficando claro o programa que se pretendia executar. Nascia a União Espírita Paraense cheia de simpatia, pujante, sob os melhores auspícios e amparada pelos mais sólidos elementos da Doutrina. Deliberou-se que a sociedade, enquanto não tivesse sede própria, funcionaria no edifício da Associação dos Empregados do Comércio, cedida pela diretoria da entidade. A reunião foi encerrada às 10h15 (Anexo D)

A ata da Assembléia Geral de fundação da União Espírita Paraense consta do Anexo E.

No dia da fundação da União Espírita Paraense, Francisco Solerno Moreira pronunciou um discurso publicado, posteriormente, no jornal *Sophia* (Anexo F).

Em seu pronunciamento, o orador fez a justificativa das razões determinantes da criação da União e o que se pretende com sua fundação.

“[...] formar uma sociedade que seja o resultado do congaçamento e fraternidade de todos os espíritas existentes nesta capital; uma sociedade que arranque o Espiritismo do obscurantismo em que tem vivido e bem assim pela difusão da luz do Espiritismo entre as camadas supersticiosas e fanatizadas [...]”.¹⁰

Reunindo-se, no dia 21 de maio de 1906, na sede da Associação dos Empregados do Comércio, a UEP procedeu à eleição de seu corpo executivo. Ao ato compareceram 60 pessoas a ela filiadas e o processo eleitoral, decorrendo em plena ordem, apresentou, ao final do escrutínio, o seguinte resultado: Presidente: farmacêutico Abel Augusto César de Araújo, com 54 votos; Vice-Presidente: Raymundo da Ponte e Souza, com 43 votos.

Após a fundação da UEP, seus dirigentes, apressaram-se em noticiar o alvissareiro evento, expedindo um telegrama à Federação Espírita Brasileira (FEB) resultando a seguinte notícia¹¹:

“Em seu laconismo peculiar, nos dá notícia um obsequioso despacho telegráfico de se haver fundado em Belém, em 20 de maio, a União Espírita Paraense, sob a presidência de nosso conceituado irmão em crença Abel Araújo. Nada mais menciona o aludido telegrama. Que mais é preciso, porém que o próprio significativo fato dessa fundação”.

Posteriormente, a UEP expediu uma circular, contendo maiores detalhes sobre o evento, o que foi objeto de outra notícia¹², como abaixo se transcreve:

¹⁰ Publicado no jornal *Sophia* de junho de 1906

¹¹ *Reformador* Rio de Janeiro, v. 24, n. 11, jun. 1906.

¹² Id. n.13, jul. 1906, p. 221

“Os nossos confrades da União Espírita Paraense, que acaba de se constituir e de que fizemos menção em nossa última resenha ‘Movimento Espírita Universal’, tiveram a gentileza de nos endereçar uma circular impressa, informando-nos dessa fundação e consignando os seus fins, que são: a propaganda e estudos científicos das verdades do Espiritismo, beneficência mútua entre os associados e necessitados de qualquer credo religioso.

A novel agremiação, que – estamos certos – virá a imprimir um vigoroso impulso à organização da nossa doutrina no adiantado Estado do extremo norte, onde esta se acha consideravelmente divulgada, pretende, segundo consigna num cativante movimento de solidariedade a referida circular: “filiar-se à Federação Espírita Brasileira”, e elegeu uma diretoria provisória que ficou assim composta: Presidente, farmacêutico Abel A. C. de Araújo, 1.º Secretário, Solerno Moreira; 2.º Secretário, Francisco de Paula Menezes; membros, Isidoro Bentes, Paulo Mello, Manoel Barbosa de Souza e Antonio Lucullo de Souza e Silva.

Aos dignos companheiros desta cruzada bendita, em que fraternizamos, só por esta expressão podemos traduzir os nossos votos de prosperidade: – Avante! Com Humildade no Coração e Fé em Deus. A Vitória é nossa”.

Uma terceira notícia, dada a repercussão do fato¹³, narra os detalhes, já aqui historiados, sobre a sessão de fundação da UEP. Julgou-se desnecessário repeti-los, acrescentando, apenas, que a notícia da revista terminava com uma frase de incentivo à diretoria da novel instituição, nos termos seguintes: “Deus inspire a todos para o desempenho de seu nobre mandato”.

¹³ Id. n.16, ago. 1906.

3 O Movimento Espírita de 1906 a 1930

Ainda em 1906, no mês de agosto, a União lança o seu órgão de divulgação – *A Revelação*. Em 1907, cria as Escolas Allan Kardec e Amélia de Menezes que funcionavam na sede dos grupos espíritas “Atalaia” e “Deus Conosco”.

Instaladas em meio onde a pobreza avultava e a fé católica dominava, pouco tempo depois essas escolas tiveram uma procura extraordinária, na comunidade, registrando uma matrícula de 120 crianças e a frequência, respectivamente, de 60 e 80 alunos.

Esse fato era a prova cabal da confiança que o povo começava a depositar nos espíritas, até então mal considerados, atestando que o Espiritismo, em Belém, e as iniciativas da União iam merecendo de todos uma melhor atenção.

Como meio de propaganda da Doutrina, seus seguidores do primeiro momento utilizavam, para divulgação, além da palavra escrita, a palestra. A União usou esse recurso, incansavelmente, desde 1908, tendo um orador oficial como membro de sua Diretoria.

Em 1911, cogita criar órgãos de assistência aos necessitados: postos curadores e assistência à infância desvalida. No final do mesmo ano, dois postos curadores são instalados sob a responsabilidade, o primeiro, de Antonio Lucullo de Souza e Silva e sua esposa, a médium Vicência Silva, e o segundo, de Ludovico Andrade e as médiuns de cura, sua esposa Matilde e as cunhadas Ida e Vitória Medina. Em 1912, esses órgãos de

assistência aos necessitados e à infância desvalida passaram a funcionar normalmente.

No ano de 1913, é criado um dispensário homeopático e, no ano seguinte, é inaugurada uma biblioteca de obras espíritas para uso público.

Sob a direção de Arthúnio Vieira é criada, em 1915, uma escola de médiuns e, em 1916, tem início um curso primário gratuito, noturno. Nesse mesmo ano começa a venda de livros ao público e a farmácia, também, abre-lhe suas portas.

3.1 A fusão da União Espírita Paraense com o “Centro Espírita Eduardo Siqueira”¹⁴

A diretoria da UEP, no decorrer do ano de 1913, era constituída dos membros seguintes:

Membros	Função
Apollinário Pinheiro Moreira	Presidente
Antonio Pinheiro Filho	Secretário
Raymundo da Ponte e Souza	Tesoureiro

Quadro 10 – Composição de diretoria da União Espírita Paraense, em 1913

Esses abnegados trabalhadores mantinham, através de acendrada fé e espírito de luta, a vida da entidade. Grandes

¹⁴ Informação veiculada nos periódicos:

Alma e Coração. Belém, v.4, n.7, Jul.,1913.

Id. v. 21, n.1. maio, 1939.

O Estado do Pará. Belém, 24 de Jun., 1913.

eram as dificuldades financeiras, a ponto de ameaçar fechar suas portas.

Às sessões doutrinárias realizadas pela União compareciam apenas esses três diretores, os quais, no entanto, não tinham o seu ânimo enfraquecido, procurando, nesses instantes de quase-agonia, amparar-se mutuamente, na esperança de que o auxílio não tardaria a chegar, por intercessão dos benfeitores espirituais.

Nessa fase tão angustiante, delineou-se uma saída para o problema: a fusão da UEP com o “Centro Espírita ‘Eduardo Siqueira’”. Tratava-se de uma instituição fundada, em 1911, por Archimimo Pereira Lima, situado na Rua Doutor Malcher nº 9. Contava, em seu Quadro societário, com mais de 200 pessoas e desenvolvia intenso trabalho de difusão da Doutrina. Entre os seus membros, além de seu fundador e a esposa, Elmira Lima, estavam Raymundo Nogueira de Faria, Domingos Sylvio Nascimento e outros cultos adeptos do Espiritismo.

A Escola Mont’Alverne, fundada por Nogueira de Faria, era o local onde os membros das duas sociedades se reuniam, estreitavam relações e trocavam idéias sobre essa união.

A iniciativa formal para essa fusão partiu da diretoria do “Eduardo Siqueira” tendo seu presidente, Archimimo Lima, apresentado proposta nesse sentido (Anexo G).

Archimimo Lima fala do desejo que vinha sendo manifestado há algum tempo pelos espíritas que freqüentavam o “Centro Espírita ‘Eduardo Siqueira’” e a União Espírita Paraense, de se unirem em uma única instituição, o que era secundado pela *Revista Espírita* e o jornal *Alma e Coração*. Acrescenta que a eleição de Apollinário Moreira para presidente da União vinha facilitar a confraternização longamente almejada. Achando

que os espíritas estavam preparados para se irmanarem, propôs aos membros do “Eduardo Siqueira” a fusão das duas entidades, permanecendo o nome União Espírita Paraense por ser essa uma sociedade que lutava há muito tempo nas fileiras do Espiritismo e tendo em vista estar ligada a nomes valorosos da causa espírita desde sua fundação e, ainda, pela sua vinculação com a Federação Espírita Brasileira. Manifesta Archimimo Lima a confiança em que os participantes do citado Centro se juntariam no esforço para a unificação das duas Casas. Afirma que o título União Espírita Paraense corresponde às aspirações de todos e as suas vitórias lhes trarão forças para prosseguirem. Conclama seus companheiros a se unirem em torno da idéia.

Posto em discussão o assunto, em reunião de diretoria do “Centro Espírita ‘Eduardo Siqueira’”, a matéria foi aprovada pela maioria dos diretores, sem restrição. O presidente da Assembléia Geral, Nogueira de Faria, que então presidia a sessão, fez imediatamente convocar uma reunião geral do “Eduardo Siqueira” para deliberação final, que se realizou na noite de 8 de junho, com a assistência de mais de 200 sócios.

Lida, a proposta foi acolhida unanimemente.

Foi nomeada, então, uma comissão composta por Maria José de Araújo, Elmira Lima, Nogueira de Faria, Moraes Novaes, Felicíssimo do Valle, João Chagas e José Rodoutorigues, para levar à Diretoria da UEP a proposta de Archimimo Lima, e tratar das bases da fusão. Essa comissão teve gentil acolhida de parte dos diretores da UEP.

Em sessão de Assembléia Geral Extraordinária do “Centro Espírita ‘Eduardo Siqueira’”, em data de 22 de junho, foi lido o ofício recebido da UEP, informando o resultado dos entendimentos (Anexo H).

E no dia 22 de junho, deu-se, em Assembléia Geral, a declaração oficial da fusão do “Centro Espírita ‘Eduardo Siqueira’” com a União Espírita Paraense, ocorrendo, logo em seguida, a renúncia de todos os dirigentes desta última associação.

Por proposta de Maria José de Araújo, a viúva de Abel de Araújo, que durante muitos anos defendeu a causa espírita do Pará, essa renúncia não foi aceita, proposta esta secundada por Archimimo Lima e simpaticamente acolhida pela Assembléia.

Teve grande concorrência esse ato, observando-se a presença de representantes de todos os grupos espíritas desta cidade e de alguns do sul do país, da maioria das lojas maçônicas e da Escola Mont’Alverne, esta por uma comissão de alunos, sob o regozijo unânime dos participantes. Na oportunidade, discursou a viúva do saudoso Abel Augusto César Araújo, o primeiro presidente eleito da União.

A velha e querida sociedade, readquiriu, assim, vida nova, retomou o seu papel no seio da comunidade espírita paraense, vencendo a crise que a ameaçava, graças ao desprendimento de Archimimo que ainda lhe deu durante alguns anos o amparo de sua palavra, o esforço da sua fé.

Por oportuno, registre-se que a esse sangue novo recebido é que se deveu o desencadeamento da vitoriosa campanha da reforma do prédio onde funcionava a União, que não seria possível concretizar-se não fosse essa espécie de vitalidade que lhe trouxeram, em momento propício, os sócios do “Centro Espírita ‘Eduardo Siqueira’”, conforme afirma Apollinário Moreira, presidente da UEP.¹⁵

¹⁵ *Alma e Coração*, n. 13, jun., 1933.

Sobre esse episódio tão relevante na história da União Espírita Paraense, que, de resto, se mistura com a própria história do Espiritismo no Pará, é oportuno mencionar uma carta recebida por Archimimo Lima, elaborada por Francisco Solerno Moreira (Anexo I), um inolvidável vulto, entre tantos outros que vêm sendo citados neste trabalho, representativo daqueles corajosos espíritas da primeira hora do Movimento Espírita do Pará, que tiveram a missão de implantar, com denodo e coragem, a Doutrina dos Espíritos, no solo paroara.¹⁶

Na mencionada carta, remetida de Manaus, Solerno Moreira fala das emoções que vivera no contato com os amigos de Belém, quando de sua passagem, em trânsito, pela capital paraense e, sobretudo, das grandes alegrias que experimentara com a notícia da fusão da União com o “Centro Espírita ‘Eduardo Siqueira’”. Desculpa-se pela demora em escrever aos amigos e aproveita para parabenizar Archimimo Lima pela iniciativa, num gesto de humildade, de promover dita fusão. Exalta o gesto de Archimimo Lima que considera “exemplo extraordinário e edificante de que é um verdadeiro crente, desinteressado e sem os preconceitos da vaidade e de amor próprio de que são em verdade, imbuídos muitos adeptos espíritas”. Critica a presunção e a vaidade de muitos dirigentes de grupos espíritas que prejudicam o Espiritismo, colocando-se acima de seus irmãos em crença e, ainda, cada grupo querendo ser superior aos outros. Diz que a atitude de Archimimo Lima representa rasgo de desprendimento a ser imitado, pelos benefícios que trazem à causa espírita. Refere à posição negativa que adotara no passado, quando se julgava o único capaz de chefiar, o que o levou à queda desastrosa, da qual ainda não se erguera. Conclama Archimimo Lima e outros obreiros, que cita nominalmente, a

¹⁶ Paraense

fazerem a fusão dos corações; a “[...] como elementos principais, estarem ligados pela mais estreita afeição e solidariedade.”¹⁷ Desenvolve toda uma exortação a esses adeptos da Doutrina para uma verdadeira renúncia de si mesmos, em favor do bom entendimento; ao cultivo do vigiar e orar. Termina por recomendar a Archimimo Lima: “Não fraqueje e não caia como eu”.¹⁸

3.2 Ana Prado e os fenômenos de efeitos físicos

Eurípedes Prado, conceituado comerciante em Belém, que se tornara espírita convicto desde solteiro, através da leitura de várias obras doutrinárias, depois de casado e já com filhos na adolescência, decidiu realizar experiências, no lar, para obtenção de fenômenos espíritas, buscando a participação de sua esposa, Ana Prado, e de dois de seus filhos mais velhos. A esposa, convidada, sempre se escusava alegando incredulidade e outros pretextos. Eurípedes, persistente, insistia até que um dia a esposa concordou em sentar junto com o marido, em torno de pequena mesa sobre a qual ambos puseram as mãos. Poucos minutos depois foram surpreendidos por um estalido produzido na madeira da mesa, o que provocou grande susto na senhora. Esta se levantou nervosa. Somente após muito insistência do marido, voltou a participar da experiência. Repetiu-se o estalido e o medo, aos poucos, foi diminuindo. Não demorou e um dos pés da mesa levantou, provocando pavor, crise de nervos na senhora Prado. Superada a crise, no dia imediato prosseguiram as experiências com a presença dos

¹⁷ Trecho da carta de Solerno para Archimimo Lima, conforme anexo L

¹⁸ Id. *ibid*

filhos mais velhos, obtendo-se resultados mais amplos: a mesa levantou uma das pernas, oscilou e deu algumas pancadas. As reuniões prosseguiram pelos dias afora, com comunicações tiptológicas, formando o nome de uma pessoa.

As experiências foram revelando crescente progresso até que, no dia 24 de junho de 1918, violentos abalos agitaram a mesa e, com dificuldade, foi obtida uma comunicação esclarecendo alguns fatos que vinham ocorrendo. A essa entidade comunicante foi dado o nome de João, por motivo da data da ocorrência. Mais adiante se soube seu verdadeiro nome: Felismino de Carvalho Rebelo que fora parente de Ana Prado, mas continuou a ser chamado de João.

Gradativamente, foram ocorrendo outros fenômenos, como o de transporte freqüente de flores, inicialmente uma única, crescendo aos poucos o número. Houve um dia com mais de 20. Seguiram-se as materializações em escuridão total, registradas pelo tato; de obscuridade total “passou-se a uma luz muito tênue e de materializações de membros esparsos – um braço, mãos, etc. – ao aparecimento de vultos perfeitos e até ao reconhecimento dos mesmos por parte de parentes”¹⁹.

As sessões, realizadas na residência da família Prado, iam se sucedendo e começaram a ser freqüentadas por pessoas estranhas ao seu círculo familiar, atraídas por fenômenos que despertavam grandes curiosidade.

É Eurípedes Prado quem esclarece:

¹⁹ Faria, Raimundo Nogueira de. *Trabalho dos Mortos*. 6.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p.31-32.

“Os fenômenos observados em minha casa, no recesso de meu lar, cercado de minha esposa e filhos, foram franqueados, ao princípio, a um pequeno círculo de amigos.

Mais tarde esses amigos, naturalmente entusiasmados pela novidade, começaram a pleitear o ingresso de outros, às minhas experiências.

Relutei em ceder, porém os pedidos foram tantos que fui cedendo, até consentir a divulgação pela imprensa desta cidade.”²⁰

Dentre os freqüentadores, destacam-se o maestro Ettore Bósio e Nogueira de Faria. Este, em seu livro *Trabalho dos Mortos*, refere, falando dos assistentes às sessões²¹.

“O que há de mais elevado e culto na Capital do Pará foi atraído às sessões do Sr. Eurípedes Prado. De memória, porque apenas meia dúzia de atas foram lavradas, citaremos algumas dessas pessoas, convindo observar que não assistimos a todas as sessões.”.

Segue-se uma relação de 44 nomes constituída de ex-governadores, magistrados, médicos, advogados, engenheiros, professores, políticos, jornalistas, poetas, diplomata, dentista, farmacêuticos, promotor público, agrimensor, comerciantes, e outros, havendo predominância de médicos

Sob a direção do espírito João, foi produzida grande variedade de fenômenos, desde os já relatados como ainda: moldagens de mão humana, em parafina; confecção de flores em parafina; toques de mãos nos assistentes; troca de flores de um assistente para outro; retirada de um lenço, do bolso de um assistente, e sua devolução imediata com um trançado em forma

²⁰ Id.Ibid p.22

²¹ Id.Ibid p.30

de pêra; lenços dos assistentes transformados em estatuetas de difícil formato; troca de anéis de esposos que, retirados, foram depois enfiados nos seus dedos; retirada do sapato da esposa de um assistente e a este entregue; apertos de mãos dos assistentes por mãos perfeitamente materializadas; aparecimento de espíritos nitidamente materializados, fazendo gestos, ajoelhando-se, e outros.

Os fenômenos, na sucessão dos dias, iam aumentando gradualmente de intensidade e precisão.

No dia em que completou o segundo ano da ocorrência do fenômeno inicial, isto é, 24 de junho de 1920, materializaram-se, um de cada vez, os espíritos João, Anita e o “marinheiro”. Estas entidades já haviam se materializado, anteriormente, por mais de uma vez, notadamente os dois primeiros. Estavam presentes cerca de 80 assistentes. Houve, também, nesse dia, materialização de outros espíritos.

No decorrer das sessões, de uma feita Anita entoou um cântico religioso. Em outras oportunidades, houve troca de frases dos assistentes com João e verdadeiro diálogo entre este e pessoa da família Prado.

De algumas reuniões, lavraram-se atas que receberam as assinaturas dos presentes. Diversos foram os registros, pela imprensa, de experiências realizadas.

Inúmeras fotografias foram realizadas pelo maestro Ettore Bósio, que também era fotógrafo amador. As primeiras, obtidas em abril de 1920. Em maio seguinte, obteve-se o que foi chamada a “prova final”, tudo na mais completa escuridão, à luz de magnésio, sob rigoroso controle de pessoas do mais alto conceito social. Três fotos foram batidas, fato amplamente noticiado pelos dois grandes diários matutinos de Belém: *Folha*

do Norte e Estado do Pará, que publicaram, ao lado da notícia, os clichês. Em um deles, depois de revelada a foto, o que ocorreu logo após a explosão do magnésio, apareceu o vulto de um homem cujas feições, Eurípedes Prado reconhece como as de seu pai, há anos falecido.

O fato teve grande repercussão na sociedade paraense e provocou imediata reação do clero, na pessoa do padre Florence Dubois, belga de origem, que, grande e culto polemista, passou a mover duro combate aos fenômenos noticiados, procurando desacreditá-los. Taxou os experimentadores de fraudulentos e os assistentes das sessões de papalvos.

Analisando a fotografia estampada na imprensa, interpreta ao seu modo o que ali está registrado, dizendo achar-se diante de “[...] uma patente dissimulação ou habilidade cênica [...]”²². Desenvolve uma série de argumentos visando caracterizar uma fraude. Põe em xeque a idoneidade do conceituado maestro Bósio . Ofende duramente o casal Prado. Eurípedes foi chamado de trapaceiro, trampolineiro, embusteiro, falsário, velhaco e sua esposa, uma “virtuose” em todos os atos que ele chama indignos.

O primeiro ataque teve a resposta do jornalista João Alfredo de Mendonça, secretário da *Folha do Norte*, pessoa não espírita, um dos assistentes das sessões, e que teve papel saliente, ao lado de outros ilustres participantes, nas medidas rigorosas de controle dos fenômenos. O jornalista Mendonça chegou a lançar um repto ao padre Dubois que, aceitando, estabeleceu, no entanto, certas condições para assistir às reuniões,

²² Id.Ibid p.100

condições essas com as quais não concordou Eurípedes por se sentir profundamente atingido em sua honra e na de sua esposa, não permitindo, inclusive, a presença do sacerdote em sua residência, onde se realizavam as sessões.

Após toda uma série de avaliações das ocorrências e de novos ataques desfechados por Dubois, aquiesceu Eurípedes que reuniões fossem realizadas na residência do citado jornalista. Várias sessões ali ocorreram, sempre com a produção de materializações e de outros fenômenos de efeitos físicos. Também na residência do médico José Teixeira da Mata Bacelar, ocorreu uma sessão na qual houve fenômeno de escrita direta, materialização de João, seguida da de Anita que, ao som da música executada ao piano pelo maestro Bósio, cantava e dançava. Anita era uma jovem que aparentava a idade entre 14 e 16 anos.

O livro *Trabalho dos Mortos*, também chamado “O Livro do João”, exibe 14 fotografias, tiradas algumas, na escuridão, à luz de magnésio, e outras, em plena luz do dia, sobre trabalhos variados; uma de um fac-símile de manifestação por escrita direta, e 18 de fenômenos diversos.

Diz o citado livro, em sua quarta parte²³:

“Quiz Deus, em sua sabedoria, que à crítica mordaz, implacável e ferina destes; à dúvida justa e bem intencionada daqueles; à indagação louvável e estudiosa de outros, se opuzesse a palavra insuspeita e o testemunho comovido de criaturas que tiveram a dita inefável e rara de rever seres adorados, graças ao fenômeno de materialização.”

²³ Id. Ibid. p. 249

Tais são os casos de materialização da filha do advogado Melo César – Hilda, de Sita, filha do conhecido guarda-livros José J. Teixeira Marques, e de Rachel, filha do empresário Frederico Figner que veio do Rio de Janeiro, acompanhado de sua esposa e mais duas filhas, especialmente para assistir às sessões de Ana Prado.

Ettore Bósio descreve a sessão em que ocorreram as materializações de Hilda e Sita; enumera os nomes das várias pessoas presentes à reunião realizada em sua casa; a identificação pelos familiares dos espíritos materializados; as palavras afetuosas que dirigem aos seus pais e a emoção experimentada por estes. Refere que outros espíritos se materializaram, entre eles Maria Alva, que em outras reuniões já se identificara como sua filha em encarnação anterior, e João, entidade familiar de todos.

Dos pais das duas primeiras entidades materializadas, Bósio recebeu, dias depois, em resposta à correspondência que lhes endereçara, carta em que afirmavam ter participado da reunião que se realizara no dia 22 de março de 1921; informavam de todas as circunstâncias da reunião, a seriedade, os cuidados, os controles e a veracidade das materializações de seus entes queridos, que verdadeiramente identificaram, sem qualquer dúvida, bem como da materialização de outros espíritos.

Em relação às materializações de Rachel, também ocorridas na residência de Ettore Bósio, no decorrer das sessões realizadas nos dias 1, 2, 4 e 6 de maio de 1921, há um relato pormenorizado e emocionante de Esther Figner, esposa de Frederico Figner, constante de *Trabalho dos Mortos*.

Sobre o assunto, Frederico Figner concedeu longa entrevista ao jornal *Estado do Pará* (Anexo J).

3.3 A sede própria da União Espírita Paraense

Como sucede comumente com qualquer instituição humana, a vida da União tem sido pontilhada de altos e baixos, enfrentando dificuldades várias, conseqüência da imperfeição dos homens, o que Solerno Moreira realçou, com propriedade, na sua correspondência a Archimimo Lima (Anexo L).

Da data de sua fundação até o ano de 1923, ela funcionou em diferentes locais.

Fundada em reunião realizada na sede da Associação dos Empregados do Comércio, à Travessa São Mateus nº 153, suas atividades passaram a ser desenvolvidas na Rua Siqueira Mendes nº 18, onde permaneceu até o mês de dezembro de 1907.

Já em janeiro de 1908, a União Espírita Paraense se encontrava funcionando na Rua 13 de Maio nº 7, mas, no ano de 1910, vamos encontrá-la instalada em dependências da Sociedade Socorros Ilimitados, na Rua Aristides Lobo nº 27, onde permaneceu até o dia 19 de maio de 1923.

É oportuno relatar que, no dia 22 de abril de 1923, ocorreu à Rua Aristides Lobo nº 27, onde a União funcionou por 13 anos, uma emocionante cerimônia, que foi denominada a “festa de despedida”. Falaram, na ocasião, vários oradores.

Os trabalhos foram presididos por Sylvio Nascimento que, no encerramento, recitou o soneto abaixo, de sua autoria.

Adeus, casa amiga

*A Frederico Figner, Apollinario Moreira,
Nogueira de Faria, Solerno Moreira e A.
Pinheiro Filho.*

Foi neste teto amigo e protetor,
no ambiente suave desta sala,
que se criou o plano encantador
de termos nosso prédiodisso fala

a gloriosa falange do Senhor,
dos espíritos do céu, que a transportá-la, teve o
carro do triunfo promissor,
envolto numa luz da cor de opala.

Adeus, o casa amiga! Em ti revemos
os lances das batalhas que vencemos,
e as conquistas dos nossos ideais.

Conosco segue, viva, a tua imagem;
guarda contigo a límpida miragem
dos nossos sonhos e dos nossos ais !

No entanto, desde os primeiros tempos de sua existência, os espíritas paraenses acalentavam um sonho, sonho esse que a todos parecia quase irrealizável: a aquisição de uma sede própria.

A vinda a Belém de Frederico Figner, nos últimos dias de abril de 1921 cuja estada se estendeu pelo mês seguinte, foi providencial. Com sua convivência nos meios espíritas, durante o tempo que aqui permaneceu, teve a oportunidade de sentir a imperiosa necessidade de se dotar a União Espírita Paraense de sede própria para desenvolver suas atividades.

Manifestou, então, o interesse em colaborar para que se concretizasse esse anseio da família espírita do Pará.

Em ata da reunião da diretoria da instituição, realizada em 30 de junho do mesmo ano, seu secretário informou que “oficiara a Srta. Figner e aos artistas Asdoutorúbal e Reis e Silva agradecendo o valioso e desinteressado concurso que prestaram ao festival em benefício da União”.

Na reunião da Diretoria de 30 de agosto de 1921, era a vez do presidente Carlos Barros de Souza informar aos demais companheiros que recebera de Frederico Figner a importância de 1.000\$000 (um conto de reis) “para a compra do prédio da União, em saque sobre o Banco Brasil, importância que foi depositada a 4% expirante no Banco Ultramarino”.

A *Revista Espírita*, que era editada, em Belém, por Sylvio Nascimento e Nogueira de Faria, publicou no seu número 10, em 21 de maio de 1922, uma conclamação em favor da aquisição de um prédio para o funcionamento da União Espírita Paraense (Anexo L).

Figner mal chegou a Belém, no dia 12 de maio, acompanhado de sua família, recomeçou sua faina bendita, empenhando-se logo para que os espíritas do Pará não o deixassem regressar ao Rio sem ter-se consumado a aquisição do prédio para a União.

Nesse clima de entusiasmo, reuniu a diretoria da União poucos dias depois – 29 de maio – e deliberou lançar listas – alcançaram um total de 146 – e encaminhá-las anexas a cartas a diferentes pessoas, a fim de angariar recursos destinados a compra do prédio a Avenida da Liberdade nº 104 – nome mudado para Oswaldo Cruz sob o nº 319 e, hoje, 45 – onde seria a futura sede da Sociedade (Anexo M).

A carta que encaminhou as listas para captação de recursos fala da necessidade de se obter os meios necessários à

concretização da compra de um prédio já escolhido para a instalação da União. Mostra a vantagem dessa aquisição, por permitir atender seus encargos e ainda porque o imóvel pretendido tem boa localização. Sente-se a Diretoria encorajada, pela palavra convincente de Figner, por confiar na proteção divina e no devotamento dos espíritas, a efetivar a compra.

Esclarece referida carta que o prédio será o centro donde se irradiará a divulgação da Doutrina por todo o Estado; que para a transação se consumir, a União teve de contrair avultado empréstimo e que para satisfazer esse compromisso, a Diretoria apela para a boa fé dos destinatários das listas e seu empenho em obter donativos, por mínimos que sejam.

Uma das listas foi entregue a Frederico Figner, rico comerciante carioca, proprietário da famosa “Casa Edson” e destemido espírita militante, que comandou verdadeira ofensiva para angariar recursos financeiros. Além de ficar com uma lista que trabalhou ao lado de João Batista Fernandes, ficando conhecida com o nome de Lista Figner-Fernandes, espalhou listas entre os sócios Pedro Batista, Antonio Ramos Pinheiro Filho e Rafael Gomes. Dado ao trabalho intensivo desenvolvido por essa dupla de obreiros, sua lista recebeu 45 assinaturas com a indicação do valor com que cada um se comprometia. Os diferentes valores ali estipulados somaram 23.010\$000 (vinte e três contos e dez mil reis). O próprio Figner abriu a lista assinando 5.000\$000 (cinco contos de reis).

As importâncias assumidas pelos contribuintes poderiam ser pagas, mensalmente, em dez vezes. Houve os que concluíram os pagamentos antes do prazo, poucos, quase imediatamente, alguns, no fim do prazo, e outros, bem depois. O primeiro pagamento devia ser feito em junho de 1922 e o último em março de 1923. Houve casos de alguns pagamentos terem ocorrido somente em outubro. Isto permite compreender, como

mais adiante está exposto, o porquê da realização de operações bancárias – empréstimo – para se obter a antecipação de recursos que se faziam urgentes, para garantir a compra de um prédio de todo interesse para os espíritas, e cujo pagamento tinha que ser a vista, condição imposta pelo vendedor após fazer um abatimento do preço inicial de 35 para 30 contos de réis.

A *Revista Espírita*, que informou desde o início a marcha das iniciativas visando a aquisição do prédio da União, e que lhe deu valiosíssimo apoio, noticiando com detalhes os acontecimentos a ele relacionados, publicou, mês a mês, nominalmente, a relação das contribuições que iam sendo recolhidas, permitindo aos colaboradores e aos leitores em geral acompanhar a movimentação financeira e o esforço daqueles que estavam à frente da luta. Essa espécie de prestação de contas ajudava a alimentar o interesse e o entusiasmo de todos, traduzindo-se no empenho e até no sacrifício para não faltarem com sua parte.

A ata da reunião da Diretoria, realizada em 22 de junho de 1922, sob a presidência do doutor Raymundo Nogueira de Faria, secretariada pelo professor Domingos Sylvio Nascimento e com a participação do tesoureiro Doutor Antonio Pinheiro Filho, esclarece melhor os passos dados para a efetivação da compra (Anexo N).

Consta da ata, também, que a Diretoria decidiu tornar Frederico Figner sócio remido, pelos inestimáveis serviços prestados à União e por entender que coube a ele o mérito de conquista de tal vitória, não só por haver subscrito vultosa soma, como pelo trabalho com as listas individuais.

De conformidade com autorização dada, foi levantado por Antonio Pinheiro Filho um empréstimo de 16 contos de réis, com emissão de três promissórias: a primeira no valor de

10 contos de réis, com vencimento para 30 de julho; a segunda de 2 contos de réis, vencendo em 30 de agosto, e a terceira, de 4 contos de réis, vencível em 30 de setembro.

Consumada a compra do prédio, era preciso adaptá-lo às necessidades da Sociedade. Como não houvesse um engenheiro civil para dirigir as obras de reforma, gratuitamente, a tarefa foi confiada a Antonio Pinheiro Filho, engenheiro mecânico.

No início, era pensamento da Diretoria fazer apenas ligeiros reparos e melhoramentos indispensáveis à nova instalação o que, ainda assim, exigia uma soma de 8 a 10 contos de réis. Seria, contudo, obra incompleta e falha.

Por isso, após analisar o parecer de Antonio Pinheiro Filho que mostrou as inconveniências de uma reforma ligeira, resolveu atacar a obra por completo, fazendo verdadeira reconstrução sob todos os pontos de vista aconselhável. Além das salas para a secretaria, biblioteca, dispensário, gabinete mediúnico, e outros compartimentos necessários, a União ficaria com um salão de 20m x 16m.

É feito então um apelo à família espírita paraense, dizendo tratar-se de uma obra comum e mais:

“[...] é do esforço de todos, do rico e do pobre que o edifício da União surgirá em todo o seu modesto esplendor, numa das praças mais importantes, magnificamente instalado e portanto elemento preciosíssimo da propaganda.

Todos, pois, a postos! Cada um dê aquilo que possa, mas que todos dêem, a maneira do que se passa nas outras crenças. Provemos por atos que a nossa gratidão ao espiritismo também sabe nos aconselhar sacrifícios.

Avante, pois!”

Através da *Revista Espírita*, de fevereiro de 1923, a Diretoria da União endereçou encarecido apelo aos subscritores da lista Figner-Fernandes cujo compromisso assumido findaria no mês seguinte – março – no sentido de continuarem a prestar o seu auxílio, agora, em favor das obras de adaptação do prédio. O apelo foi ouvido e muitos dos contribuintes daquela lista decidiram continuar dando sua contribuição até o término das obras.

No seu relatório de fim de gestão, apresentado no mesmo mês de março, o presidente da União, quando se refere ao prédio da Sociedade, diz que para fazer face ao alto valor das obras com sua adaptação

“Valeu-nos ainda uma vez o crédito particular do tesoureiro da União, – e então mais nitidamente se patenteou aos nossos olhos aquele papel a que já aludimos e que o nosso confrade fora chamado a desempenhar em tal emergência da vida da União.

Figner começara a obra; fez reviver vitoriosamente a idéia da aquisição do prédio; Pinheiro seria o seu continuador, que o céu nos concedera, e que os espíritos haviam encaminhado de sorte a ultimar tão justa aspiração nossa.

Em torno deles, vós todos, que nos trouxestes o vosso óbolo, ricos uns, pobres outros, valiosos sempre!

Resumamos: sob a responsabilidade exclusiva do confrade doutor Pinheiro Filho deu-se início aos trabalhos de remodelação do prédio, em fins de novembro, contratados por aquela importante soma – 30.000\$000 – soma dos novos compromissos pois, então já tinha sido resgatado o empréstimo de dezesseis contos.

Desses 30.000\$000, já foram pagos até esta data quantia superior a 12.000\$000. Menos de dois terços nos restam. Avante, confrades!”

Em conseqüência do apelo, atendido não apenas pelos integrantes da lista Figner-Fernandes, mas pelos portadores das outras listas, já no próprio mês de março, ao lado dos recolhimentos de parcelas referentes à primeira etapa da campanha de arrecadação, começaram a ser recolhidas as primeiras contribuições relativas à nova fase, correspondentes ao que se passou a designar por “segunda chamada”. O destaque, pela importância maior, era para a lista Figner-Fernandes, mas, de várias das outras listas, iam chegando os valores tão necessários como parte desse esforço. Começaram a surgir, ainda, contribuições de sócios, no valor de 200 mil réis, que os tornavam remidos.

Os balancetes que a Diretoria fazia publicar mensalmente, na *Revista Espírita*, mostravam o empenho continuado dos sócios e de outros amigos da União, no sentido de conseguir o numerário para custear as obras. Antecipações de parcelas do novo compromisso, doações diversas, algumas bem expressivas e, dentre elas, a realizada, em abril, pela Federação Espírita Brasileira por intermédio de Frederico Figner, e a do consócio Romualdo, em agosto, no valor de 1 conto, 812 mil e 500 réis, para o termino das obras do prédio, estavam registradas naqueles demonstrativos financeiros, numa verdadeira prestação de contas pública. Essas prestações como que alimentavam a chama do entusiasmo reinante, todos empenhados numa luta árdua e corajosa: a obtenção dos meios capazes de fazer face a custo tão elevado para por o prédio em condições satisfatórias ao atendimento de suas finalidades.

É de se ressaltar que com a inauguração do prédio, em 20 de maio, continuaram os colaboradores recolhendo suas contribuições até saldarem os compromissos assumidos.

Foi bem a conjugação de esforços em favor da União. Não se pode esquecer as grandes dificuldades.

A *Revista Espírita*, em sua edição de junho de 1923, referiu-se à inauguração da sede social da União, de forma especial.²⁴ Informa que “[...] as 7h30m da noite de 20 de maio, difícil já era o acesso a dependência principal do amplo e elegante prédio.” Grande número de pessoas, estimado em mais de 1.500, fez-se presente, sem contar os que voltaram da porta por falta de acomodações. Abertos os trabalhos pelo presidente, Frederico Figner, representando a Federação Espírita Brasileira, convidado a dirigir a cerimônia, teve palavras de congratulações aos espíritas paraenses.

Usaram também da palavra a doutora Orminda Bastos, os senhores Benedito Cordeiro, Mendes Campos, Felix Pantoja e a menina Elody Demóstenes. O ato foi encerrado por Apollinário Moreira que rememorou Abel Araújo e Ana Prado.

A festa foi igualmente comemorativa do 17º aniversário de fundação da União Espírita Paraense.

À solenidade compareceram, pessoalmente, ou se fizeram representar as mais altas autoridades civis e militares do Estado, representantes de associações e de famílias, como relata o referido número da *Revista Espírita*. (Anexo O).

²⁴ Registro da inauguração da sede da União Espírita Paraense



Fotografia 1 – Fachada do prédio da União no dia de sua inauguração na Rua Oswaldo Cruz nº 45



Fotografia 2 – Fachada do prédio da União nos dias atuais

3.4 A passagem de Yvon Costa por Belém

Nos últimos dias de novembro de 1925, a UEP recebeu uma carta de Yvon Costa na qual dizia vir fazendo, em vários Estados, conferências espíritas e, achando-se em Fortaleza, pedia permissão para, nos primeiros dias de dezembro, realizá-las, em Belém, na sede da União. A solicitação foi aceita.

A primeira conferência²⁵ ocorreu no dia 6 de dezembro, revelando-se Yvon Costa um orador fluente. As conferências seguintes atraíram uma assistência cada vez mais numerosa fazendo regurgitar o auditório da União. Suas exposições, no entanto, não agradavam a todos, dividindo as opiniões, em virtude do estilo combativo do expositor. Criou-se um ambiente tenso, provocando evidente insatisfação em grande número de assistentes.

Em consequência, o presidente da Diretoria deliberou suspendê-las, mas depois recuou receoso de algum incidente mais sério, considerando o fascínio que Yvon Costa exercia sobre grande parcela do auditório.

Para contornar as dificuldades, o presidente Carlos Barros de Souza procurou estabelecer um entendimento com o orador visando abrandar suas colocações, mas já se criara uma situação desconfortável e o expositor, constrangido, limitou-se a falar poucos minutos, na conferência seguinte, dando a entender que se sentia coagido, o que fez aumentar o mal-estar reinante.

²⁵ Lima, Archimimo Pereira. O lutador da nova fé. *Alma e Coração*. Belém, v.21, n.1., maio, 1939.

Espiritismo no Pará. Belém, 24 de novembro de 1913.

Depois disso, as conferências continuaram, mas era indisfarçável o clima pouco amistoso, agravado pela postura de algumas pessoas que adulteravam os fatos, levando-os distorcidos a Yvon Costa. Assim é que lhe foram comunicadas que a União deixara de realizar a reunião de 25 de dezembro para impedir que ele usasse a palavra e que também, muito de propósito, tinha sido omitido o seu nome dentre os que falariam na reunião comemorativa do dia 1º de janeiro. Desfeita a intriga, Yvon Costa, que antes se dispusera a fazer uma palestra pública, no mesmo dia e horário, na Praça Justo Chermont, embora tenha feito uma prece junto à estatua da República, esteve na reunião da União, onde falou e pediu que se anunciasse para o dia imediato uma conferência sob o título *O que é o Espiritismo*.

Referida conferência provocou graves tumultos motivados por sérias acusações nominais a espíritas paraenses veteranos e depreciativas à qualidade das atividades do MOVESP do Pará. O presidente da UEP repeliu as colocações do palestrante com o que a assistência manifestou-se de maneira hostil ao primeiro, culminando com a atitude deste de declarar que:

“[...] daquele momento em diante as relações da União Espírita Paraense com o sr. Yvon Costa estavam cortadas e que, em protesto à atitude insólita da assistência, estavam provisoriamente suspensas as sessões doutrinárias da União. Como diversas pessoas declarassem que não poderia permanecer fechada a União Espírita e que a sede seria aberta no dia imediato custasse o que custasse, ele presidente, em companhia do primeiro secretário expusera os fatos ocorridos ao Doutor Chefe de Polícia que deu as necessárias providências para não ser violada a sede social. A Diretoria em sua reunião do dia 6 de janeiro unanimemente aprovou o procedimento do presidente resolvendo que cessassem as conferências do Sr. Yvon Costa e que até ulterior deliberação ficassem suspensas as sessões doutrinárias”.

Em face dessas ocorrências e porque se propalasse que diversos sócios iam pedir convocação de uma Assembléia Geral para apreciar os fatos ocorridos no dia 2, a Diretoria também decidiu convocar um Conselho Fraterno para o dia 10 imediato e, depois do que nele fosse resolvido, dar conhecimento ao público dos fatos ocorridos e das resoluções tomadas. Referido Conselho efetivamente reuniu, no dia marcado, decidindo por 42 votos contra seis, impedir novas palestras de Yvon Costa, na sede da entidade. À época, faziam parte desse Conselho Fraterno, dentre outros, Antonio Lucullo de Souza e Silva, Raimundo Ponte e Souza, Ludovico Andrade e esposa, Apollinário Pinheiro Moreira, João Chagas e esposa, Álvaro Moreira, Rafael Moreno e Raymundo Nogueira de Faria.

Em entrevista dada ao jornal, desta cidade, *A Província do Pará*, Yvon Costa declarou que o dirigente da UEP, Carlos Barros de Souza, tivera palavras de ironia para com a Maçonaria, naquela reunião, o que levou a discussão para o domínio público com a publicação de “cartas-abertas”, pela imprensa.

Por causa desses episódios, foi fundado, no dia 11 de fevereiro, o “Centro Espírita ‘Yvon Costa’”, tendo Yvon Costa realizado uma palestra na Praça da República.

No dia 21 de fevereiro, foi feita uma Assembléia Geral da União com a finalidade de apreciar a prestação de contas da Diretoria cujo mandato encerrara e eleger a que iria substituí-la. Foi reunião concorridíssima em que votaram 175 sócios, divididos em duas correntes, com cada uma apresentando sua chapa: “Congraçamento” e “Confraternização”.

Saiu vencedora a “Congraçamento” com grande votação. Seus candidatos receberam de 72,5% a 99,4% dos votos

e era composta por Francisco Solerno Moreira – presidente, Antonio Lucullo de Souza e Silva – vice-presidente, J. Drumond Nogueira – primeiro secretário, Arthúnio Vieira – segundo secretário, João da Rocha Fernandes – tesoureiro e os suplentes Domingos Sylvio Nascimento, Manoel V. Ribeiro Machado, Alderico Lima de Castilho e Eurico Saraiva Machado.

Três dias depois, mais precisamente no dia 24, a nova diretoria da UEP, em sua primeira reunião, foi levada a apreciar ofício de Yvon Costa, datado do mesmo 21 de fevereiro (Anexo P).

Na citada correspondência, Yvon Costa, após fazer algumas considerações, solicita à nova diretoria permissão para realizar, no auditório da União, a segunda série de conferências que se propusera proferir em Belém.

Apreciando o ofício em tela, depois de analisar todos os acontecimentos desde o seu início, a Diretoria resolveu proibir como seu primeiro ato a entrada de Yvon Costa, no edifício social da UEP. Dessa resolução a Diretoria deu ciência ao postulante.

Ainda na mesma reunião, a diretoria da UEP, ante a consideração de que 17 sócios cujos nomes constam da ata, que, com suas atitudes ao lado de Yvon Costa durante as ocorrências citadas acima, “se constituíram causa de perturbação nas sessões, de desprestígio para a Sociedade e de descrédito para a nossa doutrina de paz e amor”, resolveu que seu presidente, de acordo com o artigo 12 do estatuto, lhes fizesse a admoestação ali prevista: “ficando passíveis da pena de eliminação na reincidência manifestada por qualquer forma”, destacando ainda a intenção de virem a requerer a convocação de uma Assembléia Geral com o propósito, “embora mascarada

para outros fins”, de anular a decisão que vedou a entrada do referido orador no prédio da União²⁶.

Uma terceira resolução, na citada reunião, foi tomada, qual seja, a de extrair cópias das duas resoluções anteriores e remetê-las ao Chefe de Polícia, pedindo o apoio para garantir o “[...] cumprimento da deliberação de Diretoria, cujo ato é, além de sua atribuição, a expressão da vontade da maioria dos sócios que a elegeu [...]”, que desejam o retorno da paz e harmonia ao seio da União, desfeitas, pela primeira vez, ao longo da existência da Sociedade, por Yvon Costa.

Da Diretoria que tomou tais decisões o presidente, o vice-presidente e o primeiro-secretário eram sócios fundadores da União. O segundo-secretário foi o fundador, em Belém, do “Centro Espírita Paraense”, em 1902.

Uma das conseqüências da Assembléia Geral de 21 de fevereiro e das resoluções tomadas pela diretoria recém-eleita, foi a iniciativa de Yvon Costa de promover a fundação de uma instituição, ao que tudo indica, em oposição à União.

Assim, foi convocada uma reunião pelo “Centro Espírita ‘Yvon Costa’”, que se realizou no dia 3 de março, no Largo do Redondo n° 5, com o comparecimento de 222 pessoas, com a participação de representantes de centros e grupos espíritas. Nesse encontro, ficou deliberado que a nova entidade denominar-se-ia “Associação Espírita Caminheiros do Bem”, segundo sugestão mediúnica recebida por Archimimo Lima. Logo aclamou-se uma diretoria provisória formada, praticamente, pelos candidatos que concorreram pela chapa “Confraternização”, que disputara, dias antes, as eleições na Assembléia Geral da União, tendo como orador Yvon Costa.

²⁶ Ata da reunião de Diretoria de 24 de fevereiro de 1926.

Espiritismo no Pará. 100 anos de União Espírita Paraense

Membros	Função
Archimimo Lima	Presidente
Hyppólito Carelli	Vice-presidente
Raul Pinto Gomes	Primeiro secretário
Ribeiro Nery	Segundo secretário
Alcides Palma	Tesoureiro
José Cruz Chagas	Suplente
Victor Cerdeira	Suplente

Quadro 11 – Composição da diretoria provisória da Associação Espírita Caminheiros do Bem

Na oportunidade, 17 grupos espíritas de Belém apresentaram seu apoio à fundação da entidade. Falaram diversos oradores, manifestando o intuito de confraternização.

Não obstante, segundo a ata de fundação da “Associação Espírita Caminheiros do Bem”, as razões que levaram à criação de uma nova instituição, pelo grupo liderado por Yvon Costa, com nome diferente do dele, foram evitar que referida fundação e as decisões tomadas pela Associação em apreço não viessem a ser consideradas como atos de confronto à UEP.

Como decorrência dos acontecimentos acima relatados, foi realizada uma reforma do estatuto da UEP, aprovada em Assembléia Geral de 24 de abril de 1927, que trazia, em alguns de seus artigos, dispositivos que limitavam direitos dos associados de confraternização com determinados grupos e associações fundados nesta capital, permitindo apenas “relações de cortesia”.

A aprovação dessa nova reforma estatutária levou Archimimo Lima, que era o presidente da “Associação Espírita Caminheiros do Bem”, a pedir seu desligamento do Quadro de sócios da União, em 26 de setembro de 1927. É de se lembrar que Archimimo desempenhara importante papel no MOVESP paraense, quando da fusão do “Centro Espírita ‘Eduardo Siqueira’” com a União Espírita Paraense, 14 anos atrás.

Na carta em que pedia seu desligamento de sócio da UEP, Archimimo Lima informa que estaria dando conhecimento de sua atitude a 31 grupos filiados aos “Caminheiros do Bem”.

Por outro lado, em reunião de Assembléia Geral de 13 de maio de 1928, foram aprovadas várias reformas no estatuto da “Associação Espírita Caminheiros do Bem”, entre elas a substituição do nome de Associação pelo de Confederação, que passou a convocar os centros e grupos para a ela se filiarem.

Visando atenuar o rigor das medidas aprovadas na reunião de Assembléia Geral de 24 de abril de 1927, o Conselho Fraternal²⁷ da UEP, em sua reunião de 10 de fevereiro de 1929, aprovou recomendação para se eliminar a redação final do artigo 3º do estatuto que diz:

“a União não apoiará aqueles que constituírem núcleos de filiação ou adesão, independentes da mesma União, mantendo com eles apenas relação de cortesia”.

Como quer que seja, houve toda uma série de acontecimentos que provocaram uma profunda dissensão no seio da família espírita paraense, com graves prejuízos para o movimento espírita. Suas conseqüências, não obstante a desencarnação gradativa das pessoas envolvidas nos lamentáveis episódios, perduraram por muito tempo haja vista as sérias crises enfrentadas pelas três instituições, senão imediatamente, mas posteriormente, quando a existência mesma de algumas delas esteve ameaçada.

²⁷ União Espírita Paraense. Conselho Fraternal. *Ata da reunião do de 10 de fevereiro de 1929*. Belém, 1929.

4 O Movimento Espírita, de 1931 até 1959

4.1 As relações da União com a FEB

Quando de sua fundação, constava das bases do estatuto da União Espírita Paraense que esta se filiaria à FEB, o que de fato aconteceu no mais breve tempo. A revista *Reformador* daquela Federação logo noticiou o acontecimento. Pouco depois, voltou duas vezes ao assunto, dando maiores detalhes.

A freqüente troca de correspondências alimentava boas relações entre as duas instituições, e uma das razões era a compra de obras doutrinárias que a UEP realizava junto à FEB.

A vinda a Belém de Frederico Figner, em abril de 1921, posteriormente, em maio de 1922, e em maio de 1923, em função dos fenômenos de materialização obtidos com o concurso da médium Ana Prado e, também, dos acontecimentos que culminaram com a compra do prédio da União e sua inauguração, muito contribuíram para estreitar os laços que ligavam a UEP à FEB, considerando as funções e posição influente que aquele obreiro desempenhava na Casa Federativa Nacional. Basta lembrar que, graças à interferência de Figner, a FEB doou 1\$000 (um conto de réis) para as obras de adaptação do prédio da União.

Por ocasião dos acontecimentos envolvendo Yvon Costa, em 1926, a União obteve, com o concurso da FEB, informações sobre a pessoa daquele orador.

Em 1933, convidada para participar da reunião do Conselho Federativo da FEB, a União Espírita Paraense, impossibilitada de comparecer, através de seus membros, ao evento que se realizaria no dia 3 de outubro, fez-se representar por Frederico Figner e Manoel Quintão.

Em 1939, no entanto, um acontecimento veio toldar essas boas relações. Era presidente da União, Eusébio de Matos Cardoso e, presidente da FEB, Guillon Ribeiro.

A União, em 12 de dezembro de 1938, aprovou uma reforma de seu estatuto, cujo teor fez publicar em seu jornal *A Revelação*, do dia 15 do mesmo mês, havendo sido remetido um de seus exemplares à FEB.

Pela carta de 18 de janeiro de 1939, Eusébio Cardoso deu conhecimento à Federação, formalmente, da dita reforma, explicando que esta resultou de pedido formulado pela unanimidade dos membros do Conselho Fraternal, à Assembléia Geral que, também, por unanimidade, a aprovava.

A diretoria da FEB, procedendo ao exame do estatuto recém-reformado da União e comparando com as formas antigas, manifestou o entendimento de que a citada reforma (Anexo Q)

“teve por escopo único eliminar dele tudo quanto nos anteriores claramente exprimia e abertamente proclamava a perfeita harmonia de vistas, a completa solidariedade e a identidade de diretriz que a União Espírita Paraense mantinha com a Federação Espírita Brasileira”.

Dessa interpretação dada ao sentido da reforma do estatuto da União, a FEB deu-lhe ciência através de carta, de 27 de fevereiro, aqui recebida em abril. Segundo essa

interpretação, “[...] a União teve de reconhecer um desdouro para si que a sua lei orgânica a apresentasse qual prolongamento da Federação, [...]”; que a União se sentiu diminuída perante a FEB; que considerava vexatório dizer o estatuto que ela “[...] não se responsabilizava pelo ensino, orientação e prática do espiritismo nos grupos, centros ou sociedades espíritas que não lhe fossem adesos ou a FEB [...]”.

Entendeu a FEB que a postura adotada pela União, no estatuto, obedecia ao propósito de expressar o rompimento que se pretendeu fosse eloqüente e decisivo, haja vista a decisão de uma assembléia de sócios, tomada por unanimidade. Apenas não foi colocado, de maneira clara “[...] a sua última, legítima e lógica consequência: a da renúncia da União a sua qualidade de adesa, preferindo que ela apenas se contivesse implícita no próprio ato da reforma”.

Ante a interpretação da FEB, sua diretoria, em sessão de 25 de fevereiro de 1939, considerou “a União Espírita Paraense como renunciante a sua qualidade de adesa, [...] a fim de que ela não permanecesse constrangidamente, [...] no Quadro das Associações Federadas”, pedindo Guillon Ribeiro, em nome da diretoria da Federação, que a União lhe devolvesse, na primeira oportunidade, o Certificado de Adesão.

Eusébio Cardoso ficou chocado com o teor da correspondência.

Profundamente preocupado não deu conhecimento do assunto aos seus pares nem ao Conselho Fraterno, procurando ganhar tempo para evitar desdobramentos desagradáveis, e tratou de remeter à FEB, com toda presteza, com data 17 de abril de 1939, uma carta solicitando que ela reconsiderasse sua decisão (Anexo R).

Nessa correspondência a Guillon Ribeiro, Eusébio Cardoso diz: “espanto, surpresa, incredulidade” foram “[...] as primeiras impressões que a vossa carta nos despertou à medida que nossos olhos atônitos percorriam os períodos que a constituem”, acrescentando que se sentiu possuído de “[...] justa estupefação, seguindo-se irresistível, profunda, imensa, sincera tristeza [...]”.

Eusébio Cardoso fala do rigor do julgamento e dos sentimentos inferiores atribuídos aos dirigentes da União. Afirma que jamais houve a intenção que a FEB lhe atribuiu. Indaga: por que romper com a FEB, por que hostilizá-la? Por que, sem motivo, criar uma desarmonia entre os espíritas. Diz que “Seria antievangélica, inexplicável, insensata, semelhante conduta, criminosa até.” Sem comentar os dizeres da carta, Eusébio diz “[...] nos limitamos a vos assegurar não só os nossos melhores sentimentos de fraternidade, respeito, carinho, veneração pela Federação Espírita Brasileira [...]”. Pede que Guillon Ribeiro transmita à Diretoria a lealíssima afirmação da União, com o pedido de reconsideração do ato de cancelamento da sua adesão, esclarecendo que a reforma do estatuto não teve qualquer intuito de modificar o quadro de relações vigentes há tantos anos e, portanto, não traduzindo qualquer desatenção à Federativa Nacional.

No entanto, como *Reformador* de abril de 1939 divulgasse a notícia do cancelamento da adesão da União à Federação, Eusébio Cardoso não teve alternativa a não ser a de convocar logo depois a Diretoria e o Conselho Fraternal da União para historiar os acontecimentos.

O Conselho Fraternal reuniu, no dia 8 de junho, para ouvir a exposição de Eusébio que leu a correspondência da FEB, a que lhe enviara em resposta e, também, o noticiado pelo

Reformador. Ficou ainda acertado que o assunto deveria ser melhor apreciado em outra reunião, após maiores reflexões a respeito.

Quanto à Diretoria²⁸, reuniu-se apreciando, de igual forma, o teor das cartas acima referidas e ainda o da segunda carta de Eusébio Cardoso enviada a FEB, no dia imediato ao da reunião do Conselho Fraternal, em cumprimento à decisão deste.

Acatando sugestão de seus membros, o Conselho aprovou o ato praticado pelo presidente da União e, ainda, que fosse reiterado à FEB o pedido de resposta à carta de 17 de abril.

Voltando a reunir, o Conselho Fraternal²⁹, após recapitular o assunto e proceder à leitura das correspondências trocadas entre os presidentes das duas sociedades, debateu longamente a matéria, ficando aprovado, por unanimidade, o atendimento à exigência da Federação Espírita Brasileira: formulação, pelo próprio Conselho Fraternal da UEP, de pedido de reconsideração do ato de cancelamento de sua adesão. Citado pedido deveria constar de carta a ser encaminhada ao presidente da FEB, na qual ficasse esclarecido que o mencionado Conselho aprovou a conduta do presidente da UEP ao solicitar a reconsideração do ato de sua exclusão do quadro das sociedades adesas à Federativa Nacional, e que resolveu ainda, ratificando tal procedimento, pleitear diretamente aquela reconsideração, que assim agia em atenção aos laços de amizade que há tantos

²⁸ União Espírita Paraense. *Ata de 11 de junho de 1939: todos órgãos da União Espírita Paraense*. Belém, 1939.

²⁹ Id. Conselho Fraternal. *Ata de 13 de outubro de 1939*. Belém, 1939.

anos ligam as duas associações e, também, aos princípios de fraternidade ensinados por Jesus e pregados pela doutrina espírita. Por fim, manifesta a esperança de que o incidente seja definitivamente encerrado.

Aprovou ainda o Conselho Fraternal, prestigiando o presidente da União, que a este caberia encaminhar a correspondência à Federação; congratular-se com ele pela maneira discreta e cortês com que conduziu a questão, “permitindo, desse modo, fraterno entendimento entre as sociedades co-irmãs”.³⁰

Em janeiro de 1940, o incidente com a FEB já estava superado, voltando tudo à normalidade.

Em 1948, durante a presidência de Oli de Castro, houve novo incidente envolvendo a União Espírita Paraense e a Federação Espírita Brasileira.³¹ Foi no relatório apresentado pela Diretoria ao Conselho sobre as atividades do ano anterior que este tomou conhecimento da decisão daquela de desligar a UEP da FEB. Não constam da ata maiores esclarecimentos sobre os reais motivos que levaram ao desligamento, referindo apenas a troca de cartas com a diretoria da Federação.

Esclareça-se que um dos conselheiros questionou se a diretoria da União tinha poderes para desligá-la da FEB. O Conselho manifestou-se, por unanimidade, no sentido de apoiar todos os atos praticados pela Diretoria e ratificá-los, bem como o teor da carta enviada por ela à Federação.

³⁰ Id. Ibid

³¹ União Espírita Paraense. Conselho Fraternal. *Ata da reunião de 10 de janeiro de 1949*. Belém, 1949

Posteriormente, na ata da reunião do Conselho Fraterno, de 10 de janeiro de 1950, foi inserido que havia sido lida uma carta endereçada por A. Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira, ao conselheiro Raymundo Nogueira de Faria, anexando a carta deste, na qual “comunicava que tinha desaparecido o mal entendido que levou o confrade Oli de Castro a desligar a União da Federação Espírita Brasileira”.

Naturalmente, restabeleceu-se a adesão à Federação Espírita Brasileira, já no ano de 1950, embora escasseiem os documentos comprobatórios dessa ocorrência, inclusive por não haver sido localizado o livro de atas da diretoria da União. Mas as relações mantidas daí em diante pelas duas sociedades evidenciam essa realidade, de que é prova a adesão da União Espírita Paraense ao Pacto Áureo.

4.2 As gestões de Eusébio Cardoso, Oli de Castro, Oswaldo Dillon e Lauro Monteiro

Nos anos 40, era presidente da UEP Eusébio de Mattos Cardoso, que vinha ocupando esse cargo desde 1937, terminando seu último mandato em dezembro de 1947.

Nos meados de 1945, chegou a Belém Oliveiros de Assunção Castro, que ficou conhecido nos arraiais espíritas locais como Oli de Castro. Sargento e posteriormente suboficial da Aeronáutica, era pessoa talentosa, bem falante, dotada de espírito de liderança e que dominava bem o vernáculo. Com tais predicados, aliados ao seu entusiasmo e magnetismo pessoal, veio, em realidade, sacudir o Movimento Espírita Paraense por volta dos anos de 1946/1949.

Por sua iniciativa foram fundadas, em novembro de 1946, as Juventudes Espíritas: “Léon Denis”, na União Espírita Paraense; “Francisco de Assis”, na “Confederação Espírita Caminheiros do Bem”; e “João Evangelista”, no “Centro Espírita ‘Francisco de Assis’”. Promoveu, no ano seguinte – 16 de dezembro de 1947, a fusão dessas três Juventudes, ficando criada a União das Juventudes Espíritas Paraenses, que, posteriormente, é denominada União da Mocidade Espírita Paraense, congregando um grande número de jovens. Dessa Mocidade foi constituída uma delegação que participou, representando o Pará, do Congresso de Juventudes realizado em Nova Iguaçu, estado do Rio de Janeiro, em 1948.

Segundo Jonas Barbosa, que começou a participar do MOVESP, em janeiro de 1953, a Juventude que funcionava na União, naquela época, estava reduzida a poucos jovens. Era o que restava da União da Mocidade Espírita Paraense. Esta, por motivo de sérias divergências, ocorridas no seu seio em fins de 1949 e início de 1950, dividiu-se em dois grupos, um, liderado por Lúcia Ramos Pinto e, o outro, por Maria Antunes, o que ensejou a retirada da primeira acompanhada por aqueles que seguiam a sua liderança. A outra parte, dada a mudança pouco tempo depois, de Maria Antunes para a cidade do Rio de Janeiro, esvaziou-se e quase desapareceu.

Lúcia Ramos Pinto – pelo casamento Lúcia Pinto Ribeiro – fundou, de imediato – 25 de janeiro de 1950 – a Mocidade Espírita Legião do Bem (MELB), a que deu personalidade jurídica.

Ainda por sugestão de Oli de Castro, centros, grupos e searas espíritas reuniram-se, em 22 de dezembro de 1946, na sede da UEP, objetivando traçarem as bases para formação da “Confraternização Espírita Paraense”. A idéia foi aprovada e a “Confraternização” fundada no dia 1º de janeiro de 1947.

Eleito, em dezembro de 1946, para o Conselho Fraternal da União e, em 20 de janeiro de 1948, para a presidência desta, permaneceu neste cargo até 18 de junho de 1949, quando renunciou, por motivo de, por ser militar, ter de se transferir para o Rio de Janeiro. Oli de Castro já fundara, em 15 de agosto de 1947, o “Lar de Maria”, instituição destinada a abrigar crianças e idosos, da qual foi seu primeiro presidente, tornando-se, portanto, simultaneamente, dirigente das duas sociedades.

Com a renúncia de Oli de Castro, assumiu a presidência da UEP Eugenio de Oliveira, primeiro suplente da Diretoria, que permaneceu no cargo durante sete meses.

Em 20 de janeiro de 1950, foi eleito para a presidência da UEP Oswaldo Pacheco Dillon que, meses depois, assumiu também a presidência do “Lar de Maria”, por razão de ter-se mudado para o Rio de Janeiro sua dirigente, Guiomar Antunes da Silva, que sucedera Oli de Castro naquele posto.

Oswaldo Dillon esteve na presidência da UEP até o final de 1955, quando assumiu o cargo Lauro Monteiro no qual permaneceu durante quatro anos.

Ainda durante a presidência de Oswaldo Dillon, chegou à UEP para dirigir as reuniões do “Grupo Mediúnico Ismael”, que ali funcionava, embora não lhe pertencesse, o tenente Oswaldo Santos. Referido grupo já funcionava há alguns anos nas dependências da União, autorizado por sua diretoria que, como é compreensível, exercia sobre ele certa vigilância a fim de se assegurar que suas atividades se desenvolvessem dentro dos padrões desejáveis no campo doutrinário. Oswaldo Santos, aceitando o convite, imprimiu uma verdadeira revolução nas atividades doutrinárias da UEP. E esta que, àquela altura, se mostrava vazia, com ínfima frequência, passou a transbordar com novos frequentadores, principalmente no tocante às sessões mediúnicas.

A frequência às reuniões mediúnicas aumentou a tal ponto que vários ônibus ficavam parados às proximidades do prédio da União, aguardando o termino das sessões para levar, de volta às suas residências, a grande quantidade de pessoas, que ali regularmente comparecia.

Já em janeiro de 1954, Oswaldo Santos foi eleito para integrar a diretoria da Casa, como vice-presidente, cargo que exerceu durante quatro anos. Foi uma fase de muita atividade. No entanto, depois de certo tempo, especialmente na presidência de Lauro Monteiro, o restante da diretoria percebeu que as atividades doutrinárias da Casa estavam enveredando por um caminho não muito acertado. Foram adotadas então medidas que entraram em choque com o pensamento de Oswaldo Santos que, não aceitando as mudanças aprovadas, preferiu afastar-se, levando em sua companhia a quase totalidade do numeroso público que vinha comparecendo às reuniões por ele dirigidas.

Passados alguns meses, voltou Oswaldo Santos, já então na reserva do Exército, no posto de major, à sede da UEP, em dia de reunião pública, também acompanhado de grande número de pessoas para, diante de todos os presentes, de forma amistosa, fazer um pronunciamento de reconciliação, numa atitude de humildade, dando um testemunho da grandeza de seu caráter.

Não obstante as divergências que motivaram seu afastamento da UEP, é de se reconhecer que Oswaldo Santos exerceu grande influência no Movimento Espírita. Vários foram os grupos espíritas criados em Belém, espelhando-se na orientação que imprimia ao “Grupo Espírita Boa Vontade”, por ele fundado, e na “Casa Transitória” – estabelecimento para acolher pessoas com graves problemas de perturbação espiritual e mental –, também criado por esse incansável trabalhador.

Dotado de grande carisma, caracterizava-o grande força de vontade, marcante sinceridade nas suas atitudes e vigorosa confiança no amparo da Espiritualidade.

4.3 Centenário da Codificação Espírita

Para comemorar os 100 anos da edição de *O Livro dos Espíritos* ou, como preferem alguns, o “Centenário da Codificação da Doutrina Espírita”, assinalado pela data de 18 de abril de 1957, houve uma mobilização geral dos espíritas em todo o mundo.

No Pará, as várias agremiações espíritas uniram-se para festejar o acontecimento e criaram uma comissão para tratar do assunto. Diversas medidas foram planejadas. Dentre elas, foi elaborado um programa de uma “Semana Comemorativa”. Na verdade, foram organizados oito dias de palestras, como parte dos festejos, que tiveram início no dia 11 e se estenderam até 18 de abril, dia do encerramento, isto é, começou numa quinta-feira e terminou na quinta-feira imediata.

O jornal *Folha do Norte*, do dia 12, publicou matéria sobre o assunto com grande destaque, acompanhada de fotografia (Anexo U).

A notícia publicada pela *Folha do Norte* relata o que foi o início das comemorações do “Centenário da Codificação Espírita”, com solenidade na sede da União. Informa que a mesa que presidiu os trabalhos foi composta por Lauro Monteiro, presidente da UEP; Oswaldo Pacheco Dillon, presidente do “Lar de Maria”; Norberto Cavalcante, presidente da “Confederação Espírita Caminheiros do Bem”; Hindemburgo Córdoba, presidente do “Educandário ‘Jesus de Nazaré’”; José Paes Dias, presidente da “Confraternização Espírita”, a médica Clementina Frota de

Almeida e Octávio Beltrão, secretário da UEP, e que as dependências do prédio estavam superlotadas por numeroso público que ouviu as palestras proferidas por Clementina Almeida e Oli de Castro.

Prestigiou a solenidade do encerramento o governador do Estado, General Magalhães Barata, que se fez acompanhar de alguns de seus secretários, tendo usado da palavra, na oportunidade.

Segundo a *Folha do Norte* de 19 de abril de 1957, o governador

“[...]disse inicialmente de sua satisfação por ali estar, atendendo a honroso convite que lhe fora formulado. Recordou certa fase de sua vida, em Porto Alegre, quando se entusiasmou pelo espiritismo e que se viu forçado a deixar devido a circunstâncias políticas e administrativas. Prosseguiu pedindo a todos os espíritas do Pará que o ajudem a obter uma paz espiritual, para que possa trabalhar em benefício do Estado, afirmando: “Estou cansado de lutas. Nada rendem. Não as quero mais. Peço que meus adversários não me façam voltar a elas. Desejo, apenas, governando, trabalhar em benefício de nossa terra.”

No dia seguinte, alguns jornais do Sul noticiaram a ocorrência, havendo um deles aberto a seguinte manchete: “Governador do Pará faz confissão pública de Fé Espírita”.

As declarações de Magalhães Barata alcançaram larga repercussão no seio da sociedade paraense.

Desde o início de abril e durante todo o mês, raro foi o dia em que as páginas dos jornais de Belém – *Folha do Norte*, *A Província do Pará* e *Estado do Pará* – não trouxeram noticiários ou artigos sobre a doutrina espírita e as comemorações

do centenário de *O Livro dos Espíritos*, inclusive publicando convites para as solenidades. Registra-se ainda, que, além da cerimônia de abertura das comemorações, a imprensa deu cobertura para as demais palestras, publicando informações e fotografias ilustrativas dos eventos.

A maioria dos artigos publicados foi de autoria de Nazareno Tourinho. Contaram-se, também, trabalhos de Oli de Castro e outros.

Merece, igualmente, registro a participação das rádio-emissoras de Belém, na divulgação de todos os acontecimentos relacionados às comemorações de um século da doutrina espírita entre os homens. Houve até transmissão de palestra por uma das emissoras de rádio.

Ainda no mês de abril, houve transcrição, nos jornais locais, de pronunciamentos desfavoráveis de autoridades eclesiásticas e de figura exponencial do catolicismo brasileiro sobre o Espiritismo, em razão de seu centenário. Citamos o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, e o culto escritor Gustavo Corção. Este, inclusive deplorou a coincidência dos festejos do centenário da doutrina espírita com os dias das celebrações católicas da Semana Santa. O arcebispo do Pará, culto e talentoso orador sacro, D. Mario de Miranda Vilas Boas, nas suas referências ao Espiritismo, afirmou “[...] não é uma religião e muitas vezes se apresenta como autêntica mensagem de Satanás”.

Para a divulgação do “Centenário da Doutrina Espírita” foi preparado amplo e variado material. Diversas faixas foram colocadas nas ruas e praças da cidade. Cartazes às centenas foram afixados em muitos pontos estratégicos, locais de grande afluência pública, estabelecimentos comerciais, fachadas de prédios públicos e particulares, muros e tapumes de

construções. Impressos tipo volantes, aos milhares, foram distribuídos nas vias públicas e nas casas espíritas.

As faixas, vale ressaltar, foram pintadas pelo talentoso e culto artista plástico Paulo Borba de Castro, o “Mestre Paulo”, como era conhecido. Continham pequenos textos extraídos especialmente de *O Livro dos Espíritos* ou conceitos doutrinários, tais como: “Fé verdadeira só o é a que pode encarar face a face razão.” “O Espiritismo marchará com os homens, sem os homens e apesar dos homens.” “O Espiritismo é a Terceira Revelação de Deus aos homens” e outros.

Foram organizadas exposições de livros, inclusive em algumas livrarias, contendo especialmente *O Livro dos Espíritos*, e também montados postos de venda.

Contando com a colaboração de alguns comerciantes, conseguiu-se expor referido livro nas vitrines de algumas lojas, bem localizadas, recebendo arranjo especial os locais da exposição.

Além do ciclo de palestras, no período de 11 a 18 de abril, alguns centros espíritas, por iniciativa própria, promoveram seus festejos. É o caso do “Centro Espírita Renascença d’Alma” e do “Grupo Espírita Tenda de Geraldo”, em Belém, e do “Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade”, no município de Maracanã.

Fato digno de registro foi a iniciativa de um grupo de obreiros cheios de entusiasmo, que instalou alguns alto-falantes ao longo da Avenida Presidente Vargas para divulgar mensagens doutrinárias, irradiadas a partir de um estúdio improvisado no prédio da União Espírita Paraense. Era uma equipe que se revezava para transmitir, durante os dias dos festejos, textos de *O Livro dos Espíritos*, mediante a leitura de perguntas e

respostas, devidamente escolhidas. Por falta de experiência e maiores cuidados, às vezes a transmissão era feita em volume muito alto, chegando a perturbar os ouvintes. Comerciantes localizados na área vinham pedir, delicadamente, que se baixasse mais o volume do som. Alguns manifestavam sua admiração pelo conteúdo do que lhes era dado ouvir.

4.4 O Pacto Áureo e a Caravana da Fraternidade

O velho anseio de unificação dos espíritas brasileiros levou os confrades de São Paulo a organizar uma “Caravana da Fraternidade” que buscou, em setembro de 1949, os estados do sul do País, realizando intensas atividades com vistas ao despertamento dos companheiros de ideal para o movimento unificador.

Já no ano anterior realizara-se, em São Paulo, de 31 de outubro a 3 de novembro, o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita do qual participaram representantes de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe, Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte, Pará, Mato Grosso e Pernambuco.

Coincidentemente, realiza-se, no Rio de Janeiro, de 3 a 12 de outubro de 1949, o II Congresso Espírita Pan-Americano (CEPA) de que participaram delegações e representantes de vários países sul-americanos, da América do Norte e, especialmente, os membros da Comissão Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita. Estes, ao mesmo tempo que participavam das reuniões do CEPA, cuidavam da unificação do MOVESP brasileiro.

Assim, no dia 5 de outubro, reuniram-se, na sede da FEB, os dirigentes desta, representantes da Comissão Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita e da Liga Espírita do Brasil para celebrar um acordo de unificação, do qual foi lavrada ata assinada por todos os participantes.

Esse acontecimento ficou conhecido como o “Pacto Áureo”, também chamado “Dia Áureo da Confraternização”. Dessa ocorrência, pela sua magnitude, deu-se imediatamente conhecimento a todo o País.

Foi o coroamento dos esforços que, de há muito, vinham sendo realizados por dedicados obreiros da causa espírita atuantes nas Federações e Uniões estaduais.

É oportuno transcrever alguns tópicos do dito documento.

“[...] 1°) Cabe aos Espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro ‘Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho’, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo. – 2°) A FEB criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da atual Organização Federativa. – 3°) Cada Sociedade de âmbito estadual indicará um membro de sua diretoria para fazer parte desse Conselho. [...] 8°) No caso de haver mais de uma Sociedade de âmbito estadual em algum Estado, tudo se fará para que se reúnam em torno de uma terceira, cuja presidência será exercida em rodízio e automaticamente pelo presidente de uma delas, substituídos que serão, anualmente, no dia 1° de janeiro de cada ano. [...] 12°) As Sociedades componentes do Conselho Federativo Nacional são completamente independentes. A ação do Conselho só se verificará, aliás, fraternalmente, no caso de alguma Sociedade passar a adotar programa que colida com a doutrina exposta nas obras: ‘O Livro dos Espíritos’ e ‘O Livro dos Médiuns’, e isso por ser ele o Conselho, o orientador do Espiritismo no Brasil. [...] .”

Considerando que os signatários do Pacto Áureo eram representantes dos estados do Rio de Janeiro e do sul do País, foi organizada a “Caravana da Fraternidade” composta por: Lins de Vasconcelos Lopes, do Paraná; Carlos Jordão da Silva e Ary Casadio, de São Paulo; Leopoldo Machado, do Rio de Janeiro; Francisco Spinelli, do Rio Grande do Sul; e Luiz Burgos Filho, de Pernambuco. Este se juntou à “Caravana” quando de sua passagem por esse estado, para percorrer os estados do Nordeste e do Norte, levando-lhes os ideais do “Pacto Áureo”.

A marcha começou em Salvador, para onde os caravaneiros viajaram no dia 31 de outubro de 1950, e prosseguiu por Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa, Natal, Fortaleza, Parnaíba, Terezina, São Luiz, Belém e Manaus, tendo a duração de um mês e meio.

Em cada estado, considerando as realidades locais, foram adotadas as providências cabíveis ao espraiamento da obra de unificação a todo o território brasileiro.

Em Belém, a “Caravana” chegou a 3 de dezembro, integrada apenas por Carlos Jordão da Silva, Francisco Spinelli, Leopoldo Machado e Luiz Burgos Filho. Permaneceu até o dia 9. Dadas as divergências entre os membros da família espírita local, houve muitas dificuldades a vencer antes de se chegar a um acordo. Pelo entendimento havido, as filiações das casas espíritas que, até então convergiam para a “Confederação Espírita Caminheiros do Bem” e à “União Espírita Paraense”, ficaram centralizadas na UEP.

Como resultado desse acerto, a UEP modificou seu estatuto, criando uma administração interna e outra externa. A direção interna ficou sob a responsabilidade de uma diretoria e, a externa, a cargo de um Conselho Federativo (CONFE), de caráter permanente.

5 O Movimento Espírita no Pará a partir de 1960

Chegando ao término o mandato de Lauro Monteiro, como presidente da UEP, no final do ano de 1959, veio a assumir o cargo, a partir do ano de 1960, nele permanecendo até 1971, Jonas da Costa Barbosa. Mas, em 1972, Lauro Monteiro foi reconduzido à presidência, na qual permaneceu até o final de 1977, sendo sucedido, nesse cargo, por Jonas da Costa Barbosa. Este assumiu, no início de 1978, e, desde então, tem sido sucessivamente reeleito, permanecendo, no seu exercício até hoje. Seu mandato deve expirar em abril de 2006.

5.1 O Conselho Federativo da UEP

A partir do início dos anos 60, a União que, pela reforma do estatuto, criara, em dezembro de 1951, seu CONFE, procurou desenvolver um trabalho no sentido de tornar-se uma Casa Federativa, de fato, adotando um programa de atividades direcionadas precipuamente a aproximar e organizar legalmente os centros espíritas existentes no Estado do Pará, tarefa essa decorrente do “Pacto Áureo”.

O CONFE da UEP, no entanto, para ser instalado demandava uma série de preparativos. As casas espíritas que deveriam compô-lo precisavam organizar-se, adquirindo personalidade jurídica. Apenas duas, naquela época, tinham estatuto.

Uma boa parte delas tinha caráter familiar. Funcionavam na residência de seu dirigente. Outras, constituídas

por grupo de pessoas, algumas até com diretoria, não eram sociedades civis.

Um grande trabalho precedeu, assim, a instalação do CONFE. Foi uma fase de organização para a qual a União contou com a destacada colaboração do obreiro espírita Manoel José do Carmo Júnior, presidente da “Associação Espírita Caminheiros do Bem”, pessoa dotada de extraordinário pendor organizativo, bem como do valioso trabalho de Dantas Ferreira Rebelo, da “Sociedade Espírita e Beneficente Servindo a Deus e ao Próximo”, recém-organizada.

Nessa tarefa de visitação às casas espíritas mostrava-se a importância de se implantar uma organização, com o que se asseguraria a vida legal, administrativa e a continuidade de suas atividades doutrinárias. Numerosos eram os exemplos de entidades espíritas que haviam fechado por falta de uma organização que lhes assegurasse uma existência perene, já que esta girava em torno daqueles que as haviam fundado e estavam a sua frente. Com seu desaparecimento, não existia quem delas tomasse conta.

Nesse trabalho de organização, foi adotado o modelo padrão de estatuto elaborado por ocasião do Congresso Espírita de 1904, em que se aprovaram as Bases de Organização do Movimento Espírita, no Brasil. Tal modelo foi impresso contendo espaços em branco para serem preenchidos com o nome do centro e respectiva data de fundação.

Só depois de se haver conseguido um número expressivo de casas espíritas organizadas, com personalidade jurídica, foi instalado o Conselho Federativo, o que ocorreu em janeiro de 1961.

Naquela época, a União não possuía a necessária experiência, uma visão clara sobre como funcionaria esse

Conselho. Resolveu então adotar, para se orientar inicialmente, em caráter provisório, o regulamento da sua co-irmã de São Paulo que, na verdade, muito pouco tinha a ver com a realidade paraense, mas, afinal, serviu de base para o regulamento do CONFE da UEP.

Foi uma longa caminhada que envolveu a estruturação da União, nos moldes preceituados pelo Pacto Áureo.

Instalado em 1961, as atividades do CONFE, nos seus primeiros anos, foram poucos expressivas. Vivia-se uma fase de amadurecimento. Foi se organizando gradativamente. Somente em junho de 1965 o CONFE teve uma estrutura bem definida. Como previsto em seu regulamento, sua estrutura contemplava uma Comissão Deliberativa Estadual, formada pelos representantes das casas espíritas adesas, e uma Comissão Executiva composta por presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro, sendo seus primeiros titulares, respectivamente, Jonas da Costa Barbosa, Semírames de Bittencourt Amarante, Manoel José do Carmo Junior e Albeniz Leite da Silva. Este, pouco tempo depois, foi substituído por José Tavares.

O regulamento do CONFE previa a criação de setores, cada um composto por três membros. Foram criados, assim:

- ▶ Setor de Doutrina,
- ▶ Setor de Assistência Social,
- ▶ Setor de Organização,
- ▶ Setor de Publicidade,
- ▶ Setor Infanto-Juvenil,

- ▶ Setor Financeiro e
- ▶ Setor de Educação.

Tanto a Comissão Executiva como cada um dos setores seria regido por uma “norma de ação”, específica.

Membros	Cargo
Jonas da Costa Barbosa	Presidente
Semírames de Bittencourt Amarante	Vice-Presidente
Manoel José do Carmo Júnior	Secretário
Albeniz Leite da Silva	Tesoureiro

Quadro 12 – Comissão Executiva do CONFE em 1965

Setor	Membros
Doutrina	Octavio Vieira de Souza Beltrão Waldemar Ribeiro Fernandes Nazareno Tourinho
Assistência Social	Raimunda Risoleta Bandeira Gonçalves Semírames de Bittencourt Amarante Lauro Monteiro
Organização	Manoel José do Carmo Jr Nicolau Bogovich Fernando Lealdino de Castro Lisboa
Publicidade ³²	Alfredo Fernandes Nazareno Tourinho

(continua)

Quadro 13 – Setores da Comissão Executiva do CONFE em 1965

³² Esse setor ficou, provisoriamente, com apenas dois membros, devendo ser completados com o terceiro, mais adiante.

Espiritismo no Pará. 100 anos de União Espírita Paraense

Setor	Membros
Infanto-Juvenil	Mário da Costa Barbosa Salomão Jacob Benchaya Josino Alves dos Santos
Finanças ³³	Albeniz Leite da Silva Raimunda da Silva Martins
Educação	Alfredo Fernandes Ana Pinheiro Guimarães Nazaré Guerreiro Azevedo

(fim)

Quadro 13 – Setores da Comissão Executiva do CONFE em 1965

A estrutura do CONFE também previa a criação de Uniões Distritais Espíritas (UDE), na capital, e Uniões Municipais Espíritas (UME), nos outros municípios. Foram criadas e instaladas, em conseqüência, as UDE “A”, “B”, “C”, “D”, “E”, “F” e “G” dirigidas por Coordenadorias.

Em razão de o MOVESP, no interior do Estado, estar em fase inicial, não comportando ainda a criação de órgãos de unificação, como previsto no regulamento do CONFE, não chegou a ser instalada nenhuma UME. Optou-se por uma organização embrionária a que se deu o nome de Polo. Surgiram, assim, o Polo Tocantins, o Polo Médio Tocantins e o Polo Nordeste, registrando-se alguns encontros de espíritas nessas diferentes áreas geográficas.

O Movimento de Belém como o do Interior tinha a sua frente o Encarregado da Capital e o Encarregado do Interior. Em Belém, foram desenvolvidas várias ações nas UDE,

³³ Sua composição semelhante ao Setor de Publicidade.

chegando a realizar-se mais de um Encontro dos Trabalhadores Espíritas das Distritais (ENCONTRED).

Com a criação do cargo de encarregado, a Comissão Executiva do CONFE teve sua composição modificada passando a contar com a ajuda das Comissões de Apoio, em substituição aos antigos Setores, com algumas alterações. As Comissões de Apoio (COAP) ficaram com a seguinte denominação: Infância, Juventude, Doutrina, Serviço Assistencial, Organização, Divulgação, Jurídica e Finanças.

Cargos	Membros
Presidente	Jonas da Costa Barbosa
Vice-presidente	Semírames de Bittencourt Amarante
Secretário	Manoel José do Carmo Júnior
Encarregado da Capital	Alberto Ribeiro de Almeida
Encarregado do Interior	Idilberto Ribeiro Neri

Quadro 14 – Nova composição da Comissão Executiva do CONFE

5.2 Os oradores espíritas e a divulgação da Doutrina, no Pará

Ainda nesse período, tiveram início visitas regulares de oradores espíritas, especialmente convidados. Essas visitas, aliás, começaram em 1959, quando a União trouxe a Belém, pela primeira vez, o médium e conferencista baiano, Divaldo Pereira Franco, para proferir uma série de palestras, realizadas na mais importante casa de cultura do Estado – o Teatro da Paz. Precedidas de grande divulgação, essas palestras atraíram numeroso público, alcançando ampla repercussão, a ponto de despertar o interesse da única estação de rádio existente, em nossa capital, *Rádio Clube do Pará*, que convidou o orador para uma entrevista em seus estúdios. Divaldo foi entrevistado,

pessoalmente, pelo presidente da emissora, o jornalista Edgar Proença, sobre o tema *Pena de Morte*. Dado o sucesso dessa entrevista, a *Rádio Clube do Pará* concedeu aos espíritas um espaço, em sua programação, para a transmissão de um programa semanal – *A Voz da Terceira Revelação* – com duração de 10 minutos. Foi o primeiro programa radiofônico espírita, no Pará.



Fotografia 3 – Aspecto da assistência no Teatro da Paz por ocasião da primeira palestra de Divaldo em 1959

A temporada de Divaldo, em Belém, constituiu um trabalho muito importante de divulgação da doutrina espírita, em terras paraenses.

O fato despertou maior interesse pelo conhecimento do Espiritismo. Cresceu, assim, a procura do livro espírita.

Pelo menos nos últimos tempos, a divulgação do Espiritismo no Pará, era muito precária e a preocupação maior relacionava-se ao mediunismo. Os centros não se dedicavam, com o afincado desejo, ao estudo da Doutrina, limitando-se seus

dirigentes, com algumas exceções, à simples leitura de uma mensagem evangélica, no início das reuniões mediúnicas. Os livros espíritas eram muito pouco procurados pelos adeptos.



Fotografia 4 – Divaldo Franco durante palestra por ocasião da 1ª Semana Espírita de Belém, em 1982.

A partir de 1959 e durante vários anos, Divaldo Pereira Franco vinha anualmente a Belém, proferir palestras, algumas das quais, irradiadas para todo o Estado pela emissora *Rádio Clube do Pará*. A presença de Divaldo, em Belém, era uma festa para os espíritas. Representava um toque de reunir.

É interessante referir que, por ocasião da 1ª Semana Espírita de Belém, realizada de 4 a 11 de novembro de 1962, Divaldo foi convidado para ser um de seus oradores, mas, naquele período, já estava comprometido com os espíritas de Fortaleza. Sabendo do fato, o confrade general Antonio Leite de Araújo Filho, que coordenava a programação de Divaldo, na capital cearense, abriu mão do compromisso do tribuno baiano, permitindo, assim, sua participação na referida Semana Espírita.

O próprio general Leite veio tomar parte naquele evento, sendo, também, um de seus oradores.

Ressalte-se, ainda, que, nos fins de 1963, no governo João Goulart, quando o País vivia uma época conturbada, as autoridades federais, para fazer face à situação, passaram a promover conferências, em algumas cidades do país, sobre *segurança nacional*. Aconteceu ter chegado a Belém para essas conferências, alto funcionário do Ministério da Educação, na mesma semana em que Divaldo faria de três a quatro palestras, na sede da União. O trabalho da autoridade federal era presidido pelo comandante da 8ª Região Militar, general Taurino Rezende. Para as palestras de Divaldo, a União distribuiu numerosos convites, inclusive, às autoridades. Recebidos os representantes da União, pessoalmente, pelo General para a entrega do convite, este, ao examinar a programação, informou que iria comparecer a algumas das palestras, não a todas, em virtude de seu compromisso oficial.

De fato, compareceu à primeira, mas declarou não poder vir às duas outras. No dia da terceira, quando iam ser abertos os trabalhos, os dirigentes da União foram surpreendidos pela chegada do General, acompanhado de outros oficiais das forças armadas e do conferencista do Ministério da Educação. Declarou, então, em voz baixa, ao presidente da União que, na primeira conferência da autoridade federal, comparecera um número reduzidíssimo de pessoas. Quando da segunda, por ter-se repetido o ocorrido na anterior, resolvera cancelar a conferência e convidar a todos para a palestra de Divaldo e, acrescentou: “Isto é que é segurança nacional”. Todos, assim, assistiram à palestra, na União.

Divaldo Franco, por assim dizer, abriu as portas para outros oradores.



Fotografia 5 – Newton Boechat proferindo uma de suas conferências em uma das suas visitas a Belém.

Belém passou a ser visitada, também, ao longo dos anos 60, por mais de uma vez, pelos saudosos e igualmente inspirados e brilhantes oradores, Jacob Holzemann Neto, paranaense, e Newton Boechat, do Rio de Janeiro, cujas contribuições em favor do MOVESP paraense precisam ser enaltecidas.

Por volta de 1978 chegou José Raul Teixeira, do Rio de Janeiro, trazendo a mensagem espírita através de suas palestras muito inspiradas. Foi o primeiro, dos que vieram de fora, a visitar municípios do interior, na disseminação da doutrina espírita.

Contaram com sua presença as cidades de São Caetano de Odivelas, Abaetetuba, Tucuruí, Marabá, Barcarena (Vila dos Cabanos), Castanhal, Igarapé-Açu e Maracanã.



Fotografia 6 – Caravana que acompanhou Raul Teixeira em sua visita a São Caetano de Odivelas

Divaldo Franco foi um dos oradores por ocasião das comemorações dos 80 anos de fundação da União Espírita Paraense, realizadas em maio de 1986.

Em 2002, Divaldo Franco também teve oportunidade de atender a várias cidades do Estado: Marabá, Redenção, Castanhal, Altamira e Santarém, atraindo público de até 600 pessoas.

Nos tempos mais recentes, trouxeram-nos sua contribuição, através da oratória, Ana Guimarães, Geraldo

Guimarães, José Jorge, Sérgio Felipe, Cosme Mássi, Cláudio Zanata, Marcel Souto Maior, Marcel Mariano, dentre outros.

5.2.1 Semanas Espíritas de Belém

5.2.1.1 Primeira Semana Espírita³⁴

A história da 1ª. Semana Espírita de Belém começa exatamente no dia 12 de agosto de 1962, quando da inauguração do “Grupo da Fraternidade Infanto-Juvenil ‘Sheila’”, anexo ao “Centro Espírita ‘Allan Kardec’”, no bairro da Marambaia.

A solenidade havia sido encerrada com manifestação de incontido júbilo. Todos conversavam.

Num grupo, trocando idéias sobre o MOVESP de nosso Estado e o trabalho de unificação realizado pela UEP, estavam Jonas da Costa Barbosa, Lúcia Pinto Ribeiro, Nólido Junqueira e o secretário de *A Revelação*. Havia outras pessoas amigas. Lúcia Ribeiro, entusiasmada pelo desenvolvimento cada vez mais acentuado da grande causa, perguntou a Jonas Barbosa por que os espíritas de Belém não realizavam uma Semana Espírita; seria um acontecimento inédito e contaria, certamente, com o apoio de todos; poderia ser levada a efeito nos primeiros dias de outubro, coincidindo com as comemorações que assinalam o aniversário de nascimento de Allan Kardec.

Lançada a idéia, esta começou a ter lenta progressão até que, mais tarde, tomou corpo, agigantou-se e entusiasmou a todos.

³⁴ *A Revelação*. Belém, v. 56, n. 253, 1962.

A diretoria da União, convocada para estudar o assunto, aprovou a idéia e esboçou um plano, enviando-o ao CONFE que prontamente o ratificou, passando-se à fase de execução, no que contou com a colaboração de várias instituições espíritas.

O plano organizado pela diretoria da UEP fixou o período de 4 a 11 de novembro para realização da 1ª Semana Espírita, em virtude de a época inicialmente proposta coincidir com o pleito eleitoral.

A princípio, pensou-se em realizar essa Semana Espírita apenas com elementos de Belém, entretanto, a idéia evoluiu e ficou resolvido que a União convidaria instituições e oradores de outras cidades do Brasil.

O mês de outubro foi de intenso preparativo: realizando-se campanha financeira e propaganda nos jornais, nas emissoras de rádio e colocação de dezenas de faixas nas principais ruas da cidade. Porém, dois acontecimentos de grande importância para o MOVESP do Pará, precederam a inauguração da Semana Espírita concorrendo e muito para a sua divulgação: curso de formação de evangelizadores da infância (seção 5.7.1) e a exibição de filme sobre fenômenos mediúnicos.

No dia 2 de novembro chegou a Belém, Emílio Manso Vieira, que viera proferir as duas primeiras conferências da Semana Espírita, fazendo-se acompanhar pelo jornalista Jorge Rizzini.

Neste mesmo dia, às 21h30, na *TV Marajoara*, Jorge Rizzini, que viera exibir um filme colorido sobre as operações realizadas pelo espírito do Doutor Adolfo Fritz através do médium Zé Arigó, de Congonhas do Campo, Minas Gerais, foi entrevistado a respeito dos fenômenos ali registrados.

Muito discutido dentro e fora do Brasil o “Caso Zé Arigó”, como era conhecido, tinha o acompanhamento, de perto, do mencionado jornalista.

No dia seguinte, véspera da abertura da Semana Espírita, o filme sobre Zé Arigó foi exibido duas vezes, na sede da União, às 19h30 e 20h 30, com o salão superlotado e, às 21h 30, no auditório da Sociedade Artística Internacional, também com uma audiência superior ao que o prédio comportava.

Contou com a participação dos seguintes oradores: Emílio Manso Vieira, de São Paulo; Divaldo Pereira Franco, da Bahia; Atlas de Castro, do Rio de Janeiro representando a Federação Espírita Brasileira e o Conselho Federativo Nacional –; Paulo Santos, da Guanabara – representante da União Espírita Paraense no Conselho Federativo Nacional –; Arnaldo Lima, de São Paulo; Oli de Castro, do Movimento Espírita local; Emmanuel Chaves e Gentil Augusto Lino, de Uberaba, Minas Gerais; Antonio Leite de Araújo Filho, presidente da instituição Nosso Lar, de Fortaleza-Ceará; e Cecília Rocha, do Rio Grande do Sul. Teve participação especial, na Semana Espírita, o talentoso declamador Antonio Ribeiro – “Ribeirinho”, como era conhecido, do Rio de Janeiro. Todas as palestras eram precedidas pelas suas declamações de números de poesia espírita. Dele se dizia não ser um “Ribeirinho”, mas um “Amazonas” a desaguar.

5.2.1.2 Segunda Semana Espírita

Realizou-se, em julho de 1970, contando com a participação de oradores especialmente convidados, nomes destacados do MOVESP brasileiro: Deolindo Amorim, do Rio

de Janeiro, José Martins Peralva e Henrique Rodrigues, de Minas Gerais. Registre-se, também, José de Paula Bezerra, da Federação Espírita Maranhense, e Oli de Castro com atuação também no Rio de Janeiro e Maranhão. Nessa Semana houve um acontecimento muito importante: vários oradores usaram da palavra, na Praça da República.

5.2.1.3 Terceira Semana Espírita³⁵

Teve a duração, na verdade, de oito dias, no período de 14 a 21 de novembro de 1971, domingo a domingo, durante o qual foram realizadas 10 palestras, cada uma em um local e horários diferentes, ou seja, no “Lar de Maria”, “Grupo Espírita ‘Paulo de Tarso’” (Icoaraci), “Associação Espírita Caminheiros do Bem”, “Grupo Espírita Divino Mestre”, “Grupo Espírita Vinha de Luz”, “Centro Espírita ‘João Batista’”, “Centro Evangélico (hoje Centro Espírita) ‘Jesus de Nazaré’”, “Centro Espírita ‘Allan Kardec’”, “Grupo Espírita ‘Jesus nos Ampare’”, com encerramento na União Espírita Paraense.

Os oradores e os temas ficaram assim distribuídos:

³⁵ União Espírita Paraense. CONFE. *Atas da Comissão Executiva, de 28 de setembro*. Belém, 1971

Id. *19 de outubro de 1971*. Belém, 1971

<p>Educação da Infância <i>Salomão Benchaya</i></p> <p>Responsabilidade Familiar à Luz da Doutrina Espírita <i>Stela Pojuci F. Morais</i></p> <p>Ninguém Pode Servir a Dois Senhores <i>Liete Mendonça</i></p> <p>O Espiritismo e os Problemas Humanos <i>Licínio de Almeida Castro</i></p> <p>O Espiritismo e a Ciência <i>Francisco Pereira da Silva</i></p> <p>A Mediunidade como Instrumento de Aperfeiçoamento Moral <i>Octavio Vieira de Souza Beltrão</i></p> <p>Construir sobre a Rocha <i>Francisco Sales</i></p> <p>Buscai e Achareis <i>Alice Samico de Oliveira Cury</i></p> <p>Cristianismo é Amar <i>Álvaro Paz do Nascimento</i></p> <p>Limiar dos Novos Tempo <i>Divaldo Pereira Franco</i></p>

Quadro 15 – Temas e oradores da 3ª Semana Espírita

5.3 Treze anos de MOCONCEBEL

O Movimento Confraternativo de Centros Espíritas de Belém (MOCONCEBEL) foi criado com o intuito de dar mais vida ao MOVESP de Belém. A idéia partiu do presidente do “Centro Espírita Luz da Verdade”, Otaciano Pinheiro do Nascimento, e foi amplamente apoiada pela “Sociedade Espírita Servindo a Deus e ao Próximo” e pelo “Educandário ‘Jesus de Nazaré’”.

Os representantes dessas instituições se reuniram no dia 7 de dezembro de 1975, no “Centro Espírita Luz da Verdade”, para registrar em ata e oficializar o Movimento. Em seguida, levaram a proposta aos demais centros da capital, que foram, aos poucos, aderindo à idéia.

Já em 1981, o MOCONCEBEL havia crescido de tal forma, que alguns centros foram arregimentados em cidades do interior do Estado, extrapolando Belém.

Não havia diretoria e suas reuniões administrativas eram realizadas, uma vez por mês, na sede de um dos centros que integravam o MOCONCEBEL. Isto possibilitava a participação de todas as entidades.

Segundo o idealizador do Movimento, ninguém poderia ir de encontro ao Evangelho. Por esta razão, todas as reuniões eram iniciadas com o estudo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Em seus programas de trabalho estavam incluídos cursos de passe e de educação mediúnica, palestras, estudos da doutrina espírita e, ainda, assistência às necessidades dos centros, como uma forma de garantir a melhoria e adequação do ambiente físico-doutrinário.

De acordo com Otaciano Pinheiro do Nascimento, o MOVESP, em Belém, encontrava-se sem orientação. O Conselho Federativo Estadual (CONFE) da UEP não estaria cumprindo sua proposta de manter a harmonia do Movimento, enquanto órgão unificador. Tal atitude seria necessária para garantir sua unidade e, conseqüentemente, a expansão segura do Espiritismo no Estado.

A diretoria da UEP, muito absorvida com o funcionamento de sua gráfica, diminuiu sua atenção para as

atividades de unificação, ressentindo-se os centros de uma melhor assistência.

Durante 13 anos, o MOCONCEBEL exerceu influência significativa no MOVESP. Em 27 de abril de 1986, surgiu um programa de rádio patrocinado por ele. Eram informadas a localização e as atividades das casas espíritas, que respondiam, ao vivo, às perguntas dos ouvintes. O programa “A Voz do Consolador” ia ao ar aos sábados e tinha duração de 15 minutos. Era transmitido pela *Rádio Marajoara*, das 13h45 às 14h, até o ano de 1988, quando passou para a responsabilidade da União. Pouco tempo depois se desfez e sua transmissão foi encerrada.

A União entendia o MOCONCEBEL como um movimento paralelo, que poderia prejudicar o trabalho de unificação no Estado. Desta forma, em 23 de junho de 1979, começou uma campanha de conscientização dos centros participantes do Movimento, pedindo que eles participassem do CONFE da UEP.

As discussões sobre o assunto, nas reuniões do MOCONCEBEL, foram contrárias a essa participação. Alegava-se que a integração ao CONFE seria uma traição aos princípios do Movimento, o qual não se subordinaria à liderança de nenhuma entidade. Além disso, as diferenças entre as idéias da UEP e do MOCONCEBEL poderiam limitar as ações deste último.

Em 29 de março de 1981, Lúcia Abreu, membro da diretoria da UEP, começou a participar, em nome desta, das reuniões do Movimento. Entretanto, as negociações para essa unificação continuaram sem solução. Já em 29 de março de 1987, exatamente seis anos após sua primeira participação em reunião do MOCONCEBEL, Lúcia Abreu sugeriu a esse Movimento que desempenhasse suas atividades dentro da estrutura já

existente na União. No entanto, seus participantes demonstraram receio e alegraram que, caso isto viesse acontecer, ele poderia deixar de existir. Em 26 de abril de 1987, ocorre uma reunião administrativa e o MOCONCEBEL lança uma idéia que parecia significar o prenúncio de uma futura união: a formação de uma comissão para redigir um documento solicitando um novo encontro para se expor propostas inéditas à UEP, já que nas demais reuniões não se havia chegado a nenhum acordo.

Dentre as propostas estavam:

- ▶ a unificação do MOVESP;
- ▶ discutir como seria feita esta integração; e
- ▶ a forma como se posicionaria o MOCONCEBEL dentro do CONFÉ.

E mais uma vez a reunião não teve sucesso.

Já em 1988, Otaciano, em visita ao Rio Grande do Norte, trouxe um modelo do estatuto do órgão federativo daquele Estado, que continha informações que contemplavam as idéias do MOCONCEBEL. Entregou uma cópia do referido estatuto ao presidente da União.

Em julho de 1988, a União, que já vinha trabalhando na reforma de seu estatuto há mais de um ano, recolhendo subsídios de varias fontes inclusive e principalmente do estatuto da União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ), e levando em conta, também, algumas das idéias da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, aprovou seu novo estatuto que, dentre outras coisas, contemplou a criação de Conselhos Regionais Espíritas (CRE), com o objetivo de descentralizar o trabalho de unificação do MOVESP, no Pará (Seção 5.6).

Com essa mudança no estatuto e a criação dos CRE, o MOCONCEBEL se desfez e cada casa passou a integrar os CRE existentes. As três primeiras casas que se reuniram, pela primeira vez, para dar início ao Movimento: “Educandário ‘Jesus de Nazaré’”, o “Centro Espírita Luz da Verdade” e a “Sociedade Espírita Servindo a Deus e ao Próximo”, passaram a integrar o 3º CRE.

5.4 Novo Prédio da União Espírita Paraense

Há algum tempo, já se constatava que a sede da União, embora, em 1950, considerada pelo professor Leopoldo Machado, como uma das mais amplas do Brasil, não mais comportava a crescente demanda do público e o constante e crescente aumento das suas atividades.

Cogitou então a Diretoria da aquisição de outro imóvel. Para isso, seus diretores se mobilizaram no sentido de encontrar um terreno de boas proporções, cuja frente deveria medir, aproximadamente, 20 metros e de comprimento não inferior a 50 metros, com localização adequada.

O atual presidente da UEP, Jonas da Costa Barbosa, que desde o início coordenou os trabalhos, revelou que, na escolha do local onde iria ser construído um novo conjunto arquitetônico, houve uma clara atuação da espiritualidade superior. Lembra que foram pesquisados diversos terrenos, situados em várias áreas da cidade, e que, depois de esgotadas, num primeiro momento sem sucesso, as buscas, no afã de solucionar-se o problema, caiu-se, em compasso de espera, relativamente à questão. Foi quando um corretor de imóveis o procurou, em seu local de trabalho, dizendo estar informado de que a União estava à procura de um terreno para aquisição e que dispunha de um

imóvel que preenchia todos os requisitos desejados pelos dirigentes da entidade.

Embora duvidando da existência desse imóvel, na área em que o corretor havia indicado, Jonas Barbosa foi verificar *in loco* a veracidade da oferta, tendo a satisfação de constatar a realidade do que havia falado aquele profissional. No seu dizer, o terreno estava como que “camuflado”, por cinco barracas, formando um verdadeiro “tapume”, por isso é que ele não havia percebido a sua existência quando por ali passara anteriormente. Positivamente, era “um planejamento maior a orientar a escolha do terreno”, confessou.

O terreno, medindo 20,20 metros de frente por 66 metros de fundos custou aos cofres da UEP, a época – abril de 1971– a importância de Cr\$ 80 mil cruzeiros, que, acrescida das despesas de regularização da transação, alcançou a cifra de Cr\$ 90 mil cruzeiros. Era uma importância que a União conseguira com a venda de um terreno que lhe fora doado, na rodovia Artur Bernardes, por Cr\$ 40 mil cruzeiros que, aplicados em Letras de Câmbio, durante longo período, atingiu o quantum do valor da compra. Algumas doações em dinheiro complementaram o valor final.

Posteriormente, em fevereiro de 1979, foi adquirido, mediante escritura pública de promessa de compra e venda, um terreno edificado contíguo ao anterior pela lateral direita, à Travessa Castelo Branco n° 1286, medindo 4,20 metros de frente por 46 metros de fundos, ao preço de Cr\$ 180 mil cruzeiros, sendo o imóvel dado em “usufruto vitalício” à vendedora. A escritura definitiva foi lavrada em 8 de novembro de 1984. Precisamente um ano depois, isto é, em 8 de novembro de 1985, desencarnou a usufrutuária, permitindo que a União tomasse posse do imóvel.

Antes mesmo de se cogitar da construção de um novo imóvel para a União, começou todo um trabalho de melhor aproveitamento do prédio da Rua Oswaldo Cruz. Assim, em março de 1960, foi instalada a livraria em dependência térrea, rebaixada, no que era parte do porão do imóvel. Gradativamente, foi sendo rebaixado o piso de todo o porão, rebaixamento da ordem de 60cm, de forma que se dobrou a área útil do prédio, passando-se a contar com um subsolo, cuja utilização tornou-se integral. Para que isso ocorresse, além do rebaixamento do piso, houve necessidade de se mexer na estrutura de apoio do piso superior, substituindo blocos avantajados de alvenaria de tijolo por delgados pilares de concreto armado; das vigas de madeira por outras mais reforçadas, bem assim a abertura de vãos nas espessas paredes de alvenaria ciclópica. Foram ali instalados: a farmácia homeopática, existente desde muitos anos, mas funcionando no pavimento superior, agora de portas abertas para a rua; a distribuidora de livros com seu respectivo depósito; toda a parte administrativa, compreendendo: diretoria, salas de reunião, escritório, secretaria, sala de comunicações, almoxarifado, arquivo, salas auxiliares, copa, todas as instalações sanitárias – públicas e privadas – e depósito de materiais diversos.

Com isto, todo o pavimento superior ficou destinado às atividades doutrinárias e à biblioteca.

No pavimento superior, visando ganhar mais espaço para desenvolvimento das atividades doutrinárias, foi construído, numa das extremidades do amplo auditório, um mezanino medindo 16m x 7m no qual foram instaladas três amplas salas de reunião.

Também para facilitar o trânsito do pavimento superior para o subsolo, foi construída ampla e confortável escada na área de iluminação existente nos fundos do prédio.

Efetuada as despesas com a aquisição do terreno, na Travessa Castelo Branco, os cofres da União não dispunham de recursos para iniciar a construção do conjunto arquitetônico que ali se planejava erigir. Tratou-se, em primeiro lugar, de demolir as barracas e construir um muro de fechamento, na frente, dando visibilidade ao imóvel. Utilizando o material da demolição, construiu-se um barracão nos fundos do terreno, em toda a sua largura, com salas nas extremidades, para usos diversos, e um salão central com divisórias removíveis que permitiu a formação de seis ambientes, onde se realizavam reuniões de trabalho, estudo, atendimentos a pessoas carentes, e outros. Tanto a demolição das barracas como a construção do barracão foram feitas em regime de mutirão.



Fotografia 7 – Remoção dos escombros da demolição das barracas



Fotografia 8 – Barracão rústico construído no fundo do terreno

Preparadas as instalações, ali mesmo começou o trabalho de captação de recursos para as obras de construção. Instalou-se uma cozinha rústica dotada de fogões de tijolo de barro e, depois, de pequenos blocos cilíndricos de concreto³⁶, para apoio das panelas. Ali se preparava maniçoba³⁷. Começou-se em pequena quantidade, mas, dado o aumento da procura, passou-se a produzi-la em crescente volume, chegando a atingir escala industrial.

Eram vendidos, previamente, os cartões correspondentes às doses do alimento, através dos trabalhadores, que funcionavam como corretores. Embora a maior parte da maniçoba tivesse venda prévia, no dia em que era servida, muitas vendas extras eram feitas no local da entrega. O aumento do consumo determinou a compra de panelas cada vez maiores, até chegar aos panelões, que comportavam milhares de litros do

³⁶ “Corpos de prova” produzidos durante concretagens, na construção civil

³⁷ Comida típica da região de grande aceitação na sociedade paraense.

produto. Isto exigiu um apuramento na organização e a arregimentação de muitos trabalhadores, todos voluntários.



Fotografia 9 – Vista do fogão de tijolos de barro e os panelões de maniçoba



Fotografia 10 – Colaboradores transportando a maniçoba para entrega aos compradores



Fotografia 11 – Senhoras servindo a maniçoba

A maniçoba era, como ainda o é, preparada, em média, de dois em dois meses. O resultado de tanto trabalho sempre foi muito compensador.

Outra iniciativa que ajudou bastante na captação de recursos foi a realização anual de um bazar de artesanato e artigos confeccionados por um grupo de senhoras, senhores, e jovens, assim como de objetos doados por colaboradores. No “Bazarão”, como ficou conhecido, era vendido uma grande variedade de artigos que iam desde enxovais de bebes; roupas para adultos; cama, mesa e banho; matérias de utilidades domésticas, em geral e artigos de decoração além outros. Funcionava no centro da cidade, em local sempre cedido gentilmente por simpatizantes da Doutrina.

O Bazar foi inaugurado em 1979 e funcionou por mais de 10 anos, ficava aberto ao público durante duas semanas.



Fotografia 12 – Mostra interna do “Bazarão”



Fotografia 13 – Dirigentes do “Bazarão” em favor da construção do prédio da Travessa Castelo Branco.

Enquanto se desenvolvia a campanha financeira, foi designada uma Comissão de Construção para cuidar de todas as providencias relacionadas às obras. Começou por tratar da elaboração dos projetos: arquitetônico, de fundações, estrutural, de instalações elétricas e instalações hidro-sanitárias. Todos foram elaborados na base da colaboração. A União nada dispendeu com sua preparação.

Chegou-se a um momento em que se concluiu não se poder mais retardar o inicio das obras, principalmente porque era necessário dar-se uma satisfação àqueles que já vinham contribuindo para as campanhas que se desenvolviam nesse sentido.

Tomou-se, assim, a decisão de se começar a aplicar, de imediato, o que já se arrecadara, e, à medida em que novos recursos fossem entrando, dar-se-ia prosseguimento à construção. As obras foram iniciadas no dia 17 de dezembro de 1979, ou seja, oito anos e oito meses após a aquisição do terreno.

A partir daí, por uma providencial ajuda do Alto, os recursos foram se fazendo mais abundantes e, em face disso, os trabalhos foram se desenvolvendo com maior entusiasmo e colaboração da comunidade espírita, surgindo novas fontes pecuniárias, que vieram alavancar os trabalhos de construção.

Somente no período de fevereiro a novembro de 1981, após uma etapa de avultados investimentos financeiros com a estrutura de concreto armado, as obras sofreram uma interrupção.

Após esse período de paralisação, em que todos os esforços foram concentrados para saldar os compromissos assumidos para a realização da estrutura do piso do segundo pavimento, as obras foram reiniciadas.

Além de se pôr em dia aqueles compromissos, havia, por outro lado, a necessidade de se obter o suporte financeiro para dar seqüência à nova etapa.

A nova fase das obras previa a construção dos pilares de apoio à estrutura de sustentação do telhado e do forro daquele pavimento, que seria totalmente ocupado por um auditório de 420m². Cogitava-se, já àquela altura, da edificação do telhado, optando-se pela utilização de estruturas metálicas.

Colocada à armação metálica, realizou-se a cobertura propriamente dita.



Fotografia 14 – Segundo pavimento (Auditório) com a estrutura metálica da cobertura

Todas essas fases foram realmente dispendiosas. No entanto, as campanhas financeiras desenvolvidas em prol da construção, tiveram boa receptividade, junto à comunidade espírita paraense e a pessoas não espíritas de boa vontade, o que ensejou,

embora as dificuldades advindas pelo constante aumento dos preços dos materiais e custo de mão-de-obra, o término desta etapa da construção.

O jornal *A Revelação*, em sua edição de maio de 1986, fascículo 400, Ano LXXX, publicou um Editorial sob o título “A Força da Colaboração”, no qual o presidente da UEP exaltava o empenho de quantos concorreram, e os meios utilizados para a concretização da obra de edificação do novo prédio da entidade. (Anexo T)

Concluídas as obras do que se denominou “bloco doutrinário”, em dois pavimentos, com área total de 840m², e que duraram seis anos e cinco meses, sua inauguração ocorreu no dia 20 de maio de 1986, data em que a União Espírita Paraense completou 80 anos de fundação.



Fotografia 15 – Fachada do prédio da União localizado na Travessa Castelo Branco



Fotografia 16 – Aspecto do auditório do prédio da Travessa Castelo Branco

Foi uma bonita festa com palestra de Divaldo Pereira Franco e a presença de vários convidados, dentre eles, Francisco Thiesen, presidente da Federação Espírita Brasileira, e Nestor João Masotti, presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Um grande público ocupou o auditório da instituição.



Fotografia 17 – Composição da mesa que presidia a inauguração do novo prédio da União (da direita para a esquerda: João Masotti; Francisco Thiesen e Jonas Barbosa).

É oportuno registrar que, na sala da frente da casa adquirida posteriormente em fevereiro de 1979 contígua à anterior compra do imóvel da Castelo, foi instalada uma livraria para venda de livros espíritas, aberta ao público, pouco depois de a União entrar na posse do imóvel. Mas, anteriormente, logo após a operação de sua compra, a vendedora, mesmo no gozo do “usufruto vitalício”, permitiu que a compradora passasse a usar a parte dos fundos do terreno não edificada e a utilizasse, construindo, ali, ampla e moderna cozinha industrial, com rede de tubulação alimentando, a gás, 30 queimadores, para atender igual número de panelões. Citadas instalações foram dotadas de todos os recursos indispensáveis a seu bom funcionamento, como: balcões, refrigeradores, pias, grandes tanques de alumínio para lavagem e armazenamento de materiais alimentícios, armários e outros elementos de apoio.

Em princípio, houve uma forte oposição à construção do conjunto arquitetônico, na Travessa Castelo Branco, por parte daqueles que não aceitavam a idéia de a União se desfazer do patrimônio da rua Oswaldo Cruz, em virtude da tradição e pelo fato de se encontrar esse imóvel localizado no centro turístico de nossa capital, muito próximo ao centro comercial, portanto, numa área privilegiada.

A venda da antiga sede, pensavam outros, propiciaria recursos, senão para a construção completa, pelo menos para se construir aquilo que se julgava de mais imediato.

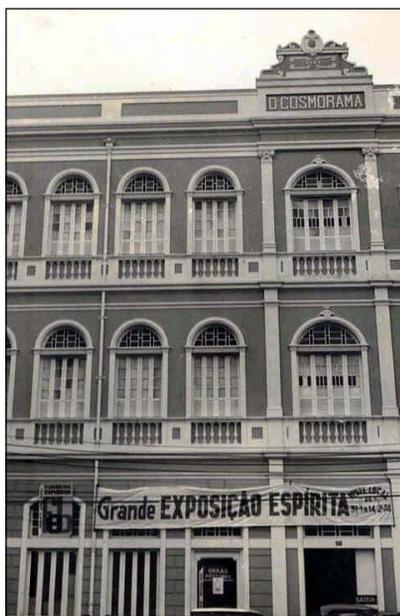
Sobre essa matéria, Jonas Barbosa esclarece:

“[...] ante essa situação que agora entendemos bem, precisávamos lutar mais. Imaginávamos uma coisa mais fácil. Já dispúnhamos de um recurso, um patrimônio angariado por companheiros do passado. Então, começamos o trabalho, procurando através de campanhas, tarefas as mais variadas, arranjar recursos,

sem comprometer, sem abrir mão do patrimônio da Rua Oswaldo Cruz, que, após uma obra de reforma de certa envergadura, deverá continuar por alguns anos”.

5.5 Exposição Espírita Itinerante

Promovida pela União Espírita Paraense, foi inaugurada em Belém, às 17h30 do dia 31 de janeiro de 1974, em reunião bastante concorrida, a Grande Exposição Espírita, que durante 15 dias, no horário das 8h às 22h – e domingo somente até às 18 horas –, esteve aberta à visitação pública, no prédio no qual funcionara por vários anos a conhecidíssima loja Cosmorama, com localização privilegiada.



Fotografia 18 – Fachada do prédio O Cosmorama em cujo pavimento térreo foi instalada a “grande Exposição Espírita”

De caráter itinerante, veio diretamente da cidade de São Paulo, onde foi montada, em 1968, e permaneceu algum tempo exposta à visitação pública. Mais de 100 mil pessoas ali registraram presença.

Essa exposição, uma iniciativa da Federação Espírita do Estado de São Paulo, já percorrera as cidades de Buenos Aires, Montevideú, Santos, Porto Alegre, Florianópolis, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília e Goiânia, tendo sido visitada por mais de 500 mil pessoas.

Em Belém, citada exposição estava iniciando um roteiro que deveria abranger São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju e Salvador.

A exposição em apreço teve a acompanhá-la, em Belém, dois diretores da Federação Espírita do Estado de São Paulo, senhores João Batista Laurito e Alfredo Lourenço, que além de orientarem sua montagem, que durou alguns dias, funcionaram, notadamente o primeiro, como Relações Públicas.

A finalidade da referida mostra foi oferecer ao grande público a oportunidade de conhecer o Espiritismo, em seus aspectos científico, filosófico e religioso, através da exibição de tudo aquilo que refletia a Doutrina e a evolução do MOVESP, no Brasil e no mundo, constituindo-se de livros, jornais, revistas, fotografias de obras educacionais e assistenciais, organograma do trabalho de unificação, dados estatísticos, quadros demonstrativos das atividades espíritas ao longo do tempo, processo histórico da Codificação Kardequiana, relação do Espiritismo com o Cristianismo e tudo o que representa a penetração do Espiritismo em todos os campos da atividade humana.

Para a instalação dos painéis grande quantidade de material foi utilizado, compreendendo livros, fotografias e trabalhos executados pelos espíritos. Um total de 1.200 livros sobre Espiritismo foi exposto, dos quais, vários psicografados por Francisco Cândido Xavier, editados em vários idiomas; toda a obra de Allan Kardec e até de espíritas paraenses, como Ettore Bósio e Aurelino Gurjão.

Além desses materiais, constavam objetos de aspecto curioso para o leigo, tais como: partes do corpo humano moldadas em parafina, em várias partes do Brasil, inclusive em Belém – nesta, obtida pelas materializações com a médium Ana Prado –; fotografias de espíritos materializados e ainda de flores; discos de ebonite enrolados que, consoante os esclarecimentos de Laurito, quando desenrolados não tinham os sulcos fonográficos danificados, trabalho esse executado pelos espíritos, “talvez sob os efeitos de uma energia até então não descoberta pela ciência contemporânea”.



Fotografia 19 – Vista interna de alguns aspectos da “Grande Exposição Espírita”

Outros elementos dignos de mencionar foram os modelos de mesa construídos para a obtenção dos fenômenos de efeitos físicos, conhecidos por fenômenos das mesas girantes. Dentre esses modelos, destacava-se a *ouija-table*. Refira-se, também, a coleção de 35 telas pintadas por Messias, um médium pictográfico, dentre eles o retrato de *Lia Fox*, uma das famosas *Irmãs Fox*, pintado em 1968³⁸ e os *posters* mostrando as radiografias de uma mulher com centenas de agulhas no corpo.

A exposição foi solenemente inaugurada e contou com a presença de numeroso público além de autoridades e figuras representativas da vida intelectual de Belém. A fita simbólica foi descerrada pelo deputado federal Gabriel Hermes Filho e pelo deputado estadual Antonio Amaral, o primeiro, representando a Federação das Indústrias, e o segundo, o Governo do Estado. Compareceram, também, o deputado Antonio Teixeira, representando a Assembléia Legislativa do Estado; Aláudio Melo, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará; jornalista De Campos Ribeiro e coronel médico Pedro Tupinambá, da Academia Paraense de Letras; João de Deus dos Santos, pela Federação do Comércio; Emanuel Rodrigues Matos, representante do Tribunal de Recursos da 8ª Região; José Alves de Lima, representante da Superintendência Nacional da Marinha Mercante (SUNAMAM) e Ciro Carreiro, do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará.

Os jornais abriram suas colunas para amplo noticiário, além de entrevistar João Batista Laurito, diretor de Relações Públicas da Federação Espírita do Estado de São Paulo.

³⁸ Lia viveu na segunda metade do século XIX

Em Belém, a Grande Exposição Espírita cumpriu muito bem os seus objetivos. Representou uma grande contribuição para o MOVESP paraense, pela inestimável disseminação, aqui realizada, da doutrina espírita. Durante os 15 dias de seu funcionamento recebeu a visita de milhares de pessoas de todas as faixas etárias e diferentes camadas sociais.

5.6 Os Conselhos Regionais Espíritas

Na reforma do estatuto da UEP, em julho de 1988, foram criados os CRE, com a incumbência de promover o trabalho de unificação do MOVESP, em determinadas áreas geográficas do Pará.

Através desses órgãos, a UEP procurou descentralizar as ações que se deveriam desenvolver, visando melhor atender às tarefas unificacionistas, atenta à inarredável realidade da expansão dos trabalhos doutrinários: criação de novas atividades nos centros existentes e o surgimento de novas casas espíritas.

Os dispositivos estatutários esclarecem a respeito da formação, organização, funcionamento, atribuições e representação do CRE.³⁹

Sendo um órgão de unificação, as tarefas do CRE não se confundem com as das sociedades espíritas. Estas, como instituições autônomas, não podem ser tolhidas, em nenhum

³⁹ *A Revelação* de setembro de 1988

momento, em suas iniciativas. O trabalho de unificação tem um sentido de apoio, de ajuda, sem quebra da independência das casas espíritas. As resoluções do CRE têm apenas um sentido de sugestão, de recomendação que, consultando os interesses das instituições que o compõem, serão certamente aceitas, mas, livre e espontaneamente.

Considerando que o CRE é formado por representantes das casas adesas à UEP, situadas na circunscrição daquele, é necessária uma participação ativa de seus membros nas reuniões que realiza periodicamente, para que as decisões espelhem o desejo ou pensamento das casas espíritas componentes e sua direção adote as medidas para lhes dar cumprimento.

O CRE é formado somente pelas sociedades espíritas adesas à UEP, em número não inferior a três. Embora situadas em sua circunscrição, casas espíritas não adesas não integram esse órgão de unificação, enquanto não se tornarem adesas. A adesão, quando ocorre, é feita livremente e, com quanto possa ser estimulada representa o reconhecimento da importância de se unir a outras casas espíritas para um trabalho dentro de uma unidade de pensamento e da associação de esforços em tomo de objetivos de interesse comum.

O CRE desenvolve tarefas no território definido como de sua responsabilidade.

No momento, existem 16 CRE, abrangendo 78 municípios, em cuja circunscrição há, além de 94 centros espíritas adesos que os compõem, 67 não-adesos.

Espiritismo no Pará. 100 anos de União Espírita Paraense

Por outro lado, são sete os CRE-Embriões,⁴⁰ envolvendo 19 municípios com 11 centros adesos e mais 11 não adesos.

Pode-se apreciar, a seguir um quadro estatístico das casas espíritas no Estado do Pará, com base em 31 de dezembro de 2005.

Tabela 1 – Casas Espíritas do Estado do Pará em dezembro de 2005

CRE	Adesos	Não Adesos	Total
1º CRE	5	2	7
2º CRE	7	4	11
3º CRE	6	5	11
4º CRE	5	2	7
5º CRE	12	10	22
6º CRE	8	3	11
7º CRE	5	8	13
8º CRE	4	4	8
9º CRE	11	1	12
10º CRE	5	5	10
11º CRE	4	6	10
12º CRE	8	2	10
13º CRE	4	2	6
14º CRE	3	1	4
15º CRE	4	4	8
16º CRE	3	7	10
TOTAL	94	67	161

⁴⁰ Centros espíritas adesos, situados em região onde não existe CRE, que recebem algumas atribuições deste, objetivando ajudar os núcleos espíritas, localizados numa área que lhes é relativamente próxima, a se organizarem, tornando-os aptos à adesão.

O Movimento Espírita no Pará a partir de 1960

Tabela 2 – Casas Espíritas do Estado do Pará em dezembro de 2005, por CRE-Embrião

CRE-Embrião	Adesos	Não adesos	Total
Carajás	2	-	2
Itaituba	1	4	5
Santo Antonio do Tauá Do	4	2	6
Monte Dourado	1	1	2
Paragominas	1	1	2
Soure	1	1	2
Breves	1	2	3
Total	11	11	22

Tabela 3 – Casas Espíritas fora da circunscrição de CRE e CRE-Embrião, em dezembro de 2005.

Centros	Adesos	Não adesos	Total
Não vinculados	-	2	2

Tabela 4 – Total de centros espíritas no Estado do Pará, em dezembro de 2005.

Centros	Adesos	Não Adesos	Total
			183
CRE	94	67	161
CRE-Embrião	11	11	22
Não vinculados	-	2	2
Total geral	105	80	185

Informa-se, a seguir a constituição dos CRE e CRE-Embriões, indicando os centros adesos em sua circunscrição e respectivos municípios, e ainda as casas não-adesas existentes na mesma área.

5.6.1 CRE

1º CRE		
Centros	Adesos	Centro Espírita A Casa do Caminho Grupo Espírita “Paulo de Tarso” Centro de Estudos Espíritas “André Luiz” Centro Espírita O Mensageiro do Amor Núcleo Espírita Caminho, Verdade e Vida.
	Não-Adesos	Centro Espírita A Caminho da Paz Núcleos de Estudo Espíritas A Caminho da Luz

Quadro 16 – Centros do Distrito de Icoaraci – Belém

2º CRE		
Centros	Adesos	Sociedade Espírita Emmanuel Centro Espírita Francisco de Assis Grupo Espírita Vinha de Luz Centro Espírita Justiça Amor e Caridade (JAC) Centro Espírita André Luiz Centro Espírita Irmãs Cáritas Centro Espírita Caminho, Verdade e Vida Centro Espírita André Luiz Centro Espírita Irmãs Cáritas Centro Espírita Caminho, Verdade e Vida
	Não Adesos	Grupo Espírita Eurípedes Barsanulfo Grupo Espírita Fabiano de Cristo Centro Espírita Caminhando com Jesus Centro Espírita Caminho da Luz

Quadro 17 – Centros dos Bairros do Guamá, Terra Firme, São Brás, Canudos – Belém

O Movimento Espírita no Pará a partir de 1960

3º CRE		
Centros	Adesos	Educandário Jesus de Nazaré Associação Espírita Caminheiros do Bem Centro Espírita Luz da Verdade Sociedade Espírita Servindo a Deus e ao Próximo Grupo Espírita Divino Mestre Centro Espírita Paz, Luz e Amor
	Não-Adesos	Morada Espírita Legião do Bem (MELB) Centro Espírita Paz, Amor, Caridade Centro Espírita Casa do Caminho Centro Espírita Nosso Lar Casa Espírita do Nazareno

Quadro 18 – Centros do Bairros de Batista Campos, Cidade Velha , Condor, Campina, Jurunas e Umarizal – Belém

4º CRE		
Centros	Adesos	Centro Espírita “Yvon Costa”
		Associação Espírita Caravaneiros do Bem
		Centro Espírita Emissários da Luz e da Verdade
		Lar de Maria
		Sociedade Espírita Luz da Caridade
	Não Adesos	Grupo Espírita Boa Vontade
		Grupo Espírita União, Amor e Fraternidade.

Quadro 19 – Centros dos Bairros Fátima, Marco e São Brás – Belém

Espiritismo no Pará. 100 anos de União Espírita Paraense

5º CRE		
Centros	Adesos	Centro Espírita “Oswaldo Santos” Centro Espírita Estrada de Damasco Centro Espírita “Bezerra de Menezes” Grupo Espírita Renascença D’Alma Centro Espírita Luzes no Caminho (CELUZ) Centro Espírita “João Batista” Grupo Espírita Cristo Luz da Vida Centro Espírita “Irmã Maria da Luz” Centro Espírita “Benedita Fernandes” Centro Espírita Luz do Caminho Centro Espírita “Jesus de Nazaré” Centro Espírita Obediência e Resignação
	Não-Adesos	Centro Espírita Social Samaritano Centro Espírita João Evangelista Centro Espírita Campos da Paz Centro Espírita “Maria Madalena” Centro Espírita Paz e Amor Centro Espírita “Joanna de Ângelis” Centro Espírita Pão Nosso Centro Espírita Perseverança Associação Espírita Nosso Lar Centro Espírita Alvorada Cristã

Quadro 20 – Centros dos Bairros do Marco, Pedreira, Sacramento, Telégrafo, Fátima, Val de Cans e Barreiro – Belém.

O Movimento Espírita no Pará a partir de 1960

6º CRE		
Centros	Adesos	Centro Espírita O Consolador Sociedade Espírita Caminhando para Jesus Centro Espírita “Allan Kardec” Grupo Espírita Jardim das Oliveiras Centro Espírita Jesus nos Ampare Centro Espírita Celeiro de Luz Centro Espírita Esperança e Vida Instituto Educacional Espírita (Gfratas)
	Não-Adesos	Centro Espírita Luz de Cáritas Associação Beneficente Espírita Novo Tempo Centro Espírita Lar de Ismael

Quadro 21 – Centros dos Bairros da Marambaia, Nova Marambaia – Belém e Município de Ananindeua.

7º CRE		
Centros	Adesos	Centro Espírita A Voz de “João Batista” Centro Espírita A Voz do Consolador Casa Espiritual Lar da Criança Centro Espírita Irmãos do Caminho Centro Espírita Luz e Amor
	Não-Adesos	Centro Espírita Luz de Maria Centro Espírita Peregrinos da Luz Centro Espírita Cristão A Gênese Centro Espírita João da Cruz Centro Espírita Deixai Vir a Mim as Criancinhas Centro Espírita Fé, Amor e Confiança Centro Espírita Celeiro da Prece

Quadro 22 – Centros do Bairro do Coqueiro – Belém e Município de Ananindeua.

Espiritismo no Pará. 100 anos de União Espírita Paraense

8º CRE – Outros municípios		
Centros	Adesos	Centro Espírita “Allan Kardec” Grupo Espírita “Allan Kardec” Centro Espírita Campanha da Caridade Cristã Grupo Espírita Batuíra
	Não-Adesos	Centro Espírita Beneficente Início do Caminho Sociedade Espírita Renascer Seara Espírita Cristã Centro Espírita Amor e Caridade

Quadro 23 – Centros distribuídos pelos Municípios de Tucuruí, Jacundá, Goianésia, Breu Branco, Tailândia e Novo Repartimento

9º CRE – Outros municípios		
Centros	Adesos	Centro Espírita Unidos para o Reino Centro Espírita Caridade e Renovação Centro Espírita “André Luiz” Centro Espírita Amor e Caridade Centro Espírita “Rafael Gomes” Centro Espírita “Frei Daniel de Samarate” Centro Espírita Amor ao Próximo Centro Espírita Nosso Lar Centro Espírita Caminho de Luz Centro Espírita Luz Para Nossas Vidas Centro Espírita Alvorada Nova
	Não-Adesos	Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade

Quadro 24 – Centros distribuídos pelos Municípios de Castanhal, Curuçá, São Miguel do Guamá, Igarapé Açu, Santa Maria do Pará, Maracanã, São Domingos do Capim, Marapanim, Inhangapí, Terra Alta, São Francisco do Pará.

10º CRE – Outros municípios		
Centros	Adesos	Centro Espírita Luz do Caminho Centro Espírita Redenção Centro Espírita Obreiros do Bem Núcleo de Estudos Espíritas “Allan Kardec” Centro Espírita “Bezerra de Menezes”
	Não-Adesos	União Espírita de Campo Alegre – UNESCO Casa Espírita “Allan Kardec” Centro Espírita Cristão Centro de Estudos Espíritas de São Félix do Xingu Centro Espírita “Allan Kardec”

Quadro 25 – Centros distribuídos pelos Municípios de Redenção, Santana do Araguaia, Conceição do Araguaia, Santa Maria das Barreiras, Pau D’Arco, Cumarú do Norte, Banach, Ourilândia do Norte, Tucumã, Rio Maria, Xinguara, Água Azul do Norte, São Félix do Xingu e Floresta.

11º CRE – Outros municípios		
Centros	Adesos	Centro Espírita Servidores de Jesus Centro Espírita Seareiros do Caminho Centro Espírita “Allan Kardec” Centro Espírita “Emmanuel”
	Não-Adesos	Centro Espírita “Maria de Nazaré” Centro Espírita “André Luiz” Casa Espírita Amor de Maria Núcleo de Estudos Espíritas de Belo Monte Núcleo de Estudos Espíritas de Anapú Núcleo de Estudos Espíritas de Senador Porfírio Núcleo de Estudos Espíritas Vitória do Xingu.

Quadro 26 – Centros distribuídos pelos Municípios de Altamira, Vitória do Xingu, Brasil Novo, Medicilândia, Uruará, Senador José Porfírio, Pacajá, Porto de Moz, Anapú.

Espiritismo no Pará. 100 anos de União Espírita Paraense

12º CRE – Outros municípios		
Centros	Adesos	Centro Espírita Amor e Perdão Centro Espírita Casa do Caminho Centro Espírita Divina Providência Centro Espírita Reencarnação Centro Espírita Reviver Centro Espírita Renascer Centro Espírita Cruzada para a Luz Centro Espírita A Caminho da Luz
	Não-Adesos	Centro Espírita Águas Lindas Centro Espírita Caminho de Luz

Quadro 27 – Centros distribuídos pelos Municípios de Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara, Ilha do Mosqueiro – Belém

13º CRE – Outros municípios		
Centros	Adesos	Centro Espírita “Allan Kardec” Centro Espírita Trabalhadores da Paz Centro Espírita Amparo de Maria Centro Espírita “Allan Kardec”
	Não-Adeso	Centro Espírita Amor, Paz e Caridade Centro Espírita “Leon Denis”

Quadro 28 – Centros distribuídos pelos Municípios de Abaetetuba, Barcarena, Moju, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Cametá, Mocajuba e Baião

O Movimento Espírita no Pará a partir de 1960

14º CRE – Outros municípios		
Centros	Adesos	Sociedade Espírita Renascer Centro Espírita Casa do Caminho Centro Espírita Aprendizes do Evangelho
	Não-Adesos	Sociedade Espírita "Joanna de Ângelis"

Quadro 29 – Centros distribuídos pelos Municípios de Marabá, Itupiranga, Nova Ipixuna, Bom Jesus do Tocantins, Abel Figueiredo, Rondon do Pará, São João do Araguaia, São Domingos do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia, Palestina do Pará

15º CRE – Outros municípios		
Centros	Adesos	Associação Espírita Luz, Amor e Caridade Casa Espírita Amor Solidário Centro Espírita “Meimei” Centro Espírita “Irmã Jovita”
	Não-Adesos	Grupo de Estudos Espíritas A Caminho da Luz Centro Espírita “Irmã Dorotéia” Grupo de Estudos Espíritas Meimei Núcleo de Estudos Espíritas de Monte Alegre

Quadro 30 – Centros distribuídos pelos Municípios de Santarém, Belterra, Oriximiná, Óbidos, Curuá, Alenquer, Monte Alegre e Prainha

16º CRE – Outros municípios		
Centros	Adesos	Centro Espírita O Consolador Grupo Espírita União Centro Espírita Vida Nova
	Não-Adesos	Centro Espírita Jesus O Filho de Deus, Semeador Centro Espírita Luz Divina Centro Espírita Luz e Vida Núcleo de Estudos Espíritas de Salinópolis Centro Espírita Terceira Revelação Núcleo Espírita da Paz Centro Espírita “Jorge Farrah”

Quadro 31 – Centros distribuídos pelos Municípios de Capanema, Bonito, Bragança, Capitão Poço, Nova Timboteua, Ourém, Peixe-Boi, Santa Luzia do Pará, Salinópolis

5.6.2 CRE-EMBRIÃO

CRE-EMBRIÃO DE CARAJÁS		
Centros	Adesos	Comunhão Espírita Carajás Comunhão Espírita Aprendizes do Evangelho

Quadro 32 – Centros distribuídos pelos Municípios de Parauapebas, El Dourado do Carajás, Canaã do Carajás e Curionópolis

CRE-EMBRIÃO DE ITAITUBA		
Centros	Adeso	Centro Espírita A Caminho da Luz.
	Não-Adesos	Centro Espírita Luz do Amanhecer Centro Espírita Recanto da Luz Núcleo de Estudos Espíritas de Rurópolis Grupo Espírita “Francisco Xavier”

Quadro 33 – Centros distribuídos pelos Municípios de Itaituba, Novo Progresso, Trairão e Rurópolis

O Movimento Espírita no Pará a partir de 1960

CRE-EMBRIÃO DE MONTE DOURADO		
Centros	Adeso	Grupo Espírita Doutor “Bezerra de Menezes”
	Não-Adeso	Grupo Espírita Casa do Caminho

Quadro 34 – Centros distribuídos pelos Municípios de Almeirim e Gurupá

CRE-EMBRIÃO DE PARAGOMINAS		
Centros	Adeso	Centro Espírita “Allan Kardec”
	Não-Adeso	Centro Espírita Luz e Esperança

Quadro 35 – Centros distribuídos pelos Municípios de Paragominas, Mãe do Rio, Aurora do Pará, Ipixuna, Ulianópolis, Dom Eliseu

CRE-EMBRIÃO DE SANTO ANTÔNIO DO TAUÁ		
Centros	Adesos	Centro Espírita “Bezerra de Menezes” Centro Espírita Recanto da Misericórdia Centro Espírita Abnegados do Bem Centro Espírita Luz da Nova Era
	Não-Adesos	Centro Espírita Bênção da Paz Centro Espírita Seareiros da Luz

Quadro 36 – Centros distribuídos pelos Municípios de Santo Antonio de Tauá, Colares, Vigia, São Caetano de Odivelas e Santa Izabel

Espiritismo no Pará. 100 anos de União Espírita Paraense

CRE-EMBRIÃO DE SOURE		
Centros	Adeso	Centro Espírita Luz, Amor e Caridade
	Não-Adeso	Núcleo de Estudos Espíritas de Salvaterra

Quadro 37 – Centros distribuídos pelos Municípios de Soure, Salvaterra, Santa Cruz do Arará e Cachoeira do Arará

CRE-EMBRIÃO DE BREVES		
Centros	Adeso	Núcleo Espírita Boa Nova
	Não-Adesos	Centro Espírita Caminho, Luz e Verdade
		Centro Espírita Jesus é Amor

Quadro 38 – Centros distribuídos pelos Municípios de Breves, Curralinho, Portel, Anajás, Muaná, Ponta de Pedras e São Sebastião da Boa Vista

5.6.3 Casas Espíritas não vinculadas a CRE ou CRE-EMBRIÃO

Os Centros Espíritas não vinculados a CRE ou a CRE-Embrião apresentam a posição seguinte: duas casas não adesas, envolvendo dois municípios.

Centros
Centro Espírita Caminho da Luz
Centro Espírita O Cristo Consolador

Quadro 39 – Centros distribuídos pelos Municípios de São Geraldo do Araguaia e Tomé-Açu

Assinale-se que os centros espíritas catalogados, como “não-adesos”, muito embora não vinculados formalmente à União, desenvolvem igualmente importante trabalho no MOVESP do Pará. Essa não vinculação não tem impedido que se os envolva nas atividades de caráter geral, dentro do possível, promovidas pela UEP, tais sejam, treinamentos, cursos, grandes eventos, e outros.

Esclareça-se que um dos objetivos dos CRE é estabelecer uma aproximação com as casas espíritas não adesas e, até mesmo, ajudar as que necessitam e solicitam apoio, a se organizarem. Diga-se que se trata de apoio sem compromisso, tudo visando o engrandecimento da causa. Ao mesmo tempo, evidencia-se a importância do trabalho de unificação que oferece sem pedir, enfatizando-se o respeito à autonomia e independência das instituições espíritas.

É importante registrar que a maioria dos CRE tiveram origem em um CRE –Embrião.

5.7 Áreas de Atividades – Órgãos Departamentais

Com o desenvolvimento natural do MOVESP, a União viu-se obrigada a melhor organizar-se. A consciência crescente de seu papel de casa federativa determinou a criação de uma estrutura, que se foi aperfeiçoando aos poucos, para dar resposta ao atendimento do quadro de atividades que se foi desenhando.

Passou-se pela etapa dos “setores de apoio” à “comissão executiva” do CONFE, a partir de 1965, seguindo-se à fase das “comissões de apoio”, mais aperfeiçoadas, com as

quais se buscava ir ao encontro das diferentes atividades e, por último, com a reforma do estatuto em 1988, surgiram, em substituição às citadas comissões, os “órgãos departamentais”, órgãos esses que compreendem as coordenadorias, os departamentos propriamente ditos e serviços.

Deu-se o nome de coordenadoria aos órgãos incumbidos de cuidar exclusivamente do trabalho de unificação. Surgiram, assim, as Coordenadorias de: Infância, Juventude, Orientação Doutrinária, Serviço Assistencial, Comunicação, Organização e Educação.

Receberam o nome de departamento os órgãos aos quais cabia tratar ora de questões de unificação ora dos interesses da instituição como pessoa jurídica, nos seus aspectos físicos e de manutenção, e aqueles voltados exclusivamente às questões de ordem física e manutenção e funcionamento da União. Surgiram, assim, os Departamentos: Jurídico, Financeiro, Administrativo, de Patrimônio, de Esperanto, Livraria “André Luiz”, Farmácia Homeopática “Antonio Pinheiro Filho” e Fonte Viva.

Foi criado apenas um serviço que recebeu o nome de Serviço da Cooperação, cuja tarefa é dar apoio logístico a certas atividades desenvolvidas pelos outros órgãos, especialmente, as coordenadorias.

Bem mais recente, em 30 de agosto de 2001, houve a criação das Coordenadorias de: Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), Atividades Mediúnicas (AM) e Assistência Espiritual (AE).

As coordenadorias têm, a dirigi-las, quatro coordenadores. Contam com equipes de apoio.

Os departamentos têm a sua frente um dirigente que é auxiliado por uma equipe.

O Serviço da Cooperação é dirigido por quatro membros que, dependendo do evento a apoiar, mobilizam número maior ou menor de trabalhadores.

5.7.1 Área da Infância

Antecedendo ao início da 1ª Semana Espírita de Belém, ocorrida de 4 a 11 de novembro de 1962, realizou-se, na capital paraense, o “1º Curso Intensivo de Preparação de Evangelizadores da Infância” sob a direção da professora Cecília Rocha, vinda especialmente de Porto Alegre – Rio Grande do Sul, com essa finalidade, que se fez acompanhar da Professora Solange Maria Moacyr, de Salvador – Bahia (Fotografia 20).



Fotografia 20 – Cecília Rocha (RS) e Solange Maria Moacyr (BA), quando da realização do primeiro curso intensivo de preparação de evangelizadores da infância.

O Curso funcionou de 1º a 11 de novembro com 3h de aula por dia, na sede da UEP, e teve a participação de cerca

de 60 alunos, entre regulares e ouvintes. Foi o despertar dos espíritas paraenses para o trabalho de evangelização da criança, de acordo com os postulados da Doutrina Espírita.

Em outra oportunidade, realizou-se o “2º Curso Intensivo de Preparação de Evangelizadores da Infância”, ainda sob a direção da Professora Cecília Rocha que contou com a colaboração do trabalhador espírita baiano, Carlito Brito. De igual forma, despertou grande interesse. Constituiu uma espécie de consolidação da idéia trazida, no primeiro.

Daí em diante, essa espécie de curso continuou sendo ministrado, mas, agora, conduzido por elementos locais, a chamada “prata da casa”. Tais cursos foram sendo aperfeiçoados, inclusive com introdução gradativa de novas matérias.

A partir dos primeiros cursos, esboçou-se a criação de órgãos para coordenar os trabalhos. Em 1965, tendo o CONFE já uma estrutura organizada, foram criados vários setores, dentre eles o Infante-Juvenil, que teve, como seus primeiros dirigentes, Mário da Costa Barbosa, Salomão Jacob Benchaya e Josino Alves dos Santos, e, também, o de Educação, sob a direção de Alfredo Fernandes, Ana Pinheiro Guimarães e Maria de Nazaré Guerreiro de Azevedo.

Com a natural evolução das atividades, os setores foram substituídos por Comissões de Apoio (COAP), desdobrando-se o Setor Infante-Juvenil em COAP de Infância e COAP de Juventude. O que seria a COAP de Educação deixou de existir ante o entendimento de que suas atividades seriam absorvidas pelas duas anteriores.

O crescimento do MOVESP, em todas as suas áreas, levou à criação de coordenadorias, por ocasião da reforma

do estatuto da União, ocorrida em 1988. Assim, a UEP passa a ter Coordenadoria da Infância (COINF) e Coordenadoria da Juventude (COJUV), em substituição às respectivas comissões de apoio.

Logo depois dos primeiros cursos, começaram a ser implantadas, gradativamente, as atividades de evangelização da criança, nos centros espíritas. É um trabalho em crescimento, em todo o Estado. Cerca de 70% das casas espíritas já desenvolvem essa tarefa.

Sob a responsabilidade direta da COINF, no início de cada ano é realizado o Curso Básico para Preparação de Evangelizadores, capacitando, em media, 100 evangelizadores. Esse curso, dividido em dois módulos, aplicados em datas diferentes, é precedido por uma “prévia”, visando a seleção de candidatos e está estruturado com temáticas como:

- ▶ Pedagogia de Jesus,
- ▶ Pedagogia Espírita,
- ▶ Educação dos Sentimentos,
- ▶ Psicologia, Planejamento e Currículo,
- ▶ Doutrina e Movimento Espírita,
- ▶ Estrutura e Funcionamento da Evangelização.

São oferecidas “oficinas pedagógicas”, uma em cada semestre, que apresentam de cinco a seis temas, previamente selecionados, dando ensejo a que os participantes optem pelo de sua preferência.

É realizado um seminário, no final de cada ano, com temática voltada para a necessidade dos trabalhadores da infância. Um de seus objetivos é a confraternização destes.

Outros cursos, dessa natureza, ocorrem na circunscrição dos CRE, com seus próprios meios, ou em parceria com a COINF ou ainda, sob a direção única da própria COINF.

Há, também, uma atividade de visitação a casas espíritas, por iniciativa da COINF, cujo propósito é reunir-se com os coordenadores do trabalho da infância oportunizando troca de experiências; permitir acesso ao conhecimento da tarefa que ali se realiza, nesse campo; e possibilitar maior integração com o órgão de unificação.

Já houve realização de “Encontro Estadual de Dirigentes e Coordenadores da Evangelização da Infância”.

5.7.2 Área de Juventude

As primeiras atividades com jovens no Pará, de que se tem notícia, começaram em novembro de 1946, quando foram fundadas as Juventudes “Leon Denis”, na UEP, e “Francisco de Assis”, na “Confederação Espírita Caminheiros do Bem”. Posteriormente, foi criada a Juventude “João Evangelista”, no “Centro Espírita ‘Francisco de Assis’”. Essas “Juventudes” da primeira hora foram, em grande parte, responsáveis pela fundação do “Lar de Maria”, ocorrida no dia 15 de agosto de 1947.

Em 6 de dezembro do mesmo ano, ocorreu a junção dessas três Juventudes, dando lugar a “União das Juventudes Espíritas Paraenses”, mais adiante chamada simplesmente “União da Mocidade Espírita Paraense” (UMEP), funcionando na sede da UEP.

O trabalho assistencial sempre esteve presente nas atividades da UMEP e nas das “Juventudes” que a antecederam. A “Campanha do Quilo”, que consistia na arrecadação de gêneros alimentícios para o atendimento a pessoas carentes, é uma referência dessa época, como também o teatro e a música faziam parte de suas reuniões.

Nos fins de 1949, por motivo de cisão ocorrida nas fileiras da UMEP, uma parte de seus membros desligou-se de seus quadros, saindo para formar a “Mocidade Espírita Legião do Bem” (MELB), cuja fundação aconteceu no dia 25 de janeiro de 1950.

A UMEP, já enfraquecida, foi-se debilitando ainda mais, ficando muito reduzida, e a MELB, tendo-se organizado como pessoa jurídica, foi caminhando pelos anos afora.

Com o tempo, outras mocidades ou juventudes foram surgindo.

Estruturado o CONFE, foram criados “setores de apoio” à sua comissão executiva para cuidar das diferentes áreas de atividades e, dentre eles, o Setor Infante-Juvenil. Este foi posteriormente desdobrado em dois, sob os nomes de “Comissão de Apoio da Infância” e “Comissão de Apoio da Juventude” (COAP). Mais adiante, 1988, a Comissão de Apoio da Juventude, foi substituída pela Coordenadoria de Juventude (COJUV), para coordenar toda a atividade de “Juventude”, no trabalho de unificação realizado pela UEP, no Estado.

Isto permite entender como e por que, no ano de 1965, após a realização, em Marília, estado de São Paulo, da “1ª Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil”, da qual o Pará participou com oito representantes, veio a idéia de se congregarem todas as mocidades e juventudes espíritas

num mesmo evento. Surgiu, assim, a Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas do Pará (COMJE-PARÁ.). Na sua primeira edição, reuniu 80 participantes, nas dependências da União Espírita Paraense. Foram realizadas COMJE-PARÁ durante oito anos consecutivos, isto é, de 1965 a 1972.

Após a 8ª COMJE-PARÁ, o movimento de jovens sofreu um refluxo. Foram seis anos sem encontros gerais.

Somente no ano de 1979 voltou a ocorrer encontro de jovens. Inspirados na COMJE-PARÁ, coordenadores de “Juventude” de algumas casas espíritas de Belém, entre eles Antonio Almeida Ferreira, Stela Pojucci Ferreira de Moraes, Alberto Ribeiro de Almeida e Heitor de Moraes Lacerda, organizaram, em 1978, o Encontro Intensivo de Mocidades Espíritas do Pará (EIMEP), para realizar-se em 1979.

O “I EIMEP” reuniu cerca de 100 jovens, de cinco casas espíritas de Belém. O Encontro aconteceu nas dependências do “Lar de Maria”, iniciando nova fase no trabalho com os jovens, no Estado.

Para atender a faixa etária de pré-adolescentes, foi criado, em 1987, o Encontro Intensivo de Pré-Juventudes Espíritas do Pará (EIPEP), que funcionou durante 10 anos, junto ao EIMEP. Uma avaliação dos EIPEP concluiu pela desnecessidade de sua continuação, voltando os pré-adolescentes a integrar o EIMEP.

Uma característica dos EIMEP atuais, que em 2005 completou sua 28ª edição, é a crescente participação de jovens do interior do Estado, que já representa 20% do total dos inscritos. Para atender essa demanda, foi montada uma estrutura de acolhimento que permite aos jovens, de fora da capital, sentir-se com segurança e tranqüilidade, em todo o período de realização do Encontro.

Numa determinada época, além do EIMEP, acontecia a cada dois meses, um encontro de coordenadores de juventude.

Ao longo dos anos, foi crescendo o número de participantes do EIMEP. Em 2004, esse número alcançou 522, oriundos de 44 municípios, sem contar 182 trabalhadores.

Desde sua primeira realização o EIMEP acontece nos dias de Carnaval e, nos últimos anos, passou a ser custeado, quase totalmente, mediante o pagamento de uma taxa de inscrição pelos participantes.

O Encontro proporciona aos jovens momentos de reflexão, companheirismo e, principalmente, a reafirmação de fé, pois no período dedicado às comemorações de Momo, centenas de jovens se congregam em torno do ideal de ser, a cada dia, um pouco melhor que no dia anterior, através da ampliação da consciência do mundo e dos valores éticos que a Doutrina proporciona, quando é bem entendida e, sobretudo, praticada.

Ao longo do ano vem sendo realizados cursos básicos para formação de coordenadores da juventude. Esses cursos, como é compreensível, têm sido aperfeiçoados, de tal maneira que os mais recentes passaram a ser ministrados, num período mais longo e, por isso, divididos em cinco módulos. O público atendido está na faixa etária de mais de 22 anos, excepcionalmente, 18 anos. Esse curso tem caráter teórico-prático. O último contemplou de 25 a 30 participantes, não apenas de Belém, embora a maioria seja da capital.

De igual forma, ocorrem “oficinas de atualização” durante os “encontros de coordenadores de juventude”, com a presença de 25 a 30 participantes.

5.7.3 Área de Serviço Assistencial

O trabalho assistencial realizado pela União data dos meados das décadas de 30 ou 40, quando alguns grupos de damas da sociedade paraense reuniam-se para doação de enxovais, roupas, agasalhos.

As atividades objetivavam:

- ▶ servir de espaço auxiliar para que os trabalhadores e freqüentadores da Casa pudessem exercitar os valores propiciados pelo conhecimento espírita;
- ▶ possibilitar aos que dela participam como trabalhadores, a oportunidade de experienciarem a alegria de servir e o desejo de se fazerem solidários em relação às necessidades do próximo. Essas experiências, aliadas ao conhecimento que as embasa, conduziam e conduzem à suplantação do egoísmo;
- ▶ contribuir para minimizar as carências materiais daqueles que sofriam e que ainda sofrem com as desigualdades sociais;
- ▶ possibilitar, àqueles que eram e são atendidos nas diversas atividades, oportunidade de promoção e reerguimento visando minimizar a dependência que as vitimizam;

- ▶ consolidar experiências que possam inspirar a sociedade na reformulação dos modelos assistenciais.

Esta atividade foi-se ampliando ao longo do século XX e início do XXI com tarefas relacionadas ao Poder Público; no trato de questões que dizem respeito à assistência e promoção social; na participação das políticas públicas de assistência social; nos Conselhos Estaduais da Criança e do Adolescente e da Assistência Social.

A visita aos lares de famílias pobres dos bairros afastados do centro de Belém, onde era levada a palavra de solidariedade e a ajuda material, especialmente de alimento não perecível, existiu por bastante tempo. Essa visita, hoje, também voltada a enfermos hospitalizados, procura levar o conforto espiritual, no exercício da caridade.

Nos anos 60, quando da estruturação do CONFE, surgiram os setores de trabalho, dentre eles o de Assistência Social, substituído algum tempo depois pela COAP de Assistência Social, e se passou a desenvolver uma atividade melhor organizada.

Mais adiante, com a visão de serviço assistencial espírita fundamentada nos documentos: *Adequação do Centro Espírita para o Melhor Atendimento de suas Finalidades (ACE)* e *Orientação ao Centro Espírita (OCE)*, elaborados nos anos 70 e 80, a UEP imprimiu nova feição a essa atividade, acrescentando outro aspecto: uma ação de unificação voltada para atender às casas espíritas.

O natural aperfeiçoamento das atividades de unificação permitiu que a União pudesse melhorar o atendimento aos centros espíritas quanto às orientações de trabalho na área de serviço assistencial.

A partir de 1988, houve um avanço significativo na estrutura administrativa da UEP. Em substituição à COAP passou-se a ter a Coordenadoria de Serviço Assistencial (COASS), sob a direção de quatro membros com a incumbência de executar atividades de acordo com os interesses das casas espíritas expresso no Plano Anual de Trabalho (PAT), aprovado no Conselho Federativo da UEP.

Essas atividades constituíram-se em:

- ▶ treinamento básico;
- ▶ atividades de aperfeiçoamento;
- ▶ seminários;
- ▶ oficinas;
- ▶ visitas às casas espíritas;
- ▶ exame de textos de fundamentação teórica ou sobre legislação oficial a respeito da assistência social.

Nesse período, revelou-se também o trabalho executado pelos próprios centros espíritas ou pelos CRE.

5.7.4 Área de Orientação Doutrinária

As atividades doutrinárias, como é compreensível, fazem parte da vida da União Espírita Paraense desde a primeira hora, por isso que elas constituem a razão de ser de sua existência: estudar e divulgar a doutrina espírita numa conjugação de esforços

com os centros espíritas, no Estado do Pará, que se lhe tornassem ou que se lhe tornem filiados ou adesos.

É uma longa caminhada que, no decorrer dos anos, vai conduzindo a uma gradativa organização de ações que, em razão das experiências acumuladas, tornam-se cada vez mais frutuosas. Delineia-se, aos poucos, um MOVESP operante, dando lugar ao surgimento de novos núcleos de difusão da Doutrina, e de novos adeptos.

Essa caminhada é pontilhada de muitas lutas, havendo, muitas vezes, avanços e recuos, esmorecimentos, desânimos, frustrações, mas, porque “a Doutrina marchará com os homens, sem os homens e apesar dos homens”, como enunciou um pensador espírita, os obstáculos vão sendo superados e “ninguém consegue deter a marcha inexorável do progresso”.

Foram assim vividas fases de muitas dificuldades, superadas graças à fé inquebrantável de inolvidáveis obreiros em cujo coração a Doutrina acendera a chama da firme convicção.

Com a adesão da União ao “Pacto Áureo”, em 1950, foi criado o seu Conselho Federativo, porém só instalado em 1961 e com estrutura organizacional definida somente em junho de 1965. Esta previa a criação de setores, dirigidos, cada um por três membros. Surge, aí, ao lado de outros, o Setor de Doutrina, como órgão de unificação para cuidar da assistência doutrinária aos centros espíritas, em suas atividades voltadas para os adultos.

Inicia-se uma fase de orientação mais efetiva ao MOVESP, acompanhada de planejamento e execução de eventos de interesse geral. O desenvolvimento natural das atividades doutrinárias levou o CONFE a tomar a decisão de

modificar sua estrutura inicial, não só no que diz respeito à Comissão Executiva, mas também em relação aos setores, criando, em substituição a estes, as COAP. A partir desse momento, passa-se a ter a COAP de Doutrina.

Entretanto, com a reforma do estatuto da União, em 1988, as “comissões de apoio” cederam lugar aos órgãos departamentais, sendo substituída a COAP de Doutrina pela Coordenadoria de Orientação Doutrinária (COORD).

Com o passar do tempo expande-se, continuamente, o MOVESP em nível nacional e, por conseqüência, no Pará. A União é chamada a ter uma participação mais freqüente nas atividades gerais, tais como: simpósios, reuniões regulares do Conselho Federativo Nacional (CFN), dos Conselhos Zonais, Congressos e da Comissão Regional Norte, esta, anualmente. Cria o CFN, da FEB, em 1983, o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE). No âmbito das reuniões das Comissões Regionais, que começaram por congregar as direções das Federativas Estaduais, vão sendo criadas áreas referentes a vários campos de atividades específicas: inicialmente, Infância e Juventude, a seguir, ESDE e, sucessivamente, Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, Comunicação Social Espírita e, por último, Atividades Mediúnicas e Assistência Espiritual.

Verificou-se, assim, que as atividades de competência da COORD adquiriram uma abrangência tão ampla que esta não tinha como atendê-las. Resolveu, então, a diretoria executiva da UEP, em 30 de agosto de 2001, com apoio no estatuto, substituir a COORD por três outras: Coordenadoria do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (COESD), Coordenadoria de Atividades Mediúnicas (COAME) e Coordenadoria de Assistência Espiritual (COESP).

5.7.5 Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

A COESD surgiu do desdobramento da Coordenadoria de Orientação Doutrinária. A implantação dessa atividade, aprovada pelo CFN em 1983, exigiu, em todo o MOVESP nacional, a adoção de uma série de medidas preparatórias, um trabalho de organização cuidadoso. Foi o início de uma caminhada que levou a FEB a promover a elaboração de programas, instruções sobre o funcionamento do estudo e uma série de apostilas, adotadas por várias Federativas, inclusive a União Espírita Paraense. Dentre as providências iniciais, estava a preparação de coordenadores ou monitores para reger os grupos de estudos, já que estava na proposta de criação do ESDE, que este deveria ser realizado em regime de dinâmica de grupo.

Seriam formados grupos que não excedessem a 20 pessoas.

Essa fase inicial apresentou uma série de dificuldades, próprias de um trabalho que estava começando e com que os interessados não estavam familiarizados. Aos poucos foram superados os obstáculos, chegando-se, algum tempo depois, à identificação com a tarefa. Como é compreensível, houve necessidade da criação de um órgão específico, na área de unificação, para cuidar do assunto, levando o apoio às casas espíritas interessadas. Isto explica a criação da COESD, em 2001.

Em pouco tempo, foi se generalizando o reconhecimento da importância do ESDE na casa espírita. Crescendo o interesse, foram sendo realizados cursos de

formação de coordenadores, e, já um pouco depois, de aperfeiçoamento, bem como o surgimento de novos grupos de estudo.

Não demorou muito para se perceber que o ESDE preparava adeptos mais esclarecidos da doutrina espírita e trabalhadores para as atividades da casa espírita; difundia o gosto pelo estudo sério; fomentava o desenvolvimento da pesquisa e o aprofundamento de aspectos do conhecimento doutrinário; estimulava o cultivo da arte de ouvir e da arte de dialogar; promovia a aprendizagem de como administrar emoções, libertar a criatividade e superar a rotina; incentivava o participante para ser o autor de sua própria história; fortalecia o espírito de grupo, desestimulando o personalismo; ajudava o desenvolvimento pessoal do participante; desencorajava o misticismo e posturas e atividades dogmáticas; desenvolvia o espírito de unificação, ao enfraquecer o “eu” e propiciar o nascimento do “nós” e, nesse sentido, contribuir para a substituição da “minha casa” pela “nossa casa”.

É oportuno lembrar que, antes da criação de sua coordenação específica, o ESDE foi cuidadosamente trabalhado pela antiga COORD. Com esta, ele cresceu e se consolidou até o ponto de requerer um órgão exclusivo, que o tivesse como preocupação única, sob pena de comprometer sua expansão. É por isso que a União pode comparecer em todas as reuniões da Comissão Regional Norte levando sua melhor contribuição para a área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita.

A partir da COESD, em virtude de um melhor planejamento, as ações se ampliaram. Buscou-se estender o ESDE a casas espíritas que ainda não o possuíam; organizaram-se eventos especiais, como “Encontro Estadual de Coordenadores de ESDE”, cursos de aperfeiçoamento e até participação em “Encontro Nacional”.

Os frutos do ESDE aí estão. Novas casas espíritas foram formadas por iniciativa de elementos que participavam desses estudos, outras foram reforçadas em seus quadros por trabalhadores oriundos daquelas que desenvolviam esse trabalho.

5.7.6 Área de Assistência Espiritual

As atividades relacionadas a essa Área remontam, na União, a 1965, época anterior, portanto, à aprovação, pelo CFN da FEB, do documento *Orientação ao Centro Espírita*. Foram inspiradas no atendimento que se fazia, na Federação Espírita do Estado de São Paulo, onde as pessoas eram entrevistadas, individualmente, recebiam passe e assistiam a uma exposição doutrinária.

Com o *Orientação ao Centro Espírita*, o capítulo: *Reunião de Assistência Espiritual* desenvolve bem a matéria, e essa atividade tomou um incremento. Vários cursos para preparação de entrevistadores foram sendo realizados, de forma a preparar os centros espíritas para promover sua implantação. Naturalmente, coube, num primeiro momento, ao Setor de Doutrina, depois à Comissão de Apoio de Doutrina, que sucedeu esse, e posteriormente, a partir de 1988, à COORD, cuidar do assunto.

O acúmulo de tarefas atribuídas a COORD impôs seu desdobramento desta em três outras Coordenadorias, uma das quais, a COESP começou a funcionar, em novembro de 2001, com a incumbência de se dedicar ao “Atendimento Fraternal Através do Diálogo” ou, melhor dizendo, à atividade de “Assistência Espiritual”.

É de se ver, que, outro órgão da União, o “Departamento Fonte Viva”, que funciona como um centro espírita, isto é, realiza, no âmbito interno da UEP todas as atividades doutrinárias próprias de um centro espírita, já vinha desenvolvendo, de maneira mais ampliada, o “Atendimento Fraternal Através do Diálogo”. Isto porque, ainda em 1990, fora criada uma comissão especial para estudar e examinar a possibilidade da implantação, como uma de suas atividades, do chamado Tratamento Espiritual, com base no que era realizado, em Manaus, Amazonas, pela “Fundação ‘Allan Kardec’”. Tratava-se de um “Atendimento Fraternal Através do Diálogo” mais ampliado e aperfeiçoado.

Implantada, finalmente, em 1992, essa nova atividade, no “Fonte Viva”, rapidamente cresceu. Passou a atrair um público que aumentava cada semana e despertou, também, o interesse de vários centros espíritas que solicitavam aos dirigentes dessa atividade, que logo popularizou a sigla TE, para ministrar treinamento em suas casas, como também solicitavam a oportunidade – e eram atendidos – de participar dos treinamentos do “Fonte Viva”, com vistas à respectiva implantação.

Verifica-se, por conseguinte, que a COESP ao nascer já encontra um trabalho em pleno andamento, passando a imprimir-lhe um ritmo mais intenso e dando-lhe uma grande expansão. Foi aumentando o número de casas espíritas em que a Assistência Espiritual (AE) passou a funcionar, alcançando rapidamente municípios do interior. Já há cerca de 50 centros espíritas onde o TE, que alguns preferem chamar AE está implantado.

Ao longo do ano, a COESP realiza treinamentos básicos e de atualização de todas as atividades doutrinárias no

âmbito da Assistência Espiritual, com o objetivo de formação e aperfeiçoamento de trabalhadores para o MOVESP, envolvendo tanto os centros espíritas da capital como do interior.

A COESP realiza, ainda, encontros com dirigentes de doutrina dos CRE e dos centros espíritas; visitas às casas espíritas, quando solicitada; seminários para os trabalhadores e centros espíritas que solicitam uma revitalização das atividades do AE.

O termo “Espiritual” significa que o atendimento oferecido às pessoas que buscam a casa espírita, na maioria dos casos, é de ordem espiritual, independente dos problemas que as afligem ou conturbam. Também está incluído, nesse conceito, a idéia de que somente são utilizados recursos espíritas ensejados pela Doutrina.

A idéia operacional básica é a realização simultânea ou interligada de um conjunto de atividades visando sistematizar o atendimento a qualquer necessitado que procure o centro espírita, mediante diretrizes e coordenação unificadas.

As atividades que compõem a AE são as seguintes:

- ▶ Recepção e Encaminhamento;
- ▶ Atendimento Inicial;
- ▶ Atendimento Fraternal Através do Diálogo;
- ▶ Aplicação de Passe e
- ▶ Estudo em Grupo do Evangelho.

5.7.7 Área de Atividades Mediúnicas

As reuniões mediúnicas sempre foram muito presentes em nossas casas espíritas. Durante muito tempo, constituíram a atividade mais importante, na grande maioria delas, e, em vários casos, até, a única.

Compreende-se que a atração pelo fenômeno, em razão do pouco ou nenhum conhecimento doutrinário, ditava esse comportamento. E a falta de estudo, inclusive no campo da mediunidade, levava muitos espíritas à organização de reuniões mediúnicas que se ressentiam, comumente, de orientação adequada, daí resultando uma série de inconveniências: desvirtuamento do objetivo do intercâmbio com o mundo espiritual e prática de abusos que atentava contra o bom nome da doutrina espírita, projetando, aos menos avisados, uma imagem negativa.

Somente a partir do momento em que se procurou imprimir uma organização ao MOVESP, isto é, criando-se um trabalho de apoio aos centros espíritas, sob a coordenação das Casas Federativas, começou a atividade mediúnica a tomar nova feição, atendendo ao grandioso papel a que se destina.

No Pará, essa organização surge com a instalação do CONFE da UEP, em 1961, mas com atuação efetiva a contar de 1965, quando foram criados os “setores de apoio” à Comissão Executiva do CONFE.

Ao Setor de Doutrina coube a orientação de todas as atividades doutrinárias e, portanto, das atividades mediúnicas. Inicialmente, ao Setor de Doutrina e, sucessivamente, à COAP de Doutrina e à COORD estiveram entregues as ações de orientar sobre os assuntos mediúnicos, no âmbito do Estado do Pará, até agosto de 2001, quando foi criada a COAME.

Notadamente, sob a orientação da COORD, isto é, a partir de 1988, quando esta surgiu, houve grandes avanços na área de atividades mediúnicas.

Aconteceu um grande número de eventos, não só em Belém como no interior, nas circunscrições de todos os Conselhos Regionais Espíritas, ao longo de todos esses anos, mesmo anteriormente a 1988. Foram cursos e treinamentos os mais diversos objetivando ministrar desde os conhecimentos básicos aos de aprofundamento, aos dirigentes e médiuns esclarecedores das reuniões mediúnicas. Ocorreram vários seminários sobre o assunto, um deles com presença de centenas de participantes, como aconteceu em Belém. Esses seminários, assim como os treinamentos, foram realizados em todo o Estado.

Já sob a direção da COAME, que tem como única responsabilidade as questões de mediunidade, passou a haver maior atenção a essa área de atividades. Ocorreu um incremento das ações em favor do MOVESP, fazendo-se mais visível o trabalho de apoio a que se propõe um órgão de unificação. Daí resultaram: cursos com maior abrangência e maior número de participantes, destinados à formação de trabalhadores para a atividade mediúnica; seminários com debates para os trabalhadores e outras pessoas interessadas e apoio aos centros espíritas, quando solicitado, para a implantação de reuniões mediúnicas.

O trabalho que a COAME tem desenvolvido, assim como o realizado pelos órgãos de unificação que a antecederam, produziram significativos resultados na área relacionada com a mediunidade, conforme atestado por levantamento de dados estatísticos que evidenciam importantes mudanças, no aspecto qualitativo dessas atividades, e também de sua expansão. O estudo das obras doutrinárias e, especificamente, das que tratam das questões mediúnicas, muito contribuíram para essa nova realidade.

5.7.8 Área de Organização

Este órgão em muito tem contribuído para a organização administrativa de casas espíritas, nos âmbitos jurídico, financeiro, tributário, contábil e em tudo que diga respeito a sua estrutura de rotina administrativa.

Sua atividade tem consistido em esclarecer os dirigentes das casas espíritas sobre as normas legais vigentes no País, fornecendo orientação e apoio.

As informações são passadas através de oficinas, encontros, treinamentos e assessoramentos. Os três tipos de eventos são agendados pelos membros da Coordenadoria de Organização (COORG) e constam de seu PAT ou resultam de pedidos de CRE.

Há, ainda, o atendimento de solicitações ou consultas diretas de dirigentes de casas espíritas, ao longo do ano, sob forma de pareceres.

A COORG estende sua contribuição, também, fornecendo modelos de formulários, como atas de Assembléia Geral Ordinária e Extraordinária, de Diretoria, como fundar um centro espírita, como reformar um estatuto, informações sobre os encargos fiscais de um centro espírita, e outros.

Como as demais coordenadorias, a COORG é composta de quatro membros, sendo, no seu caso, dois advogados e dois contadores.

A COORG, na sua ação unificadora, funciona dentro do entendimento de que uma casa espírita, organizada administrativamente, pode cumprir o seu papel de orientação e apoio espiritual às pessoas, levando a mensagem de Jesus com toda a tranqüilidade e serenidade, assim como, através de dirigentes

espíritas esclarecidos. O trabalho a ser desenvolvido por ela não se restringe apenas às atividades doutrinárias, mas, considerando sua condição de pessoa jurídica, assume responsabilidades e encargos perante seus associados, a sociedade civil e ao Poder Público, que precisam ser conhecidos e exercidos, para que, desta forma, as tarefas desenvolvidas pelas instituições espíritas possam ser operadas com eficiência e qualidade.

5.7.9 Área de Comunicação Social

Houve sempre preocupação em divulgar a doutrina espírita, no Estado Pará, utilizando-se, nos primeiros tempos, a imprensa espírita e a imprensa leiga e, com o passar dos anos, também outros meios de comunicação que foram surgindo com a marcha do progresso. Isto explica o motivo por que, quando da estruturação do Conselho Federativo da União, em 1965, foi criado, como órgão auxiliar de sua Comissão Executiva, o Setor de Publicidade, substituído, mais adiante, pela Comissão de Apoio de Divulgação (COAP de Divulgação), que, em 1988, deu lugar à Coordenadoria de Comunicação (COMUN). Por último, a COMUN foi transformada, em outubro de 2002, em Departamento de Comunicação Social Espírita (DECOM) com a mesma finalidade do órgão que o antecederia – oferecer sugestões e realizar atividades executivas e/ou de apoio à divulgação do Espiritismo e MOVESP paraense –, porém com estrutura funcional bem mais ampla.

5.7.9.1 Primeiros Órgãos de Imprensa

Fundado em 12 de junho de 1879, o mais antigo grêmio espírita, no Pará, “Grupo Espírita Luz e Caridade”, seus dirigentes, 11 anos depois, lançam, precisamente em 16 de março

de 1980, a revista *O Regenerador*, primeiro órgão de imprensa espírita, no Estado.

Com a fundação do “Centro Spirita do Estado do Pará”, em 15 de junho de 1890, *O Regenerador* passou a ser seu órgão oficial, mas, em fevereiro de 1891, referida revista tornou-se órgão da “Sociedade Spirita Paraense”, que fora fundada em 24 de agosto de 1890. No entanto, *O Regenerador*, a partir de junho do mesmo ano de 1891, apresentou-se como “periódico consagrado à propagação do Spiritismo ou Spiritualismo moderno”⁴¹, para poder mais livremente dedicar-se à divulgação da Doutrina.

Em 1902, Arthúnio Vieira e sua esposa Emilia Freitas Vieira, oriundos do Ceará, fundaram o “Centro Espírita Paraense” que, dado seu rápido crescimento, passou a publicar uma revista mensal – *Sophia* e a pequenina publicação quinzenal *Luz e Fé*.

Com a reativação do “Centro Espírita Paraense”, em 1905, que, praticamente, fechara, ressurgiu também *Sophia*, agora como jornal, no dia 6 de outubro daquele ano, que era distribuído gratuitamente em Belém e em diversos municípios do interior, principalmente os situados ao longo da Estrada de Ferro de Bragança. Circulou até junho de 1906.

Nas bases do primeiro estatuto da União Espírita Paraense constava, dentre outros, o propósito da “[...] impressão de jornais e obras de propaganda espírita, que serão dadas ao público pelo valor da impressão; [...]”⁴².

⁴¹ Livro do Eidorfe Moreira. Obras Completas. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, [19??]

⁴² Em discurso proferido por Francisco de Paula Menezes por ocasião da apresentação das bases de organização da UEP. *Folha do Norte*. 21 de maio de 1906.

Estava, dessa forma, prevista a criação da revista *A Revelação*, que teve sua primeira edição publicada em 8 de agosto de 1906, menos de três meses após a fundação da União.

Registre-se que, à época, o “Grêmio Espírita Beneficente ‘Romualdo Coelho’”, da cidade de Cametá - Pará, fundado em 31 de março de 1906, já mantinha uma revista denominada *Verdade e Fé*. O primeiro número desse órgão de divulgação espírita veio a lume em 14 de junho de 1906, portanto, antes do início da publicação de *A Revelação*.

Estará completando *A Revelação*, em agosto de 2006, o centenário de sua criação.

Em que pese uma plêiade de trabalhadores, ao longo de sua vida, haver-se empenhado por fazer *A Revelação* circular, com regularidade, têm ocorrido interrupções mais ou menos demoradas, em sua circulação, cuja tiragem, em determinados momentos, alcançou 2.500 exemplares, com distribuição em todo o Pará espírita. Uma dessas interrupções durou cinco anos – de 1988 a 1993 –. Em alguns casos, mesmo quando circulando, a periodicidade, mensal, não vinha sendo cumprida. Nos últimos tempos, vive-se uma dessas interrupções, motivada por fatores diversos, inclusive os de ordem financeira.

Lançado, em janeiro de 1910, por Francisco de Paula Menezes, o idealizador e um dos fundadores da União Espírita Paraense, o jornal *Alma e Coração*, com circulação mensal, viveu várias fases. Seis meses depois de seu lançamento, passou para a responsabilidade de Archimimo Lima, tendo como redatora sua esposa, Elmira Lima. Circulou com sua feição inicial até 1912 e, de 1913 a 1918, com o formato de revista, de 12 páginas. Esteve sua circulação paralisada por nove anos, quando ressurgiu como jornal, em 1927, sendo o órgão de divulgação da “Confederação Espírita Caminheiros do Bem”, fundada em 1926.

Em 1941, sua circulação foi novamente interrompida, voltando a reaparecer em dezembro de 1946. Em maio de 1963, após novo período sem circular, referido periódico estava de volta, mas, atualmente, está fora de circulação.

Em 1912, é fundada por Raymundo Nogueira de Faria e Domingos Sylvio Nascimento, a *Revista Espírita*, como órgão da “Escola Espírita Mont’Alverne”, que circulou durante um ano. Este órgão de divulgação ressurgiu, numa segunda fase, no ano de 1921 e circulou até 1923, sob a direção dos que a fundaram em 1912. Desempenha importantíssimo papel, fazendo a cobertura e completa divulgação dos acontecimentos que envolveram a compra do prédio da UEP e a realização das obras de sua adaptação às finalidades a que se destinava.

A Verdade é o nome de um periódico que surgiu em 1º de junho de 1917, com publicação quinzenal, sob a responsabilidade de Carlos Barros de Souza, que exerceu vários mandatos de presidente da UEP.

Em 1959, mês de março, um jovem de 16 anos, Luiz Carlos Leal, criou o jornal *Pará Espírita*, com quatro páginas, de circulação mensal, que era vendido nos centros espíritas e remetido, pelos Correios, para várias cidades, inclusive Buenos Aires. Mudando-se de Belém seu fundador e diretor, em fevereiro de 1960, o seu secretário desde a primeira hora, o jovem Alfredo Antonio Fernandes, de 14 anos de idade, e a presidência da MELB assumiram a direção do jornal que, porém, parou de circular em junho de 1960.

5.7.9.2 Periódicos Recentes

Após a realização, por Merhy Seba, assessor de Comunicação Social do Conselho Federativo Nacional, de um

curso de comunicação social, em Belém, no ano de 1994, e um seminário sobre o mesmo assunto, em janeiro de 2003, o primeiro, orientando dirigentes de casas espíritas sobre confecção de materiais de divulgação, tais como: cartazes, boletins de informações, jornais e outros, e o segundo, objetivando a capacitação de cooperadores para o DECOM, começaram a surgir veículos de divulgação escrita, como é o caso do jornal *Espaço Espírita*, em São Miguel do Guamá, e Boletim de Informações de vários organismos espíritas, como centros, departamentos, mocidades e CRE.

Em junho de 1990 veio a lume a primeira edição do jornal *O Velador*, de circulação bimensal, e que até janeiro de 1995 esteve sob a responsabilidade do 3º CRE. De fevereiro de 1995 a julho de 2000, essa responsabilidade coube ao “Educandário ‘Jesus de Nazaré’”, e, da edição de agosto de 2000 até dezembro de 2003, respondeu pelo referido periódico a “Associação de Divulgadores do Espiritismo” (ADE-PA). *O Velador* deixou de circular a partir de janeiro de 2004. Sua tiragem era de 1000 exemplares.

Essa instituição mantém a coluna *O Brasil Espírita*, no *Diário do Pará*, às segundas-feiras. Faz publicar no jornal *Amazônia Hoje*, às sextas-feiras, *Artigo Espírita*.

O “Centro Espírita ‘Yvon Costa’” é responsável pela *A Candeia*. Apareceu como boletim informativo, em dezembro de 1990, com circulação bimensal. Foram apenas quatro números, o último publicado em junho de 1991. Em janeiro de 2002, ressurgiu esse periódico, mas com a feição de jornal, também bimensalmente e distribuição gratuita. A partir de 2004 sua periodicidade passou a ser trimestral.

Registre-se ainda, na imprensa leiga, a publicação, em caráter regular, de colunas semanal, quinzenal e mensal, em

oito diferentes jornais, que circulam em Belém e em algumas cidades interioranas. Tal foi o caso do jornal *Tribuna de Castanhal*, no qual durante todo o ano de 2004, foi publicada a coluna *Momento Espírita*.

Através da Assessoria de Imprensa da UEP tem sido conseguida cobertura jornalística para importantes eventos, tais como EIMEP, Encontro de Dirigentes e Trabalhadores Espíritas do Pará (ENDEP) e “Feira do Livro Espírita”.

5.7.9.3 Programas de Rádio e Televisão

Por ocasião da visita inicial de Divaldo Pereira Franco a Belém, em 1959, inaugura-se, na *Rádio Clube do Pará*, o primeiro programa radiofônico espírita, no Estado – *A Voz da Terceira Revelação* –, que funcionou por vários anos.

Outros programas foram surgindo, ao longo do tempo, não apenas em Belém, mas em algumas cidades do interior. Dentre eles, registre-se:

- ▶ *A Voz do Consolador*, na cidade de Redenção, aos sábados, com 15 minutos, transmitido pela Rádio Clube FM;
- ▶ *O Evangelho Segundo o Espiritismo* – em Belém, aos sábados pela manhã, duração de 60 minutos, funcionou de novembro de 2001 a julho de 2003, na Rádio Marajoara;
- ▶ *Sementes de Luz*, no município de Ananindeua, às terças e quintas feiras pela manhã, de 30 minutos, em “rádio cipó” “boca-de-ferro”;

- ▶ *Luz para Nossas Vidas*, na cidade de Castanhal, *Rádio Liberal AM*, funcionou de outubro de 2004 a setembro de 2005;
- ▶ *Foco de Luz*, na cidade de São Miguel do Guamá, *Rádio Guamá*, funciona desde 2003;
- ▶ No município de Soure, um programa de 15 minutos, na *Rádio Guarani*;
- ▶ *Guia de Luz*, em Icoaraci – distrito de Belém”, aos sábados pela manhã, com 30 minutos, na “*rádio cipó*” – *Alvorada*;
- ▶ *Alvorada Cristã*, em Icoaraci, aos sábados pela manhã, com 30 minutos, na “*rádio cipó*”, *Arte Som*;
- ▶ *A Voz do Consolador*, em Icoaraci, aos sábados pela manhã, com 30 minutos, na “*rádio cipó*” *Sucedisco*;
- ▶ *Terceiro Chamado*, em Icoaraci, aos domingos pela manhã, com 30 minutos, na “*rádio cipó*” *Sucedisco*;
- ▶ *3ª Chamada*, em Belém, aos domingos, das 19 às 19h30, na *Rádio Clube do Pará*, apresentado pela ADE-PA.
- ▶ *Momento Espírita*, que tem a duração de 5 minutos, que é coordenado pela Federação Espírita do Paraná, vem sendo apresentado em várias cidades, do Estado, por mais de uma emissora, como é o caso de Abaetetuba e de Capanema, tudo por iniciativa dos centros espíritas locais.

Em Abaetetuba, sua apresentação é feita por:

- ▶ *Rádio Comunitária Guarany FM* – de segunda a sexta feira, às 10 horas. A primeira transmissão ocorreu em 22 de agosto de 2001, tendo sido suspensa por questões financeiras, em 2003. Após alguns meses, o diretor da Rádio, em razão de insistentes pedidos dos ouvintes, buscou patrocínio, sob aprovação da casa espírita, e o programa voltou a ser transmitido, sem nenhuma interrupção. A partir daí, apareceram outros interessados em também transmitir o programa e que são:

- *Empresa Copacabana de Comunicação*
– *Voz do Poste* – de segunda a sexta feira, às 17 horas.

- *Empresa Beija-Flor de Comunicação*
– *Voz do Poste* – de segunda a sexta feira, às 17 horas.

- *Empresa Natureza de Comunicação*
– *Voz do Poste* – diariamente, às 7 e às 18 horas.

- ▶ *TV Abaetetuba Canal 9 – TVA SBT* – começou a ser veiculado em 21 de junho de 2005, diariamente, antes do programa de notícias local. A resposta a este programa tem sido surpreendente.

Os textos do *Momento Espírita* costumam ser requisitados, em Abaetetuba, para diversas programações, na

cidade, tais como: Encontros de Formação Profissional, em escolas; Encontros de Jovens; Grupos de Alcoólicos Anônimos, entre outros.

Rádio Novela Há 2000 Anos, transmitida nos meses de outubro, novembro, dezembro de 2002 e janeiro de 2003. No encerramento da novela, houve uma programação na rádio a respeito do autor espiritual, Emmanuel, sobre Chico Xavier e o livro psicografado, terminando com um sorteio deste para os rádios-ouvintes que enviaram cartas.

Ainda sobre o programa *Momento Espírita*, tem sido apresentado, igualmente, nas seguintes cidades:

Cametá

– *Rádio Aldeia FM*, diariamente, às 6h55.

Capanema

– *Sistema de Comunicação Frederico Brawm – Voz do Poste*, de segunda a sexta feira, às 11 horas,

– *Rádio Educativa FM* – de segunda a sexta feira, às 12h15;

– *Almeida Divulgações – Voz do Poste*, de 2ª a 6ª feira, às 15horas;

– *Rádio Comunitária Antena* – de segunda a sexta feira, às 12horas.

Monte Dourado (Almeirim)

– *Rádio 104 FM*, diariamente, às 14h.

Tucumã

- *Rádio Comunitária Tucumã FM*, no sábado, às 8h.

Xinguara

- *Rádio Comunitária União FM*, de segunda a sexta feira, às 10h25m.

Castanhal

- *Rádio Comunitária “Maria Fumaça”*, funcionou de abril de 2004 a junho de 2005.

O programa *Conexão Nova Era*, transmitido pela *Rádio Liberal AM*, aos sábados, das 19h às 20h, há mais de 30 anos e que, nos últimos tempos era apresentado pela ADE-PA, passou para a responsabilidade da União em atendimento ao desejo da emissora. Tendo reestruturado sua programação, sua direção decidira que o espaço continuaria mantido para os espíritas, sob a condição de a UEP assumir a coordenação, em parceria com os que o vinham utilizando. Em consequência, foi reformulado, em 2000, o citado programa que daí em diante ficou sendo editado sob o nome *Espiritismo em Movimento*.

Vale ressaltar que é comum membros da UEP e, também, de outras instituições espíritas serem solicitados a conceder entrevistas em programas de rádio e televisão, quando da realização de eventos espíritas, ou mesmo para emitir opiniões sobre temas polêmicos, como: aborto, suicídio e outros.

Na cidade de Redenção, desde 2001, é apresentado pela TV – Cidade canal 7, da repetidora local do *Sistema Brasileiro de Televisão* (SBT), diariamente, o programa espírita *Despertar de um Mundo Melhor*, produzido pelo “Lar Fabiano

de Cristo”, de 7h30 às 8h. De segunda a sexta feira, no horário de 13h30 às 14h, é retransmitido um programa de entrevistas gerado pelo “Grupo Frateli”, de Brasília. Aos sábados, a emissora apresenta o programa *A Voz do Consolador*, das 13h às 13h30, ao vivo.

5.7.9.4 Feiras e Exposições de Livros Espíritas

Com a inauguração da “Livreria André Luiz”, em março de 1960, surgiu a idéia de se ampliar a divulgação da Doutrina através do livro espírita, organizando exposições e venda deste. Vários trabalhos foram realizados nesse sentido. Por volta de 1989 decidiu-se por uma atividade mais ousada. Para isso, foram colocados, num determinado dia, em sete pontos diferentes da cidade, estrategicamente escolhidos, balcões padronizados, com boa apresentação, e aparelhados com material de propaganda. Várias equipes de trabalhadores foram organizadas, revezando-se ao longo do dia para tomar conta dos postos. O resultado obtido – venda de mais de 400 livros – foi motivo de muito júbilo.

Na reunião da Comissão Regional Norte, órgão do CFN, realizada na cidade de Porto Velho, em 1989, da qual participou o Pará ao lado dos outros estados da Região, descobriu-se que, em Belém, não se sabia realizar feiras de livros. Os representantes de Rondônia relataram que, na sua feira de livros do ano anterior, haviam vendido cerca de 5 mil livros, e os do Acre, falaram da venda de aproximadamente 1.800, nas cidades, respectivamente, de Porto Velho e Rio Branco, ambas com população muito inferior à de Belém.

Expostas as dificuldades do Pará, semelhantes às de outros Estados, a coordenação da FEB convidou um trabalhador espírita de São Paulo, com larga experiência na organização de feiras de livros, para tomar parte, como assessor,

na reunião da Comissão Regional Norte, de Macapá, no primeiro semestre do ano seguinte. Ali foram dadas todas as orientações, inclusive com a distribuição de instruções escritas sobre tudo que se relacionava com a organização e funcionamento de uma feira de livro espírita.

No mesmo ano, portanto, em 1990 foi instalada a “I Feira do Livro Espírita de Belém” (I FLE – Belém), rigorosamente dentro do modelo oferecido, com duração de nove dias – do último sábado de novembro ao primeiro domingo de dezembro – , no horário da 8h às 22 horas, distribuído em quatro turnos, de 3h30 cada um. O resultado foi surpreendente: cerca de 8 mil e 500 exemplares vendidos.

Desde a primeira, a Feira tem funcionado na Praça da República e no mesmo período do ano – duas diretrizes importantes a serem observadas: mesmo local e mesma época.

As FLE têm sido realizadas sempre com a participação das casas espíritas de Belém, cujos trabalhadores se mesclam nos turnos de trabalho, ensejando maior aproximação e conseqüente confraternização entre todos. Como é natural, isto é fator positivo no trabalho de unificação. Os trabalhadores envolvidos, nessa tarefa, somam centenas.

Da I a IX, a Feira do Livro Espírita funcionou numa barraca medindo 48m^2 – $4\text{m} \times 12\text{m}$ – coberta com lona, constituída de três módulos, em tubos de ferro, de $4\text{m} \times 4\text{m}$, de fácil montagem e desmontagem (Fotografias 21 e 22).

Quanto à X FLE, recorreu-se a um *stand* alugado, de maior área, oferecendo mais conforto e segurança. Com a sucessão das feiras, suas instalações foram sendo aumentadas e melhoradas, gradativamente, até que chegamos a XVI, ocorrida de 3 a 11 de dezembro de 2005, com área útil de 176 m^2 .



Fotografia 21 – Visão externa de uma das primeiras edições da Feira do Livro Espírita, Praça da República.



Fotografia 22 – Aspecto interno de uma das primeiras edições da Feira do Livro Espírita, Praça da República



Fotografia 23 – Stand demonstrando o crescimento e a melhoria das instalações da Feira do Livro Espírita, em 2004

A “Feira do Livro Espírita de Belém” já é um evento cultural que se firmou na cidade. É precedida sua realização de ampla publicidade através de milhares de cartazes com seu símbolo, espalhados por toda a capital, distribuição de volantes e divulgação por emissoras de rádio e televisão.

Sua excepcional localização, na principal praça da cidade, favorece a visitação de um público numeroso.

Partindo, na primeira feira, da exposição e oferecimento à venda de cerca de 600 títulos de obras doutrinárias, na última, foi alcançado o número de 1 mil títulos, que inclui também fitas de vídeo (*video home system*, VHS), disco óptico (*compact disc*, CD) disco digital de vídeo (*digital video disk*, DVD), revistas e jornais.

Ao longo dos 16 anos de sua existência, tendo começado com nove dias de duração, houve ano em que esse período chegou a 16 dias. No entanto, em razão de norma recente

das autoridades fiscais, não mais poderá exceder de dez dias. A experiência, por outro lado, levou à redução da carga horária diária, de 14h para 12h, em três turnos de 4h cada um.

A “Feira do Livro Espírita de Belém” inspirou vários centros espíritas, notadamente do interior, a realizar suas próprias feiras, o que tem sido estimulado e apoiado pela União, que lhes fornece os livros em consignação. Alguns centros vem fazendo essas feiras já há vários anos seguidos.

Municípios e vilas paraenses		
Altamira	Currálinho,	Paragominas
Ananindeua	Igarapé Açu	Rondon do Pará
Abaetetuba	Itaituba,	Santa Izabel do Pará
Alenquer	Icoaraci ⁴³	Santa Maria do Pará
Barcarena	Jacundá,	Santarém
Benevides	Marabá	Santo Antonio do Tauá
Bragança	Marituba	São Miguel do Guamá
Cametá,	Monte Dourado ⁴⁴	Soure
Capanema	Mosqueiro ⁴⁵	Tailândia,
Carajás ⁴⁶	Nova Timboteua	Tucuruí
Castanhal	Óbidos	Vigia

Quadro 40 – Cidades paraenses onde tem ocorrido feiras do livro espírita

Normalmente, ocorre exposição e venda de livros durante vários eventos tais como: nos EIMEP; no local da realização de palestras; em comemorações de aniversário de centros espíritas; nas semanas espíritas do I CRE, em Icoaraci; e outros.

⁴³ Vila do Município de Belém

⁴⁴ Vila do Município de Almeirim

⁴⁵ Ilha pertencente ao Município de Belém

⁴⁶ Vila localizada na Serra dos Carajás, Município de Parauapebas

A União Espírita Paraense foi convidada a participar e participou da II Feira do Livro de Belém, promovida pela Secretaria Executiva de Estado da Cultura (SECULT) e pela Câmara Brasileira do Livro, em 1993, no Centro Cultural “Tancredo Neves”, ocupando um *stand* de 9m², no qual expôs e vendeu apreciável número de obras espíritas. Voltou a participar, no ano seguinte, da III Feira do Livro de Belém, também promovida pelas entidades acima citadas.

Nos anos de 1995 e 1996 não funcionou tal feira.

Já em 1997, ressurgia a feira, no novo governo estadual, porém com nova roupagem e com visão mais ampla, sob o nome de Feira Pan-Amazônica do Livro, na qual a União foi chamada a participar, ocupando um *stand* de 16m², quando logrou obter venda de maior número de livros. Desde então, vem participando, anualmente, já em *stand* maior. O último, em 2005, na IX edição dessa Feira, lhe foi destinado um espaço de 28m², possibilitando a exposição de bem maior número de títulos, aumentando conseqüente a venda dos livros.

5.7.10 Atividades Doutrinárias e de Serviço Assistencial, internas

Desde sua criação a UEP, como é natural, desenvolveu atividades doutrinárias internas, embora voltadas para o público: palestras, especialmente, e atividades de juventude e aplicação de passes. A partir de certa época abrigou, em suas dependências, por vários anos, reuniões mediúnicas do “Grupo Espírita ‘Ismael’”, de tal maneira que, em determinado momento, começou a preocupar-se com sua direção, por motivo da desencarnação daqueles que estavam a sua frente.

Assim, em 1954, foi convidado para dirigir as sessões daquele grupo um experimentado dirigente de reuniões mediúnicas. O trabalho cresceu a um ponto tal que acabou se integrando às atividades da própria União.

Quando o dirigente das citadas reuniões afastou-se de sua direção, essas tarefas prosseguiram, embora com algumas modificações, estando, então, caracterizadas as atividades da União, também, como as de um centro espírita. Aos poucos foram sendo organizadas tarefas de estudos com programas definidos. As palestras domingueiras passaram a obedecer a um programa e dois palestrantes discorriam alternando-se, um, sobre questões de *O Livro dos Espíritos*, o outro, sobre capítulos de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. As segundas e terças feiras, sob forma expositiva, eram abordados assuntos de diferentes programas, cuidadosamente organizados para públicos diversos. O interesse tornou-se crescente pelo estudo doutrinário e há de se reconhecer que uma série de fatores contribuiu para isso, destacando-se as palestras dos oradores espíritas que passaram a visitar Belém, a partir de 1959.

Entre 1956 e até metade dos anos 60 funcionou às quintas-feiras, à tarde, no auditório da União, sob a responsabilidade do “Grupo Espírita ‘Roustaing’”, dirigido por um dos espíritas mais antigos e de maior tradição no Movimento Espírita do Pará, Rafael Fernandes de Oliveira Gomes, uma reunião, muito concorrida, em que além da exposição de assuntos doutrinários, havia aplicação de passes.

No início dos anos 60, já várias atividades eram realizadas com os jovens, ocorrendo o mesmo na área infantil. Dentre essas eram ministradas aulas aos domingos pela manhã. No período de 1963 a 1984 funcionou, regularmente, o estudo de *O Livro dos Espíritos*, sob forma expositiva, às quintas-feiras, no horário das 20h às 21h. Com frequência inicial de umas 20

pessoas, com o passar do tempo foi crescendo o número de participantes até chegar a 50.

É de se registrar que, em virtude de contatos mais demorados com o Movimento Espírita do Rio de Janeiro, em 1961, durante 30 dias, e em 1962, também por igual período, do presidente da União, várias modificações foram sendo introduzidas nas atividades doutrinárias, no âmbito da União, tudo no sentido do aperfeiçoamento.

Isto permitiu que, em 1965 e também após uma espécie de estágio realizado, na Federação Espírita de São Paulo, também pelo presidente da UEP, se começasse um trabalho de atendimento através do diálogo. As pessoas atendidas eram encaminhadas para ouvir palestras de cunho evangélico-doutrinário, baseadas no livro de Emmanuel, psicografia de Chico Xavier, *Leis de Amor*, e receber passes, freqüentando as reuniões apropriadas a esse fim. Essa atividade consolidou-se e perdurou por vários anos oferecendo muito bons resultados.

A mudança para Belém, em janeiro de 1975, da trabalhadora espírita Berenice Portillo Kowalewski, oriunda do Rio Grande do Sul, imprimiu às atividades doutrinárias da União um grande impulso. Integrando-se, rapidamente, ao meio espírita paraense, trouxe valiosa contribuição, fruto de seu sólido conhecimento doutrinário e experiência adquirida nas lides espíritas, não apenas na sua terra natal, mas, também, na sua estada, durante algum tempo, nos estados da Paraíba e Espírito Santo. Por sua familiaridade, também, com o trabalho de unificação, fez parte da delegação do Pará que compareceu à reunião do Conselho Zonal da 1ª Zona, realizada em Fortaleza, no mesmo ano. Esteve presente, como assessora do presidente da União, na primeira reunião ocorrida, depois disso, do CFN, em Brasília.

Sob a orientação e direção dessa obreira, foi criada, no segundo semestre do mesmo ano, a “escolinha de médiuns”, que funcionava às quintas-feiras à tarde, e na qual se desenvolvia um estudo tomando por base a obra *Estudando a Mediunidade*, de Martins Peralva. Contava com vários participantes, quase todos do sexo feminino. Ao estudo, seguia-se uma reunião de intercâmbio mediúnico, privativa, que tinha por objetivo a educação da mediunidade. Dentre os componentes dessa “escolinha” foram recrutados vários elementos para a implantação dos chamados “Plantões de Atendimento”, destinados ao público em geral que buscava uma assistência espiritual durante o dia. Esses plantões, constituídos por equipes de cerca de oito pessoas – três coordenadores, quatro aplicadores de passe e um recepcionista –, foram aos poucos se estendendo a todos os dias da semana. Em tais plantões, eram atendidas mais de 100 pessoas por turno. Em alguns, por vezes, alcançava-se mais de 200. Chegou-se a conclusão de que se tratava de verdadeiro “serviço socorrista”, de utilidade pública. Seguindo esse exemplo, outras casas espíritas também foram criando essa forma de atendimento.

Em 1983, com a participação de elementos selecionados no grupo de intercâmbio mediúnico, foi criado o Grupo de Saúde para atender, à distância, pessoas portadoras de doenças físicas.

Por outro lado, as atividades voltadas para a criança e o jovem foram melhor se organizando. Cresceu o número de evangelizadores da infância como decorrência do crescimento do número de crianças, cujos pais queriam matriculá-las para receber a assistência evangélica. O mesmo pode ser dito em relação à juventude. Foram preparados novos coordenadores para o trabalho com os jovens.

As atividades doutrinárias foram se expandindo e aperfeiçoando para atender um público crescente. Suas carências pediam aos dirigentes maior empenho para ir ao encontro de suas necessidades. A individualização do atendimento, através do diálogo, requereu a multiplicação de trabalhadores dedicados a essa tarefa, com verdadeiro sentimento de doação, como também para a aplicação de passes. Naturalmente, os assistidos compareciam, em grande número, às palestras semanais especialmente direcionadas a sua realidade. Esse elenco de ações se conjugava constituindo verdadeiro tratamento espiritual.

Além disso, por volta de 1981, a preocupação maior com o estudo da Doutrina começou a crescer. As informações do que ocorria no Movimento Espírita do Rio Grande do Sul chamou a atenção para o assunto. As ações práticas que ali vinham sendo realizadas, no seio de um grande número de casas espíritas para aumentar o conhecimento doutrinário, despertou o desejo de se aderir ao projeto de implantação do *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*, em Belém, utilizando os programas e métodos de trabalho adotados pelos espíritas gaúchos. Esse trabalho se fundamentava na constatação de que o estudo doutrinário em grupos estáveis, com programa previamente elaborado à luz da Codificação, constituía caminho para a solução de um sem número de problemas decorrentes da falta de conhecimento da doutrina espírita, pelas seguintes razões:

- “a) promove o melhor conhecimento das obras da Codificação Espírita;
- b) oferece embasamento doutrinário aos médiuns e obreiros do Centro Espírita;
- c) elimina práticas e atitudes estranhas ao Espiritismo, oriundas da desinformação;
- d) promove o fortalecimento do espírito de equipe e desfavorece o personalismo na ação espírita;

e) consolida o Trabalho de Unificação pela identidade que se estabelece com o pensamento kardequiano.”⁴⁷

Em consequência, foram sendo implantados os primeiros grupos de estudo na União.

A certa altura dos acontecimentos, no bojo da grande reforma do estatuto de 1988, foi criado o “Departamento Fonte Viva” que tinha por finalidade enfeixar todas as atividades doutrinárias internas da UEP. Essa reforma de estatuto enfatizou o papel primordial de Casa Federativa, da União Espírita Paraense, responsável pelo trabalho de unificação do Movimento Espírita no Pará, cujas ações, na ordem de mais de 90%, deveriam concentrar-se na tarefa unificacionista.

O “Fonte Viva” foi estruturado de forma a contemplar todas as atividades doutrinárias de âmbito interno que já vinham se desenvolvendo ou viessem a se desenvolver. Assim, foram criadas as Divisões de: Orientação Doutrinária (DIORD); Ensino (DIENS); Evangelização da Infância (DIINF), Evangelização da Juventude (DIJUV) e Serviço Assistencial Espírita (DIASE), sob a direção do dirigente do Departamento.

5.7.10.1 Divisão de Orientação Doutrinária

Esta Divisão englobou:

- ▶Assistência Espiritual,
- ▶Atividades Mediúnicas,
- ▶Plantões de Atendimento e
- ▶Palestras.

⁴⁷ Salomão Jacob Benchaya, em *A Revelação* de junho de 1981

A partir de uma reformulação na maneira de atender as pessoas, que estavam chegando à União, foi imprimida uma nova orientação à “Assistência Espiritual” que recebeu, inicialmente, o nome de “Tratamento Espiritual” (TE) e, posteriormente, “Atendimento Espiritual” (AE). Essa maneira diferenciada foi iniciada, em agosto de 1992, passando por uma adaptação do que antes era feito, com a transferência dos freqüentadores para o novo tipo de reuniões. A implantação começou nas terças-feiras, nos turnos da tarde e da noite. Pelo aumento da procura, foi estendida às segundas-feiras, também nos dois turnos, e algum tempo depois, ainda pelo crescimento da demanda, foram ocupadas, igualmente, as quartas-feiras, nos dois turnos, de tal forma que, como em cada turno, havia de sete a oito Grupos de Estudo do Evangelho, chegou-se a totalizar 44 grupos. Poucos meses depois refluíu a demanda, exatamente quando esse tipo de atendimento começou a ser implantado em outras casas espíritas, sendo então suprimido o atendimento das quartas-feiras, ficando o número de grupos reduzido, de maneira estável, a 30. Nos turnos da noite a demanda é maior, em torno de 25 pessoas por grupo. Após seis meses de freqüência, nos grupos de AE, as pessoas são avaliadas, podendo ser encaminhadas ou não aos Grupos de Estudo da Doutrina Espírita (GEDE).

Na denominação “Atendimento Espiritual” o termo “Espiritual” significa que o atendimento é de ordem espiritual, independentemente das causas da enfermidade que a pessoa traz consigo. Também está incluído, nesse conceito, a idéia de que somente serão usados os recursos espirituais oferecidos pela doutrina espírita.

Essa atividade de AE mobiliza 45 trabalhadores por turno ou 180 nos quatro turnos. O número de participantes por turno, a tarde, é em média de 100, ou 200 nos dois turnos, e de

mais ou menos 180, a noite, a que corresponde 360 nos dois turnos. Ou seja, cerca de 560 participantes na semana.

Em janeiro de 1997, foi iniciado o Atendimento Espiritual Infantil – AEI, que atende crianças, na faixa etária de 0 a 11 anos e 11 meses, e suas famílias.

Dessa tarefa, que funciona às quartas-feiras pela manhã, participam 40 trabalhadores. São atendidos de 25 a 27 crianças e de 25 a 26 pais ou responsáveis.

São atividades componentes do Atendimento Espiritual:

- ▶ Recepção e Encaminhamento;
- ▶ Orientação Inicial;
- ▶ Atendimento Fraternal através do Diálogo, inicial e de acompanhamento;
- ▶ Estudo em Grupo do Evangelho;
- ▶ Aplicação de Passe;
- ▶ Atendimento Mediúnico;
- ▶ Atendimento a Distância;
- ▶ Enfermaria Espiritual;
- ▶ Atendimento de Emergência;
- ▶ Preparação Geral dos Trabalhadores e
- ▶ Coordenação Geral e de Turno.

Os “Plantões de Atendimento” atendem as pessoas que procuram a casa espírita em busca do “Passe” e do “Atendimento Fraternal Através do Diálogo”.

Funcionam nos dois endereços da UEP:

Rua Oswaldo Cruz, de segunda a sexta-feira, das 9 às 11 horas, e às segundas e sextas-feiras, das 16 às 17 horas. Nestas, à aplicação de passe antecede uma palestra evangélico-

doutrinária; Travessa Castelo Branco, aos sábados, das 9 às 11 horas.

Nesta tarefa, uma hora antes de começar a aplicação dos passes, a equipe de trabalhadores, a título de preparação, faz o estudo de uma obra básica da Doutrina, seguida de prece.

Considerando o grande número de trabalhadores que utiliza, essa Divisão tem realizado, com certa freqüência, cursos ou treinamento para suprir suas necessidades. Nessas ocasiões, acolhe pessoas de centros espíritas que estejam interessados, para participar desses eventos.

5.7.10.2 Divisão de Ensino

Com a incumbência de cuidar do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) e de treinamento de trabalhadores do “Fonte Viva”, a Divisão de Ensino, teve, na implantação do primeiro, um grande desafio. Até 1986 existiam, na União, vários grupos de estudo da Doutrina, baseados nas obras básicas e direcionados aos trabalhadores. A partir desse ano foram criados em torno de oito grupos de ESDE, dentro da nova sistemática e programação sugerida pela FEB, cujo CFN aprovava, em 1983, sua implantação em todo o País.

Esses grupos iniciais surgiram de forma improvisada, por falta de experiência. Foram convidados trabalhadores com aparentes condições pedagógicas e doutrinárias para serem seus coordenadores. Os participantes foram inscritos entre os trabalhadores da Casa e pessoas convidadas para estudarem a Doutrina, nas palestras públicas que ali se realizavam.

Durante os cinco primeiros anos, a organização do ESDE passou por muitos altos e baixos e foi na prática que se aprendeu a melhor organizá-lo.

A partir de julho de 1991, foi imprimida uma feição dinâmica e nova metodologia aos grupos de ESDE. As equipes foram reunidas em dias, horários e locais comuns, o que gerou grande integração dos trabalhadores. As inscrições feitas no início do ano levaram à grande valorização, “por estudar no ESDE”. Os coordenadores foram selecionados de maneira mais criteriosa, submetidos a capacitações anuais, “estágio” de um ano, e levados a participar em “grupo laboratório” a fim de aprimorarem o conteúdo doutrinário. A tarefa de coordenador passou a ser mais valorizada. Avaliações semestrais ocorriam sempre, além de parte lúdica: confraternizações; comemorações de aniversário e eventos festivos; troca de livros, etc.

Outros elementos de grande integração entre os trabalhadores era a arregimentação de “braços e forças” para as tarefas da Casa: preparação da maníçoba para obtenção de recursos financeiros, campanhas, outros eventos para angariar recursos, atividades doutrinárias. O ESDE passou a ser o grande formador de trabalhadores e o mantenedor de mão de obra para o MOVESP.

Além dos Roteiros de Estudo oferecidos pela FEB, têm sido adotados outros programas baseados em *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *A Gênese*, *O Céu e o Inferno*, e também assuntos especiais como *Estudando a Afetividade*. O estudo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* é freqüentemente intercalado nos programas em geral.

Dado o grande interesse despertado, o funcionamento do ESDE se faz em dois dias, com dois turnos em cada dia, havendo um total de 46 grupos. Há uma freqüência total de cerca de 800 pessoas.

Periodicamente, essa Divisão realiza treinamento de preparação de novos trabalhadores para atender às necessidades do “Fonte Viva”, assim como encontros com os coordenadores visando o aperfeiçoamento de suas tarefas.

5.7.10.3 Divisão de Evangelização da Infância

Começou nos anos 60, após a realização do “1º Curso de Preparação de Evangelizadores da Infância”, em Belém. Esta atividade, na União, teve a sua frente, no primeiro momento, Alfredo Fernandes e Nazaré Azevedo. Houve uma série de dificuldades desde então, chegando a haver paralisação, mas, a partir dos anos 70, ou seja, há cerca de 35 anos, essa tarefa vem funcionando regularmente.

Ao longo do tempo o trabalho foi se aprimorando, com a realização de cursos de formação e de aperfeiçoamento dos evangelizadores, tornando-se cada vez mais eficiente.

Esse aprimoramento implicou, inclusive, em melhoria da organização com a montagem de uma equipe de 22 pessoas distribuídas:

Setor	Equipe
Coordenação	2
Ciclos de pais	2
Ciclos de crianças	10 (2 por ciclo)
Apoio espiritual	6
Recepção	1
Secretaria e controle de material didático	1

Quadro 41 – Organização da equipe de evangelizadores da infância no “Fonte Viva”

O currículo trabalhado com as crianças tem por base a proposta curricular da FEB, com as devidas adaptações à realidade local.

Os conteúdos estudados pelo ciclo de pais são organizados a partir de sugestões oferecidas pelo próprio grupo e de assuntos sobre o trabalho realizado com as crianças.

Em média, são atendidos 100 crianças e mais os pais ou responsáveis, nas reuniões realizadas aos sábados, das 15h às 18h, embora a matrícula seja da ordem de 120 crianças. Nos primórdios dos trabalhos de evangelização da infância, a tarefa ocorria nos domingos, pela manhã.

Além das reuniões semanais, são desenvolvidas, anualmente, as seguintes atividades.

- ▶ Reuniões de planejamento e avaliação,
- ▶ Reuniões de aperfeiçoamento para os trabalhadores,
- ▶ Encontro de trabalhadores que, além do caráter confraternativo, busca a atualização de conhecimentos,
- ▶ Encontro de pais e evangelizadores,
- ▶ Feira Cultural Espírita Infantil,
- ▶ Projeto “Evangelização e Vida”.

A Feira Cultural Espírita Infantil teve início em 1999 e, a cada ano, é apresentado um tema diferente. Assim registra-se:

Ano	Temas
1999	Jesus Modelo e Guia,
2000	Brasil: Pátria do Evangelho
2001	Evangelização: Ação Transformadora do Espírito
2002	Doutrina Espírita: Iluminando Vidas, Despertando Corações
2003	Família: Nosso Grande Desafio
2004	As Crianças Apresentam Kardec
2005	Leis Divinas: Roteiro de Felicidade

Quadro 42 – Temas das Feiras Culturais realizadas de 1999 a 2005

Em 2000 foi implantado o projeto “Evangelização e Vida”, desenvolvido pelos trabalhadores, pais e crianças de 9 a 12 anos. Referido projeto atende às crianças e jovens portadores de necessidades especiais acolhidos no “Espaço de Acolhimento Provisório Especial” (EAPE), instituição vinculada à “Fundação da Criança e do Adolescente do Pará” (FUNCAP). As atividades do projeto são mensais e realizadas no EAPE. Constituem-se em:

- ▶ evangelização das crianças e jovens acolhidos;
- ▶ lanche :oferecido pelo grupo de pais;
- ▶ atividades recreativas;
- ▶ atenção e carinho para com todas as crianças e jovens do EAPE;
- ▶ valoriza também os funcionários da instituição ajudando-os no que for possível.

5.7.10.4 Divisão de Evangelização da Juventude

O trabalho de Juventude, na União, começou, em 1946, com a fundação da Juventude “Leon Denis” que, fundindo-

se, no ano seguinte, com outras duas juventudes, deu lugar à União da Mocidade Espírita Paraense (UMEP) funcionando, também, na sede da UEP.

Em janeiro de 1953, a Juventude, na União, estava reduzida a pouco mais de seis pessoas. Aos poucos e com muitas dificuldades foram chegando novos elementos como Alfredo Fernandes, Lúcia Abreu, Salomão Benchaya, Ana Maria Silva, Júlia Teixeira, Mário da Costa Barbosa, Fernando Coutinho Jorge, Joaquim Fernandes da Silva, Josino Alves dos Santos, Waldemar Fernandes, Adair Valente, Fátima Canelas, Izabel Blanco Carril e outros que movimentaram, em diferentes momentos, a Juventude, integrando-a ou coordenando-a. A maior parte dos integrantes da delegação do Pará que participou da 1ª Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil, realizada em Marília, pertencia à Juventude da União, como também partiu dela a idéia de organizar a COMJE-PARÁ, que funcionou de 1965 a 1972.

A realização dos EIMEP, a partir de 1979, encontrou na Juventude da União um dos elementos de apoio para sua efetivação.

Logo após a aquisição, em abril de 1971, do terreno na Travessa Castelo Branco, a União tratou de demolir as barracas ali existentes, mediante um trabalho de mutirão do qual participou ativamente sua Juventude. Aliás, naquele local, em um barracão provisório construído algum tempo depois, foi realizada pelos jovens, em 25 de março de 1973, a primeira reunião doutrinária, com a participação de 30 pessoas.

Ainda em julho de 1973, diversos membros da Juventude da União participaram do “V Encontro do Moço Espírita Cearense”, que contou com a presença de Lauro Monteiro, presidente da UEP.

Abrangendo os anos de 1974/1975, foi publicado um boletim informativo, o *DJ-Inforna – Departamento de Juventude Informa* –, de circulação mensal, do qual foram editados cerca de oito números. Posteriormente, em junho de 2002, houve nova tentativa de publicação do boletim informativo *Conexão Jovem*. Saíram apenas duas edições.

Inúmeros membros dessa Juventude assumiram, ao longo do tempo, importantes tarefas na União e no MOVESP. Algumas casas espíritas foram criadas por ou com a participação de jovens oriundos da Juventude da UEP. É o caso dos centros “Vinha de Luz”, “Benedita Fernandes”, “Comunhão Espírita de Carajás”. Registre-se também que alguns jovens, que participaram da citada Juventude, vieram a assumir postos na direção de outras instituições. Podem-se citar os centros “Paz Luz e Amor”, “Caminhando para Jesus”, dentre outros.

Com a evolução natural dos acontecimentos, o trabalho foi se consolidando e melhor organizando. Mas o grande documento organizador da Área de Juventude foi o *Currículo da Juventude* editado pela FEB de forma que, quando da aprovação do documento *Orientação ao Centro Espírita*, em julho de 1980, no qual há um capítulo tratando da organização e funcionamento das Juventudes, muito pouca alteração ocorreu no Pará, porque o que ali está colocado já era corrente no movimento jovem nacional, de então. Esclareça-se que, no capítulo sobre Juventude do *Orientação ao Centro Espírita*, está definida a faixa etária para essa atividade: 18 a 25 anos.

Quando da criação do “Fonte Viva”, sua estrutura contemplou a existência da “Divisão de Evangelização da Juventude” (DIJUV) exatamente para atender o trabalho que se desenvolvia com os jovens, já há bastante tempo, e que estava consolidado. Havia uma experiência que ditava modificações na organização e no funcionamento da tarefa. Os jovens eram

distribuídos em grupos de estudo que funcionavam sob a coordenação de outros jovens mais experientes, especialmente treinados para essa função. O crescimento natural do número de jovens requeria novos coordenadores, que eram preparados nos cursos realizados pela COJUV.

A realidade dos fatos levou à criação de grupos de: Pré-Juventude, Atendimento Inicial, Transição, do Ciclo 1 e do Ciclo 2. Em 1997, por exemplo, havia oito grupos de estudo, funcionando sábado a tarde e a noite, com frequência de 135 jovens, dos quais cerca de 100 participaram do EIPEP e EIMEP. Os programas estudados abrangiam: conteúdo básico da doutrina espírita, aplicação e conseqüências da Doutrina e aprofundamento de temas. Foi nesse mesmo ano que ocorreu a introdução de novo currículo da Juventude a partir de experiência local. Iniciou-se uma nova metodologia, em que os grupos de jovens deixaram de ser estruturados pela sua faixa etária, mas, sim, pelo seu nível de conhecimento.

Contava a DIJUV com um setor chamado Harmonia que atendia, semanalmente, uma média de 20 pessoas através de aplicação de passes.

É importante salientar a participação dos jovens nos diversos eventos da UEP: preparação da maniçoba – desfolhagem e moagem das folhas –; atendimento médico e distribuição de medicamentos alopáticos e homeopáticos, no prédio da Castelo Branco; participação nas visitas fraternas para distribuição de farnéis e presentes natalinos e na arrecadação de recursos para custear tais presentes. Os jovens ainda envolviam-se com a venda de maniçoba, sorvete fraterno, objetos do bazar fraterno, ingresso para o cinema objetivando a obtenção de recursos para a União e também para custeio das despesas dos jovens participantes dos EIPEP e EIMEP.

A DIJUV também participava das reuniões promovidas pela COJUV e de “Encontros dos Trabalhadores do Fonte Viva”.

Em dezembro de 2001, a DIJUV criou o Grupo de Entretenimento Infantil para assistir aos filhos dos trabalhadores e jovens que participam da Juventude.

O Quadro pintado relativamente ao ano de 1997 foi sofrendo, com a marcha dos acontecimentos, gradativas mudanças. Assim, cresceu o número de grupos de estudo para 11, dos quais ficou apenas um composto de jovens na faixa etária de 13 e 14 anos, funcionando no sábado a tarde, e os demais, a partir de 15 anos, no mesmo dia, das 19h às 21h.

Além dos programas que já vinham sendo estudados, introduziu-se o estudo de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*. Foi adotada a estrutura programática semelhante à utilizada no ESDE. O número de jovens chegou a 175.

De outras atividades realizadas pelos jovens, enumera-se:

- ▶ visitas mensais ao asilo de idosos e à Colônia de hansenianos⁴⁸ de Marituba. A partir de certo momento foi acrescentada, também, uma vez por mês, uma visita ao abrigo “Espaço de Acolhimento Provisório Especial”, destinado a crianças e jovens com necessidade especiais;
- ▶ Confraternização geral de jovens nos meses de junho e dezembro;

⁴⁸ Foi a Juventude que iniciou essa visita regular a Marituba, ficando essa tarefa depois com a área assistencial.

- ▶ Reuniões semanais de coordenadores de juventude, para avaliação das tarefas e, mensal, para planejamento. O número de coordenadores chegou a 22;
- ▶ Encontro de estudo da doutrina espírita para os coordenadores de juventude, abrangendo quatro meses, em períodos variáveis do ano.

As reuniões da DIJUV ainda serviam para estágio de alguns cursandos do Curso Básico de Coordenadores de Juventude, realizado pela COJUV.

5.7.10.5 Divisão de Assistência Social Espírita

O trabalho de assistência social espírita está presente, na vida da União, desde, praticamente, pouco tempo depois de sua fundação. Cita-se, expressamente, como atividade exercida pela União, já em 1913, a distribuição gratuita, num “posto curador” que ela mantinha, de homeopantias receitadas através de consultas mediúnicas. Havia, em alguns centros espíritas, tais “postos curadores” com atendimento homeopático por intermédio das chamadas “farmácias espíritas”. Foi quando a União construiu um local adequado para instalar, de fato, uma farmácia homeopática, inaugurada em dezembro do mesmo ano. No entanto, pela impossibilidade de abri-la ao público, foi criado um “dispensário” para fornecer aos postos filiados os remédios de que necessitavam.

Várias são as atividades internas que a União tem desenvolvido na área da assistência social.

Bem antes da criação do “Fonte Viva”, em 1988, de cuja estrutura consta a DIASE, já vinha sendo realizado um

amplo e diversificado trabalho nesse campo que, naturalmente, foi encampado por esse novo órgão e, mais do que isso, melhor organizado, atentando-se, inclusive, para o objetivo da promoção social dos assistidos. As atividades foram distribuídas em setores visando o melhor desempenho e expansão de sua abrangência, dentro de uma visão mais em conformidade com a proposta educativa que a Doutrina encerra.

Não deixando de falar na distribuição gratuita de remédios homeopáticos, que continuou, relacione-se outras atividades que de há muito eram desenvolvidas, como é o caso da ampla entrega, anualmente, na época de Natal, de gêneros alimentícios a adultos e brinquedos às crianças, mediante a apresentação de cartões exibidos pelos beneficiados que os recebiam com antecedência de alguns dias. Os recursos eram coletados no comércio, que fazia doações em gêneros ou em dinheiro, e através de listas individuais confiadas aos trabalhadores, que obtinham doações entre seus amigos. Esse trabalho foi aos poucos ampliado, estendendo-se a captação de recursos a bancos e indústrias, permitindo o atendimento a maior número de necessitados. Depois de alguns anos, os gêneros foram substituídos por outras utilidades como: roupas, especialmente para as crianças; cobertores; redes; tecidos, etc.

A partir de certa época, passou a haver um trabalho regular de atendimento semanal a determinadas famílias carentes, chegando a 40 o número das atendidas, revezando-se 20 por semana. Eram reunidas, algumas, em dependência do prédio da Travessa Castelo Branco, onde recebiam assistência moral-espiritual e, em seguida, eram-lhes entregues farnéis a que se juntava, quase sempre, alguns artigos de utilidade doméstica. Outras, impossibilitadas de comparecer à União, eram visitadas por grupos de obreiros que lhes levavam conforto espiritual, a solidariedade e também o farnel e outros recursos materiais.

Enumera-se, a seguir, outras tarefas realizadas pela
DIASE:

- ▶ Visitação mensal a asilo de idosos, ao leprosário de Marituba e, esporádica ao do Prata, com a participação de grupos numerosos que se deslocavam em caravana;
- ▶ Visitas sistemáticas, semanalmente, em companhia de membros do “Grupo Espírita Amigo Germano”, aos detentos do Presídio São José, Centro de Recuperação Feminina, Colônia Penal “Helena Fragoso” e Penitenciária “Fernando Guilhon”;
- ▶ Atendimento a gestantes, cujo número chegava, as vezes a 60, que recebiam instruções de pré-natal, higiene. Aprendiam a confeccionar enxovais para seus filhos, com tecidos fornecidos pela própria União. Cada gestante recebia seu enxoval, mas havia entrega de enxovais extras para gestantes que não haviam podido freqüentar as reuniões de assistência;
- ▶ Visitas a enfermos portadores de vírus da imunodeficiência adquirida (*human immunodeficiency virus*, HIV), em hospitais;
- ▶ Organização de bazar fraterno, também chamado “bazar da pechincha”, onde as pessoas necessitadas adquiriam roupas, calçados e outros objetos, em bom estado, por preços simbólicos;
- ▶ atendimento, a noite, a pessoas que vivem nas ruas, com distribuição de alimentos e agasalhos;

- ▶ orientação sócio-educativa: entrevistas e visitas domiciliares;
- ▶ entrega de auxílios materiais ;
- ▶ plantões semanais, aos sábados, para atendimento e encaminhamentos diversos;
- ▶ participação dos membros da DIASE em encontros de dirigentes e trabalhadores da área de serviço assistencial.

Anos atrás, a União ofereceu assistência médica e dentária, gratuita, aos necessitados. Com o tempo verificou-se que a clientela, residindo em bairros distantes do centro da cidade, tinha dificuldade de se dirigir para o local de atendimento, especialmente por falta de recursos para o pagamento de transporte. Concluiu-se, então, que o melhor seria apoiar casas espíritas situadas em áreas de periferia. Assim, foi feita a doação de equipamentos para atendimento dentário, como também o atendimento a gestantes foi deslocado para o “Educandário ‘Jesus de Nazaré’”, no bairro do Jurunas, e se tem procurado sensibilizar trabalhadores para irem prestar sua colaboração, nessas casas, como tem acontecido com a “Casa de ‘José’” do “Lar ‘Fabiano de Cristo’”, onde uma equipe de voluntários da União tem-se feito presente.

5.7.11 Livraria “André Luiz”

O movimento de divulgação da Doutrina, no Pará, começou com palestras e algumas notas através da imprensa.

Até 1913, os livros ainda não eram bem divulgados e poucos tinham acesso a eles. A aquisição de obras espíritas era muito difícil, pois todos, invariavelmente, vinham da FEB.

Em 1914, a UEP abriu uma pequena biblioteca ao público, iniciando assim a utilização do livro, como instrumento de divulgação e estudo do Espiritismo.

O jornal *Alma e Coração* registra, a respeito, a nota seguinte:

“No intuito de facilitar o conhecimento da Doutrina que professa pela consulta de livros, revistas e jornais etc., resolveu a U.E.P. ter à disposição do público a sua pequena biblioteca em as noites de terças e sábados, das 7h30 às 9h. Durante as mesmas lá serão encontrados aqueles que gentilmente se ofereceram, à diretoria, a fim de receber os visitantes e dar-lhes as informações desejadas. Esta resolução agradará ao certo os interessados no conhecimento do Espiritismo, estando a diretoria muito esperançada e confiante na boa vontade de seus confrades, a quem cabe o exemplo da frequência. O plantão de hoje será feito pelos srs. Álvaro Rodrigues Moura e Felicíssimo do Valle”⁴⁹

Em 1916, tem início a venda de livros. Para auxiliar no custo das despesas, a União iniciou a venda de livros espíritas e a procura foi excelente, tanto que logo se esgotou a primeira remessa, o que animou sua diretoria a fazer novo pedido à FEB.

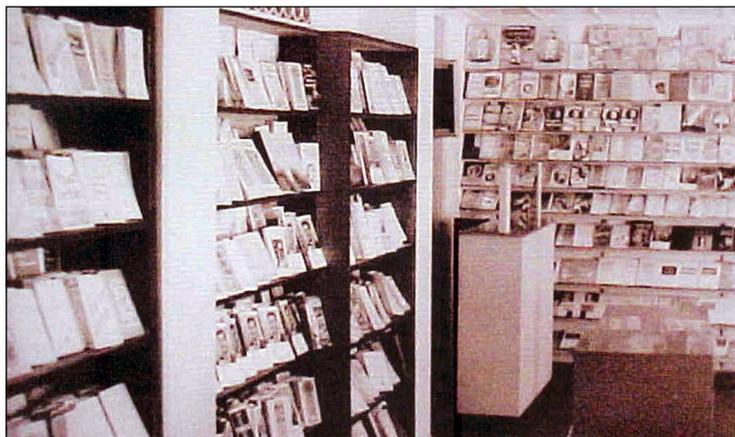
As obras de Allan Kardec eram vendidas a 3\$500 réis, cada volume. Não havia intuito lucrativo, mas o de despertar o interesse pela leitura das obras espíritas, sem onerar os adeptos ou simpatizantes com preços excessivos.

Com o passar do tempo, em vista de maior interesse na aquisição desses livros, começou a falar-se na criação de uma livraria, interesse esse que muito se acentuou após as

⁴⁹ *Alma e Coração*. v.5, n. 3, mar., 1914.

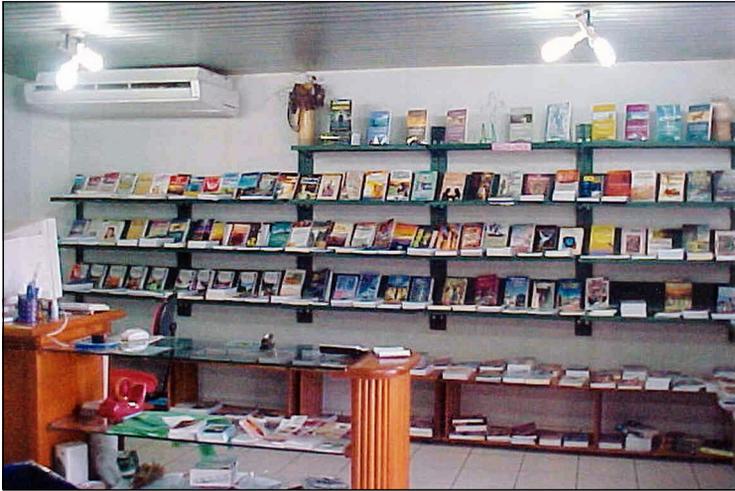
primeiras palestras proferidas por Divaldo Franco, em 1959. Registra-se um verdadeiro despertar. Isto impôs à diretoria da União montar, sem mais protelação, uma livraria aberta ao público, preparando uma instalação especial no pavimento térreo de seu prédio, rasgando porta para a rua e com vitrines de exposição.

Assim, em 31 de março de 1960, foi inaugurada a livraria que recebeu o nome de “Livraria ‘André Luiz’”, já tendo completado 45 anos de bons serviços prestados à divulgação da doutrina espírita, no Estado. Instalada em local apropriado, sua inauguração, naquela data, constituiu uma homenagem ao codificador da doutrina espírita.



Fotografia 24 – Vista interna das instalações da Livraria “André Luiz” em março de 1960, por ocasião de sua inauguração.

Numa reforma ocorrida há poucos anos, a livraria teve suas instalações ampliadas e modernizadas, oferecendo um ambiente mais atraente e maior conforto aos seus frequentadores.



Fotografia 25 – Livraria “André Luiz” após a reforma ocorrida nos primeiros anos do século XXI

A livraria da UEP, como é óbvio, tem por principal finalidade a divulgação do Espiritismo através do livro espírita. Ao longo de sua existência vendeu milhares de exemplares, principalmente obras editadas pelas: Federação Espírita Brasileira; Comunhão Espírita Cristã, de Uberaba; Livraria Alvorada, da Mansão do Caminho, Bahia; e da Livraria Allan Kardec, de São Paulo, além de, mais recentemente de outras importantes editoras espíritas de nosso país.

A livraria dispõe de um variado acervo de obras espíritas constituído de livros, revistas e jornais e de multimeios dedicados à divulgação da doutrina espírita, tais como: VHS, CD-ROM, DVD e outros.^{50,51,52.}

⁵⁰ *Alma e Coração*. v.8, n. 9, set.1916, p. 6.

⁵¹ *Id Ibid.* v.8, n.10, out 1917, p.1

⁵² *A Revelação*.v.55, n. 322, mar.abr, 1972, p. 2

Merece especial destaque a função de distribuidora que a Livraria “André Luiz” desempenha. No exercício dessa tarefa, ela fornece livros com descontos e prazos comerciais de pagamentos a um grande número de centros espíritas e, também, sob forma de consignação, para as inúmeras feiras de livros realizadas pelas casas espíritas em todas as regiões do Estado. Supre a grande Feira do Livro Espírita de Belém e o *stand* da União na Feira Pan-Amazônica do Livro, igualmente, em Belém, ambas realizadas anualmente.

5.7.12 Farmácia Homeopática “Antônio Pinheiro Filho”

Por volta de 1912, havia os chamados “postos curadores” que, ligados nos centros espíritas, tinham por objetivo: a aplicação de passes, a distribuição de água fluidificada e acesso à consulta mediúnica.

Nesta última, os espíritos benfeitores receitavam os remédios homeopáticos, circunstância que tornava necessária a existência de farmácias, com atendimento homeopático; eram as chamadas “farmácias espíritas”.

Exemplo de uma dessas farmácias era a do “Centro Espírita Fé e Amor”, que mantinha o periódico chamado *Alavanca*. O posto curador desse Centro fornecia também os medicamentos gratuitamente, através da farmácia.

No ano de 1913, a UEP mantinha um desses postos⁵³ que aviou, naquele ano, de 15 de setembro a 14 de outubro, 950 receitas.

⁵³ Situado a Travessa São Matheus, 167,

Em setembro de 1913, surgiu a idéia de se montar uma farmácia na UEP, pois embora a existência dos referidos postos, já se fazia sentir a necessidade de uma farmácia que fornecesse, com maior adequação, os medicamentos homeopáticos.

Para a consecução desse anseio, fez-se uma campanha através de cartões em benefício da instalação de uma farmácia espírita, na União.

Foi quando Antônio Pinheiro Filho doou todos os medicamento e ajudou na campanha de arrecadação de numerário para construção do local adequado para instalação a farmácia, ajudando a mantê-la.

A farmácia foi, então, instalada no dia 25 de dezembro, em homenagem ao dia de Natal.

Existiram dificuldades iniciais para que a diretoria da UEP pudesse fazer funcionar a farmácia instalada em seu andar térreo.

Não sendo, entretanto, possível abri-la ao público, o então presidente da UEP, Archimimo Pereira Lima, resolveu criar um “Dispensário” para fornecer aos postos filiados à União os remédios de que necessitavam, sendo nomeada uma comissão para dirigi-lo, composta de Antonio Pinheiro Filho, Antonio Lucullo de Souza e Silva, Domingos Sylvio Nascimento e Raymundo Nogueira de Faria.



Fotografia 26 – Dispensário homeopático

A comissão tinha poderes para solicitar à Diretoria o necessário crédito, mensalmente, a fim de fazer face ao pagamento das despesas com o “dispensário”.

A fim de sensibilizar a comunidade espírita para que concorresse com alguma ajuda para aliviar as dificuldades do dispensário, o jornal *Alma e Coração* publicou a seguinte nota⁵⁴:

“O Dispensário Homeopático da U.E.P., que funciona nos baixos do prédio da sede social, à Rua Aristides Lobo, 27, lutando com imensas dificuldades para se sustentar, adquirindo recursos para as despesas indispensáveis, roga, por nosso intermédio, a

⁵⁴ *Alma e Coração*. v.6, n.11, nov., 1915.

todas as almas generosas sem distinção de crença um óbolo para os necessitados que ela socorre, aliviando-lhes as dores nos postos mediúnicos que mantêm.

O jornal *Alma e Coração*⁵⁵ registrava em fevereiro de 1916 o movimento dos “postos curadores”, filiados do Dispensário Homeopático da UEP, à Rua Aristides Lobo, 27, como segue:

Posto curador	Endereço	Período	Receitas aviadas
1º Posto	Av.Cons. Furtado, 114	Jan. / 1916	450
2º Posto	Trav. Jurunas, s / n	Jan. / 1916	256
3º Posto	R. Caripunas, nº 23	Jan. / 1916	475
4º Posto	Av.S. João, 113	Ago.- nov. 1915	896

Quadro 43 – Atendimento nos postos curadores

No dia 18 de fevereiro de 1916, o mesmo jornal publicava a notícia seguinte:

“Até o dia 18 deste mês será aberta ao público a “Farmácia da União” para a venda de tinturas homeopáticas a todos os que poderem comprar. O produto da venda será aplicado em benefício da Assistência aos Necessitados”.⁵⁶

Referia ainda que a distribuição gratuita do medicamento seria feita na farmácia, aos que apresentassem receitas dos postos filiados e que demonstrassem ser socialmente carentes.

⁵⁵ Id. v.7, n.2, fev.1916, p.11

⁵⁶ *Alma e Coração*, set.,1916, p. 6

O jornal *A Revelação*⁵⁷ noticiou que a diretoria da UEP, em suas últimas reuniões, havia aprovado um plano apresentado pelo associado José Bonifácio da Silva, visando ampliar o serviço de atendimento da farmácia homeopática da União.

Consoante o referido plano, foram tomadas as seguintes medidas: reformulação geral e limpeza de toda a vidraria; renovação de todo o estoque, abandonando os medicamentos antigos; realização de dinamização de até 30³; renovação do estoque de “tintura-mãe”; orientação de tratamento homeopático ao público; cobrança módica aos que pudessem pagar pelos medicamentos, permanecendo gratuito o fornecimento aos que tivessem dificuldades para efetuar o pagamento.

O autor da proposta, por ser farmacêutico, se propôs a dar a necessária assistência a esse importante setor da Casa, de forma a tornar efetivo o plano apresentado.

A colaboração que foi oferecida revestiu-se de grande significação para o trabalho assistencial da UEP, porquanto a farmácia mantida pela entidade durante os longos anos de sua existência esteve sempre voltada para o atendimento dos enfermos carentes de recursos.

A quase totalidade das pessoas, que recorriam aos seus serviços, pertencia às camadas mais pobres da população, convindo dizer que o fornecimento gratuito de medicamentos persistia apenas em razão de grande boa vontade do seu responsável.

⁵⁷ *A Revelação*, v. 55, n. 321 jan./fev., 1972, p.2

Com a adoção dessas medidas, vislumbrava-se a possibilidade de um trabalho mais proveitoso, sobretudo num momento em que os preços dos medicamentos alopáticos estavam fora do alcance da bolsa dos mais necessitados.

A Farmácia Homeopática “Antônio Pinheiro Filho” esteve vinculada, desde o seu início, ao Departamento Assistencial da UEP, desenvolvendo atividades de doação e venda de medicamentos homeopáticos até meados de 1990.

No período de 1977 a 1980, esteve sob a responsabilidade do farmacêutico General Ismael Ribeiro da Silveira Pinto; de 1981 a 1993, essa função foi exercida pelo farmacêutico Raimundo Marçal Guimarães.

A partir de 1994, houve a necessidade de adaptá-la para realizar tarefas de manipulação de medicamentos homeopáticos e fitoterápicos, ocasião em que foi procedida uma reforma, constante da construção de laboratórios e reestruturação de seus serviços.

Em janeiro de 1997, a farmácia foi re-inaugurada, contando, a partir de então, com um laboratório de manipulação de medicamentos homeopáticos e de produtos fitoterápicos, como melitos, xaropes, pomadas e encapsulados, funcionando sob a responsabilidade de um profissional com presença permanente, no local.



Fotografia 27 – Farmácia Homeopática “Antonio Pinheiro Filho” após a reforma para modernizá-la

Há pouco tempo, por exigência da Secretaria Municipal de Saúde, foram realizadas obras de conservação e ampla reforma nas instalações da farmácia, com a implantação de novos procedimentos operacionais e proteção individual, tendo sua situação plenamente regularizada perante as autoridades sanitárias.

Com as reformas acima assinaladas, a área física da farmácia sofreu várias modificações, criando-se um terceiro laboratório, para controle de qualidade, sendo, na oportunidade, construídos também um vestiário e uma sala de armazenamento de embalagens e material de limpeza.

Dos produtos elaborados, vários substituíram os adquiridos em laboratórios e diversos são de manipulações novas, criadas na farmácia.

6 Outras informações relevantes

6.1 O Conselho Federativo Nacional e a UEP

Consumada a adesão da UEP ao Pacto Áureo e com a criação do CFN, da FEB, instalado em janeiro de 1950, foi escolhido para ser o primeiro representante da Casa Federativa Paraense, naquele órgão de unificação, o advogado Lauro Sales. Em 1954, ocorreu sua substituição pelo professor Carlos Juliano Torres Pastorino. Posteriormente, por motivo da renúncia deste, foi apontado o aeronauta Paulo de Souza Santos para substituí-lo. Ao último, sucedeu o escritor Ramiro Gama.

Com o funcionamento do CFN, em Brasília, primeiro órgão da FEB a ser transferido, da cidade do Rio de Janeiro, para a nova capital federal, as Casas Federativas Estaduais passaram a ser representadas, nas reuniões daquele órgão, antes mensais e, desde então, em caráter anual, diretamente pelos seus presidentes. A UEP deixou, assim, de designar representante especial para CFN.

A partir de Brasília, a União esteve presente, através de seu presidente e um assessor, ininterruptamente, em todas as reuniões anuais do CFN.

É de se lembrar que a União já se fizera representar na reunião de um Conselho Federativo Nacional, especialmente convocado, em 1933.

Ainda no Rio de Janeiro, o CFN tomou a iniciativa de organizar quatro simpósios regionais e um nacional. O primeiro, realizou-se em Curitiba, em 1962, reunindo os Estados

do Sul; o segundo, ocorreu em Salvador, em 1963, abrangendo os Estados do Nordeste; o terceiro aconteceu em Belém, de 24 a 26 de julho de 1964, envolvendo os Estados do Norte, sendo, compreensivelmente, a União a anfitriã. O simpósio de Belém examinou, como os dois anteriores, estudos de Doutrina, Unificação, Mocidade, Educação e Assistência Social.

Representaram o Pará⁵⁸, nas cinco comissões organizadas, as seguintes pessoas: Comissão de Doutrina – Octavio Vieira de Souza Beltrão; Comissão de Unificação – Manoel José do Carmo Jr.; Comissão de Mocidades – Nazareno Bastos Tourinho; Comissão de Educação – Maria de Nazaré Guerreiro de Azevedo; e Comissão de Assistência Social – Semiramis de Bittencourt Amarante.

Pelo Amazonas compareceram: José Cunha Campos, Alfredo Henrique Trigueiro e José Ribamar de Souza.

Como os Estados que já haviam participado dos simpósios anteriores eram convidados a participar dos seguintes, estiveram presentes pelos Estados das Regiões Sul e Nordeste: Paulo Fernandes de Freitas e Cecília Rocha, do Rio Grande do Sul, Carlos Jordão da Silva, Luiz Monteiro de Barros, Roberto Domingos Andreucci e Eurípedes de Castro acompanhado de suas filhas –Marília e Eneida–, de São Paulo; Noraldino de Melo Castro, de Minas Gerais; Antonio de Paiva Melo, da Guanabara; e Antonio Lugon, do Espírito Santo.

Os simpósios, por delegação da Federação Espírita Brasileira, foram coordenados pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

⁵⁸ Atas de 8 de junho 1964

O quarto simpósio regional teve lugar em Goiânia em 1965, congregando os Estados da Região Centro e Territórios Federais. A exemplo do que se verificou em Belém, vários Estados das outras Regiões, ali compareceram. O Pará⁵⁹, também esteve presente, representada por Jonas da Costa Barbosa.

Em 1966, ocorreu, no Rio de Janeiro, onde ainda estava sediado o CFN, o simpósio nacional, reunindo a maioria das Federativas Estaduais, sob a direção da FEB. Essa reunião foi marcada por alguns desentendimentos, notadamente, entre os representantes do Pará, Bahia e São Paulo com o presidente daquela Federação, quebrando o clima confraternativo esperado. As conclusões dos assuntos estudados ao longo dos simpósios regionais não chegaram a ser apreciadas.

No ano de 1965, realizou-se, em Marília, Estado de São Paulo, a “1ª Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas”, que teve caráter nacional. Contou com a participação de mil pessoas, oriundas de quase todos os estados, graças ao fato de o governo de São Paulo ter concedido duas passagens, pela empresa aérea de sua propriedade, para cada Estado. Compareceram o vice-presidente da FEB e os presidentes de 16 Casas Federativas Estaduais, dentre eles, o da UEP.

Pelo Pará, além de o presidente da UEP, Jonas da Costa Barbosa, compareceram: Salomão Jacob Benchaya, Mário da Costa Barbosa, Nazareno Bastos Tourinho, Josino Alves dos Santos, Raimunda da Silva Martins, Ana Maria Silva e Joel da Silva Pereira.

⁵⁹ Ata de Diretoria de 1965

Esse Encontro teve a duração de cinco dias. Pelas manhãs e às tardes, ocorriam as várias reuniões de trabalho e, a noite, eram proferidas palestras, diariamente, num amplo ginásio, por um orador diferente dos exponenciais na oratória do cenário espírita nacional: Divaldo Franco, Newton Boechat, Jacob Holzemann Neto, Norberto Pasqua e Terezinha Oliveira.

Em 1971, estando na presidência da FEB, Armando de Oliveira Assis, foram criados e passaram a funcionar os Conselhos Zonais, como desdobramentos do CFN, com o objetivo de promover a dinamização e melhorar a integração do Movimento Espírita, nos planos do trabalho de unificação. Segundo esse plano, o Brasil foi dividido em quatro zonas.

Conselhos Zonais	Estados
1ª Zona	Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rondônia e Roraima
2ª Zona	Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia
3ª Zona	Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal, posteriormente acrescida de Tocantins.
4ª Zona	Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Quadro 44 – Composição dos Conselhos Zonais

Os encontros de zonais tiveram início na 1ª Zona, no primeiro semestre de 1972 tendo sido escolhida Belém para sediar a primeira reunião, que foi presidida pelo presidente da FEB, Armando Oliveira Assis, assessorado pelo vice-presidente da Instituição, Abelardo Hidalgo Magalhães.

Durante esse encontro foram abordados dois temas: *Dinamização do Movimento Federativo Estadual* –

proposto pela FEB e *Assistência Social* – escolhido pelas Casas Federativas componentes da 1ª Zona.

No segundo semestre a reunião ocorreu em um Estado da 2ª Zona para discutir os mesmos temas. No ano seguinte, a cada semestre foram se sucedendo as zonas até que se encerraram os ciclos de discussões sobre os temas, quando foi realizada uma reunião plenária do CFN, em Brasília.

Na conclusão do ciclo houve aprovação final dos temas e logo se escolheu os assuntos para novo ciclo de zonais. Essa sistemática passou a ser adotada nos novos ciclos zonais que se seguiram.

Para cada novo ciclo as capitais eram escolhidas por rodízio para sediar as reuniões dos Conselhos.

Nesses ciclos de reuniões foram aprovados os documentos norteadores do Movimento Espírita, no Brasil.

Concluída essa etapa, os Conselhos Zonais foram transformados em Comissões Regionais, conforme decisão do CFN tomada em sua reunião de novembro de 1985. Começava, assim, uma nova etapa do trabalho de unificação: a operacionalização das diretrizes aprovadas nos diversos ciclos dos Conselhos Zonais. A tais Comissões competia, como compete “ continuam funcionando nos dias de hoje:

- ▶ coordenar e promover com as Entidades Estaduais de Unificação do Movimento Espírita, observados os norteamentos do Conselho Federativo Nacional, as atividades que visem a dotar as Instituições Espíritas dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento de suas atividades doutrinárias e assistenciais; e

- ▶ analisar temas indicados pelo Conselho Federativo Nacional.

A União Espírita Paraense, como as demais Federativas Estaduais do Norte, participam de todas as reuniões da Comissão Regional Norte, realizadas anualmente, em uma das capitais dos Estados da área, obedecendo o sistema de rodízio.

Presentemente, na área de abrangência da Regional Norte, estão apenas os Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima.

6.2 Aniversários da UEP que repercutiram no Movimento Espírita

Entre as comemorações de aniversário de fundação da União Espírita Paraense, duas merecem destaque pela repercussão que tiveram no Movimento Espírita (MOVESP).

6.2.1 Setenta e cinco anos de fundação

No ano de 1981, completando a União “75 anos de fundação”, foi elaborado um programa de comemorações desenvolvido de 14 a 20 de maio, portanto, sete dias de acontecimentos marcantes. A exemplo do ocorrido nas comemorações dos 100 anos de *O Livro dos Espíritos*, foram colocadas faixas em alguns pontos da cidade, divulgando o acontecimento com textos significativos. De igual forma, foram afixados cartazes em vários lugares de grande afluência pública, com a colaboração das casas espíritas, e também nos veículos

de transporte coletivo que transitam na área metropolitana da capital.

Houve igualmente ampla cobertura da mídia impressa e eletrônica.

A propaganda contou, ainda, com eventos de grande nomeada. Várias exposições puderam ser vistas em pontos estratégicos da cidade: Praça da República, Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará e saguão do Terminal Rodoviário de Belém todas com exibição de livros espíritas e com pessoas presentes, no local, em condições de fornecer informações sobre a Doutrina e o Movimento Espírita a quem se mostrasse interessado. Para a exposição da Praça da República, bem próxima ao Teatro da Paz, ainda podia ser visitado um *stand*, especialmente construído, no qual foi montada uma interessante galeria de fotos de objetos, obras assistenciais, acontecimentos e personagens espíritas que construíram a historia do Espiritismo no mundo, no Brasil e em terras paraenses, bem como objetos diversos, impressos variados, dentre os quais cartazes, todo um material ilustrativo, relacionado com a Doutrina.



Fotografia 28 – Stand da Exposição Espírita em comemoração aos 75 anos da UEP

Vários oradores abrilhantaram os momentos de festividades desenvolvendo temas pertinentes à doutrina espírita:

- ▶ José Raul Teixeira, do MOVESP do Rio de Janeiro, abrindo as comemorações, falou no Teatro da Paz, no dia 14, às 20h e foi entrevistado pela TV Guajará, canal 4, às 21.
- ▶ José Fernandes da Silva Jr., secretário geral da União Espírita Paraense fez sua palestra no salão de conferências da Instituição, no dia 15, às 19h45m,.
- ▶ Nos dias 16 e 17, foi a vez de Nestor João Masotti, da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo que, no primeiro dia, às 20horas, falou no salão de conferências da UEP, na Rua Oswaldo Cruz n° 45, e, no segundo dia, como contribuição ao Encontro de Trabalhadores das Casas Espíritas do Pará, ocorrido às 9h, numa área coberta do prédio – em construção – da UEP à Trav. Castelo Branco.
- ▶ Maria Cecília Paiva, do MOVESP do Rio de Janeiro e ligada a FBE, fez uma palestra no “Lar de Maria”, no dia 18, às 20h.
- ▶ Nos dois últimos dias – 19 e 20 – , Geraldo Rodrigues Guimarães, igualmente com atuação no MOVESP do Rio de Janeiro, falou no prédio da UEP, da Rua Oswaldo Cruz n° 45, às 20h e fez o encerramento das comemorações proferindo uma palestra, no Teatro da Paz, às 20h.

6.2.2 Oitenta anos de fundação

Cinco anos depois, aconteceu algo análogo ao ocorrido em 1981. A União estava completando 80 anos de existência, mas havia algo especial: a inauguração do bloco doutrinário, concluído, parte de um conjunto arquitetônico idealizado para ser construído na Travessa Castelo Branco n° 1272, em Belém.

Como marcar o acontecimento? Com uma grande festa de corações. Assim, foi organizada uma “Semana Espírita”, não de sete, mas de oito dias, com palestras e outras programações para comemorar o evento.

Divaldo Pereira Franco, Nestor João Masotti e Ana Jaci Guimarães foram os oradores de outros Estados que se fizeram ouvir, no período de 18 a 25 de maio, fazendo intensa divulgação da doutrina espírita, em terras paraenses.

A “Semana” foi aberta no dia 18, domingo, às 9h com um “Encontro para Reflexões Doutrinárias” coordenado por Mário da Costa Barbosa e Stela Pojucci Ferreira de Moraes. Às 15h do mesmo dia, Nestor Masotti, presidente da Federação Espírita do Estado de São Paulo, coordenou um seminário sobre o tema “Revalorização da Vida” que contou com a participação do médico Alberto Almeida, da psicóloga Marta Leão Almeida e do assistente social Mário da Costa Barbosa. No dia seguinte, às 20h, houve um encontro com os trabalhadores das casas espíritas, que superlotou o auditório do novo prédio.

No dia 20, data efetiva do aniversário da União, Divaldo falou para um público estimado em 1.700 pessoas que se acomodou por toda parte: sentado no auditório principal, acomodados nos corredores central, laterais e posterior e

escadarias, auditório do piso térreo, também superlotado. Não houve como se estimar o número dos que voltaram, por falta de acomodações. A Federação Espírita Brasileira esteve representada pelo seu presidente, Francisco Thiesen. Também se fizeram representar a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, a Federação Espírita do Maranhão e a Federação Espírita do Estado do Amapá.

No dia imediato, Divaldo Franco deu uma entrevista a *O Liberal*, “para fixar, excluídos aspectos doutrinários, já bem conhecidos, a posição dos espíritas diante da realidade brasileira”. Nessa entrevista, Divaldo se fez acompanhar de Jonas da Costa Barbosa e de Nestor Masotti. Foram entrevistadores os jornalistas Odacyl Cattete, Linomar Bahia, João Vital e Euclides Almeida que fizeram ao todo 33 perguntas. A entrevista foi publicada na edição de domingo do referido diário, ocupando duas compactas páginas, com seis fotos, além de apreciável “chamada” de primeira página também com uma foto.

Na entrevista, Divaldo começou por afirmar que

“[...] a humanidade está atingindo um dos momentos mais culminantes de sua história. Apesar da violência, da ameaça de guerra, da exploração do sexo, entende Divaldo, repetindo um provérbio árabe, que *‘ninguém detém a madrugada’*”.(o grifo é nosso)

No mesmo dia 21, Divaldo Franco proferiu sua segunda conferência.

Nestor Masotti, além de coordenar outro seminário, desta vez sobre “Unificação”, proferiu uma conferência no dia 22, participando ainda de um “Encontro com Coordenadores de Juventude Espírita do Pará”.

Ana Guimarães, que pela primeira vez veio a Belém, conquistou a admiração e simpatia do meio espírita paraense, pela profundidade de conceitos e poesia de sua palavra fluente. Usou a tribuna da União Espírita Paraense nas noites dos dias 23, 24 e 25, quando realizou a conferência que marcou o encerramento dos festejos comemorativos do 80º aniversário de atividades da UEP. Também coordenou o “Encontro com Coordenadores de Juventude Espíritas do Pará”.

Em um *stand* de 16m², instalado na Praça da República, as proximidades do Teatro da Paz, de 19 a 25 de maio, realizou-se, uma “Exposição de Livros Espíritas” que funcionou das 9 às 22h, ininterruptamente, e fez chegar às mãos dos leitores não espíritas 1157 exemplares de obras doutrinárias.

Paralelamente, uma livraria improvisada no novo prédio da União, que funcionou nos mesmos dias, dentro do horário de atividades, vendeu, igualmente, 1157 exemplares de livros espíritas.

Como parte da divulgação da “Semana Espírita”, cerca de 350 ônibus trafegavam pelas ruas da Grande Belém portando cartazes alusivos ao evento, desde dez dias antes de sua abertura. Além disso, registre-se:

- ▶ três *out-door* foram colocados em pontos altamente movimentados da cidade;
- ▶ oito emissoras de rádio, transmitindo em AM e FM, na capital, e duas no interior do Estado, estiveram constantemente anunciando o evento. *A Rádio Cultura do Pará* divulgou entrevista prévia com o presidente da UEP;

- ▶ três jornais da capital e dois do interior também noticiaram amplamente a “Semana Espírita”, incluindo-se a grande entrevista de Divaldo Franco publicada em *O Liberal*;
- ▶ três emissoras de TV da capital, com retransmissão para grande parte do interior do Estado, divulgaram as comemorações, inclusive a entrevista de Divaldo ao programa *Bom Dia, Pará*.
- ▶ foram distribuídos ao público cerca de 8 mil e 500 exemplares de jornais e revistas espíritas de diversas partes do País, bem como aproximadamente 55 mil unidades de mensagens doutrinárias impressas.

6.3 Federação Espírita Paraense

Em 12 de outubro de 1995, foi fundada em Belém uma instituição a que foi dado o nome de Federação Espírita Paraense, definida em seu estatuto como uma sociedade civil, de caráter religioso e de assistência social, sem fins lucrativos, apolítica, com prazo de duração indeterminado.

Reza o estatuto como sendo suas finalidades:

“[...] promover a divulgação, a expansão e a unificação do Movimento Espírita no Estado do Pará, dentro dos genuínos princípios cristãos codificados por Allan Kardec e obras complementares surgidas com o desenvolvimento natural da Doutrina dos

Espíritos objetivando a vivência da Caridade e a Auto-Realização Espiritual;

Congregar os Centros Espíritas do Estado do Pará, como instituições autônomas e solidárias, visando a coordenação de esforços e ao auxílio recíprocos”.

Quando foi anunciada a idéia da criação dessa Federação, a notícia colheu a todos de surpresa. Passado o primeiro momento de impacto, foi formada uma comissão para procurar o seu idealizador, sr. Oscar Ferreira da Rocha, com o propósito de conhecer as razões de tal iniciativa e, ao mesmo tempo tentar demovê-lo de seu intuito. Referida comissão foi composta por elementos de nomeada do Movimento Espírita local, a saber: Alberto Ribeiro de Almeida, José Alberto da Costa Machado, Adalindo Rodrigues da Costa, Maria Lúcia Fonseca de Abreu, Maria da Glória Pereira de Souza e Raimunda Neves do Vale.

Estabelecido o contato com o Sr. Oscar, a comissão ouviu seus motivos e ainda as restrições que fez à ação dos representantes do 1º Conselho Regional Espírita que visitavam o “Centro Espírita Obreiros do ‘Cristo’”, dirigido por ele, com o propósito de integrá-lo ao referido órgão de unificação, por estar situado na sua circunscrição. Mas, o verdadeiro e principal motivo alegado para a fundação que pretendia realizar era o fato de “não haver no Pará uma Federação Espírita” e que, para concretizar seu propósito, contava com o apoio de alguns centros espíritas, cujo nome não quis informar.

Após uma troca de idéias com o Sr. Oscar, a comissão, entendendo que o problema não tinha maior gravidade por se tratar de mal-entendidos a serem desfeitos, acertou uma nova visita para a semana seguinte, em data anterior à da marcada para a assembléia geral de fundação da Federação.

Considerando as colocações feitas pelo Sr. Oscar em relação ao 1º Conselho Regional Espírita, foi pedida a presença, na sede da União, de membros do citado órgão de unificação para uma reunião com membros da comissão para deles ouvir os esclarecimentos que se fizessem necessários. Compareceu, então, José das Graças Silva, Oswaldo do Nascimento Madureira, Manoel Raimundo Ferreira e Arão Monteiro de Oliveira.

Voltando, como fora acertado no dia fixado, para nova conversa, que seria a da solução do problema, a comissão foi surpreendida pela declaração do Sr. Oscar de que já fundara a Federação Espírita Paraense, antecipando a data antes estabelecida para a realização da assembléia geral de fundação pelo fato de vir recebendo ameaças telefônicas para não consumir o seu projeto. Disse, ainda, que foram três as casas espíritas que serviram de base para que se criasse a Federação. Uma dessas casas era o “Centro Espírita Obreiro do ‘Cristo’”. O nome das outras duas não quis declinar.

Descobriu-se, depois, que o Sr. Oscar promovera dias antes a criação de duas instituições: “Centro Espírita Obreiros do Amor” e “Centro Espírita Obreiros do Cosmo”, com o mesmo endereço do “Centro Espírita Obreiros do ‘Cristo’”.

Após sua constituição, a Federação procurou obter a adesão de algumas casas espíritas já existentes, sem maior sucesso.

Apêndice



Apêndice A – As reformas do estatuto da UEP

Ao longo de sua existência a União Espírita Paraense fez várias reformas em seu estatuto inicial, provocadas por diversas razões como se indica a seguir:

1927 – Aprovada em 24 de abril. Além da atualização, teve a motivá-la os acontecimentos envolvendo a vida da UEP, nos anos de 1925 e 1926, quando da passagem por Belém do orador espírita Yvon Costa. Por essa reforma, foi criado um Conselho Fraternal, de caráter permanente, eleito pela Assembléia Geral. A Diretoria, a partir daí, passou a ser eleita por esse novo órgão, com ele compartilhando, a responsabilidade da administração da Casa.

1938 – Aprovada no dia 12 de dezembro. Provocou insatisfação junto à diretoria da Federação Espírita Brasileira, chegando a abalar suas relações com a União, que esteve durante quase um ano desligada do Quadro de entidades federadas adesas àquela.

1951 – Aprovada em 26 de dezembro. Decorreu da adesão da União ao “Pacto Áureo”, face à necessidade de adequar a estrutura organizacional da Federativa Paraense às diretrizes do citado documento de “unificação” do MOVESP, no Brasil. Dentre outras coisas, implicou na criação do Conselho Federativo da UEP.

1960 – Aprovada em 22 de maio. Ocorreu pela necessidade de atualização face às novas realidades da União.

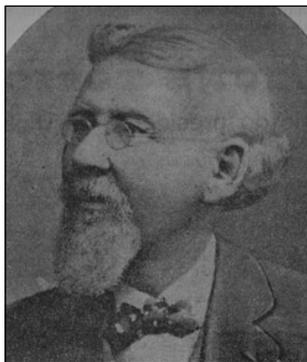
1973 – Aprovada em 14 de dezembro. Motivada, também, pela necessidade de atualização. Nela, aconteceu a criação do Conselho Deliberativo, em substituição ao Conselho Fraterno.

1988 – Aprovada em 3 de julho. Foi uma reforma de grande profundidade, ditada, especialmente, pela expansão do MOVESP, no Pará. Houve ampla mudança na estrutura organizacional da União que, como então se apresentava, não tinha condições de atender às crescentes solicitações de apoio das casas espíritas, cujo número crescera em todo o Estado, além do que as mais antigas passaram a buscar maior assistência em razão das novas necessidades surgidas. Criaram-se novos cargos na Diretoria, com melhor distribuição de encargos. Aumentou o número de órgãos departamentais. Foram criados, sobretudo, Conselhos Regionais Espíritas (CRE), visando a descentralização das atividades de “unificação”, dando-se ênfase a sua dinamização. Com essa reforma, coube ao Conselho Federativo, doravante chamado Conselho Federativo Estadual (CONFE) com atribuições mais claras, estabelecer as diretrizes para o MOVESP, no Pará. Esse órgão maior do trabalho de unificação do MOVESP, no Estado, teve a constituição dos representantes dos CRE e os membros da Diretoria Executiva (DIREX) – novo nome da antiga Diretoria–, competindo a esta, agora com mandato de três anos, dentre outras atribuições, a de órgão executor das referidas diretrizes.

Essa reforma levou mais de um ano, em elaboração. Foi longamente amadurecida e contou com inúmeras colaborações, inclusive de pessoas de fora do Estado. Nessa reforma, a função federativa da União ficou mais clara, cujas ações, em proporção superior a 90%, passaram a ficar voltadas para o trabalho de unificação.

2004 – Aprovada em 27 de março. Tornou-se imperiosa pela necessidade de adaptar o estatuto às exigências do *Novo Código Civil Brasileiro* de 2002, porém foi além do exigido pela lei dos homens. Decorridos quase 16 anos de vigência da reforma de 1988, aproveitou-se a oportunidade para uma revisão ampla, colocando o estatuto, em condições de atender à demanda decorrente das mudanças ocorridas no MOVESP. Foi ampliada a DIREX, que passou a contar com quatro vice-presidentes e um “Diretor de Gestão do Livro”, totalizando 11 diretores; dadas atribuições de maior amplitude ao Conselho de Administração, que, depois da Assembléia Geral, passou a ser o órgão mais importante na direção da União e que, tendo elevado para 72 o número de conselheiros, dos quais 48 titulares e 24 suplentes, elegem, dentre os seus membros, a DIREX, os quais continuam integrando aquele órgão, ativamente. Esse nova forma do estatuto deu maior flexibilidade à administração da União. Definiu com maior propriedade as atividades que cabe à Instituição desenvolver e a criação dos órgãos auxiliares que forem necessários para atendê-las.

Apêndice B – Dados biográficos de vultos do Espiritismo no Pará



Abel Augusto Cezar de Araújo

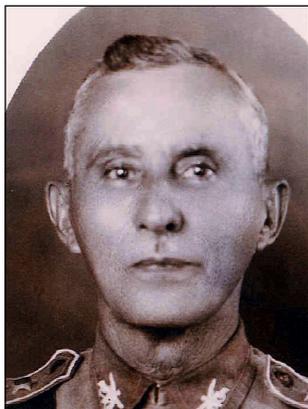
Farmacêutico, coronel do exército brasileiro, casou-se com Maria José Araújo, com quem teve uma filha de nome Cecília. Participou das diretorias de mais dois centros espíritas, fundados para atender à crescente demanda de indivíduos procurando os serviços doutrinários: “Centro Spirita do Estado do Pará” e “Sociedade Spirita Paraense”. Quando foi convidado para assumir a presidência da União, em 1906, já era um homem de idade bem avançada. Ocupara 27 anos antes a presidência do primeiro grêmio espírita de que se tem notícia no Pará o “Grupo Espírita Luz e Caridade” que, sob sua direção, praticou atos importantes para o assentamento e elevação da imagem do Espiritismo no Pará: auxílio com quantia significativa às vítimas do incêndio do “Taboão”, na Bahia; uma petição endereçada ao governador do Estado, Justo Chermont, em favor de cidadãos presos injustamente; arrecadação de numerário em prol do Lyceu de Artes e Officio “Benjamin Constant”, tendo o apóio de companheiros de ideal. Conforme Solerno Moreira, “[...]era uma pessoa digna, honesta, de moral elevada [...] qualidades necessárias para dar credibilidade a entidade que estava nascendo, a União Espírita Paraense”. Foi seu presidente de 1906 a 1908. Em 1910 exerceu o cargo de bibliotecário na UEP. Desencarnou em 12 de junho de 1911.

FOTO NÃO
LOCALIZADA

Arthúnio Vieira

Procedente de Maranguape-CE, chega a Belém com sua família, em 1902, trazendo na bagagem o espírito de lutador destemido do propagandista espírita. Tomando conhecimento das dificuldades que a doutrina espírita enfrentava para ocupar seu espaço na sociedade paraense e desejoso de abrir um arco de aliança sobre as tormentas reinantes, funda, em 7 de setembro do mesmo ano, o “Centro Espírita Paraense”, que passa a sacudir os pensamentos dos cidadãos, chegando a dividir a comunidade em frequentadores e opositores do Centro, o qual tornou-se o maior núcleo de divulgação da Doutrina em Belém. Chegou ao Espiritismo através da sua segunda esposa, Emilia Freitas Vieira, que o convidou a conhecer o “Centro Espírita Amazonense”, hoje Federação. Foi orador oficial da UEP em 1906 e conferencista em 1916. Dirigiu a primeira “escola de médiuns” da União em 1915 e fez parte da sua Diretoria por várias vezes: como secretário em 1918 e segundo secretário em 1926 e ainda orador. Tomou parte no congresso espiritualista realizado em Belém na “Confederação Espírita Caminheiros do Bem” em 1940, representando a UEP. Intelectual, dramaturgo, comediógrafo, poeta, prosador e periodista, publicou vários livros, como a novela *Lucilla*; os romances: *Tempestade num Lar*; *Sua Majestade: O Vício*; *Sulita*; e um livro espírita intitulado *O Espiritismo – Ideias Pervertidas*. Contribuiu com a edição do livro didático *Grammatica Infantil*. Foi fundador e proprietário dos jornais: *Belém - Jornal*, de cunho informativo, com periodicidade diária, e *Luz e Fé*, espírita, com circulação quinzenal e de igual forma, da revista *Sophia* distribuída mensalmente. Possuía uma pequena tipografia adquirida com seus próprios recursos. Segundo seus

companheiros, era um verdadeiro exemplo de coragem e de estímulo para os que se iniciavam na luta de afirmação da doutrina espírita naquele período.



Francisco Solerno Moreira

Nasceu no Estado da Paraíba. Filho de Francisco Solerno Moreira e Maria Cândida Moreira, casou-se com Petronila Moreira com quem teve sete filhos: Samuel, Eidorfe, Solerno, Denizard, Petronila, Lindaura e Alda. Militar, lutou na Guerra de Canudos. Durante o tempo em que esteve na ativa, serviu nas guarnições do Pará, Maranhão, Paraíba, Rio Grande do Sul e Amazonas. No Pará, comandou o Depósito de Pólvora do Aurá e serviu a seguir no Corpo de Tropa que depois seria o 26º. Batalhão de Caçadores. Em 1908, funda o “Tiro de Guerra nº 14 e, em 1911, um grupo de escoteiros. Reformou-se no posto de major. Apoiado por Francisco de Paula Menezes funda em 1906, o “Grupo Espírita Atalaia”. No mesmo ano apóia o amigo Menezes na fundação da “União Espírita Paraense”, sendo seu presidente de março a junho de 1915 e nos anos de 1926 e 1930. Criou e ajudou a fundar alguns periódicos. Em 1901, logo que chegou no Pará, funda – ainda não era espírita – o jornal *Boêmio*. Em 1905, autorizado por seu fundador, Arthúnio Vieira, fez reaparecer o periódico *Sophia* sob a forma de jornal. Em agosto de 1906 lança *A Revelação*, o jornal da UEP, e em 1911 o *Riso d’Alma*, no estado do Maranhão. Juntamente com Francisco de Paula Menezes, funda em 1907 as escolas “Allan Kardec” e “Aurélia de Menezes”, da UEP,

assim como, no Maranhão, em 1911 a escola “Riso D’Alma” para crianças carentes; a “Sociedade Beneficente Tenda dos Pobres, para os desamparados da sorte”, e a “Sociedade Beneficente Olhar de ‘Jesus’”, de amparo às meretrizes, o que lhe causou grande provação moral. Desencarna Solerno aos 82 anos.

FOTO NÃO
LOCALIZADA

Francisco de Paula Menezes

Oficial da Marinha de Guerra; casou-se com Clara Nery de Menezes, enviuvando em 1907. Voltou a casar em 1910 com Olindina Cruz, que desencarna de parto. Veio para Belém em 1905, proveniente da cidade do Rio de

Janeiro onde havia participado, no ano anterior no mês de outubro, das comemorações do centenário de nascimento de Allan Kardec, quando ocorreu a primeira reunião de unificação do MOVESP. Nessa reunião, destaca-se, como medida mais importante, a aprovação do documento *Bases de Organização Espírita*. Foi aprovada igualmente a proposta para a criação, em cada estado, de uma entidade federativa de caráter estadual, que se articulando com suas co-irmãs e a FEB, viesse a constituir e manter harmonia no MOVESP. Em Belém, apóia Francisco Solerno Moreira na fundação do “Grupo Espírita Atalaia” em janeiro de 1906. Em 1907, com Solerno Moreira e outros companheiros, funda a escola primária para crianças carentes, denominada “Allan Kardec” que funcionava na sede do “Atalaia” e, nesse mesmo ano, a escola “Aurélia de Menezes” na sede do “Centro Espírita ‘Deus’ Conosco”, ambas situadas em um meio onde a pobreza era muito grande. Foi apelidado por Solerno de

“Tempestade”, dada a sua maneira de ser: cheio de energia, de vontade, de audácia e ativo em alto grau. Idealizou a fundação da casa federativa no Pará e foi sua a sugestão do nome União Espírita Paraense para designá-la, tendo apresentado as “bases” de seu estatuto. Fundou em 1910 o jornal *Alma e Coração*. Viúvo, muito abalado com o desencarne da esposa, passou para o casal Archimimo/Elvira Lima a direção desse periódico, após fazer circular os seus cinco números iniciais, para cujo custo de impressão teve que empenhar seu relógio de algibeira. Mudando-se para São Luiz (MA) fundou naquela capital o “Grupo Espírita Alma e Coração”. Em dezembro de 1912 era seu presidente. Desencarnou no ano de 1926.



Antonio Lucullo de Souza e Silva

Casado com Vicência Silva, era funcionário da Diretoria Geral de Seguros do Rio de Janeiro. Esteve lotado em Belém. Chegando do Amazonas, passou a participar ativamente do MOVESP. Tomou parte da fundação da UEP, não só dando apoio e conforto a Francisco de Paula Menezes e Solerno Moreira, mas também atuando ativamente: assinou o convite aos espíritas para a participação na criação da UEP; fez parte da diretoria provisória após sua fundação; participou da comissão de organização do Estatuto cujas bases foram apresentadas por Francisco de Paula Menezes. Presidiu a União de 1909 a 1912 tendo assumido a vice-presidente em 1926. Foi responsável pelo primeiro “posto curador” da UEP no ano de 1911, do qual a médium receitista era sua esposa. Em 1914 participou do Conselho Fraternal da União, inclusive de sua fundação. No ano

de 1915 fez parte da comissão designada para dirigir o “dispensário homeopático”; participou, em 1912, da criação dos órgãos de assistência aos necessitados e a infância desvalida e, em 1922, fez parte da Comissão de Contas. Em 1908 foi Presidente do Grupo Espírita “Esperança e Caridade”, fundado por Ludovico Andrade. Foi membro também da diretoria da “Confederação Espírita Caminheiros do Bem”. Desencarnou em 30 de julho de 1931.



Archimimo Pereira Lima

Nascido em 31 de agosto de 1876, natural do Estado do Pará. Casou-se com Elmira Lima. Engenheiro civil, foi diretor do Patrimônio Municipal da Prefeitura de Belém. Sua encarnação foi marcada pela propaganda e serviços maçônicos e a da missão espírita. Torna-se espírita aos 32 anos. Funda, em 1910, o grupo espírita “Deus, Cristo e Caridade” e no ano seguinte, o “Centro Espírita ‘Eduardo Siqueira’” com o qual gastava 50% do seu salário. Promoveu, em 1913, a fusão do “Eduardo Siqueira” com a UEP. Afastou-se do MOVESP, em 1918, por envolvimento com a política, tendo voltando a faina espírita devido uma comunicação espiritual do seu pai. Uma nova tarefa o esperava como médium de cura, ocorrendo verdadeiros prodígios, sobretudo no tratamento da obsessão. Foi Presidente da UEP em 18 de junho 1915. E no mesmo ano criou, na União, um dispensário homeopático e designou uma comissão para dirigi-lo. Várias vezes fez parte da sua Diretoria, sendo por vezes suplente, orador oficial e outros. Em 1926, inicia a obra máxima de sua vida de divulgador espírita: “Os Caminheiros do Bem” e a magnífica escola daquela

instituição, para mais de 100 crianças que recebiam instrução e educação gratuitamente. Seus companheiros de luta cognominavam-no de “O Moisés paraense”, por sua determinação voluntariosa e seu devotamento sem limites, não se detendo diante dos obstáculos. Foi autor dos seguintes livros: – maçônicos: *A Maçonaria e a Guerra; Trabalhos Maçônicos; A Linguagem dos Symbolos*; – espíritas: *A Alma na sua Evolução; Educação na Infância; Jesus para Criança; Como me Tornei Espírita; e Religiões e Religiões*. Desencarna em 14 de maio de 1938.



Elmira Ribeiro Lima

Chamada carinhosamente de “Dequinha”, filha de Leopoldo Ribeiro e Angelina de Salles Ribeiro. Casou-se com Archimimo Pereira Lima. Era poetisa e escritora, escreveu o livro *Almas em Ritmos*. Nasceu em Manaus, mas foi em Belém que desenvolveu seu potencial de divulgadora e oradora da doutrina espírita. Inicia sua jornada espírita no “Grupo Espírita Deus, Amor e Caridade” e continua com seu marido no “Centro Espírita Eduardo Siqueira”. Em 6 de outubro de 1912, funda o “Instituto de Assistência à Infância”. Em 1914, assume a presidência da “Assistência à Infância Desvalida” da UEP. Em 1910, recebe o jornal *Alma e Coração* das mãos de Francisco de Paula Menezes e em dois meses, era operária, compositora, chapista, paginadora, o que precisasse, tudo feito na sala da frente da sua casa, transformada em tipografia. Chamava o periódico, carinhosamente, de “meu filho de papel”, considerado assim por não ter filhos. Em breve, se tornou instrumento de grande divulgação do MOVESP. Dois anos

depois da criação da “Confederação Espírita Caminheiros do Bem”, funda juntamente com o marido a escola infantil gratuita da Entidade, ocupando a função de dirigente, tendo como secretária Antonina Prado – filha de Ana Prado. Na “Confederação Espírita Caminheiros do Bem” ocupa várias funções como: secretária geral; presidente da seção de caridade; e oradora. Viaja pelos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Amazonas e outros, credenciada pelas sociedades paraenses “Caminheiros do Bem” e UEP, fazendo palestras nos centros espíritas, clubes e dando entrevistas aos jornais importantes das localidades. Lá pelos anos trinta, já era considerada uma das maiores oradoras do Estado. As viagens tinham a finalidade de intercâmbio e reavivamento dos laços de confraternização entre as entidades espíritas dos outros estados e o Pará, possibilitando o crescimento e a fraternidade do MOVESP. Desencarna em 29 de setembro de 1959.



Apollinário Pinheiro Moreira

Nasceu no Município de Anajás, ilha do Marajó, Pará, em 23 de julho de 1893, filho de Joaquim Moreira e Serafina Pinheiro Moreira. Do seu casamento com Isabel Dias da Silva Moreira, nasceu: Ysa Nelly, Raul e Flávio. Coursou a Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, até o quarto ano, quando teve que assumir a direção dos negócios do seu falecido pai. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e da Academia Paraense de Letras. Exerceu vários cargos públicos: Intendente de Anajás, como era denominado o Prefeito Municipal; Deputado Estadual e Senador do Estado; Secretário de Finanças; Tesoureiro

da Delegacia da Fazenda Nacional do Pará; Delegado Federal de Seguros e Capitalização com jurisprudência no Pará, Maranhão e Piauí. Como jornalista, foi um dos diretores do *República*. Presidiu a Associação Profissional dos Jornalistas. Exerceu as funções de redator-chefe do *Diário do Estado*. Levado por seu pai, iniciou-se na Maçonaria e fundou a Grande Loja do Pará, sendo seu Grão-Mestre nos períodos de 1927 a 35 e 1939 a 47, recebendo posteriormente o título honorífico de Grão-Mestre *Ad Vita*. Conheceu o Espiritismo na época de estudante, passando a fazer parte do MOVESP. Era um dos 12 participantes espíritas a cujos esforços se deve a aquisição do prédio da UEP da Rua Oswaldo Cruz. E por ser o mais novo era chamado de “O Benjamim”. Foi presidente da UEP no ano de 1913 e seu orador oficial, considerado por todos que o conheciam como o maior orador do Pará. Em 1948, enfermo, viajou para Santos Dumont - MG. Recupera a saúde, passa a proferir palestras congregando numerosa comunidade espírita da cidade devido a sua oratória primorosa. Apollinário Moreira desencarnou, em 22 de dezembro de 1949, aos 56 anos.



Raymundo Nogueira de Faria

Nasceu em Belém em 15 de outubro de 1884, filho de João Carlos Faria e de Emília Nogueira de Faria. Casou-se com Maria Alzira Costa do Carmo, de quem cedo enviuvou. Este acontecimento leva-o a entrar em contato com a doutrina espírita. Casa-se pela segunda vez com

sua cunhada Maria do Carmo com quem teve sete filhos: Alberto José, Alcino Oscar, Lauro Cássio, Mário Victor, Luis Ercílio, Alzira Emygdia e Rachel Edy. Bacharelou-se em Ciências

Jurídicas e Sociais. Exerceu cargo público de Juiz de Direito da Comarca de Alenquer, posteriormente Juiz de Direito da 5ª. Vara da Comarca de Belém, e finalmente, em 1933, Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado. No mesmo ano foi Secretário Geral do Estado. Desempenhou ainda os cargos de Chefe de Polícia, Diretor Interino da Faculdade de Direito do Pará e Presidente da Comissão Mista de Conciliação do Município de Belém. Jornalista, advogado, professor escreveu vários livros: *D. Branca*; *Árvore Má*; *Uma Advertência ao Meu País*; *A Caminho da História*; *Legião Branca*; *Templum Júris*; *Meus Amiguinhos*. Como autor de livros espíritas publicou: *O Poder de Deus*; *Trabalho dos Mortos*; *Renascença D'Alma*; *Ritmos da Nossa Fé*; *O Socorro que o Céu me Enviou* e *A Caminho da Nova Era*. Fundou com Sylvio Nascimento a Escola Mont'Alverne (19/3/1912) para crianças necessitadas. Os dois fundaram ainda o “Grupo Espírita Filhos Pródigos”, em 1930, e a “Colônia Reformatória de Menores”, na Ilha de Cotijuba, município de Belém. Foi membro do Conselho Fraternal da UEP. Fez parte da comissão nomeada para dirigir o Dispensário Homeopático da União. Foi Presidente da União nos períodos de: 1914, 1917, 1919, 1922 – 1924 e 1928. Fez parte vários anos de seu Conselho Fraternal. Participou como orador e colaborador da “Confederação Espírita Caminheiros do Bem”. Desencarnou em 10 de maio de 1957.



Domingos Sylvio Nascimento

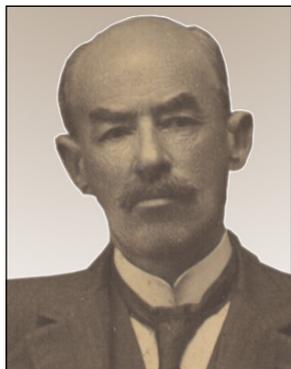
Filho de Raimundo Benedito Nascimento e de Maria José Nascimento, nasceu no Município de Moju (PA) em 14 de setembro de 1882. Casou-se pela primeira vez com Anésia Leite Nascimento de quem ficou viúvo e em segundas núpcias

com Adalgisa S. Nascimento. Teve 10 filhos: Maria José, Aurélia, Gilda, Elmira, Álvaro Fernando, Lígia, Liege, Lúcio Mont'Alverne, Luis e Lauro. Advogado, professor do Colégio Estadual "Paes de Carvalho", lecionou ainda no Colégio Moderno e no Instituto "Lauro Sodré". Culto, querido e respeitado por seus alunos devido o seu caráter, austeridade e firmeza com que tratava os discentes. Foi diretor do "Paes de Carvalho", sem nunca haver punido um só aluno com suspensão ou expulsão. Por sua reconhecida autoridade moral, infundia especial respeito aos alunos, chamados "ginasianos" que, àquela época impunham certo temor à população advindo do comportamento, muitas vezes indisciplinado. Literato e poeta, periodista e palestrante de reconhecida competência, chegou ao Espiritismo, conforme suas declarações, atraído pelas sessões práticas a que assistiu convidado por uma pessoa de suas relações de amizade, e a seguir, pelo desenvolvimento espontâneo da faculdade mediúcnica de que era possuidor. Fez parte da comissão para dirigir o dispensário homeopático da UEP em 1915. Nos anos de 1916 e 1934 foi presidente da União. Exercia o cargo de Secretário na diretoria da UEP quando contribuiu de maneira significativa para a aquisição do prédio próprio. Fundou com Nogueira de Faria a Escola "Mont'Alverne", a *Revista Espírita* (1912), o "Grupo Espírito Filhos Pródigos" (1930) e a Colônia Reformatória de Menores na Ilha de Cotijuba. Desencarnou em 23 de maio de 1947.



Antonio Francisco Pinheiro Filho

Nasceu em 15 de março de 1880. Formado em engenharia mecânica era poliglota, proprietário e gerente de fábrica. Conforme seu depoimento, chegou ao Espiritismo, depois de buscar em vão, durante muitos anos, algo que satisfizesse os seus sentimentos e explicasse racionalmente as grandes interrogações concernentes à finalidade da humanidade. Foi um dos participantes da equipe responsável pela aquisição do prédio da UEP na Rua Oswaldo Cruz. Dirigiu as obras de reforma do prédio e decorridos tantos anos depois da reforma, já octogenário, vez por outra alertava aos dirigentes da UEP para a necessidade de promover vistorias na estrutura do telhado do prédio, numa demonstração eloqüente do continuado zelo pela obra a que ligou seu nome. Foi orador oficial da UEP, em 1913; membro da comissão para dirigir o dispensário homeopático em 1915 tendo sido algumas vezes Presidente do Conselho Fraternal. Em 1922, como tesoureiro integrava a diretoria da União que efetivou a compra do prédio. Fazia doação dos medicamentos para a farmácia da União e colaborou na reforma do espaço onde ela iria funcionar. Foi vice-presidente do “Grupo Espírita Esperança e Caridade” em 1910 e seu presidente em 1914. Figura de destaque na história da União e do próprio Espiritismo do Pará, conforme dele disse Apollinário Moreira: “a sua bolsa, o seu auxílio, o seu amparo em tudo quanto possível, nunca faltou aos seus confrades e isto com a afabilidade e a discrição que lhe era apanágio”. Desencarnou em 25 de agosto de 1967.



Frederico Figner

Nasceu em 2 de dezembro de 1866, em Milevsko, Tcheco-Eslováquia. Em 1882, aos 16 anos, deixa definitivamente a terra natal. Passou pelos Estados Unidos, México, América Central e, finalmente, América do Sul – Brasil. Radicando-se no Rio de Janeiro, introduz no País o fonógrafo – criado por Thomas

Edson – e a máquina de escrever, contribuindo para o progresso material do País. Conhece Esther de Freitas Reys e casa-se, nascendo seis filhos: Rachel, Aluízio, Gabriel, Leontina, Helena e Leila. Não fez escola superior, foi autodidata; falava fluentemente línguas de três famílias diversas entre si: eslava, germânica e latina. Israelita de nascimento, foi no Brasil que conheceu a Doutrina Espírita, vinculando-se a Federação Espírita Brasileira. Devido o seu conhecimento jornalístico, fazia propaganda da Doutrina pelas colunas do *Correio da Manhã*, jornal editado no Rio. Em 1921, estando em Belém, polemizou com o Padre Florêncio Dubois, através do jornal *Folha do Norte*, sobre os fenômenos de materialização. Participou das reuniões de materialização com Ana Prado, em Belém, quando teve a oportunidade de entrar em contato com sua filha Rachel, que desencarnara há pouco mais de um ano. Naquela época, lidera o movimento em prol da compra da sede própria da UEP, conseguindo seu intento. Presidiu diversos grupos mediúnicos na sede da Federação Espírita Brasileira e em seu lar. Ocupou os cargos de tesoureiro e vice-presidente da FEB e depois foi membro do seu Conselho Fiscal, função que exerceu até o seu desencarne. Foi tesoureiro da Comissão Pró-Livro Espírita; Presidente Honorário do “Grupo Espírita Bittencourt Sampaio”, do Rio de Janeiro. Desencarnou em 19 de janeiro de 1947 dando

ensejo a que o jornal *Noite Ilustrada* do Rio de Janeiro, descrevendo sua personalidade, a ele se refira como: “o mais brasileiro de todos os estrangeiros, o cidadão dos mil amigos, o protetor dos necessitados, filantropo dos mais legítimos e dedicados”.



Ana Prado

Nasceu em Parintins, no Amazonas. Casou com Eurípedes Prado, comerciante conceituado em Belém, que fez parte da Diretoria da União. Teve três filhos: Antonina, Alice e Erastóstenes. Eurípedes, tomando conhecimento dos fenômenos físicos produzidos pelos espíritos em várias

partes do mundo, resolve também fazer experiências em seu lar, inicialmente com seus filhos, nada conseguindo, até o dia em que a esposa, que manifestava aversão às reuniões, resolveu participar do grupo por insistência do esposo. Com Ana Prado, católica, que possuía mediunidade incomum, tem início uma série de fenômenos, que ficaram conhecidos na história do Espiritismo no Pará como “O Caso Ana Prado”. Esses fenômenos viriam abalar a sociedade dentro e fora do Estado causando polêmicas acerca das comunicações mediúnicas. As manifestações iniciaram-se com tipologia e transporte, depois as moldagens – em parafina – de flores e outros objetos e até partes do corpo e, por fim as materializações completas dos espíritos. As experiências foram registradas nos livros: *Trabalho dos Mortos*, de autoria de . Nogueira de Faria e editado pela FEB, e *O Que Eu Vi*, de Ettore Bosio; também nos jornais locais: *Folha do Norte* – edições de 20 de maio de 1920 e 26 de junho de 1920 – , *Jornal da Tarde* – edições de 1º, 9 e 24 de dezembro de

1919 e 4 de maio de 1920– e *O Estado do Pará* – edição de 20 de maio de 1920. As materializações realizavam-se perante numeroso público. Os resultados produzidos na sociedade de Belém desgostaram o clero e Ana Prado sofreu combate sem trégua do reverendo Florêncio Dubois, através da imprensa. Ana Prado tornou-se personalidade importante para o MOVESP e para a UEP, visto sua mediunidade atrair para Belém, dentre muitas pessoas, Frederico Figner e família. Desencarna em 23 de abril de 1923, vítima de um acidente em sua residência.



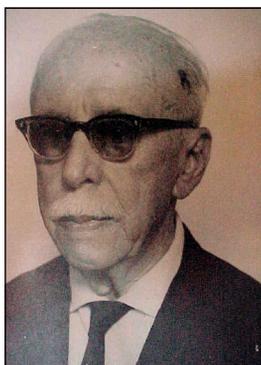
Carlos Barros de Souza

Oficial da Repartição Criminal, em 1917 foi conduzido à diretoria da União Espírita Paraense, no cargo de secretário. No mesmo ano, em 1º de junho, funda o jornal *A Verdade*, com publicação quinzenal. Era presidente da União, em 1921, na época em que Frederico Figner começou a se envolver com a campanha em favor da compra de sua sede própria. Quando tiveram início os desentendimentos com Yvon Costa, em 1925, também era presidente da UEP. Nos anos de 1923 e 1938, fez parte das comissões que tiveram a incumbência de fazer modificações no estatuto da União. Em 1924 foi eleito suplente da diretoria da Casa. Fez parte do Conselho Fraternal da UEP, em 1927, e de 1931 à 1940. No ano de 1942, foi considerado membro vitalício desse Conselho por ter pertencido a diretoria da Instituição. Em 1936, na condição de presidente da União, abriu uma subscrição em benefício das obras de construção da sede própria da então “Confederação Espírita Caminheiros do Bem” no valor de um conto de reis. Carlos Barros de Souza exerceu o cargo de presidente da União por várias vezes: 1918; 1920; 1921; 1925; 1932; 1933; 1935 e 1936.



Yvon Costa

Filho de Lourenço da Costa e Honorina Laura da Costa,; nasceu em Eugenópolis (MG), no dia 15 de julho de 1898. Ingressou no seminário aos 14 anos, onde permaneceu durante seis anos, desistindo da carreira eclesiástica. Casou-se com Honorina Kauer com a qual teve uma filha Céio Kauer Costa. Era poliglota, falando inglês, espanhol e alemão. Órfão de mãe na infância, foi criado pelos padrinhos. Seu padrinho era farmacêutico e maçom. Possuía as obras de Kardec que foram lidas por Yvon na juventude, porém só começou a se aprofundar no estudo e a militar no Espiritismo, depois de ter participado de uma reunião pública, em uma sociedade espírita, no Rio de Janeiro. Desde pequeno revelou dom da oratória. Viajou pelo Brasil fazendo palestras. Residiu por cinco anos na Europa e fez palestras em Portugal, Espanha, França, Holanda, Bélgica, Alemanha e Luxemburgo. Participou do Congresso Internacional de Espiritismo em Haya, na Holanda, e falou na Sociedade Espírita de Paris. Fundou em Porto Alegre a “Sociedade Espírita Caminheiros do Bem”. Em Belém, juntamente com outros companheiros de ideal, funda o “Centro Espírita Yvon Costa” e a “Associação Espírita Caminheiros do Bem”, depois de uma desavença ocorrida entre ele e a UEP. Em 8 de janeiro de 1934, sofre um acidente vascular cerebral e desencarna no dia seguinte em Porto Alegre, aos 35 anos de idade.



Rafael Fernandes de Oliveira Gomes

Nascido a 1º. de setembro de 1891, na cidade de Belém, casou-se com Áurea Bayma de Mendonça Gomes. Tiveram oito filhos: Pedro, José, Alice, Raphael Mário, Celeste, Carlito, Adriano e Eliete; 34 netos e 24 bisnetos. Trabalhou na firma da família “Ferreira Gomes

Ferragista S/A” e exerceu por duas vezes o mandato de vereador da Câmara Municipal de Belém, da qual recebeu título honorífico. Ingressou no Espiritismo em 1º. de setembro, data do seu aniversário, no ano de 1923, em virtude de uma série de fenômenos mediúnicos ocorridos em seu lar. Com o passar do tempo tornou-se conhecido como “o Rafaelzinho do Espiritismo”. Fundou e dirigiu o programa “*a voz da terceira revelação*” na *Rádio Marajoara* contando com a ajuda de sua neta Áurea Celeste, desde os cinco anos de idade, que fazia pequenas preces. Participou das sessões de ectoplasmia com a médium Ana Prado. Fez parte do grupo liderado por Figner, trabalhando pela aquisição da sede própria da UEP; tomou parte na fundação da Mocidade Espírita Legião do Bem (MELB). Fundou e dirigiu por várias vezes “Centro Espírita Assembléia de Jesus” e o “Grupo Espírita Roustaing”. Foi membro do Conselho Fraternal da UEP e participou várias vezes da sua diretoria, sendo presidente em 1927, doando-lhe uma tipografia para a impressão do seu jornal *A Revelação*. Lançou campanhas fraternas para amparo à pobreza, e aos internos nas colônias hansenianas, do Prata e Marituba. O seu trabalho junto aos hansenianos, foi incansável durante 50 anos ininterruptos. Médium curador, através de suas mãos abençoadas, milhares de pessoas receberam alívio para seus padecimentos orgânicos e mentais. A sua desencarnação ocorreu no dia 7 de fevereiro de 1979, aos 88 anos.



Eusébio de Mattos Cardoso

Nasceu em 10 de março de 1876, filho de Severino Eusébio de Mattos Cardoso e Honória Idalina de Mattos França. Casou-se com Luiza de Faria Cardoso com quem teve cinco filhos: Olga, Luiz, Elza, Eusébio e Nice. Era solicitador. Conheceu o Espiritismo através de seu pai

Severino que era espírita militante e Eusébio seguiu seus passos. Em outubro de 1927 foi eleito pela assembléia geral da União, membro de seu Conselho Fraternal, exercendo essas funções, em razão de eleições sucessivas, até dezembro de 1936. Assumiu, em janeiro de 1937 o cargo de presidente da Casa, por escolha do referido Conselho, nele permanecendo ano após ano. Em 1940, além de presidente da UEP, também o era da “Confederação Espírita Caminheiros do Bem”. Foi na sua gestão que ocorreu um sério desentendimento entre a FEB e a UEP. Uma carta datada de 18 de janeiro de 1939, enviada para a Federação, comunicando, formalmente, a reforma do estatuto da União foi mal interpretada pela sua diretoria. Eusébio se houve com muita habilidade no lidar com o problema, logrando, cerca de um ano depois, a normalização das relações entre as duas instituições. Seu mandato terminou no fim de 1947, tendo desencarnado em 7 de novembro de 1949.



***Oliveiros de Assunção
Castro
(Oli de Castro)***

Nasceu na cidade de Pinheiros, no Maranhão, em 15 de agosto de 1912, filho de Edésio Castro e de Joanna Tavares de Castro. Suboficial da Aeronáutica, casou-se com Margarida Castro, de quem se separou. De sua união seguinte, com Raimunda, teve oito filhos. Após o desencarne da companheira, consorciou-se, anos depois, com Rosa Maria com quem teve mais três filhos. Conheceu o Espiritismo ainda na adolescência conduzido pela sua mãe. Chegou a Belém em 1945 e começou logo a trabalhar no MOVESP. Fundou as Juventudes Espíritas: Leon Denis, na UEP; Francisco de Assis, na “Confederação Espírita Caminheiros do Bem”; e João Evangelista, no “Centro Espírita ‘Francisco de Assis’”. Promoveu a fusão dessas três mocidades, formando a “União de Juventudes Espíritas Paraenses”, em 1947. Funda o “Lar de Maria” em 15 de agosto do mesmo ano, com a ajuda de vários companheiros e, anos depois, promove a construção de 30 lojas para alugar, visando ajudar a manutenção da Instituição. Desempenhou a função de Presidente da UEP e do “Lar de Maria”, simultaneamente, nos anos de 1948 e 1949. Em julho de 1948, organizou uma caravana de jovens para participar do 1º Congresso de Juventude realizado, em Nova Iguaçu, estado do Rio de Janeiro. Transferido de Belém em 1950, retorna a capital paraense em 1963, voltando a presidir o “Lar de Maria”. Orientou o programa *Espiritismo: Caminho, Verdade e Vida*, na Radio Guajará, em 19 de abril de 1967. Trabalhando na difusão da Doutrina Espírita, sempre colocou seu empenho na fundação e construção de várias instituições e obras assistenciais espíritas:

“Lar de Jesus”, em Nova Iguaçu (RJ), “Lar de Maria”, em Macaé (RJ); “Centro Espírita Arautos de Uma Nova Era”, em Madureira - Rio de Janeiro; o “Lar de Maria”, em Ceilândia (Brasília); “Casa de Paulo de Tarso”, “Centro Espírita Pinheirense”, em Pinheiros (MA). Colaborou na construção do “Educandário ‘Jesus de Nazaré’”, em Belém (PA), dos Centros Espíritas “Estrada de Damasco” e “Legião Espírita”, em Japeri (RJ). Funda ainda as Mocidades Espíritas da Barra, Friburgo e Petrópolis (RJ) e em Campo Grande (MG). Exerceu atividade no Sanatório Espírita em Campo Grande (MG); fez “Campanha do Quilo”, em vários Estados por onde andou. Músico e compositor, utilizou esse recurso para influenciar os jovens a participarem das juventudes espíritas. Compôs: *Hino a Francisco de Assis*; *Hino ao Pai do Céu*; *O Espiritismo e Almas Gêmeas*. Teve que se retirar de sua cidade natal em razão de conflitos com a igreja católica local, retornando, anos depois, enfrenta o clero e termina de construir a “Casa Paulo de Tarso” e edifica o prédio do “Centro Espírita Pinheirense”. Desencarna em 19 de novembro de 1990, em Belém.



Oswaldo Santos

Nasceu em Belém, no dia 9 de junho de 1908, filho de Casimiro Santos e Maria Teodora Santos. Seguindo a carreira militar, no Exército, reformou-se no posto de major. Casou-se com Maria Teodora – o mesmo nome de sua mãe – com quem teve três filhos: Nivaldo, Selma e Simone. Conheceu a doutrina espírita devido a problemas de saúde de sua esposa. Aconselhado a recorrer ao Espiritismo,

buscou a assistência espiritual, na União Espírita Paraense, obtendo a recuperação de sua companheira que, na verdade, se revelou médium. Passou então a se dedicar ao Espiritismo. Realizava reuniões em seu lar, quando foi convidado a dirigir reuniões dessa natureza, na União, desempenhando essa tarefa por cerca de quatro anos. Eram reuniões muito concorridas. Exerceu o cargo de vice-presidente da UEP de 1954 a 1959. Retirando-se da União, por não concordar com o restante da Diretoria sobre modificações que deveriam ser introduzidas nas reuniões mediúnicas, continuou suas atividades doutrinárias, na sede da Associação dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira. Como a frequência fosse aumentando, teve que buscar outro local para trabalhar. Funda, então, o “Grupo Espírita Boa Vontade” e, pouco tempo depois, a “Casa Transitória”, estabelecimento que tinha como objetivo o tratamento de pessoas portadoras de problemas psíquicos e espirituais. Segundo o depoimento dos que com ele conviveram, era uma pessoa carismática, de firme convicção, possuindo muita habilidade para lidar com problemas de perturbações espirituais. Desencarnou em 13 de junho de 1964, com 56 anos de idade.



Lúcia Pinto Ribeiro

Nasceu em Belém (PA), em lar espírita, no dia 3 de abril de 1927. Filha de Germano dos Santos Pinto e Josefa Ramos Pinto, casou-se com Oldemar dos Santos Ribeiro e teve dois filhos: Marize e Marcus Walerium. Formada em Ciências

Contábeis era funcionária, da SUDAM. Ao aposentar-se passou a dedicar-se exclusivamente ao Espiritismo. Desde a infância frequentava a UEP. Na juventude, atuou na Mocidade Espírita

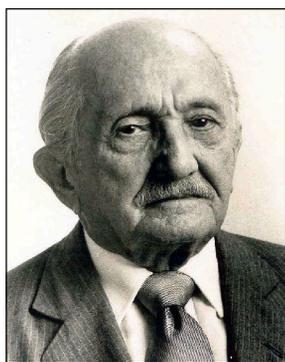
da União. Oli de Castro, foi seu orientador e exerceu papel importante na sua formação doutrinária. Fez parte de um grupo que apoiava Oli nas atividades da UEP e Lar de Maria contribuindo com seu trabalho na fundação e construção do “Lar de Maria” a frente da juventude a qual se identificava. Fez parte da caravana que participou do 1º. Congresso de Mocidade Espírita do Brasil. Uma discordância com Maria Antunes, que também uma liderança entre os jovens, levou Lúcia a se retirar da UEP e do “Lar de Maria”. Funda então a “Mocidade Espírita Legião do Bem” (MELB), em 25 de janeiro de 1950. Em decorrência de seu aprendizado com Oli de Castro, Lúcia usando a dança, a música, o teatro e a poesia, procura desperta nos corações infanto-juvenis a vontade de aprender e vivenciar a doutrina espírita. Em 1975, participa do MOCONCEBEL. Lúcia Pinto Ribeiro desencarna, em 21 de Janeiro de 2003.



Oswaldo Pacheco Dillon

Filho de Antonio José de Carvalho Dillon e Bernardina Pacheco Dillon, nasceu na cidade de Belém (PA), em 27 de outubro de 1901. Casou-se com Ildélia Lima Dillon e teve os seguintes filhos: Lygia, Reynaldo, Neuza, Ercy, Dirce, Alda Leida e José Ribeiro. Era contador (Bancário). Foi presidente da UEP de 1950 a 1955, assumindo também a presidência do “Lar de Maria”, em 15 de outubro de 1951, quando a sede do último, ainda estava em construção. Em razão dos recursos financeiros da Sociedade serem reduzidos, Dillon só consegue terminar a construção em 1957, inaugurando aquela casa em 24 de fevereiro do mesmo ano. Vale ressaltar que Dillon já vinha colaborando

com o “Lar de Maria” desde administrações anteriores. Reeleito várias vezes para presidência, teve sempre a colaboração imprescindível de sua esposa. Desenvolveu várias atividades introduzindo diversos melhoramentos no “Lar de Maria”, como a construção do pavimento de recreio infantil; organização do Departamento de Prendas, que proporcionava aulas de corte, costura e arte culinária a 200 pessoas; ampliação, com o auxílio do Governo do Estado, da escola primária mantida pela Instituição que beneficia a mais de 300 crianças carentes; conseguiu a ajuda do Fundo Internacional de Socorro a Infância (FISI) e da Cáritas Brasileiras; organizou o ambulatório médico para o atendimento de enfermos sem recursos e ampliou as atividades doutrinárias, prestando assistência espiritual aos necessitados. Além disso, aumentou para 40 o número de crianças internadas. Prestou grande colaboração ao Movimento Espírita desta Cidade. Desencarnou em 15 de novembro de 1985.



Lauro Monteiro

Nasceu em Belém (PA), em 22 de setembro de 1908, filho de João de Matos Monteiro e Filomina Guimarães Monteiro. De seu casamento, em 1933, com Raimunda Falcão Barral (Diquita), resultaram os seguintes filhos: Maria do Socorro, Afonso, Maria de Nazaré, Antonio, Francisco de Assis, Maria Aurora, Raimundo, Teolinda, Maria Joana e Lauro. Órfão de pai aos quatro anos, começou a trabalhar ainda muito jovem, premido pela necessidade de ajudar a mãe viúva, o que não lhe permitiu avançar além do curso primário. Enveredou seus passos pelo comércio em cujas atividades adquiriu grande experiência, a ponto de, anos mais

tarde, sentir-se em condições de criar seus próprios negócios. Com a participação crescente dos filhos o empreendimento foi progredindo e tornou-se grande, chegando a constituir um Grupo – S/A Radiolux – formado por 10 lojas e oito empresa localizadas, algumas, em municípios do Estado. Não obstante a forte vocação do biografado para o comércio, era acentuada sua inclinação para as artes. Procurou acercar-se de mestres da pintura e do desenho e com eles muito aprendeu. Paralelamente às atividades de comerciante arranjava tempo para trabalhar com desenho e decoração. Fazia desenhos para os maiores jornais da cidade e decorava os grandes clubes sociais de Belém. Distanciou-se, contudo, da pintura quando percebeu que a tinta lhe afetava a saúde. Seu contato inicial com o Espiritismo ocorreu em 1935, quando foi levado a assistir a uma sessão espírita por um freguês do estabelecimento comercial em que trabalhava. Logo depois, procurava uma médium muito conhecida em busca de receituário para tratamento de saúde de um familiar. Começou a ler obras doutrinárias e a realizar reuniões mediúnicas na casa do amigo João Compasso, contando ainda com a presença, dentre outras, de duas pessoas de suas relações de amizade e de trabalho profissional: Aristóteles Fernandes de Abreu e Oswaldo Caminha. Com eles fundou, em 10 de março de 1946, o “Centro Espírita Obediência e Resignação”. Passou a participar ativamente do MOVESP. Organizava trabalho de assistência a enfermos dos hospitais de isolamento, em Belém, e aos leprosários das Colônias de Marituba e do Prata. Foi presidente da UEP nos períodos de 1956 a 1959 e de 1972 a 1977. Desencarnou em 22 de novembro de 1993.



Jonas da Costa Barbosa

Natural de Cruzeiro do Sul – Acre, nasceu em 17 de setembro de 1928, filho de João Lemos Barbosa e Francisca da Costa Barbosa. Mudou-se para Belém, em 1940, onde concluiu os estudos primários. Fez o curso secundário no Colégio Estadual “Paes de Carvalho”. Formou-se em engenharia civil em 1952, quando se casou com Aderlina Lopes Barbosa, de formação espírita. Teve uma filha: Lívia. O casal adotou dois filhos – Jorge e Aderson – e ainda criou como filhos Elza, Maria das Graças, Maria das Neves e Gilmar. Seus pais eram espíritas. Aos 16 anos começou a estudar o Espiritismo. Logo após o casamento, ingressou na União Espírita Paraense, passando, a partir de março de 1953, a integrar sua diretoria, ocupando, ao longo dos anos, os cargos de segundo secretário, secretário geral, presidente, vice-presidente e novamente presidente. Como presidente (1960 a 1971) permaneceu 12 anos seguidos, no mandato. Reeleito em 1978, continua até hoje, no cargo, com previsão de término de mandato em abril de 2006. Participou dos simpósios espíritas na Região Norte, na Região Centro-Oeste e Territórios e, por último, no Nacional, realizado respectivamente, em Belém – 1964, Goiânia – 1965 e Rio de Janeiro – 1966; na confraternização das Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil, em Marília –SP no ano de 1966; das reuniões do CFN que criaram os Conselhos Zonais e as Comissões Regionais; do I Congresso Mundial de Espiritismo e do I Congresso Brasileiro de Espiritismo, ocorridos na mesma ordem em Brasília em 1995 e Goiânia em 1999. Integrou a comissão designada pelo CFN para avaliar as diretrizes do Pacto Áureo no ano de 2000. Fez parte da diretoria do “Lar de Maria” nos anos cinquenta quando ocupou os cargos

de administrador e tesoureiro. Esperantista, foi membro da “Pará Esperanto-Asocio” e participou, em 1954, do 14º Congresso Brasileiro de Esperanto. Foi funcionário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por 3 anos e, posteriormente, do Banco da Amazônia por 27 anos. Exerceu, durante vários anos, em caráter particular, sua profissão.

Apêndice C – Presidentes da UEP

Abel Augusto Cezar de Araújo

Mandato – 1906 a 1908

Antonio Lucullo de Souza e Silva

Mandato – 1909 a 1912.

Apollinário Pinheiro Moreira

Mandato – 1913.

Raymundo Nogueira de Faria

Mandato – 1914; 1917; 1919; 1922 a 1924; e 1928.

Francisco Solerno Moreira

Mandato – mar. / jun.1915; 1926 e 1930.

Archimimo Pereira Lima

Mandato – jun. / dez. 1915.

Domingos Sylvio Nascimento

Mandato – 1916; e 1934.

Carlos Barros de Souza

Mandato – 1918; 1920 e 1921; 1925; 1932 e 1933; 1935 e 1936.

Rafael Fernandes de Oliveira Gomes

Mandato – 1927 (até junho)

Eusébio de Mattos Cardoso

Mandato – 1937 a 1947

Oliveiros de Assunção Castro – Oli de Castro

Mandato – 1948 a jun. 1949

Eugeniano de Oliveira

Mandato – jun.1949 a jan.1950.

Oswaldo Pacheco Dillon

Mandato – 1950 a 1955

Lauro Monteiro

Mandato – 1956 a 1959; 1972 a 1977

Jonas da Costa Barbosa

Mandato – 1960 a 1971; 1978⁶⁰ - .

⁶⁰ Previsto para abril de 2006.

Anexos



Anexo A – Transcrição da petição ao Governador Justo Leite Chermont

“Ilustre Cidadão Governador,

As doutrinas que professamos são as do Cristo, que nos ensinam o amor ao próximo e o exercício da caridade. Vimos, a vossa presença, cumprir o maior dos nossos deveres – o amor ao próximo – e, ao mesmo tempo, rogar-vos, para que exerçais a maior das virtudes – a caridade. Ouvi-nos: julgou-se que nem foi acertada, e muito menos justa, e prudentemente executado. Não foi acertada, porque os vagabundos da capital são tipos conhecidos, que se poderiam ter removido sem aparato, sem violência, e conforme fossem delinqüindo. Não foi justa, nem prudentemente executada, porque foi precipitada, parcial, e até certo ponto arbitrária; pois que, quem é artista, não pode ser vagabundo, e quando o seja, faz-se-lhe trabalhar, mas não se o interna em uma Fortaleza. Entretanto, a autoridade policial, da noite para o dia, enche a cadeia pública de cidadãos que encontram pelas ruas desta cidade, alta noite os faz embarcar no “Caçador”, que segue imediatamente para Macapá, e os despeja na Fortaleza, debaixo de suas abobadas úmidas e pestilentas, onde, acabamos de saber, sofrem as maiores misérias, pois que são mal alimentados, acham-se imundos, esfarrapados, e sem terem, sequer, um leito, onde possam descansar o alquebrado corpo das violências imerecidas. Dormem sobre pedras, aglomerados, abafados, e em pouco tempo estarão envenenados pelo ar viciado que

respiram. Será isto justo e humanitário? Cidadão Governador. – Não permitais que permaneça, por mais tempo, em vossa administração, um fato tão grave, um Quadro tão repugnante. O que fizeram aqueles nossos infelizes irmãos para serem votados a uma tamanha punição? Sois filho deste Estado, e bem sabeis que nunca houve necessidade de deportação em massa. Não carregueis com a responsabilidade moral, que a imprudente excursão de tal medida possa produzir. Convençei-vos que não se infringe impunemente as leis de Deus, que nos manda amar o próximo como a nós mesmo, e não fazer a outrem o que não desejarmos que nos façam. Não deixeis que se fotografe na tela dos céus, esse Quadro de violência, miséria e apressão; porque será ele um dos panoramas constantes, para vosso espírito, quando no espaço. Não, não deixeis! Reparai a violência com o perdão, a injustiça com a liberdade! E porque não? Querereis que maldigam a jovem Republica, o regime da liberdade, igualdade e fraternidade, quando o primeiro magistrado dela acaba de decretar o perdão a todos os réus sentenciados (atender bem), em virtude da lei 1835? Demais, se era necessário um corretivo, eles já o sofreram; portanto basta de torturas imerecidas. Cidadão Governador – Depondo em vossas mãos esta petição, concebemos a grata esperança de que não recusareis a ocasião que Deus nos oferece para demonstrardes, os vossos sentimentos humanitários. Sim, sede cristão antes de serdes Governador; sede humano antes de serdes político; sede republicano para não serdes déspota. Em nome de Deus piedade, compaixão, caridade. Lembrai-vos das palavras do Cristo: *Outrora tomava-se o céu pela violência, hoje toma-se pela brandura*. E não foi assim que raiou a aurora do dia 15 de novembro de 89?

Pois bem, em nome da República, também piedade. Cidadão Governador. - O Grupo Espírita “Luz e Caridade”, cumprindo o dever que lhe impõe as doutrinas que professa, vem humildemente, merecer de vossa retidão um ato de justiça: mandando restituir à liberdade, as suas famílias e ao trabalho os nossos concidadãos que não forem reconhecidamente vagabundos e desordeiros. Sala das sessões do Grupo Espírita “Luz e Caridade”, em 13 de outubro de 1890. Abel Augusto Cezar de Araújo, José Sharr da Motta e Silva, José Joaquim da Silva, Manoel Gonçalves da Silva, João M. Castello Branco, Feliciano Ferreira Bentes, Antônio da Motta, Pedro Damasceno de Alcântara Bentes ”

Anexo B – Carta de Abel Araújo ao Liceu de Artes e Ofícios “Benjamin Constant” e recibo de seu diretor

“Ilustre cidadão Diretor do Liceu Benjamin Constant,

Adeptos fervorosos da regeneração da humanidade que se há de realizar, pela difusão da luz e propaganda da caridade, não podem os espíritas deste Estado conservarem-se indiferentes à criação de um estabelecimento da índole e condições do Liceu “Benjamin Constant”. Sem levarem em conta a fraqueza de suas forças, nem se envergonharem da insignificância do seu contingente, encarregaram-me de passar às vossas mãos o produto exíguo (cento e trinta mil reis) de uma subscrição promovida em uma das sessões do Grupo “Luz e Caridade”. Nada influirá, estamos certos, este mesquinho óbolo, para a elevação desta instituição que mãos poderosas tomaram a si erguer e sustentar; a satisfação, porém, de concorrer para o bem sendo dever de todos, como não será dos que se impuseram voluntariamente à propaganda da instrução e da caridade? O Liceu “Benjamin Constant” é uma dessas instituições cujo alcance é incalculável. Ele resume em si todas as aspirações da humanidade, porque nos mostra os dois únicos caminhos que nos conduzem a Deus: pela instrução, que é a luz, e pela caridade, que é o amor. Fazendo votos pela prosperidade do Liceu “Benjamin Constant”, como pela criação de outros estabelecimentos de instrução, e

ainda mais, de educação moral, para que se possam formar não só inteligências, como caracteres; não só homens ilustres, como também homens de bem, beijo reverente as vossas mãos pela benevolência com que permitis que eu realize a comissão de que fui encarregado. Vosso humilde criado.

Abel Augusto Cezar de Araújo”.

Recibo

“Recebo do Exmo. Sr. Coronel Abel Augusto Cezar de Araújo, presidente do Grupo “Luz e Caridade”, a quantia de cento e trinta mil reis, com que essa digna agremiação concorre para a fundação do Liceu de Artes e Ofícios “Benjamin Constant”.

Pará, 13 de novembro de 1891.

Doutor José Antônio Pereira Guimarães,
Presidente do Liceu “Benjamin Constant”

Anexo C – Narração de Solerno Moreira sobre a criação do Centro Espírita Atalaia e como surgiu a idéia da fundação da UEP

“[...] Eu, principalmente, mais sofria com isso, em virtude da gratidão que tinha por aquele Centro, no qual começara a formar o meu sentimento religioso, que, até antes da sua fundação, não se havia definido e acentuado por completo. Se Arthúnio e sua digníssima esposa me serviram de estímulo, pela coragem e dedicação com que propagavam a Doutrina, Silva Lopes concorrera para que eu lhe criasse amor, inscrevendo-me, embora que modestamente, no mundo dos seus legionários. O certo, porém, é que um tal desfalecimento se me ia infiltrando no coração, amortecendo o meu entusiasmo. Uma noite, porém, com real surpresa, em acordando de um sono profundo, me veio ao cérebro o nome *Atalaia* e com ele esse nome. Agarrei-me ao nome, que se me afigurava ter vindo do céu e dele me utilizei para tentar realizar aquele objetivo, com o qual tinha a intenção de estabelecer, no novo núcleo a formar-se, uma orientação séria que contrabalançasse o efeito prejudicial que as lições e as fantasias do irmão Lopes, já citado, iam inoculando no espírito dos humildes freqüentadores do Centro, sob sua direção. Mas ainda eu hesitava, quando, providencialmente, no fim de dezembro do aludido ano (1905), chegou a esta capital, com procedência do Rio de Janeiro, o simpático e apreciado confrade Francisco de

Paula Menezes⁶¹, Oficial da Marinha o qual, desejando conhecer-me pessoalmente, procurou-me em minha residência. O nosso encontro foi de admirável alegria e entusiasmo, dando-nos a impressão de que já éramos conhecidos velhos e excelentes amigos. Então, depois de permutarmos idéias, convidei-o a ir comigo assistir a uma sessão no Centro Espírita, sem, entretanto, nada lhe referir a respeito do modo de agir do confrade Lopes. Quando nos retiramos daquele Centro, e sem que nada lhe perguntasse, disse-me ele com uma sinceridade extrema da sua má impressão dos trabalhos que acabara de observar. Aí então lhe falei eu da intenção que tinha de fundar um outro grupo melhor orientado, e ele deu-me imediatamente o seu apoio incondicional e tanto fez daí em diante que, no dia 7 de janeiro de 1906 fundávamos o “Grupo Espírita Atalaia” em uma paupérrima barraca de minha propriedade, à Estrada Gentil Bittencourt n.º. 177, que ficava próxima da sede do aludido Centro, sendo eu escolhido para seu presidente e os confrades Francisco de Paula Menezes e Horácio da Costa Barros, respectivamente, para secretario e tesoureiro. Para não me desligar de vez do irmão Silva Lopes, continuei ainda na direção do jornal Sophia, procurando cada vez mais imprimir-lhe uma feição verdadeiramente espírita e atraente, capaz de chamar sobre a Doutrina a atenção dos profanos e sobre os seus adeptos a simpatia dos

⁶¹ Este senhor havia participado, no ano de 1904, das comemorações do 1.º Centenário de Nascimento de Allan Kardec, no Rio de Janeiro, onde se realizou um Congresso Espírita, em que se aprovou as Bases de Organização do Movimento Espírita no Brasil. Uma das recomendações ali feitas foi no sentido de que se fundassem, nos Estados, instituições com as características da FEB, em âmbito nacional, com o objetivo de que tais entidades coordenassem o Movimento Espírita de seus Estados. (Nota dos autores)

legionários dos outros credos. Mais tarde tive necessidade de deixar a direção do citado jornal, que só circulou até junho de 1906, morrendo também o Centro Espírita anos depois. O Grupo Atalaia tomou vulto e a suas sessões regurgitavam de pessoas as mais humildes e desbordadas da sorte. E eu me sentia imensamente feliz naquele meio composto de soldados de policia e de bombeiros e de outras criaturas de igual condição, cujo nível intelectual era de tal ordem acanhado, que só eu mesmo e esse incomparável Menezes, não obstante o pouco cultivado que possuíamos, estávamos nos casos de dissertar sobre os pontos de doutrina. Tal era o atraso dos demais. No entanto, posso afirmar que o ambiente que ali se formava era de tal ordem benéfico, superior, que eu chegava lá, durante as sessões, a sentir uma completa modificação do meu ser, a ponto de ter uma deliciosa sensação de leveza do meu organismo, que me dava a impressão de estar a flutuar no espaço. Embora só de poucos dias datasse o meu conhecimento com o Menezes, contudo, uma afeição tão íntima e uma confiança tão grandiosa se estabelecia entre nós, que parecíamos dois bons irmãos, e de fato o éramos pelo coração, pelas mesmas aspirações e pelas alegrias ou decepções suportadas juntas. E dessa amizade tão sincera que nos ligava como que uma força estranha para a obra comum – a propaganda do Espiritismo –, surgiu de Menezes a idéia da fundação de uma outra associação espírita de maior vulto que encabeçasse e dirigisse o movimento da mesma propaganda e unindo e solidarizando todos os elementos da família espírita da capital. Arquitetava ele a execução de uma agremiação gigantesca, da qual irradiasse como um grande sol, luz e consolação para todos os recantos de Belém e que transbordasse, como um oceano remansoso, para todos os Municípios do interior e, quiçá, para o Brasil inteiro. A

sua idéia, neste sentido, empolgava-o, absorvendo-lhe todos os sentidos, e para cuja realização ele contava, com um surto de fé inigualável, com a participação extrema dos espíritos superiores e eu a perfilhei imediatamente de alma e coração, muito embora, intimamente a julgasse inexequível, ou pelo menos irrealizável com a facilidade por ele imaginada e mantida sob o maior entusiasmo. Mas o “Tempestade”, nome com o qual o batizei porque Menezes era, sem dúvida alguma, a energia voluntariosa, a audácia personificada e a ação no mais supremo grau, que me inculcava e me infiltrava no coração a coragem, a fé e o entusiasmo necessários à execução da obra formidável, por ele idealizada. E daí em diante, como se uma só alma fôssemos, pusemo-nos a campo, tendo a incentivar-nos a boa vontade, auxílio fraternal e precioso e o apoio incondicional dos dignos e modestos confrades Horácio da Costa Barros, Jacinto Alves da Silva, Francisco Fraga, Alcebíades Monteiro e todos aqueles que no citado grupo “Atalaia” estavam nas condições de trabalhar pela difusão da sagrada causa do Espiritismo. O irmão Lopes, desgostoso pela fundação do mencionado grupo, ficou despeitado e chocado ao extremo quando soube desse golpe de audácia, dessa idéia majestosa de Menezes. Com isso, porém, pouco se importava o Tempestade. E assim, todos os dias de manhã cedo, descíamos eu e Menezes, para a cidade, procurando os confrades arredios e envergonhados que nos eram conhecidos ou indicados, aos quais, transmitindo os nossos desejos, éramos por alguns deles francamente estimulados, enquanto que outros, tomando uma atitude dúbia e de descrença, se limitavam a fazer um desanimador e ridículo encolher de ombros, que nos deixava algo desconcertados. Às noites, quer tivéssemos a luz poética e convidativa do luar, quer a importunação das chuvas torrenciais, saímos de novo,

dirigindo-nos aos grupos, cuja existência nos era denunciada, tais como: “Deus e Caridade”, “Fraternidade, Deus, Cristo e Caridade” e “Cecília”, dirigidos respectivamente pelos confrades Antônio Barbosa de Souza, Eduardo Pinto, Paulo Bello Corrêa e Francisco Fraga. Em um desses grupos deu-se um fato interessante. Ao penetrarmos nele, na ocasião em que já estava funcionando a sessão, e sem que tivéssemos falado ao seu presidente, foi uma médium incorporada por um espírito, o qual disse: “Ainda vos lembrais de uma comunicação que há tempos vos foi dada aqui, na qual se vos declarava que os encarregados de dirigir a propaganda do Espiritismo, nesta capital, viriam até vós, procurar-vos pessoalmente? Pois bem: confirma-se hoje aquela manifestação. Esses encarregados aqui se acham: ei-los, recebei-os e ajudai-os”. E o espírito, assim falando, apontou para mim e Menezes, que estávamos assentados no fundo da sala. Era de ver a nossa surpresa e, porque não dizê-lo, o nosso susto quando ouvimos essa inesperada declaração, que na verdade serviu para encher Menezes de maior entusiasmo a ponto de quando nos retiramos daquele grupo, depois de expormos ao seu presidente as nossas intenções, me dizer ele com uma alegria incontida: “Então, seu Solerno, somos ou não somos uns missionários? E desde que o somos, forçosamente havemos de ser amparados pelos bons espíritos”. Eu, pelo menos, caboclo desconfiado, cuja consciência me dizia que Deus nunca poderia utilizar-se de um nulo da minha estatura intelectual para instrumento de realização de uma tão gigantesca obra, nada disse ao Menezes a respeito da tal comunicação, que eu considerava uma mistificação de espírito atrasado, porque não queria esmorecê-lo. Mas, na realidade, não sentia aquela confiança extrema de que se achava possuído e compenetrado o meu amigo

“Tempestade”. E assim neste labor insano, nessa procura incessante dos adeptos dispersados, aos quais desejávamos ver unidos e fortes, gastamos muitos dias despendendo as energias e gastando a saúde e se, por vezes, não desanimamos, foi porque, incontestavelmente, poderosa influência dos Bons Espíritos, que nos guiavam, se fazia sentir sempre na ocasião propícia, dobrando-nos a fé e a coragem, inundando-nos o coração de esperanças ultra divinas. Entretanto, uma coisa ocorria que incomodava e aborrecia a mim e a Menezes: era a errônea e má interpretação que alguns confrades davam a esse movimento de congregação dos elementos do Espiritismo, que pretendiam realizar. Entendiam muitos deles que isso se podia dar do seguinte modo: no dia em que, em qualquer grupo, se efetuasse uma sessão, a ela deveriam acorrer todos os freqüentadores e adeptos dos demais para assisti-la. Debalde Menezes se esforçava por explicar-lhes que não era isso que se colimava, e que o objetivo a realizar-se era a fundação de uma sociedade maior e mais importante do que os grupos existentes, os quais continuariam a viver independentemente, prestando o seu apoio à referida sociedade, a que todos os grupos seriam filiados ou adesos. E exemplificando melhor, dizia o Menezes: “Os meus confrades considerem os grupos como os municípios, que, regendo-se por suas leis, vivam dentro do Estado e são possuidores também de suas leis. Desde que os municípios progridam, ipso facto, o Estado prosperará também. Pois bem: os grupos são os municípios e a nossa sociedade será o Estado. Mas, infelizmente eles assim não entendiam”

Anexo D – Relato de Solerno Moreira sobre o dia da fundação da UEP⁶²

“Manhã lavada de sol e perfumada, que nos encantava a alma, fazendo-nos sorrir de comoção e de entusiasmo, dando-nos a impressão suave e consoladora de estarmos sendo invisivelmente penetrados dos eflúvios santos dos mensageiros celestes. Ninguém, nem mesmo os mais íntimos confrades, podia avaliar o oceano de alegrias que inundavam os oceanos do nosso ser, transformando-nos de tal forma que se nos afigurava não vivermos mais sob a influência pesada da matéria. Às 9 horas dessa manhã garrida e encantadora, dirigimo-nos, eu e o Menezes, para a sede da “Associação dos Empregados do Comércio”, onde, em lá chegando, já encontramos o seu grande salão literalmente cheio de confrades e pessoas estranhas, que para ali foram atraídos pelo convite feito. Menezes olhou-me enternecidamente e dos seus grandes olhos notei que marejavam lágrimas. Deu-me, então, um longo e apertado abraço, sinceramente fraternal, e creio que só não me osculou a face porque teve acanhamento. Porém, nesse gesto, superabundante de entusiasmo, eu adivinhei e compreendi perfeitamente o que ele queria dizer-me. O relógio dava 10 horas, quando se deu início aos trabalhos, cuja súmula foi publicada pela “Folha do Norte”, na sua edição do dia seguinte (21/05/1906), abaixo transcrita,

⁶² Transcrição de notícia veiculada na *Folha do Norte* em 21 de maio de 1906.

na íntegra: *Associação espírita* Realizou se, ontem, às 10 horas da manhã, conforme estava anunciado, num dos vastos salões do edifício da “Sociedade dos Empregados do Comércio”, à travessa de São Matheus 153, a reunião das pessoas adesas à doutrina do Espiritismo entre nós. O ato decorreu perante uma numerosa assistência, sendo presidido pelo farmacêutico Abel Araújo, a convite do 2º tenente Solerno Moreira, a quem, por sua vez, convidou para primeiro secretário, servindo de segundo Francisco de Paula Menezes. Assim organizada a mesa, Solerno discorreu largamente sobre o Espiritismo, explicando à assembléia de que o fim da reunião era a fusão das várias associações espíritas existentes nesta capital, para o fim de dar combate, no terreno da propaganda, às diversas crenças religiosas. A seguir fez uso da palavra Paula Menezes, apresentando as bases da nova associação, que propôs se chamasse “União Espírita Paraense”, que foi aceite, bem como a idéia sugerida, pelo mesmo senhor de realizar imediatamente uma diretoria provisória para dirigir os trabalhos iniciais da constituição da agremiação. Por proposta, também aceita, de Jacinto Alves da Silva, foram aclamados membros da diretoria provisória os mesmos que presidiram a reunião e mais os senhores Antônio Lucullo de Souza e Silva, José Isidoro Bentes, Paulo Bello Corrêa e José Barbosa de Souza. O presidente nomeou, em seguida, a comissão de estatutos, que ficou composta dos senhores Antônio Lucullo de Souza e Silva e senhora, Ricarêdo Prego, Raimundo da Ponte e Souza, Manoel Fernandez, Jacinto Alves da Silva e João Júlio Ferreira de Mello. As bases dos estatutos apresentados por Paula Menezes são as seguintes: “A sociedade será filiada à Federação Espírita Brasileira e terá por fim: – Reunir sob a bandeira da União Espírita os diversos grupos existentes nesta capital, que a ela se queiram filiar;

fundar grupos aonde a diretoria julgar conveniente; fazer propaganda da Doutrina com superior elevação de vistas; educar médiuns e instituir sessões práticas em que sejam lidas e expedidas as obras fundamentais do Espiritismo e feitas dissertações sobre assuntos morais, e sobre o movimento espírita universal; adquirir um prédio onde funcionem as sessões e demais serviços instituídos nas presentes bases e um prédio para impressão de jornais e obras de propaganda espírita, que serão dadas ao público pelo valor da impressão; instituir sessões reservadas para experiências do Espiritismo científico, formação e educação dos médiuns; estabelecer uma farmácia homeopática onde possam, não só os filiados, como todos os necessitados encontrar gratuitamente os medicamentos receitados pelos médiuns “receitistas” da associação; organizar uma caixa à imitação das sociedades denominadas “mutuarias” para, no caso de falecimento do sócio, ser feito o enterro e entregue aos seus herdeiros uma quota equivalente ao número de Filiados; organizar uma assistência judiciária para a defesa gratuita dos associados; fundar um hospital onde os irmãos pobres e sem recursos encontrem conforto, amor e tratamento; fundar uma assistência para as crianças desvalidas, onde lhe sejam distribuídos, diariamente, alimentação, roupas e remédios, quando doentes; organizar uma secção de auxílios aos necessitados; fundar escolas diurnas e noturnas onde seja fornecida educação a menores e adultos de qualquer credo religioso e uma biblioteca em que os associados se preparem moral e cientificamente”.

Anexo E – Ata da Assembléia Geral de fundação da UEP⁶³

“Ata n.º 1 da Sessão de Assembléia Geral em 20 de
Maio de 1906

Fundação da Sociedade

No dia 20 de Maio de mil novecentos e seis, na sede social da Associação dos Empregados no Comércio do Pará, gentilmente cedida por sua digna Directoria, às 10 horas da manhã, estando presentes 69 pessoas cujos nomes constam no livro de presença, foi aclamado por unanimidade o Snr. Abel A.C. Araújo para presidir os trabalhos, que, ocupando a mesa, convidou para secretários os senhores Tenente Solerno Moreira e Paula Menezes, dizendo ao fazer o convite assim proceder porque era justo que aos dous iniciadores e trabalhadores da idéia fosse prestada esta homenagem. Aberta a sessão, o senhor Tenente Solerno Moreira, usando da palavra, leu clara e belíssima allocução preconizando a idéia da união e fraternidade dos espíritas como meio de progredir e propagar a doutrina do amor. O senhor Paula Menezes, pedindo a palavra leu as bases que deviam servir para formular a lei básica da sociedade que se pretendia fundar foi ainda proposto pelo mesmo senhor, e unanimemente aceito, o nome de União Espírita Paraense para a nova sociedade o mesmo senhor ainda propoz que fosse

⁶³ Mantida ortografia original

sociedade o mesmo senhor ainda propoz que fosse nomeado uma Directoria provisória. O senhor Jacyntho Alves da Silva, usando da palavra, propoz que se aclamasse para a Directoria provisória os mesmos senhores que já presidiam à meza e mais os senhores Antonio L. Sousa e Silva, Manoel Barbosa de Sousa, Paulo Bello e Coronel Izidoro Bentes. O senhor Paula Menezes usando novamente da palavra, propoz que a directoria provisória nomeasse uma comissão para tratar da organização dos estatutos, o que acceto foram nomeados os senhores Antonio Locullo de Sousa e Silva, Ricardo Prego, Raymundo da Ponte e Sousa, Manoel Fernandez, Jacyntho Alves da Silva, João Julio Pereira de Mello. Nada mais havendo a tratar e nem havendo mais quem quizesse usar da palavra, o senhor Presidente provisório encerrou a sessão às 10 horas e 40 minutos da manhã, ficando marcado o dia 3 de Junho para nova reunião.

Presidente

Abel A. C. de Araújo

1.º Secretario

Solerno Moreira

2.º Secretario

Francisco de Paula Menezes”.

Anexo F – Discurso de Francisco Solerno Moreira no dia da fundação da União

“Outro que eu não deveria dirigir-vos a palavra explicando-vos as razões do assunto magno que nos trouxe à presente reunião. Assunto vasto e importante, porque sua explanação depende do futuro da doutrina que há de regenerar o homem, fraternizando-o e tornando-o melhor, ao mesmo tempo que, dando o braço à ciência, desenvolvendo-a e ajudando-a a desvendar aos olhos intelectuais das massas todos os profundos mistérios sob que aparentemente se envolve a grandiosa vida do além túmulo; assunto de interesse palpitante para nós, porque nos achamos nas condições de precisar defender a nossa honra e a nossa crença ofendidas e atacadas constantemente, por quem não tem competência, com o labéu de *loucos e degenerados* e a pecha de *suicidas e maníacos*, digo, precisa, entretanto, de ser estudado com todo o critério de requerer a nossa dedicação, esforço, harmonia e união, a fim de que possamos arrancar o Espiritismo das malhas tremendas e grosseiras da pajelança e da feitiçaria, sob que, infeliz e fatalmente, tem se emaranhado há tanto tempo nesta capital. É bem conhecida a causa do atrofiamento do Espiritismo, que é a mais sublime das doutrinas propagadas sobre a Terra. Posso dizer desassombradamente a mais sublime, porque, além das partes religiosas e filosóficas que nos apresenta, para cuja compreensão nenhum esforço intelectual requer ou exige de quem a professa, de quem quer aperfeiçoar-se moralmente, nos oferece ainda o infinito campo

científico que prepara o homem para as pesquisas, indagações e aprofundamento das verdades físicas, até hoje desprezadas por causa dos preconceitos sociais e o farisaísmo das seitas intolerantes e falazes. Se nenhum de vós se deu ao trabalho de indagar dos motivos por que o Espiritismo está ainda tão atrasado entre nós; se nenhum sabe porque tanto se o ridiculariza e se o fere e se o enche de baldões, se ignora porque ele é tido como funesto e fatal aos que se dedicam ao seu estudo e à sua pratica, eu francamente vo-lo direi. As causas estão em nós mesmos, que, por fraqueza e imprevidência, nos constituímos nossos próprios algozes, preparando a situação dolorosa presente, em que todos os nossos adversários se julgam com o direito de escarnecer-nos, zombando de nossa ousada e sincera crença. Culpados, como? perguntareis. E eu vos responderei: Culpados, porque temos até agora andado envolvidos na negra capa da vergonha, lóbreo baluarte dos fracos; temos tido o grande acanhamento e o grande medo de romper as peias dos sombrios preconceitos sociais e apresentamo-nos ao povo, dizendo: irmãos, o Espiritismo é o mesmo Cristianismo de Jesus; Espiritismo não é vosso inimigo, nem quer a vossa perdição; ele só trabalha pela união e fraternidade de todos os filhos de Deus, o qual quer que todas as criaturas formem um só rebanho, tendo um só pastor: o *Verbo Jesus Cristo*. Culpados são os supostos espíritas, falsos e tristíssimos profetas que, arrastando-se por um fanatismo censurável, querem fazer da doutrina de Jesus uma escola de místicos e beatos, uma aprendizagem de especulação, à cata de tesouros ocultos, encerrados nas entranhas da terra, e, sobretudo, fazendo sessões desorganizadas e sem orientação, aonde não existe a ardência da fé raciocinada e pura, mas sim os pruridos pesados das sugestões más de espíritos inferiores

e atrasados. Além desses desvarios de crentes, sobretudo médiuns, pouco escrupulosos, que se metiam a fazer a prática sem nunca se terem abalanchado a estudar, com critério e profundidade, a teoria da doutrina e dos espíritos, temos ainda a lamentar o desregramento, porque muitos se têm conduzido a introduzir, no Espiritismo, os cultos e praxes das doutrinas de onde provieram, cercado-se de fórmulas e símbolos que já não são mais compatíveis com o plano de uma religião que deve evoluir infinitamente na proporcionalidade dos conhecimentos científicos do homem sobre a Terra. A pajelança e a feitiçaria são bem uma das modalidades do espiritualismo experimental ou pratico como o sabeis, e é contra esses dois inimigos formidáveis do Espiritismo científico doutrinário, que devem estar alertados, assentando contra eles todas as nossas armas de combate, até vencê-los e exterminá-los, como elementos desmoralizadores que são da verdadeira doutrina. Conseguindo este desiderato, atiremo-nos, então, com ardor e fé, coragem e amor, benevolência e humildade, contra a avalanche dos pretendidos sábios, esses *infalíveis* que, arrogando-se uma falsa superioridade, se comprazem em negar fortuitamente os fenômenos espíritas e até a existência de Deus, por ser isso mais fácil do que estudar as verdades incontestáveis dos mesmos fenômenos. Vamos confundi-los, não só com os fatos, mas também com o exemplo alto e puríssimo de elevada moral, o exemplo imaculado da branca e jaspeada virtude, com a qual devemos sempre aparecer entre eles, mostrando-lhes nossa simplicidade e desapego às coisas materiais. Depois desses adversários, aliás, de muito pouca importância, em virtude dos clarões da sabedoria divina que nos ilumina a consciência, temos os *materialistas*, que por se julgarem amparados pelo positivismo científico, nos devem merecer

particular atenção. Vamos, com carinho e calma, provar-lhes que, além da *matéria tangível e palpável*, que lhes impressiona os sentidos, existe Deus e o espírito: Deus, supremo criador da força misteriosa que ordena e agrupa os átomos constitutivos dessa matéria a *que eles tanto adoram, e o espírito*, entidade viva e inteligente, suscetível de uma evolução infinita, de uma ascensão inimaginável, escapando-se a todas as leis físico-químicas, de cuja influência não se pode arredar a sua *matéria acatada e divisada*. Vamos provar-lhes que a matéria é o grande veículo da manifestação espiritual, da mesma maneira que o ar é o veículo do som. Extinguindo o ar, que se extinguirá o som, assim também se não *houver matéria não* poderá o *espírito* manifestar a sua existência real, extracorpórea, não poderá perceber as sensações físicas que lhe são tão necessárias ao *seu progresso* moral na grande escala da evolução anímica. Quanto às seitas católicas e protestantes, pouco devemos receiá-las, porque as bases sobre que se apóiam, são bastante derrocáveis. Devemos olhá-las com ternura e benevolência, como costumamos proceder, não nos esquecendo de que entre nós e elas existe um grosso traço de união, que mais tarde as fará aproximar-se de nós: a crença em Deus e na existência da alma, só lhes restando, pois, proclamar com desassombro a comunicação dos mortos com os vivos, verdade esta que os seus adeptos, intimamente, já devem ter reconhecido e aceitado. Quanto ao mais, a Deus pertence, dependendo, entretanto, alguma coisa, de nossos esforços materiais e intelectuais. Eis, pois, o fim da presente reunião: formar uma sociedade que seja o resultado do conagraçamento e fraternidade de todos os espíritas existentes nesta capital uma sociedade que arranque o Espiritismo do obscurantismo em que tem vivido; uma sociedade que

faça uma propaganda eficaz de moralização e que lute e se esforce pelo amparo material de seus filiados, e bem assim pela difusão da luz do Espiritismo entre as camadas supersticiosas e fanatizadas, essas que as caldeiras do inferno e os espetos de Satanás não conseguiram melhorá-los ou conduzi-los. Unamo-nos e tenhamos fé que nenhum obstáculo se nos antolhará, nenhum empecilho deixaremos de vencer. Visando exclusivamente o bem da humanidade, pois que o sentimento de amor a Deus já nos é inato, ergamos o branco estandarte do Espiritismo científico doutrinário e rendamos mais graças ao amoroso Pai celestial, por nos haver permitido a caridade de sermos instrumentos da realização desse ato. Unamo-nos, congreguemo-nos e avante, são estas as minhas palavras de conforto. A vós, confrades, cabe, porém, deliberar e agir”.

Anexo G – Proposta de fusão da UEP com o Centro Espírita “Eduardo Siqueira”

“Caros confrades!

Venho tratar de um assunto dos mais relevantes para a nossa causa, e que afeta diretamente o Centro Espírita “Eduardo Siqueira”. De algum tempo a esta parte o empenho de reunir os espíritas que trabalham nesta capital, tem-se patenteado com clareza já nas sessões doutrinárias do Centro “Eduardo Siqueira” e da União Espírita Paraense, já nas palestras da Escola Mont`Alverne e em outras, secundados pela Revista Espírita e pelo jornal “Alma e Coração”. Parece-me agora que o tempo é chegado para reunir forças e encetar a nova jornada cobiçada, mais oportuna do que nunca, com a eleição para presidente da U.E.P. de um confrade cheio de fé, talento e boa vontade, Apollinário Moreira. Temos a certeza de que ele envidará esforços para realizarmos o que venho propor. Ouvimo-lo muitas vezes falar neste Centro e sempre fizemos nossas as suas palavras. Pressinto, também, que os vossos espíritos estão preparados para que nos irmanemos; soou a hora propícia à confraternização longamente almejada e, por isso, proponho que se faça a fusão do Centro “Eduardo Siqueira” com a União Espírita Paraense, permanecendo o nome desta, porque, além de ser uma sociedade que vem de lutar a muito tempo nas fileiras do Espiritismo, a ela se ligam nomes de combatentes, que não olharam dificuldade, nem privações quando era preciso erguer

bem alto a nossa causa: Abel Araújo, o querido e venerando companheiro que nos deixou um sulco profundo de saudade, ao alar-se para a vida do além, tendo por mais de vinte anos se esforçado por difundir a nossa sublime doutrina; Francisco Solerno Moreira, o amigo incondicional, os espíritos empreendedores, meigos e bons que lhe deu o melhor do seu coração amoroso; Francisco de Paula Menezes, tenaz, entusiasta e enérgico trabalhador, que esgotava a sua saúde para ver aquela sociedade sempre prosperar; Ponte e Souza, o companheiro de sempre a velar com dedicação, em todas as horas, prósperas ou não, sem enfraquecimento, alimentando sempre a coragem de amigo fiel e que permanece ainda no seu posto honroso. Estes fundadores e tantos outros que lhe deram o mais puro dos seus afetos devem ser motivo de respeito e admiração para nós todos. Cirne o guarda incondicional das tradições do Espiritismo no Brasil, que por muitos anos vem dirigindo os destinos da Federação Espírita Brasileira. Em uma carta a mim endereçada há um ano talvez, mostra-se também carinhoso para com a U.E.P. Além de tudo, ela está ligada por filiação a Federação do Rio de Janeiro, sociedade mater que há 38 anos é o luminoso ponto de convergência das vistas de todos os espíritas do Brasil, quer procurando conforto, quer pedindo luzes. Assim, pois, meus caros confrades, eu serei feliz se todos, como tenho verificado a algum tempo a esta parte, continuarem, como penso e tenho mesmo certeza a reunir os seus esforços para a unificação destas duas sociedades. O título União Espírita Paraense corresponde perfeitamente às nossas aspirações e as suas vitórias nos trarão forças para prosseguirmos. Apertando-vos a mão, em reconhecimento pelo muito que tendes feito para encorajar-me na tarefa que embora imerecidamente tomei em meus ombros como

presidente, da diretoria do Centro Espírita “Eduardo Siqueira”, eu vos dou a convicção segura de que muito mais poderemos fazer se correremos ao encontro da boa vontade de Apollinário Moreira e seus companheiros. Unamo-nos, pois, meus irmãos, e os nossos protetores do espaço e aqueles que dirigem abnegadamente a propaganda da doutrina santa de Jesus nos ampararão na nova cruzada.

Belém, 23 de maio de 1913

Archimimo Lima

Anexo H – Resposta a proposta de fusão da UEP com o Centro Espírita “Eduardo Siqueira”

Belém do Pará, 13 de Junho de 1913

Fraternidade e Paz,

É com imenso júbilo que a Diretoria da UEP vem responder ao ofício que lhe entregaste pessoalmente, capeando a proposta do nosso abnegado confrade Archimimo Lima, lida e aprovada em Assembléia Geral do Centro Espírita “Eduardo Siqueira” realizada em 8 do corrente mês. A nossa sociedade, pelo órgão de seus Diretores, sente-se venturosa aceitando a honrosa proposta de fusão do Centro com a União, proposta que depõe eloqüentemente a favor dos sentimentos de verdadeiros espíritas que se abrigam nos corações de seu digno autor e confrades que a aplaudiram. De fato, todos os espíritas almejavam de há muito a realização desta unificação das Sociedades Espíritas legalmente constituídas neste estado, porque todos reconhecem quanto lucrará com isso a propaganda da causa santa por que nos empenhamos. A União manifesta-se agradecida pela homenagem prestada nessa proposta aos nomes de alguns de seus membros, que contribuíram com seu humilde esforço para a difusão do Espiritismo em Belém, prevalecendo o nome da União Espírita Paraense, isso quer dizer, como também compreendeis, que esse nome corresponde perfeitamente às nossas aspirações. Após a declaração oficial, a fusão será efetuada no domingo, 15 do corrente, às 8:00h da noite na sede desta sociedade”

Anexo I – Carta de Solerno Moreira a Archimimo Lima

“Manaus, 2 de dezembro de 1913

“Meu caro Archimimo”,

Paz, Esperança e Fé.

Não se admire de só agora lhe escrever esta, depois de dois meses de minha chegada aqui; mas, se nesta falta de cortesia eu tenho a culpa, maior, muito maior é a sua. E eu explico o *quê* deste negócio. As grandes emoções porque passou minha pobre alma aí, quando em trânsito para aqui; a fidalguia de trato, a gentileza imensa de que você, D. Elmira, Faria, Sylvio, etc., me cercaram, e sobretudo as grandes alegrias que me proporcionaram com a agradabilíssima notícia da fusão do Centro Eduardo Siqueira e da União, tudo isto, somado, multiplicado e elevado a raiz $m + 1$, me deram o ardentíssimo desejo de, ao chegar aqui, escrever-lhe uma carta longa, minuciosa, em períodos de ouro, repletos de entusiasmo e transbordante de encorajamento, carta essa na qual eu lhe extravasasse toda a minh'alma amiga e grata e lhe enviasse todas as efusões de meu coração envelhecido. E como esse era o meu desejo, procurei dois dias depois de minha chegada nesta terra de vaidades e de corrupção, hipocrisia e de maldade, escrever a tão sonhada carta, mas (oh! irrisão da sorte) o meu miserabilíssimo cérebro anemizado pelas decepções morais e impaludado pela febre dos desgostos profundos de minh'alma, anquilosado mesmo, se é possível esta força de expressão, negou-me as palavras que eu desejava para o buquê das frases

olentes e suaves que pretendia presentear, ao irmão encorajado e resoluto, ao mais esforçado campeão da propaganda espírita, no extremo norte e quicá do país inteiro, nestes últimos tempos. E como as palavras não vieram, os períodos nunca apareceram, o resultado foi este silêncio condenável a que me condenei, e ao qual hoje resolvi quebrar uma vez que para aí segue o confrade Alencar. E perdoe-me o Archimimo a falta que eu cometi e pela qual é única responsável a minha curta inteligência que hoje, pela sua mediocridade, me nega ao coração e à alma, a expressão da frase bem delineada e boa. E permita-me o amigo incomparável e estóico que eu, agora, em frases lhe agradeça, de Alma e Coração as gentilezas de que me cercou à minha passagem por aí, e bem assim lhe dê, aliadas às minhas sinceras felicitações o estreito amplexo de uns parabéns ultragrandioso pelo acontecimento da fusão dos dois esforçados núcleos da divulgação espírita aí, e maior ainda esse abraço porque o exemplo de humildade partiu do meu amigo, lançando por terra, com esse exemplo sublime, o maldito amor próprio de que, infelizmente, ainda tantos confrades vivem cheios. O digno e soberbo passo que você deu, dando o exemplo extraordinário e edificante de que é um verdadeiro crente, desinteressado e sem os preconceitos da vaidade e de amor próprio de que são em verdade, imbuídos muitos adeptos espíritas, oxalá que seja bem seguido por todos os demais confrades desse vale, principalmente esses que se dizem guias da propaganda. O que mata, infelizmente, o Espiritismo, meu caro, é a presunção, o amor próprio e a vaidade exagerada de muitos ou quase todos os diretores de grupos, os quais, esquecidos de que a humildade é a mais possante arma do progresso da causa que pregam, preferem esquecer os exemplos do meigo filho de Maria, relegando para

plano inferior os seus outros irmãos na crença, humilhando-os mesmo, contanto que eles custem o que custar apareçam e se tornem salientes, embora lhes falte o prestígio e a inteligência. Cada um grupo se julga superior aos outros (e isto eu notei tanto no Pará, quanto aqui e em toda a parte) e, como cada um quer ser chefe, dali procede à inimizade e o ressentimento existente entre os diversos núcleos da propaganda. Quem se exalta será humilhado, disse Cristo, e quem se humilha será exaltado, completou. Tendo-se sempre em mente esta máxima do meigo Nazareno, facilmente seremos levados a procurar em tudo um lugar modesto para nós, esperando que os outros, tirando-nos da humildade, nos alevantem bem alto. Por isso é que eu digo que você, esforçando-se para levantar a propaganda aí, com a disposição e a força de vontade com que a tem conduzido, aliado à Dona Elmira, tem sido de uma sublimidade que me encanta e admira; porém, muito maior, muito mais digno, quase divino mesmo você se tornou, dando o extraordinário exemplo de humildade com a fusão do Centro e da União. Esse seu rasgo de desprendimento deveria ser imitado por todos, e porque nunca ninguém quer pô-lo em ação, devido ao amor próprio e à presunção de que vivem cheios, é que o Espiritismo nunca tomou o impulso que deveria ter tomado. Eu mesmo, por ter tido sempre a vaidade de julgar-me o único capaz de ser chefe, tive que cair de um modo bem desastrado e dessa queda ainda hoje sofro as conseqüências e dela não sei quando me erguerei. Nunca quis abaixar-me aos outros grupos, pois que os julgava em condições inferiores, e o resultado foi o meu orgulho ferido e o meu amor próprio estraçalhado. Foi um mal para a propaganda e um mal para mim. Se eu tivesse feito o que você fez agora, o terreno estaria melhor desbravado e você e sua prezada companheira não teriam

encontrado dificuldades que, de tempos a esta parte, tem encontrado na divulgação da doutrina. Está feita, graças aos céus, a fusão do Centro e da União. Agora, porém, é preciso fazer-se à fusão dos corações. Você e Ponte e Souza, Apollinário e Pinheiro precisam, como elementos principais, estarem ligados, pela mais estreita afeição e solidariedade. E' sobre vocês quatro que repousa o edifício da União, amparados pelas energias de Elmira, Faria e Sylvio. Entre vocês deve reinar a mais absoluta confiança, sem o que o *barco* perigará. Ressentimentos não devem existir entre vocês, e aquele que for mais forte que deixe morrer no coração o sentimento de presunção e de amor próprio, janelas pelas quais espreitam os espíritos inferiores, levando a cizânia ao seio de uma comunidade. Espinhos você tem tido e os terá ainda na propaganda, mas não se esqueça das palavras de Jesus: aquele que perseverar até o fim será salvo. Feche os olhos e os ouvidos a todas as intrigas; não dê guarida a desconfianças; aceite o malhete que a comunidade lhe entregar, julgando-se sempre bem incapaz de o receber, e abra sua alma para todos os seus irmãos indiferentes, e o Espiritismo aí chegará ao seu apogeu. Se lhe digo isto é porque, tendo você dado o primeiro passo no sacrifício, forçoso é que continue na jornada encetada, esperando encontrar flores somente no seu lar e entre os bons irmãos no espaço. Não fraqueje e não caia, como eu. Aquele que se julgar de pé, veja, não caia, disse o apóstolo Paulo, e eu, por ter cerrado ouvidos a estas palavras, naufraguei e *apodreci*. Tenha sempre em mente a vida de Jesus, o humilde, o brando, o pequenino, não obstante ser grande no reino de Deus. Já vou muito longe. O resto ficará para outra vez. Recomendações à D. Elmira, Sylvio e Ponte e Souza e abraçe ao amigo criado, Solerno Moreira”

Anexo J – Entrevista de Frederico Figner ao jornal Estado do Pará sobre as materializações de Rachel

Deseja o senhor que lhe relate os fenômenos por mim presenciados e produzidos com a privilegiada mediunidade da Sra. Eurípedes Prado? Pois não, Sr. Redator, com muito prazer. Vou dar-lhe alguns pormenores que presenciamos, eu e minha família, em três sessões riquíssimas de fenômenos. Começarei por lhe dizer que aqui vim, não por curiosidade minha, visto que sabia ser a materialização um fato comprovado por Crookes, em primeiro lugar, em Londres, desde o ano de 1871, quando começou, então, a hoje celebre materialização de Katie King, servindo de médium a Srta. Florence Cook, e, seguidamente, experiências idênticas relatadas por tantas outras sumidades científicas. Vim com o fito único de minorar a tristeza e a dor que acabrunhavam minha esposa, por haver desencarnado uma filha nossa muito amada. Aqui chegando tive a desilusão de não encontrar a família Prado. Recebido pelos meus confrades, prontificaram-se eles a telegrafar ao Sr. Prado, participando-lhe minha chegada com a família, e pediram, se fosse possível, viesse até aqui. A despeito de adoentada sua esposa, resolveu ele aceder ao apelo, aqui chegando no “Paes de Carvalho”, no dia 28 de Abril, depois de uma penosa viagem de 7 dias. No dia 1º de Maio, fez-se uma sessão preliminar, a que estiveram presentes, além da família Prado, a família Manoel Tavares, a família Bósio e o Doutor Mata Bacelar. Materializaram-se João e um Espírito denominado Evangelista. Havia bastante luz e distinguiram-se os Espíritos perfeitamente, como se

fossem homens com vestes brancas que andassem de um lado para o outro. Demorou-se João bastante tempo conosco, de forma que bem o pudemos ver e sentir. Minha esposa, dirigindo-se a João, contou-lhe seu sofrimento, o que atento ele ouvia. Recebeu de minha senhora umas flores que ela levava, as quais João passou para a mão esquerda. Em seguida estendeu João a mão direita a minha senhora, fazendo ela o mesmo; João passou sua mão sobre a dela, fazendo-lhe sentir que estava completamente materializado. Por fim, João, sacudindo um lenço em sinal de despedida, entrou na câmara, começou a desmaterializar-se às nossas vistas, como o fizera quando se materializou. Daí a pouco ouvíamos umas pequenas pancadas que ele dava no rosto da médium para a despertar. Esta primeira sessão me deixou completamente frio, visto que eu vira tão somente aquilo que esperava. Tudo aquilo era coisa muito natural para mim, quanto à realidade. Minha esposa, porém, apesar de também conhecer, de leitura, os fenômenos, ficou muito satisfeita, começando a nutrir esperanças de ver nossa filha, moça de 21 anos, desencarnada a 30 de Março de 1920. A segunda sessão, realizada a 2 de Maio, foi realmente, muito mais importante. Havia nessa ocasião pessoas que não conheciam os fenômenos, bem como a Doutrina Espírita, entre elas o Doutor Remigio Fernandez, o Sr. Barbosa e a Sra. Pernambuco. Materializam-se muitos Espíritos de diversas estaturas, entre eles a nossa cara filha Rachel. Mas, devido talvez ao excessivo numero de materializações, que absorveram muitos fluidos, e entre os Espíritos materializados um de nome Diana que, creio, se apresentou com um brilhante diadema na cabeça, a materialização de nossa Rachel não era tão perfeita como esperávamos; no entanto, era bastante para ser reconhecida por todos nós. Nessa sessão, ela perguntou,

à sua mãe, “porque aquele vestuário preto, visto que ela se sentia muito feliz”. No dia 4 de Maio fizemos outra sessão, e nesta a materialização de nossa filha foi a mais perfeita possível. Rachel apresentou-se com tanta perfeição, com tanta graça e tão ela mesma, com os mesmos gestos e modos, que não pudemos conter nossa emoção e todos, chorando, de joelhos, rendemos graças a Deus, por tamanha esmola. Era Rachel viva, pronta para ir a uma festa. A sua cabeça erguida, os seus braços redondos, o seu sorriso habitual, as suas bonitas mãos e até a posição destas, toda sua exatamente como era na Terra. Falou à mãe, pedindo-lhe exatamente que na próxima sessão viesse toda de branco como desejava e aí estava materializada. Rachel tocou todos com sua mão; sentimos todos o seu calor natural e, à observação de minha esposa: “Rachelzinha, tu tinhas os cabelos tão bonitos, mostra-nos os teus cabelos”, ela entrou no gabinete e, voltando instantes depois se virou duas vezes, mostrando-nos seus cabelos compridos e ondulados. Aceitando as flores que lhe oferecemos, fez sua mãe sentar-se em uma cadeira junto ao gabinete e de costas para este. Abraçou-a e beijou-a muito carinhosamente, depois lhe colocou uma rosa na blusa branca, que minha esposa vestira para ser agradável à filha, que na véspera não gostava de vê-la de preto. Na ocasião em que lhe colocou a rosa, falou-lhe de seus próprios lábios, dizendo-lhe: “Não quero que ande de preto, ouviu? Quero que venha toda de branco, assim como eu estou.” Toda essa frase minha filha a pronunciou tão clara e distintamente que todos, além de minha esposa, a ouvimos. Depois, sentando-me eu na mesma cadeira por ordem sua, acariciou-me como fizera à sua mãe, colocou uma angélica na lapela de meu paletó, apoiando-se com todo o peso de seu corpo sobre meus ombros. Por fim,

sacudindo um lenço em sinal de despedida, entrou no gabinete e desapareceu. Puxei o relógio, Rachel tinha estado aí 40 minutos. Depois saiu o João e cantou, muito satisfeito com a materialização de sua discípula. A 6 de Maio fizemos a última sessão. O resultado foi o mesmo da anterior, com o acréscimo de Rachel fazer diante de nós uma luva em parafina, de sua mão esquerda, consultando muitas vezes João, que se achava no gabinete, porém à nossa vista, durante todo o tempo em que ela trabalhava com a parafina. Logo ao se materializar, Rachel, saltando e batendo palmas, demonstrou sua satisfação por ver sua mãe toda de branco; e ao despedir-se, pediu-lhe que levasse sua irmã Leontina às festas e ao teatro, como fazia com ela. Rachel esteve conosco, nessa ocasião, durante duas horas. Por fim, pedi a Rachel que me permitisse beijar-lhe a mão. O mesmo pedido foi feito por minha esposa e mais duas filhas ali presentes, além de umas 10 pessoas. Ela deu a mão a beijar à sua mãe e à menor de suas irmãs; e, aproximando-se de mim num gesto rápido, todo seu, pegou minha mão com bastante força e beijou-a. E, sacudindo um lenço em sinal de despedida, entrou no gabinete. Não sentimos sua partida, pois estamos certos de que não será esta a última vez que a veremos. Rachel vive! Disto estava certo antes de aqui vir e continuo na mesma certeza. Tenho, entretanto de confessar que estas duas horas e 40 minutos foram para todos nós o tempo mais feliz de nossa existência. E permita-me que, por seu intermédio, uma vez mais agradeça ao Sr. e à Sra. Prado o sacrifício que fizeram de vir aqui, e ao maestro Bósio e senhora as gentilezas de que nos cumularam, assim como a todos os confrades e amigos o acolhimento que nos fizeram. Agradeço também à “Folha do Norte” pela cessão de suas colunas. Que Deus lhes pague!”

Anexo L – A aquisição do prédio da Rua Oswaldo Cruz: Conclamação

“Espíritas, a postos!

Soou a hora do maior esforço para os espíritas do Pará. Seguindo o exemplo de outros Estados, a família espírita aqui domiciliada, encorajada pela palavra sempre moça de Frederico Figner, que, à proporção que os anos passam, mais entusiasta e mais firmemente trabalha na Seara de Jesus, se resolveu afinal lutar pela aquisição de um prédio para funcionamento da União Espírita. Por duas ou três vezes, valha a verdade recordar, tem sido tentado esse desiderato. De todas elas, porém, resultou o insucesso fosse por que fosse, parecendo-nos, contudo que, de fato, das vezes passadas, o tentamen era prematuro e inoportuno. A fundação da União Espírita coincidiu com o início da provação cruel que há três lustros persegue este trecho de terra; seu Quadro de sócios contribuintes oscila muito, ora oferecendo totais animadores, ora decrescendo sensivelmente. Era bem o corpo em formação que oscila, mas que, oscilando, avançava. Agora, não; mau grado a fase aguda da crise, a União, firma o passo e, mercê de Deus, caminha em paz, cada vez mais senhora de si, dos seus firmes e predestinados destinos. Bem grande é a Seara e não são poucos os trabalhadores. Unamo-nos na tarefa comum. Cada um auxiliará como puder: o vintém do pobre irá aumentar a contribuição avultada do rico, e, decerto, sem esforços exaustivos, sem sacrifícios até, atingiremos a meta desejada. Não é só uma questão de fé; é, também, um ato de gratidão para com a doutrina que tantos

benefícios tem oferecido à nossa alma. À frente dos legionários da nova cruzada, se encontra o nosso dedicado confrade Frederico Figner, cuja vontade experimentada em prélios sem conta, exercitadas constantemente nas lutas benditas da propaganda, é o núcleo forte e simpático atraindo outras boas vontades, outras dedicações, à maneira de um imã sagrado, reunindo esforços para a empreitada benfazeja e justa.

Espíritas, a postos!”.

Anexo M – Cartas encaminhando listas para captação de recursos

“De certo já sabeis da realização de um dos ideais mais caros à União Espírita Paraense – a aquisição de um prédio, onde lhe fosse permitido instalar-se de modo a satisfazer todos os seus encargos: sessões doutrinárias, conferências, posto mediúnico, farmácia, livraria, biblioteca, etc. Reconhecida a vantagem dessa aquisição, já porque o prédio faculta a cômoda organização de todos aqueles encargos, já porque está otimamente localizado, a União Espírita resolveu efetuar-la, não só encorajada pela palavra convincente de Frederico Figner, como também confiante na inefável proteção divina e no devotamento dos confrades. O nosso edifício será o centro bendito de onde a propaganda se irradiará pelo Estado inteiro, indo, a seu tempo, a todos os mais longínquos recantos. Mas, para realizar a transação assim vantajosa, a União teve necessidade de contrair avultado empréstimo. E é para satisfazer tão cedo quanto possível esse compromisso, que apelamos para vossa fé e para vossa bondade: a União deposita em vossas mãos a lista junta, n..., certa de que vos empenhareis para obter, entre vossos conhecidos e amigos, algum donativo com aquele fim. Que não vos preocupe a importância desse donativo; por mínimo que seja este, valerá tanto quanto o do rico e merecerá nossa eterna gratidão.

Paz

Sylvio Nascimento, Secretario.

A. Pinheiro Filho, Tesoureiro

Anexo N – Atas relatando os passos dados para a compra do prédio

“ORDEM DO DIA: Aquisição do prédio da futura sede da sociedade, – Várias tentativas, de há anos a esta parte, tem sido empreendidas, no sentido de ser construído ou comprado um prédio para a sede definitiva da União Espírita, sendo por esse motivo, em diversos períodos administrativos passados, alvitradas medidas para consecução da idéia. Ou porque o momento não fosse chegado, ou por circunstancias outras, que não nos são dadas conhecer e apreciar, as diligências, postas em pratica, não surtiram o efeito esperado. Em 1921, aportava a esta terra o Sr. Frederico Figner, e o assunto em foco tornou-se objeto de cogitação, não logrando, como das mais vezes, eficiência de êxito. Volvendo para o Rio, aquele cavalheiro, a idéia pareceu ficar no ar, à espera de uma ocasião propícia à efetivação do grande tentame. De novo vem ao Pará o Sr. Frederico Figner e, entusiasmado pelo ardente sonho, perseverando pela sua exequibilidade, não se furtando a sacrifícios de espécie alguma, mete mãos à tarefa e de posse de uma lista, ao lado do não menos esforçado Sr. João da Rocha Fernandes, sai Belém afora, na coleta de avultada quantia. Somente um abnegado é capaz de fazer o que pôs em prática o confrade Frederico Figner. Não houve porta, em que bateu, que se não abrisse. Destarte, ficou resolvida a aquisição por 30.000\$000, em moeda do país, do prédio n° 104, à Avenida Liberdade, pertencente à Baronesa da Matta Bacellar, e onde se acha funcionando a Sociedade Beneficente “Unione Italiana”, ficando o tesoureiro da União Espírita Paraense autorizado a

levantar a importância em dinheiro necessária à compra do referido imóvel. Resolveu-se, também, endereçar um officio ao Sr. Frederico Figner, considerando-o sócio remido, pelos inestimáveis serviços prestados abnegadamente em prol do grande cometimento, pois, sem medo de dizermos inverdades, podemos afirmar o caber a ele o mérito de conquista de tão vultuoso desiderato, porquanto não somente subscreveu apreciável soma, como se abalançou ao trabalho de correr listas entre inúmeras pessoas desta capital”. “De conformidade com a autorização dada levantou o tesoureiro desta sociedade, Doutor A. Pinheiro Filho, empréstimo de dezesseis contos de reis (16.000\$000) em três promissórias emitidas com seu nome individual, a favor do confrade Sr. Raphael Ferreira Gomes e descontados no Banco do Brasil a juros de 1%, sendo a 1ª com o vencimento para 30 de Julho, de dez contos de reis (10.000\$000); a 2ª para 30 de Agosto, de dois contos de reis (2.000\$000), e a 3ª para 30 de Setembro, de quatro contos de reis (4.000\$000).” “Omitiu-se em a ata de 30 de junho o seguinte: A casa à avenida da Liberdade n° 104, foi adquirida pela União Espírita Paraense, a Exma. Sra. Rosa Ribeiro Bacellar, ausente no Rio de Janeiro e representada por seu bastante procurador Doutor José C. da Gama Malcher e a União Espírita Paraense pela diretoria composta por Raymundo Nogueira de Faria – presidente, Domingos Sylvio Nascimento – secretario e Antonio Pinheiro Filho – tesoureiro. Também estiveram presentes ao ato Frederico Figner e o sócio Lino Iatarola . A escritura foi lavrada em nota do tabelião João Evangelista Corrêa de Miranda e assinada em 24 de junho do corrente ano, sendo o preço de compra do prédio pela quantia líquida e certa de 30.000\$000. As despesas montaram em 334\$000, provenientes de selos, etc os

impostos de transmissão devidos ao Estado e ao Município foram, por equidade, dispensados pelas autoridades competentes, graças aos bons ofícios de nosso confrade Apollinário Pinheiro Moreira. O Doutor João Evangelista Corrêa de Miranda, tabelião e nosso confrade, nada cobrou pelo trabalho da escritura, e o solicitador Carlos Oliveira, por sua vez, prestou gratuitamente os seus serviços.”

Anexo O – Inauguração da sede da União Espírita Paraense

“A numerosa família espírita do Pará viu concretizado o seu mais ardente sonho. Admirou agradecida a Deus o remate de uma legítima aspiração de há muito acariciada. A instalação da nova sede deste grêmio, situada na primeira praça de Belém, como seja a da República, importou numa demonstração solene e grandiosa de que o espiritismo é uma força, se impôs ao sentimento das massas populares e ao cultivo dos representantes de todas as classes liberais. Como um largo oceano de luz venceu e dominou a mesma extensão de Terra, prodigalizando a fertilidade da seiva abundante da sua proteção. Às 7h30 da noite, do dia 20 de maio último, difícil já era o acesso à dependência principal do amplo e elegante prédio da avenida da Liberdade. O avultadíssimo número de pessoas, calculado sem exagero em mais de mil e quinhentos, sem se computar aquelas que voltaram da porta de entrada por não lhes ser possível a passagem, evidencia claramente a verdade do que expomos. Precisamente às 8 horas, tomando lugar à mesa a diretoria composta dos companheiros Nogueira de Faria e Sylvio Nascimento e doutor A. Pinheiro Filho, presidente, secretário e tesoureiro, respectivamente, da União Espírita, o primeiro dos nomeados, declarando abertos os trabalhos, com a prece inicial, convidou o sr. Frederico Figner, representante da Federação Espírita Brasileira, a dirigir a cerimônia. Assumindo a presidência, este conhecido propagandista que estava ladeado pelos nossos confrades Apollinário Moreira e Pedro Bastos, teve

palavras de congratulações para com os espíritas paraenses e concitou-os em nome de Jesus ao estudo regular e seguido do Evangelho do Mestre, e que estivessem todos fieis aos seus compromissos morais e espirituais. A seguir, deu a palavra à nossa distinta confreira Doutora. Orminda Bastos que produziu um bem elaborado discurso, em torno do qual abordou conceitos muito sensatos e judiciosos a respeito do desenvolvimento e pujança do espiritismo. Falaram também os srs. Benedito Cordeiro, Mendes Campos, professor Felix Pantoja e a inteligente menina Elody Demóstenes. Encerrou o ato, a pedido do confrade Frederico Figner, o nosso prezado amigo Apollinário Moreira, o qual num belo surto oratório, vibrante de entusiasmo, referiu-se ao movimento de propaganda em geral, destacando o serviço de Bezerra de Menezes, no Rio, quiçá no Brasil; ao trabalho operado no Pará, em que rememorou o nome de Abel Araújo e outros, tendo palavras de saudades e afeto ao espírito de Ana Prado. Festa impressionante e linda, comemorativa do 17º aniversário de fundação, da União Espírita Paraense, foi certamente essa que se efetivou no dia 20 de maio, trazendo aos assistentes uma duradoura e carinhosa recordação.”

Anexo P – Ofício de Yvon Costa a Diretoria da União, de 21 de fevereiro de 1926

“À digna Diretoria da União Espírita Paraense – Belém – Senhor Presidente – Paz em Jesus – Propagador da doutrina ensinada por Allan Kardec há quase três anos, através dos Estados do Brasil e países do Sul da América, tendo vindo de Manaus para a segunda série de conferências a realizar se nesta Capital, venho solicitar da União Espírita Paraense, amparado na propaganda que dá à causa espírita, permissão para que esta série seja realizada no recinto da sede social da União, evitando desta forma que a faça em terreno estéril a essas campanhas. Tendo já ocasião de clangorar sobre o assunto nessa casa, fui duas vezes demitido dessa intenção e outras duas admitido, demitido em terceira vez, permaneço até agora sem admissão, por parte da Diretoria anterior a que ora empossou em vinte e um de Fevereiro corrente. – Longe de me por em lutas com a novel Diretoria, querendo mesmo antes de regressar a jornada cuja etapa está descrita, provar nenhuma dissensão de minha parte espero digno-se a Diretoria gestora, conceda permissão aos meus anhelos. – Que Deus e Jesus o Mestre que ensinara que antes de segui-lo “ide e reconciliai com o seu inimigo”, possam derramar sobre a União Espírita Paraense a verdadeira fraternidade. – Aproveito o ensejo para dar provas de minha confraternização com os espíritas de Manaus, juntando telegramas recebidos da figura mater do Espiritismo do Amazonas esperando que com a resposta a este ofício

eles possam ser devolvidos. – Que Jesus nos ilumine. – Belém, vinte um de Fevereiro de mil novecentos e vinte seis. (a) Yvon Costa – Residência – Largo do Redondo número cinco (por hora)”.

Anexo Q – Carta comunicando cancelamento da adesão da União à FEB

[...] dir-se-ia que, despertada agora para encarar o seu papel, no seio da comunidade espírita, por um prisma menos divergente das vistas mundanas, a União teve de reconhecer um desdouro para si que a sua lei orgânica a apresentasse qual prolongamento da Federação, [...] Dir-se-ia que ela se sentiu de súbito diminuída em lhe assinarem seus Estatutos, por uma de suas finalidades – integrar as sociedades espíritas do Estado na organização espírita mundial, segundo a orientação da F.E.B. subordinando-se a esta em tudo que dissesse respeito à doutrina, a métodos de trabalho e ao programa na organização federativa; que comprovou ser-lhe vexatório dizerem os mesmos Estatutos que ela – “não se responsabilizava pelo ensino, orientação e pratica do Espiritismo nos grupos; centros ou sociedades espíritas que não lhe fossem adesos ou a F.E.B.” e mais vexatório ainda achar-se prescrito nos mencionados Estatutos que “todos os casos neles omissos seriam resolvidos de acordo com os da Federação”, considerados estes por ela como lei subsidiária”. Dar-se-ia, numa palavra, que a União houve de sentir que as expressões – Federação Espírita Brasileira – tanta vezes repetidas na sua lei básica, muito lhe prejudicavam o renome e a importância do papel relevante que, de fato, lhe cabe desempenhar, como instituição espírita. Verificou, enfim, a Diretoria da Federação que a Reforma de que se trata obedeceu primacialmente, senão exclusivamente, ao intuito de tornar

manifesto e de maneira retumbante o rompimento que se procurou fosse o mais eloqüente, expressivo e decisivo, mediante o voto de uma assembléia de sócios, em pronunciamento unânime, [...] Mas, sendo como fica dito, não se compreende que nem os que inspiraram e elaboraram a reforma dos Estatutos com que nos vimos ocupando, nem os que a sancionaram, tenham deixado de levá-la de forma também expressa, a sua última, legítima e lógica conseqüência: a da renúncia da União a sua qualidade de adesa, preferindo que ela apenas se contivesse implícita no próprio ato da reforma.

Anexo R – Carta à FEB pedindo reconsideração do ato de cancelamento

Quanto rigor no vosso julgamento! Que bastardos propósitos nos emprestais! Que mesquinhos sentimentos nos retribuis [...] Não devemos nem queremos comentar a carta da Diretoria da Federação, em cujo nome escreveis, o que há de magoante, injusto, ofensivo, cruel mesmo, em seus períodos acutilantes. Isso será com os que nos julgaram sem nos ouvir o que devemos e queremos fazer é sinceramente afirmar que jamais tivemos nem poderíamos ter as intenções, os propósitos que a Diretoria da Federação nos dá. Mas por que desejar rompimento com a Federação? Mas por que hostilizar a entidade de quem somente expressões de carinho e estímulo tínhamos até então recebido? Mas por que, sem proveito, sem causa, provocar uma desarmonia no seio da família espírita? Seria antievangélica, inexplicável, insensata, semelhante conduta, criminosa até. Eis porque sr. doutor Guillon, sem entrar em comentários dos dizeres da carta, de 27 de Fevereiro último, nos limitamos a vos assegurar não só os nossos melhores sentimentos de fraternidade, respeito, carinho, veneração pela Federação Espírita Brasileira, como ainda a vos pedir transmitais a sua digna Diretoria essa nossa lealíssima afirmação, acompanhada do pedido de reconsideração do ato que a levou a cancelar a adesão da União Espírita Paraense, cuja reforma de estatutos não teve, não poderia nem deveria ter minúscula idéia, a mais longínqua intenção, o mais tênue propósito de incorrer ao desagrado sequer da

Federação, e, portanto muito menos de magoá-la ou significar-lhe qualquer desatenção. [...] Permitir-me-eis aguardar vossa resposta, [...] para só depois dar conhecimento da mesma ao Conselho Fraternal, da União como é de meu dever. Paz em Jesus.

Anexo S – A notícia sobre o Centenário da Codificação Espírita

Iniciada a semana da Codificação Espírita

Cerimônia na União Espírita.

A comunidade Espírita deu início, à noite de ontem, à semana comemorativa ao 1º Centenário da Codificação Espírita, com a realização de expressiva solenidade, às 20 horas, na sede da UEP, à Praça da República. Os trabalhos foram abertos pelo Sr. Lauro Monteiro que convidou a tomarem assento à mesa os Srs. Oswaldo Pacheco Dillon, presidente do Lar de Maria, Norberto Cavalcante, presidente da Confederação Espírita “Caminheiros do Bem”, Hindemburgo Córdoba, presidente do Educandário “Jesus de Nazaré”, José Dias, presidente da Confraternização Espírita, Doutora. Clementina Frota de Almeida, o Doutor Otávio Beltrão, secretário da UEP. A seguir, explicou o alto significado daquela reunião, exteriorizando a sua alegria em verificar que as dependências do edifício se encontravam superlotadas de associados e visitantes. Dentre outros oradores se fizeram ouvir a Doutora Clementina Frota de Almeida que discorreu sobre a vida de Allan Kardec e o tenente Oli de Castro, que proferiu substancial oração subordinada ao tema

“Codificação do Espiritismo”.

Anexo T – Editorial de *A Revelação* sobre o novo prédio

Aqui se manifesta o presidente da União Espírita Paraense e o trabalhador espírita. E como trabalhador espírita, que estivemos e estamos, envolvidos na obra do novo prédio da União desde o seu início, registramos, com profunda emoção, os trabalhos desvelados, anônimos, desinteressados, dedicação de toda ordem, aquela contribuição que às vezes se poderia comparar ao óbolo da viúva. Foram tantas as participações, tantos os gestos de boa vontade, de doação, que nos sentimos profundamente sensibilizados. Vimos uma colméia humana funcionando, trabalhando... Por isso, o nosso pensamento está voltado todo para Deus em agradecimento, por nos haver reunido, todos que já tínhamos compromisso com este objetivo, para a realização comum. Não saberíamos aqui destacar o trabalho de A, de B ou de C, porque nos falece competência para isso, nos falece autoridade para tanto. Não se pode, realmente, avaliar em termos dos valores do mundo as contribuições, porque preferimos olhar através do prisma em que Jesus enfocou a participação da viúva. Por isso, teríamos apenas a dizer que a obra espírita não é tão difícil de realizar quanto possa parecer à primeira vista. Referimo-nos à obra material. Se conduzido o trabalho seriamente, com dedicação, com afinco, a colaboração, o recurso aparece. Vem sob todas as formas, de todas as procedências, das maneiras mais inesperadas, mais surpreendentes. Acostumamo-nos a falar de um material novo que aplicamos em larga escala

nesta obra. É o material da marca “se me dão”. Esse material nos chegou nos momentos inesperados, a estimular-nos cada vez mais. Além daquele trabalho porfiado, intenso, de irmãs nossas, por exemplo, que se dedicavam à preparação da manijoba para o almoço fraterno bimestral; do trabalho, que se desenvolve durante todo o ano, da equipe responsável pelo “Bazarão”, e que funciona apenas uma vez ao ano de portas abertas ao público, durante 15 dias, trabalho esse suado e que gera muita preocupação, em função da responsabilidade, fomos brindados, várias vezes, com essas contribuições imprevistas. E, note-se, algumas delas de valor material significativo, muito significativo mesmo, onde nos era exigida como única condição, para receber a doação, que o doador ficasse no mais completo anonimato. E não nos foi difícil atender essa exigência. Não podemos também deixar de registrar, em função da sua expressão, um valor recebido da SUDAM de Cr\$ 400.000,00, quando estávamos iniciando a alvenaria de tijolo. Pode parecer sem significação, mas na época foi bem significativo, tanto que nos permitiu comprar quase todos os tijolos, cerca de vinte milheiros. Chegando ao fim da primeira etapa das edificações da nossa União Espírita Paraense, esperamos, num futuro próximo, ver iniciada a última parte.

Anexo U – Programa das comemorações do centenário da Codificação Espírita⁶⁴

- 11 – Sede da União – Homenagem da União Espírita Paraense ao Espiritismo e a seu Codificador Allan Kardec. Temas: Biografia de Allan Kardec e Codificação do Espiritismo. Oradores: Doutora. Clementina Frota de Almeida e Tte. Oli de Castro.
- 12 – Sede do Lar de Maria – Homenagem do Lar de Maria. Tema: O Espiritismo no seu aspecto religioso. Orador: Prof. Álvaro Paz do Nascimento.
- 13 – Sede dos Caminheiros do Bem – Homenagem da Confederação Espírita Caminheiros do Bem. Tema: O Espiritismo e a lei da reencarnação. Oradora: Poetisa Elmira Lima.
- 14 – Sede da União – Homenagem do Grupo Espírita “Roustaing”, e da Mocidade Espírita “Assembléia de Jesus”. Tema: O Espiritismo no seu aspecto de Consolador Prometido. Orador: Rafael F. O. Gomes.
- 15 – Sede dos Caminheiros do Bem – Homenagem da Mocidade Espírita “Legião do Bem” – MELB. Tema: A difusão do Espiritismo através do livro. Orador: Tte. Oli de Castro.
- 16 – Sede da União – Homenagem da Confraternização, Grupos e Searas Espíritas. Tema: O Espiritismo nos seus aspectos filosófico e científico. Orador: Capitão Francisco V. Menescal

⁶⁴ O programa ficou constituído, com todas as palestras começando às 20 horas.

17 – Sede do Lar de Maria – Homenagem do Grupo Espírita Boa Vontade. Tema: O Espiritismo e os dons espirituais. Orador: Tte. Oswaldo Santos.

18 – Sede da União – Homenagem do Educandário “Jesus de Nazaré”. Temas: A influência do moço espírita na Doutrina e as realizações do Espiritismo no campo social. Oradores: Contabilista Lúcia Ramos Pinto e Prof. Álvaro Paz do Nascimento.

Índice

A

- Abel Augusto César de Araújo
biografia, 241
- Ana Prado
biografia, 254
fenômenos de efeitos físicos, 59
- Antonio Francisco Pinheiro Filho
biografia, 252
- Antonio Lucullo de Souza e Silva
biografia, 245
- Apollinário Pinheiro Moreira
biografia, 248
- Archimimo Pereira Lima
biografia, 246
obras de autoria de, 247
- Arthúnio Vieira, 37
biografia, 242
obras de autoria de, 242
- Associação Espírita Caminheiros do Bem
data de fundação, 80
diretoria provisória, 81
mudança de nome, 82

- Atividades doutrinárias internas da UEP, 189, 190, 191, 193
- Berenice Kowalewski, 191
 - Escolinha de médiuns, 192
 - Plantões de atendimento, 192
 - Grupo de saúde, 192
 - Grupos de estudos, 193
 - Departamento Fonte Viva, 194
 - Divisão de Assistência Social Espírita, 206, 208
 - Diretoria de Ensino, 197, 198
 - Divisão de Evangelização da Juventude, 194, 201, 203, 204, 205
 - Divisão de Evangelização da Infância, 194, 199
 - Divisão de Orientação Doutrinária, 194, 195, 196

C

- Caravana da Fraternidade, 97
- Carlos Barros de Souza
 - biografia, 255
 - Centenário da Codificação Espírita, 93
- Centenário da Doutrina Espírita, 93
 - divulgação, 95
- Centro Espírita do Estado do Pará
 - data de fundação, 30
- Centro Espírita Eduardo Siqueira
 - comissão para tratar da fusão com a UEP, 56
 - data de fundação, 55

Centro Espírita Eduardo Siqueira
 fusão com a UEP, 55, 56, 57
 membros, 55
 presidente, 55

Centro Espírita Esperança
 Caixa de Assistência aos Necessitados, 33, 34
 diretoria, 33, 34

Centro Espírita Luz da Verdade
 presidente, 116

Centro Espírita Paraense
 data de fundação, 38
 reorganização, 40

Congresso Espírita Pan-Americano, 2º, 97

Conselho Federativo da UEP
 Comissão Executiva
 nova composição da, 106
 setores, 104
 Membros do, 104
 data da criação, 101
 data de instalação, 102

Conselho Federativo da UEP
 regulamento, 103

Conselho Federativo Nacional, 221
 simpósios, 221
 representantes estaduais, 222

Conselhos Regionais Espíritas
constituição, 140

Conselhos Zonais, 224
atribuição, 225

CRE-Embrião de Breves, 151

CRE-Embrião de Carajás, 149

CRE-Embrião de Itaituba, 149

CRE-Embrião de Monte Dourado, 150

CRE-Embrião de Paragominas, 150

CRE-Embrião de Santo Antônio do Tauá, 150

CRE-Embrião de Soure, 151

CRE-Embriões, 139
constituição, 140

D

Décimo CRE, 146

Décimo primeiro CRE, 146

Décimo quarto CRE, 148

Décimo quinto CRE, 148

Décimo segundo CRE, 147

Décimo sexto CRE, 149

Décimo terceiro CRE, 147

Divaldo Pereira Franco, 106

Domingos Sylvio Nascimento
biografia, 251

Doutrina Espírita

desacordo com preceitos doutrinários, 41

difamação contra os adeptos, 47

oradores espíritas, 106

primeiros desbravadores no Pará, 27

ressurgimento no Pará, 37

retomada das atividades, 39

suspensão das atividades, 39

E

Elmira Ribeiro Lima
biografia, 247

Emilia Freitas Vieira, 37

Encontro dos Trabalhadores Espíritas das Distritais, 106

Escola Allan Kardek, 53

Escola Amélia de Menezes, 53

Escola Mont'Alverne, 55
fundador, 55

Estatuto da UEP
reformas de 1927, 237
reformas de 1938, 237
reformas de 1951, 237
reformas de 1960, 237
reformas de 1973, 238
reformas de 1988, 238
reformas de 2004, 239

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – ESDE , 163, 193

Eusébio de Mattos Cardoso
biografia, 258

F

Farmácia Homeopática da UEP, 213, 217
reforma, 218

Federação Espírita Brasileira, 45

Federação Espírita Paraense
data de fundação, 232
estatuto, 232
idealizador, 233

- Feiras e exposições de livros, 184
- Feiras do livro
 - 1ª Feira do Livro Espírita de Belém, 185, 193
 - Belém, 185, 186, 187
 - outros municípios, 188
 - Secretaria de Cultura do Estado, 188, 189
- Fenômenos de efeitos físicos, 60, 61, 62
- assistentes das reuniões, 61
 - Eurípedes e Ana Prado, 59
 - fotografias - Ettore Bósio, 62
 - Padre Dubois,
 - descrença aos fenômenos, 63
 - novos ataques a doutrina, 64
 - ofensas ao casal Prado, 64
 - materializações especiais, 64, 65
- Francisco de Paula Menezes
- biografia, 244
 - escolha do nome da União Espírita Paraense, 245
- Francisco Solerno Moreira
- biografia, 243
- Frederico Figner
- atuação na compra do prédio da UEP
 - biografia, 252
- Fundação da União Espírita Paraense
- anuncio público da, 46
 - data da, 49
 - difamação contra os adeptos, 47

Fundação da União Espírita Paraense
divulgação sobre a, 51
eleição do corpo executivo, 51
escolha do nome da Instituição, 46, 50
escolha do presidente, 48
local de reunião da, 44

G

Grande Exposição Espírita, 133
acervo, 134, 135
convidados, 136

Grupo Abnegação
data de fundação, 31

Grupo Amor e Perdão
data de fundação, 31

Grupo Espírita Atalaia
data de fundação, 41

Grupo Espírita Luz e Caridade
fundação, 27
serviços comunitários, 28

Grupo Fé e Constância
data de fundação, 31

Grupo Regeneração
data de fundação, 31

J

Jacob Holzmann Neto, 110

Jonas da Costa Barbosa
biografia, 265

Jornais Espiritas, 31, 39, 40, 50, 53, 55, 175, 243

José Raul Teixeira, 110

L

Lauro Monteiro
biografia, 263

Livraria André Luiz, 184, 209
inauguração, 211
reforma, 211

Lúcia Pinto Ribeiro
biografia, 261

M

Mocidade Espírita Legião do Bem
data de fundação, 90

Movimento Confraternativo de Centros Espíritas de Belém, 116

Movimento Espírita Paraense, 48, 89

N

Newton Boechat, 110

Nono CRE, 145

O

Oitavo CRE, 145

Oli de Castro. *Consulte* Oliveiros de Assunção Castro

Oliveiros de Assunção Castro
biografia, 259

Oswaldo Pacheco Dillon
biografia, 262

Oswaldo Santos, 92
afastamento UEP, 92
biografia, 260
reconciliação com a UEP, 92

P

Pacto Áureo, 98

Padre Dubois

- descrença aos fenômenos, 63
- novos ataques à Doutrina, 64

Postos curadores, 213

Presidentes da UEP

- mandatos, 267

Primeira Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas
representantes da UEP, 223

Primeira Semana Espírita, 112

- oradores da, 114

Primeiro CRE, 141

Primeiro Curso Intensivo de Preparação de Evangelizadores
da Infância, 154

Primeiro grupo espírita, 26, 174

Primeiro anos de UEP

- Biblioteca, 54
- Criação de órgãos de assistência aos necessitados, 53
- Dificuldades financeiras, 55
- Diretoria de 1913, 54
- Dispensário homeopático, 54, 214, 215
- Escola de médiuns, 54
- Venda de livros ao público, 54

Q

Quarto CRE, 142

Quinto CRE, 143

R

Rafael Fernandes de Oliveira Gomes
biografia, 257

Raymundo Nogueira de Faria
obras de sua autoria, 250
biografia, 249

S

Sede própria da UEP
aquisição da , 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73
despedida da velha sede, 66
inauguração da, 74
reforma do prédio, 122
soneto da despedida, 66

Segunda Semana Espírita
oradores, 114

Segundo CRE, 141

Sétimo CRE, 144

Sexto CRE, 144

Sociedade Espírita Paraense
data de fundação, 30
diretoria, 30
estatuto
comissão de elaboração, 30

Sylvio Nascimento
soneto de sua autoria, 66

T

Terceira Semana Espírita, 115
oradores, 115

Terceiro CRE, 142

Terreno da UEP na Castelo Branco
aquisição do, 120, 121
captação de recursos para construção do prédio
produção de maniçoba, 124
bazarão, 126
construção de barracão, 123
demolição de barracas, 123
execução das obras, 128, 129
inauguração da obra, 130
oposição à construção, 132
projetos arquitetônicos, 128

U

União Espírita Paraense

- 75 anos de fundação, 226
 - conferências proferidas, 227
 - divulgação, 227
- 80 anos de fundação, 229
 - comemoração, 130, 229
 - exposição de livro espírita, 231
 - oradores, 229
 - semana espírita, 229
 - divulgação, 231
- aquisição da sede própria, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73
- aquisição do terreno na Castelo Branco, 120, 121
 - inauguração da obra, 130
 - oposição à construção, 132
 - produção de maníçoba, 124
- atividades doutrinárias, 189
 - Departamento Fonte Viva, 194
 - escolinha de médiuns, 192
 - Grupos de estudos, 193
 - Grupo de Saúde, 192
 - Plantões de Atendimento, 192
- bazarzão, 126
- biblioteca, 54
- Comissão para tratar da fusão, 56
- Confraternização Espírita Paraense
 - data de fundação, 90
- Conselho Federativo
 - data de criação, 101

União Espírita Paraense

Conselho Fraterno

membros, 78

criação de órgãos de assistência aos necessitados, 53

dispensário homeopático, 54

data de fundação, 49

descentralização das ações

CRE, 137

desligamento da FEB, 85, 88

dificuldades enfrentadas, 55

diretoria de 1913, 54

dispensário homeopático, 214, 215

Divisão de Assistência Social Espírita, 206

atividades, 206

Divisão de Ensino, 197

Divisão de Evangelização da Juventude, 201

atividades, 205

Divisão de Evangelização na Infância, 199

atividades, 200

projeto, 201

Divisão de Orientação Doutrinária, 194

divulgação da Doutrina

programas de rádio, 179, 180, 181, 182

programas de televisão, 181, 183

divulgação da Doutrina na capital, 179

divulgação da Doutrina nos municípios, 179

divulgação sobre a fundação, 51

eleição do corpo executivo, 50

escola de médiuns, 55

União Espírita Paraense

- estrutura organizacional, 152
 - área de assistência espiritual, 168
 - área de atividades mediúnicas, 171
 - área de comunicação social, 174
 - área de infância, 154, 173
 - área de juventude, 157
 - EIMEP, 159, 160
 - EIPEP, 159
 - área de orientação doutrinária, 163
 - área de serviço assistencial, 161
 - área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, 166
- exposição de livros, 184
- Farmácia Homeopática, 213, 218
 - reforma, 215
- Feira do Livro Espírita, 185, 187, 188
- festa de despedida, 66
- filiação a FEB, 83
- fusão
 - Centro Espírita Eduardo Siqueira, 55
- Juventudes Espíritas, 90
- Mocidade Espírita Paraense, 90
 - construção do barracão, 123
- primeiro aviso de congregação, 46
- primeiros palestrantes, 53
- readesão à FEB, 87, 89
- reforma
 - prédio da Oswaldo Cruz, 122
- reforma do estatuto
 - desentendimento com a FEB, 84

- União Espírita Paraense
revitalização, 57
sede social
 inauguração, 74
sobre a fundação, 42
 venda de livros, 54
votação
 chapa vencedora, membros da, 78
 nova diretoria, 78

V

- Vultos do Espiritismo no Pará
 dados biográficos, 241

Y

- Yvon Costa
 biografia, 256
 conferências proferidas, 76
 elegendo diretoria da UEP, 78
 incidente com a UEP, 76
 suspensão das palestras, 78
 vetado ingresso à sede da UEP, 79



A História do Espiritismo no Estado do Pará, de certo modo, confunde-se à própria trajetória da União Espírita Paraense, que surgiu no começo do século XX, com o objetivo de fortalecer o movimento de divulgação da doutrina codificada por Allan Kardec, em terras paraenses. Conhecer, portanto, a História do Espiritismo no Pará, é assistir aos passos iniciais das idéias espíritas nesse Estado.